

PAULO R. S. BORGES

**A GRAMATICALIZAÇÃO DE *A GENTE* NO PORTUGUÊS BRASILEIRO:  
ANÁLISE HISTÓRICO-SOCIAL-LINGÜÍSTICA DA FALA DAS  
COMUNIDADES GAÚCHAS DE JAGUARÃO E PELOTAS**

Trabalho apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como parte de sua avaliação para a obtenção do título de Doutor em Letras.

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. **Ana Maria Stahl Zilles**

Porto Alegre  
2004

## AGRADECIMENTOS

Meu especial agradecimento à professora ANA ZILLES, minha orientadora, pela amizade, incentivo, acompanhamento, capacidade de transmitir conhecimentos e pela segurança transmitida no decorrer da elaboração deste trabalho;

A LUÍS AMARAL, amigo, colega e companheiro de estudo, pela colaboração e pela oportunidade de somarmos conhecimentos;

As colegas CAROLINA PERES e GIANE JUCOSKI, integrantes dos grupos de pesquisa BDS Pampa e VarX;

Aos professores GREGORY GUY, VALDIR FLORES, GÖZ KAUFMANN, CLÉO ALTENHOFEN, EDITH BARRETO, CARMEN MATZENAUER e ANA RUTH MIRANDA, pelas importantes sugestões e colaborações;

A Universidade Federal de Pelotas, Instituto de Letras e Artes, Departamento de Letras, colegas de trabalho, pela licença concedida para a realização do Curso de Doutorado;

Aos professores e funcionários do Curso de Pós-Graduação em Letras da UFRGS, por colaborarem com o meu crescimento pessoal e profissional;

A LARA, minha esposa, e a OLÍVIA, minha filha, pelo sentido que conferem à minha vida;

Aos meus pais, CENY e RAUL, pela presença constante;

Aos meus familiares e a todos aqueles que estiveram comigo durante esse percurso.

## SUMÁRIO

LISTA DE TABELAS	vi
LISTA DE ILUSTRAÇÕES	viii
RESUMO	x
ABSTRACT	xi
1 A INTRODUÇÃO	1
2 A REVISÃO DE LITERATURA	6
2.1 O processo de gramaticalização	6
2.2 As concepções teóricas sobre variação e mudança lingüística	13
2.2.1 A variação e mudança lingüística: pressupostos variacionistas	14
2.2.2 A variação e a mudança lingüística em progresso: análise em tempo aparente	16
2.2.3 A tipologia sociolingüística das mudanças	19
2.2.4 As dimensões sociais da variação e mudança lingüística	21
3 O MAPEAMENTO HISTÓRICO- DESCRITIVO DO USO DE <i>A GENTE</i>	26
3.1 A cristalização de <i>a gente</i> como pronome pessoal	29
3.2 A pessoalização do pronome <i>a gente</i>	37
3.3 O uso de <i>a gente</i> em onze peças de teatro de autores gaúchos – 1896 até 1995	45
3.3.1 A amostra trabalhada	48
3.3.2 Os critérios para a escolha das obras	49
3.3.3 A análise dos dados	51
3.3.3.1 O uso do sujeito expresso <i>a gente</i> nas onze peças de teatro utilizadas	54
3.3.3.2 O uso do sujeito expresso <i>a gente</i> e as variáveis sociais	59
3.3.3.3 O uso de <i>a gente</i> expresso e a referência semântica do sujeito	60
3.4 A revisão de estudos sobre o uso de <i>a gente</i> no português do Brasil	64
3.4.1 O uso de <i>a gente</i> na fala culta	64
3.4.2 O uso de <i>a gente</i> na fala popular	68
3.4.3 O uso de <i>a gente</i> na Região Sul do Brasil	70
3.4.4 O uso de <i>a gente</i> sob a perspectiva da gramaticalização	72
3.4.5 O uso de <i>a gente</i> na comunidade: estudos em tempo real	79
4 A METODOLOGIA E A ESTRUTURAÇÃO DAS VARIÁVEIS	84
4.1 Os bancos de dados utilizados	84
4.2 As etapas operacionais associadas à coleta dos dados	86
4.3 As características histórico-sócio-culturais das duas cidades	86
4.4 A caracterização e os dados referentes aos <i>corpora</i> utilizados	89
4.5 Os procedimentos para a análise	91
4.6 A estruturação das variáveis	91
4.6.1 A variável dependente	92
4.6.2 As variáveis lingüísticas	93

4.6.2.1	As variáveis lingüísticas associadas ao estilo/discurso	93
4.6.2.1.1	A variável <i>referência semântica do sujeito</i>	93
4.6.2.1.2	A variável <i>discurso reportado</i>	96
4.6.2.1.3	A variável <i>plano discursivo</i>	97
4.6.2.2	As variáveis lingüísticas associadas à sintaxe	98
4.6.2.2.1	A variável <i>posição do sujeito na frase</i>	98
4.6.2.2.2	A variável <i>paralelismo formal</i>	99
4.6.2.2.3	A variável <i>oração em frase</i>	101
4.6.2.2.4	A variável <i>tipo de sentença</i>	102
4.6.2.3	As variáveis lingüísticas associadas à morfofonologia	104
4.6.2.3.1	A variável <i>saliência fônica</i>	104
4.6.2.3.2	A variável <i>tempo verbal</i>	107
4.6.2.3.3	A variável <i>tonicidade</i>	108
4.6.2.3.4	A variável <i>concordância com o verbo</i>	109
4.6.2.3.5	As variáveis <i>contexto fonológico e tipo de fala</i>	110
4.6.3	As variáveis sociais	114
4.6.3.1	A variável <i>gênero</i>	114
4.6.3.2	A variável <i>faixa etária</i>	116
4.6.3.3	A variável <i>classe social</i>	117
4.6.3.4	A variável <i>localidade</i>	119
5	OS RESULTADOS DO USO DE <i>A GENTE</i>	120
5.1	A distribuição social das formas <i>nós</i> e <i>a gente</i> em Jaguarão e Pelotas	120
5.2	Os grupos de fatores selecionados para o uso de <i>a gente</i>	125
5.3	As variáveis lingüísticas selecionadas em Jaguarão e Pelotas	127
5.3.1	A variável <i>paralelismo formal</i>	128
5.3.2	As variáveis <i>tonicidade</i> e <i>saliência fônica</i>	135
5.3.3	A variável <i>referência semântica do sujeito</i>	142
5.3.4	A variável <i>posição do sujeito na frase</i>	146
5.4	As variáveis sociais	147
5.4.1	A variável <i>faixa etária</i>	148
5.4.2	A variável <i>classe social</i>	150
5.4.3	A variável <i>gênero</i>	152
5.4.4	Os cruzamentos e as interações entre as variáveis sociais.	153
5.4.4.1	A interação entre as variáveis <i>faixa etária</i> e <i>gênero</i>	153
5.4.4.2	O cruzamento entre as variáveis <i>faixa etária</i> e <i>classe social</i>	155
5.4.4.3	O cruzamento entre as variáveis <i>classe social</i> e <i>gênero</i>	157
5.5	As rodadas especiais	159
5.5.1	As rodadas especiais com a variável <i>referência semântica do sujeito</i>	160
5.5.1.1	<i>Referência específica</i> vs. variáveis discursivas	161
5.5.1.2	<i>Referência específica</i> vs. variável <i>tempo verbal</i>	162
5.5.1.3	<i>Referência específica</i> vs. variáveis sociais	163
5.5.1.4	<i>Referência específica</i> : interação entre as variáveis <i>faixa etária</i> e <i>gênero</i>	165
5.5.1.5	<i>Referência específica</i> : cruzamento entre as variáveis <i>faixa etária</i> e <i>classe social</i>	167

5.5.1.6 <i>Referência específica: cruzamento entre as variáveis classe social e gênero</i> .....	168
5.5.2 A redução de <i>a gente</i> para <i>a'ente</i> (~ <i>'ente</i> ) .....	169
5.5.2.1 Os resultados do uso de <i>a'ente</i> (~ <i>'ente</i> ) .....	170
5.5.2.1.1 Os resultados do uso de <i>a'ente</i> (~ <i>'ente</i> ) para as variáveis lingüísticas ..	170
5.5.2.1.2 Os resultados do uso de <i>a'ente</i> (~ <i>'ente</i> ) para as variáveis sociais .....	177
5.5.2.1.3 Os cruzamentos entre as variáveis sociais .....	179
5.5.2.1.4 A aplicação de <i>a'ente</i> (~ <i>'ente</i> ) por idade e gênero .....	180
5.5.3 A variável <i>localidade</i> .....	181
5.6 O uso de <i>a gente</i> e o cenário lingüístico nacional .....	185
6 A CONCLUSÃO .....	189
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....	198
ANEXOS	

## LISTA DE TABELAS

TABELA 1 –	Frequência do uso de <i>nós</i> e <i>a gente</i> (expressos e não-expressos), em todas as funções sintáticas, nas onze peças de teatro analisadas. . . . .	52
TABELA 2 –	Uso de <i>a gente</i> em duas amostras do Rio de Janeiro: década de 1970 vs. nova amostra década de 1990 (cf. Lopes, 1999:166) . . . . .	79
TABELA 3 –	Atuação da faixa etária no uso de <i>a gente</i> para os dois períodos: década de 1970 vs. nova amostra década de 1990 – pesos relativos (cf. Figura 5.14 – Lopes, 1999:183) . . . . .	80
TABELA 4 –	Uso de <i>a gente</i> em duas amostras de Porto Alegre: década de 1970 vs. década de 1990 (cf. Zilles, 2002:/) . . . . .	81
TABELA 5 –	Valores do <i>input</i> do uso de <i>a gente</i> , conforme tipo de referência, para as duas amostras de Porto Alegre: década de 1970 vs. década de 1990 (cf. Tabela 6, de Zilles, 2003:/) . . . . .	81
TABELA 6 –	Uso de <i>a gente</i> vs. <i>nós</i> , por faixa etária, para duas amostras do Rio de Janeiro: década de 1980 vs. década de 2000 (cf. Tabela 2, de Omena, 2003:66) . . . . .	82
TABELA 7 –	Indicadores sociais referentes ao número de habitantes urbanos e escolarização dos municípios de Jaguarão e Pelotas, conforme censo/2000/IBGE e FEE . . . . .	89
TABELA 8 –	Distribuição dos informantes de Jaguarão e Pelotas pelas dimensões sociais <i>gênero, faixa etária e classe social</i> . . . . .	89
TABELA 9 –	Distribuição dos dados de Jaguarão e Pelotas: nº de informantes, nº de ocorrências e minutos de gravação . . . . .	120
TABELA 10 –	Percentuais de uso de <i>nós</i> e <i>a gente</i> (expresso e não-expresso), em Jaguarão e Pelotas, relacionados às variáveis sociais <i>gênero, faixa etária e classe social</i> . . . . .	123
TABELA 11 –	Frequência do uso de <i>nós</i> e <i>a gente</i> , em Jaguarão e Pelotas, quanto à função sintática na frase . . . . .	124
TABELA 12 –	O uso de <i>a gente</i> em Jaguarão e Pelotas e o <i>paralelismo formal</i> (aplicação, ocorrências, percentual e peso relativo) . . . . .	129
TABELA 13 –	O <i>paralelismo formal</i> e a continuidade da referência (aplicação, ocorrências, percentual e peso relativo) . . . . .	133
TABELA 14 –	O uso de <i>a gente</i> em Jaguarão e Pelotas e a <i>tonicidade</i> (aplicação, ocorrências, percentual e peso relativo) . . . . .	138
TABELA 15 –	O uso de <i>a gente</i> em Jaguarão e Pelotas e a <i>saliência fônica</i> (aplicação, ocorrências, percentual e peso relativo) . . . . .	139
TABELA 16 –	O uso de <i>a gente</i> em Jaguarão e Pelotas e a <i>saliência fônica</i> – resultados após amalgamações (aplicação, ocorrências, percentual e peso relativo) . . . . .	140
TABELA 17 –	Frequência do uso de <i>a gente</i> em Jaguarão e Pelotas conforme <i>referência semântica do sujeito</i> (dados gerais) . . . . .	143
TABELA 18 –	O uso de <i>a gente</i> em Jaguarão e Pelotas e a <i>referência semântica do sujeito</i> – resultados após amalgamações (aplicação, ocorrências, percentual e peso relativo) . . . . .	144
TABELA 19 –	O uso de <i>a gente</i> em Jaguarão e a <i>posição do sujeito na frase</i> (aplicação, ocorrências, percentual e peso relativo) . . . . .	147

TABELA 20 – O uso de <i>a gente</i> em Jaguarão e Pelotas e a <i>faixa etária</i> (aplicação, ocorrências, percentual e peso relativo) . . . . .	149
TABELA 21 – O uso de <i>a gente</i> em Jaguarão e Pelotas e a <i>classe social</i> (aplicação, ocorrências, percentual e peso relativo) . . . . .	150
TABELA 22 – O uso de <i>a gente</i> em Jaguarão e Pelotas e o <i>gênero</i> (aplicação, ocorrências, percentual e peso relativo) . . . . .	152
TABELA 23 – O uso de <i>a gente</i> e <i>nós</i> em Jaguarão e Pelotas, exclusivamente com referência específica (aplicação, ocorrências e percentual) . . . . .	160
TABELA 24 – O uso de <i>a'ente</i> (~ <i>'ente</i> ) em Pelotas e as variáveis lingüísticas selecionadas (aplicação, ocorrências, percentual e peso relativo) . . . . .	171
TABELA 25 – O uso de <i>a'ente</i> (~ <i>'ente</i> ) em Pelotas e as variáveis sociais selecionadas (aplicação, ocorrências, percentual e peso relativo) . . . . .	178
TABELA 26 – O uso de <i>a gente</i> para Jaguarão e Pelotas conforme variável <i>localidade</i> (aplicação, ocorrências, percentual e peso relativo) . . . . .	183
TABELA 27 – O uso de <i>a gente</i> em Jaguarão e Pelotas: variáveis sociais <i>gênero, faixa etária e classe social</i> (aplicação, ocorrências, percentual e peso relativo) . . . . .	184

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

ILUSTRAÇÃO 1 –	Pessoalização de <i>a gente</i> conforme categoria de pessoa . . . . .	45
ILUSTRAÇÃO 2 –	Décadas e número total de ocorrências das formas <i>nós</i> e <i>a gente</i> correspondentes a cada uma das onze obras analisadas . . . . .	51
ILUSTRAÇÃO 3 –	Percentual de uso de <i>a gente</i> , comparativamente com <i>nós</i> (expresso e não-expresso), nas onze peças de teatro analisadas . . . . .	52
ILUSTRAÇÃO 4 –	Percentuais de uso de <i>a gente</i> , em comparação com <i>nós</i> (expresso e não-expresso), para as onze peças de teatro analisadas, conforme <i>gênero, faixa etária e classe social</i> . . . . .	54
ILUSTRAÇÃO 5 –	Percentual de uso de <i>a gente</i> expresso, em função de sujeito, comparativamente com <i>nós</i> , nas onze peças de teatro analisadas . . . . .	55
ILUSTRAÇÃO 6 –	Uso de <i>a gente</i> expresso nas onze peças de teatro analisadas, conforme gênero, faixa etária e classe social . . . . .	60
ILUSTRAÇÃO 7 –	Percentual de uso de <i>a gente</i> e <i>nós</i> (expressos) em relação à década de publicação das onze peças de teatro de autores gaúchos, conforme tipo de referência . . . . .	62
ILUSTRAÇÃO 8 –	Percentual de uso de <i>a gente</i> para as onze peças de teatro de autores gaúchos, conforme o <i>tipo de referência</i> (genérica, específica <i>exclusivo</i> e específica <i>inclusivo</i> ) . . . . .	63
ILUSTRAÇÃO 9 –	Grupos de fatores associados aos graus de diferenciação fônica para testar saliência na concordância verbal com sujeitos <i>a gente / nós</i> . . . . .	106
ILUSTRAÇÃO 10 –	Percentuais de uso das formas <i>nós</i> e <i>a gente</i> (expressas e não-expressas) nas comunidades de Jaguarão e Pelotas . . . . .	120
ILUSTRAÇÃO 11 –	Uso de <i>a gente</i> expresso e <i>nós</i> não-expresso em Jaguarão por faixa etária e escolaridade . . . . .	122
ILUSTRAÇÃO 12 –	Variáveis lingüísticas selecionadas para o uso de <i>a gente</i> em Jaguarão e Pelotas . . . . .	128
ILUSTRAÇÃO 13 –	Atuação do <i>paralelismo formal</i> no uso de <i>a gente</i> em Jaguarão e Pelotas – pesos relativos . . . . .	130
ILUSTRAÇÃO 14 –	Cruzamento entre as variáveis <i>tonicidade</i> e <i>saliência fônica</i> para o uso de <i>a gente</i> em Jaguarão e Pelotas – percentuais . . . . .	141
ILUSTRAÇÃO 15 –	Uso de <i>a gente</i> em Jaguarão e Pelotas por faixa etária: pesos relativos e percentuais . . . . .	149
ILUSTRAÇÃO 16 –	Pesos relativos para o uso de <i>a gente</i> em Jaguarão e Pelotas por classe social . . . . .	151
ILUSTRAÇÃO 17 –	Percentuais de aplicação de <i>a gente</i> em Jaguarão e Pelotas por faixa etária e gênero . . . . .	154
ILUSTRAÇÃO 18 –	Percentuais de aplicação de <i>a gente</i> em Jaguarão e Pelotas por faixa etária e classe social . . . . .	156
ILUSTRAÇÃO 19 –	Percentuais de aplicação de <i>a gente</i> em Jaguarão e Pelotas por classe social e gênero . . . . .	158
ILUSTRAÇÃO 20 –	Percentuais para o uso de <i>a gente</i> específico em Jaguarão e Pelotas em função do tempo verbal . . . . .	162



ILUSTRAÇÃO 21	– Percentuais para o uso de <i>a gente</i> específico em Jaguarão e Pelotas em função das variáveis sociais <i>gênero, classe social e faixa etária</i> . . . . .	163
ILUSTRAÇÃO 22	– Percentuais de aplicação de <i>a gente</i> específico em Jaguarão e Pelotas por faixa etária e gênero . . . . .	165
ILUSTRAÇÃO 23	– Percentuais de aplicação de <i>a gente</i> específico em Jaguarão e Pelotas por faixa etária e classe social . . . . .	167
ILUSTRAÇÃO 24	– Percentuais de aplicação de <i>a gente</i> específico em Jaguarão e Pelotas por classe social e gênero . . . . .	168
ILUSTRAÇÃO 25	– Variação dos formantes na linha do tempo para a pronúncia das formas <i>a gente, a gente, a ‘ente</i> e <i>‘ente</i> : duração média e frequência, conforme resultados do editor de som <i>GoldWave</i> . . . . .	176
ILUSTRAÇÃO 26	– O uso da forma reduzida <i>a ‘ente</i> ( <i>~‘ente</i> ): cruzamento entre as variáveis <i>gênero, faixa etária e classe social</i> . . . . .	179
ILUSTRAÇÃO 27	– Percentuais de aplicação de <i>a ‘ente</i> ( <i>‘ente</i> ) por idade e gênero . . . . .	181
ILUSTRAÇÃO 28	– Percentuais de utilização de <i>a gente</i> para cinco localidades do Brasil . . . . .	186
ILUSTRAÇÃO 29	– Contínuo dialetal associado ao uso de <i>a gente</i> para as cidades de Jaguarão e Pelotas . . . . .	188

## RESUMO

O objetivo deste trabalho é descrever e analisar a gramaticalização de *a gente* no português brasileiro. A análise está apoiada nas concepções teóricas de gramaticalização e na Teoria da Variação Laboviana. O *corpus* da pesquisa é constituído de dois tipos de dados: fala de personagens de onze peças de teatro de autores gaúchos, correspondente a um período de cem anos (1896 até 1995), e fala de sessenta indivíduos das cidades gaúchas de Jaguarão e Pelotas. As entrevistas foram realizadas em 2000 e 2001: trinta e seis em Pelotas (VarX) e vinte e quatro em Jaguarão (BDS Pampa). Os *corpora* possuem uma divisão equilibrada de informantes por gênero, faixa etária e classe social. Os resultados do uso de *a gente* indicam que: a gramaticalização de *a gente* decorre de vários processos de mudança concomitantes e inter-relacionados – mudança semântica, sintática, morfológica e fonológica; a partir da década de 1960 a forma *a gente* cristaliza-se como pronome pessoal de primeira pessoa do plural; a utilização de *a gente*, em variação com *nós*, está relacionada a condicionadores lingüísticos de natureza discursiva, sintática, morfológica e fonológica; o uso de *a gente* em Pelotas está em um estágio mais adiantado do que em Jaguarão; a divisão por classe social indica que em Pelotas a mudança acontece ‘de cima para baixo’ e em Jaguarão ‘de baixo para cima’; o uso de *a gente* é maior nas faixas etárias mais jovens nas duas comunidades; em Pelotas ocorre a redução (mudança incipiente) de *a gente* para *a ‘ente* (~ ‘ente); a propagação da mudança ocorre dos grandes centros para os menores.

## ABSTRACT

The purpose of this dissertation is to examine the grammaticalization of *a gente* in Brazilian Portuguese. The analysis is supported by the theoretical assumptions of the grammaticalization process and by the Variation and Change Theory proposed by William Labov. The data come from eleven theatrical plays (1890 – 1990) written by authors from Rio Grande do Sul and from sixty sociolinguistic interviews recorded in Jaguarão (BDS Pampa) and Pelotas (VarX) in 2000 and 2001. The *corpora* stratify the informants by sex, age and social class. The results of the use of *a gente* indicate that: the grammaticalization of *a gente* is related to a set of concomitant and inter-related changes (semantic, morphosyntactic and phonetic); the use of *a gente* was accelerated during the 1960s; the use of *a gente* is linguistically motivated; the use of *a gente* in Pelotas is more advanced than in Jaguarão; currently in Pelotas the change is led by the dominant class (change from above) and in Jaguarão the change is led by the lower class (change from below); in both communities the change is led by younger speakers; in Pelotas the phonological reduction (incipient change) from *a gente* to *a 'ente* (~ *'ente*) occurs; the change spreads from the metropolis to the smaller cities.

## 1 A INTRODUÇÃO

Neste trabalho propõe-se uma análise do processo de variação e mudança decorrente da inserção de *a gente* no sistema pronominal do português do Brasil, a partir de fatores lingüísticos e sociais relacionados, dando-se ênfase à utilização de *a gente* na posição de sujeito. Os estudos Omena & Braga (1996), Menon (1996), Lopes (1999) e Zilles (2002, 2003) já demonstraram que a substituição de *nós* por *a gente* faz parte de um processo de mudança inserido no *continuum* da gramaticalização de *a gente*.

Parte-se, no presente trabalho, do entendimento de que a gramaticalização de *a gente* decorre de um conjunto de mudanças inter-relacionadas que sustentariam a concepção de *unidirecionalidade* da gramaticalização como um todo. A gramaticalização de *a gente*, portanto, estaria associada a diferentes estágios, em função de um conjunto de mudanças correlacionadas: (a) fixação da locução *a gente*, (b) uso de *a gente* com significado genérico; (c) inserção de *a gente* no quadro pronominal, em variação com *nós*, com significado específico; (d) redução de *a gente* para *a 'ente* (~ *'ente*).

Nesse sentido, este estudo associa-se aos trabalhos anteriormente citados, à medida que visa contribuir para as investigações acerca desse processo, ao descrever e analisar a gramaticalização de *a gente* em diferentes estágios desse percurso, até o estágio “avançado” relacionado à redução de *a gente* para *a 'ente* (~ *'ente*). Além de colaborar para a ampliação e avanço desse tema, espera-se também que a análise aqui proposta possa, dentro dos seus limites, cooperar para a descrição e compreensão da história do português do Brasil.

Soma-se a isso, a necessidade de se identificar os fatores, principalmente de natureza sintático-semântica, que atuaram e atuam no processo de gramaticalização de *a*

*gente*, em especial os que dizem respeito a sua efetivação como pronome pessoal. Nesse sentido, torna-se importante a caracterização do percurso histórico da pessoalização de *a gente*, para que se possa identificar o período em que essa forma passou a ser utilizada também em contextos de referência específica.

Utiliza-se, para a análise que compõe este estudo, sessenta entrevistas de dois bancos de dados complementares, constituídos a partir da perspectiva teórico-metodológica variacionista: vinte e quatro entrevistas do BDS Pampa (Jaguarão) e trinta e seis entrevistas do VarX (Pelotas). A análise dos dados de fala de duas cidades gaúchas – Jaguarão e Pelotas – visa à identificação do(s) estágio(s) da mudança em torno do uso do pronome *a gente* no Extremo Sul do Brasil. A verificação dos limites do contínuo dialetal em torno dessa mudança, como também de sua propagação, visa a contribuir para o mapeamento dos caminhos da mudança, tanto do ponto de vista diacrônico como sincrônico. Para tanto, propõe-se a análise dos fatores lingüísticos e sociais relacionados com o processo de gramaticalização de *a gente*, levando-se em conta amostras da fala dessas duas comunidades gaúchas.

O presente trabalho está dividido em seis seções. Nesta primeira, apresenta-se a estrutura geral do trabalho. Na segunda, tem-se ‘a revisão de literatura’, com os pressupostos teóricos adotados, divididos em duas subseções: na primeira, discute-se a concepção de gramaticalização, uma vez que uma das hipóteses centrais do trabalho diz respeito ao fato de que, tanto a utilização de *a gente* como pronome pessoal, como a sua redução para *a ‘ente* (~ ‘ente), fazem parte de etapas do processo “contínuo” da gramaticalização de *a gente*; na segunda subseção, discute-se a concepção de variação e mudança lingüística a partir dos pressupostos sociolingüísticos desenvolvidos por Weinreich, Labov e Herzog, (1968) e Labov (1972, 1994). Dá-se ênfase também para a

tipologia sociolinguística das mudanças e para as dimensões sociais das mudanças, valendo-se das concepções teóricas de Guy (1990, 2001) e Guy *et al.* (1986).

No terceiro capítulo, apresenta-se ‘o mapeamento histórico-descritivo do uso de *a gente*’ no português do Brasil, levando-se em conta três aspectos do processo de mudança: a sua origem, a sua efetivação como pronome e a sua pessoalização. Apresenta-se também uma análise complementar a esses três aspectos anteriores, com a análise da utilização da forma *a gente* em onze peças de teatro, de autores gaúchos, abrangendo um período que se estende de 1896 até 1995, com intervalos de dez anos entre uma obra e outra. Finalmente, propõe-se uma revisão de estudos sobre o uso de *a gente* no português do Brasil, abrangendo os principais trabalhos realizados até o presente momento, aos quais se teve acesso.

A quarta seção trata da ‘metodologia e estruturação das variáveis’. Estão presentes a estruturação dos bancos de dados sociolinguísticos utilizados, a caracterização e os dados referentes aos *corpora* e os procedimentos para a análise. Segue-se a apresentação e descrição das variáveis dependente e independentes, como também algumas hipóteses relacionadas aos grupos de fatores associados à utilização do pronome *a gente*. Para tanto, levou-se em conta a constituição do *corpus*, a observação empírica do pesquisador e os resultados apresentados pela literatura que trata do uso de *a gente*, seja em variação com *nós*, seja em torno da sua redução.

Na quinta seção estão ‘os resultados do uso de *a gente*’. Descreve-se a distribuição social das formas *nós* e *a gente* em Jaguarão e Pelotas e os resultados dos grupos de fatores selecionados como estatisticamente significativos. Entre os resultados referentes às variáveis linguísticas estão: *paralelismo formal*, *saliência fônica*, *tonicidade* e *referência semântica do sujeito*; no caso das variáveis sociais, destacam-se

as variáveis *faixa etária* e *classe social*. Nesta seção também estão presentes as inter-relações entre as variáveis sociais, levando-se em conta as concepções advindas da sociolinguística quantitativa variacionista. Apresenta-se, ainda, as ‘rodadas especiais’ apenas com os casos de *a gente* específico, bem como as rodadas atribuídas à redução de *a gente* para *a ‘ente* (*‘ente*) e as rodadas que tratam da variável localidade. Por fim, propõe-se um panorama do ‘cenário lingüístico nacional’, levando-se em conta o uso de *a gente* em cinco localidades do Brasil.

A última seção traz ‘a conclusão’ do trabalho. As principais evidências são apresentadas, levando-se em conta a relação dos resultados com as hipóteses inicialmente propostas. Busca-se, então, explicações para o processo de gramaticalização de *a gente*, valendo-se de evidências lingüísticas e sociais advindas da análise desenvolvida.

São as seguintes as hipóteses norteadoras deste trabalho:

Hipóteses gerais:

- A) A consolidação de *a gente* como pronome pessoal reto no PB integra um processo de gramaticalização em curso;
- B) O percentual de *a gente* na posição de sujeito é superior ao de *nós* nas comunidades gaúchas de Pelotas e Jaguarão;
- C) O grau de pessoalização do pronome *a gente* será maior quanto mais específica for a referência.

Hipóteses específicas:

- A) O uso do pronome *a gente* é motivado por condições sociais de produção do discurso dos informantes jaguarenses e pelotenses;

- A1) O uso de *a gente* deve-se mais a fatores socioculturais do que a fatores geográficos;
- A2) Os falantes das faixas etárias mais jovens utilizam mais *a gente*;
- A3) As mulheres utilizam mais *a gente* do que os homens.
- A4) O uso de *a gente* propaga-se das comunidades maiores para as menores;
- A5) O uso de *a gente* será maior quanto mais baixa for a classe social dos falantes;
- B) O uso de *a gente* é lingüisticamente motivado;
- B1) O uso de *a gente* é maior em discurso reportado de pessoa próxima ao falante;
- B2) Os efeitos do paralelismo formal serão maiores quanto mais similares forem os elementos precedentes;
- B3) O uso de *a gente* é mais freqüente em sujeitos antepostos ao verbo, em posição adjacente imediata à esquerda ou com clítico intercalado;
- B4) O uso de *a gente* será maior quando, nas formas verbais, existir menor saliência fônica;
- B5) A redução da forma *a gente para a'ente* (~ *'ente*) ocorre mais em ambientes de fala rápida.

Há outras hipóteses que serão analisadas e que estão dispostas no decorrer do trabalho, principalmente na subseção 4.6 que trata das variáveis.



## 2 A REVISÃO DE LITERATURA

Um dos princípios fundamentais da Teoria Variacionista, proposto inicialmente por Weinreich, Labov e Herzog (1968) e desenvolvido por Labov no conjunto de seus trabalhos no âmbito da sociolinguística, é o de que a sistematicidade linguística não está somente em contextos categóricos, mas também em contextos de variação. O estudo sociolinguístico, além de delimitar e analisar os objetos linguísticos, insere-se no estudo da realidade social, enquanto procura analisar fatores históricos, geográficos, sociais e temáticos que exercem influência no sentido de favorecer ou inibir determinados processos ou formas de uma certa variedade dialetal.

Nesta seção pretende-se discutir os princípios referentes ao processo de variação e mudança linguística, em geral, e ao processo de gramaticalização, em particular. A revisão da literatura trata inicialmente dos pressupostos teóricos acerca do processo de gramaticalização e, a seguir, do processo de variação e mudança linguística.

### 2.1 O processo de gramaticalização

Os estudos tipológicos relacionados ao processo de gramaticalização estão presentes nos textos de Lehmann (1982/1985), Croft (1990), Traugott & Heine (1991), Hopper (1991), Heine *et al.* (1991), Hopper & Traugott (1993), Castilho (1997), Heine (2003), entre outros, que trazem abordagens teóricas variadas para a explicação desse processo. A própria complexidade em torno do fenômeno, decorrente de divergências sobre o que realmente se entende por língua e por gramática, faz com que o alargamento de perspectivas teóricas em torno do tema seja crescente. Entretanto, para a análise de fenômenos linguísticos, a noção geral de mudança, com base na ampliação dos limites de um morfema, do léxico em direção à gramática, ou de um nível ‘menos’ gramatical

para ‘mais’ gramatical está presente, em maior ou menor escala, em todos os trabalhos referidos.

É interessante salientar que a gramaticalização é um tipo de mudança lingüística sujeita a certos princípios gerais como transferência metafórica e metonímica, reanálise, analogia, reduções fonológicas, alterações semânticas e unidirecionalidade. Castilho (1997:57-60), nesse aspecto, propõe três grandes processos de constituição da língua que desencadeariam, simultaneamente, num item lexical: a *gramaticalização*, a *semanticização* (alteração semântica por que passam os itens em sua utilização gramatical ou discursiva) e a *discursivização* (uso discursivamente relevante de itens lexicais).

Meillet (1965[1912]:131) foi o primeiro a atribuir o termo gramaticalização (*grammaticalisation*) à mudança de um item lexical para gramatical: “a passagem de uma palavra autônoma para a função de um elemento gramatical”. O termo gramaticalização também foi utilizado por Kuryłowicz (1966:68), referente à ampliação dos limites gramaticais de um morfema, como um elemento lexical que passa para gramatical e, uma vez gramaticalizado, tende a tornar-se “mais” gramatical ainda (*lexical > gramatical > ‘mais’ gramatical*):

A gramaticalização ocorre quando a zona de aplicação de um morfema se estende a ponto de perder sua característica lexical, funcionando apenas como uma regra gramatical, ou quando a função gramatical se acentua.

Para Meillet e Kuryłowicz a gramaticalização pressupõe continuidade, idéia de *continuum* ou processo inacabado, a partir da possibilidade de graduação ou etapas avançadas associadas à passagem de um elemento lexical para gramatical (“etapa avançada da passagem de um item lexical para gramatical”, cf. Meillet). O caráter cíclico atribuído ao processo de gramaticalização também está presente nas definições propostas por Heine & Reh (1984:15), ao afirmarem que “a gramaticalização é um

continuum evolucional”, e por Croft (1990:230), quando ressalta que “a gramaticalização é um processo através do qual determinados itens lexicais tornam-se morfemas gramaticais [...] é unidirecional e cíclico”. Hopper e Traugott (1993:126), ao referirem-se à noção de contínuo, entendem que a gramaticalização é unidirecional, uma vez que “os clines<sup>1</sup> da gramaticalização são irreversíveis”.

Heine (2003:579) acrescenta que a gramaticalização pode ser melhor entendida a partir da descrição de quatro mecanismos inter-relacionados e que sustentariam a idéia de *unidirecionalidade*: redução semântica (*desemanticization*), generalização em outros contextos (*extension*), perda das características morfossintáticas próprias à origem das formas (*deategorialization*) e redução fonética (*erosion*).

Entretanto, deve-se ressaltar que a proposta de gramaticalização, como um percurso unidirecional, não exclui o fato de haver, sincronicamente, etapas sucessivas de gramaticalização que corresponderiam a “camadas” (*layering*). No entender de Hopper & Traugott (1993:124), as “camadas” seriam os resultados sincrônicos da gramaticalização sucessiva de formas que contribuem para algum domínio. As novas camadas que emergem sucessivamente coexistiriam e interagiriam com as camadas mais antigas, que não seriam excluídas. O uso da forma *a gente*, no português brasileiro<sup>2</sup>, em variação com a forma *nós*, é um exemplo desse tipo de coexistência, uma vez que o pronome *a gente*, originário do item lexical *gente*, passa a competir com o pronome *nós*, sem que o substantivo tenha desaparecido. Soma-se a isso o fato de a

---

<sup>1</sup> Para Menon (1996:623), “o *cline* pode ser encarado tanto do ponto de vista diacrônico, correspondendo mais ou menos à noção de *deriva*, como do ponto de vista sincrônico, correspondendo mais ou menos à noção de *continuum*.”

<sup>2</sup> A especificação “português brasileiro”, doravante PB, justifica-se para diferenciá-lo do português europeu (PE).

forma *a gente* ter adquirido propriedades semânticas próprias à forma *nós*, como também reduzir-se para *a 'ente* (~ *'ente*).

Outro aspecto referente ao processo de gramaticalização diz respeito ao fato de que traços do significado lexical original tendem a permanecer na nova forma gramaticalizada, conforme o princípio da persistência (*principle of persistence*) de Hopper (1991:28-30). No caso específico da forma *a gente*, Menon (1996) e Omena & Braga (1996) evidenciaram que a forma pronominal manteve a referência indeterminada e genérica, herdada da noção de coletividade do substantivo *gente*.

Castilho (1997:55), ao referir-se à continuidade das inovações lingüísticas, ressalta a existência de dois domínios presentes no contínuo próprios ao processo de gramaticalização: *o domínio das escolhas* e *o domínio das determinações*. No primeiro, das escolhas, diferentes formas lingüísticas co-ocorrem e o falante escolhe uma ou outra a partir de critérios discursivos; no segundo, das determinações, as próprias estruturas lingüísticas encarregam-se de restringir as escolhas do usuário. Na gramaticalização de *a gente*, os dois domínios são contemplados, pelo uso variável das formas *a gente* vs. *nós* (domínio das escolhas) e pela especialização do uso da forma nova – *a gente* – em contextos lingüísticos preferenciais, como na função de sujeito (domínio das determinações).

Quanto ao aspecto conceitual do termo gramaticalização, propõe-se aqui a seguinte definição apresentada por Castilho (1997:31-2), a qual julga-se mais adequada para representar, de forma mais detalhada, o processo envolvendo a mudança associada à forma *a gente*: *gente* (subst.) > *a gente* (pron. indef.) > *a gente* ~ *a 'ente* (pron. pess.).

Entendo por gramaticalização o trajeto empreendido por um item lexical, ao longo do qual ele muda de categoria sintática (=recategorização), recebe propriedades funcionais na sentença, sofre alterações morfológicas, fonológicas e semânticas, deixa de ser uma forma livre, estágio em que pode até mesmo desaparecer, como consequência de uma cristalização externa. (...) Num sentido mais amplo, a

gramaticalização é a codificação de categorias cognitivas em formas lingüísticas, aí incluídas a percepção de mundo pelas diferentes culturas, o processo da informação, etc.

Observa-se, pela definição de Castilho, que a gramaticalização está associada a uma perspectiva de estágios, de gradação. No caso do processo de mudança envolvendo a forma *a gente*, aspectos lingüísticos associados a essa forma, como o semântico/referencial, podem ser encontrados em diferentes pontos ao longo da sua trajetória. Entretanto, levando-se em conta o fato de que diferentes regras variáveis podem estar atuando em determinada comunidade, pode-se supor também que as mudanças em torno da forma *a gente* estejam relacionadas, em menor ou maior escala, às diferentes características sociais próprias aos falantes que lideram a mudança, como diferenças de idade, de gênero e de classe social.

A gramaticalização, portanto, pressupõe a existência de variação entre formas em competição, até que a forma nova se generalize. Castilho (1997:55) aproxima a variação ao *caráter cíclico* da gramaticalização: “parece não haver contradição em afirmar que a variação é ao mesmo tempo o ponto de partida e o ponto de chegada da mudança lingüística”. O princípio de estratificação (*layering*), apresentado por Hopper (1991:22), mostra o quanto variação e gramaticalização caminham juntas, ao propor que a substituição de uma forma por outra nunca se dá totalmente. As camadas antigas (*older layers*) continuam a ser usadas em algumas situações, não sendo necessariamente descartadas.

A idéia de *continuum* ou processo inacabado de Meillet, intrínseco ao termo gramaticalização, já referida aqui, indica um conceito de gramática até certo ponto instável, uma vez que está associada a algo em movimento, não homogêneo. A noção de heterogeneidade organizada, portanto, nos moldes propostos por Weinreich, Labov e Herzog (1968) e Labov (1972), aproxima a concepção de gramaticalização aos processos

lingüísticos de variação e mudança. Nesse sentido, a valorização do componente social associado à mudança lingüística torna-se importante, uma vez que nem todas as mudanças têm a mesma configuração social e o mesmo tipo de propagação.

Castilho (1997:55) valoriza o caráter contínuo do processo de gramaticalização e sua relação com a criatividade inerente às línguas, como também ressalta o caráter social como motivador das mudanças: “a gramaticalização é um processo contínuo, pois radica numa propriedade das línguas naturais, que é a sua permanente criatividade, muitas vezes motivada por necessidades sociais”. Como exemplo de estudo de mudança lingüística determinada por pressão social, pode-se citar o trabalho de Faraco (1996:53), sobre “O tratamento *você* em Português: uma abordagem histórica”, que privilegia os aspectos sociais intrinsecamente associados ao processo de mudança lingüística, como bem salienta o autor:

No caso da diacronia do sistema de tratamento do português, temos um conjunto de dados que fornecem um exemplo interessante de como fatores sociais e estruturais (externos e internos) podem se combinar para desencadear uma cadeia de mudanças na língua. E, nesse sentido, constituem um acervo empírico interessante para as abordagens teóricas que, no trato da mudança lingüística, procuram, sem desconsiderar a imanência, olhar a língua também como realidade integrada à vida da sociedade em que ela é falada; abordagens teóricas que operam sob o pressuposto de que a heterogeneidade da sociedade e alterações em sua organização repercutem na estrutura da língua e funcionam como elementos estimuladores de mudança.

No caso específico de *a gente*, o processo de gramaticalização começa com o uso de *a gente* como pronome indefinido, nos contextos de referência genérica, difundindo-se a outros contextos, como pronome pessoal específico. Num estágio mais avançado, observa-se a sua própria redução fonológica para *a ‘ente ~ ‘ente*. A gramaticalização de *a gente* vem ocorrendo, até certo ponto, de forma análoga à origem do pronome *você*<sup>3</sup> no PB (cf. Faraco, 1996), bem como as possíveis reduções deste em *ocê* e *cê* (cf. Vitral, 1996:115-124 e Ramos, 1997:43-60).

<sup>3</sup> O pronome *você* originou-se do seguinte processo de mudança: *Vossa Mercê* > *Vosmecê* > *você*.

A partir dessas considerações buscar-se-á responder, na análise aqui proposta, as seguintes questões: (a) Quais são os grupos sociais que fazem com que essa mudança avance, uma vez que a variação pressupõe uma possível aceleração da mudança? (b) Que forças ou motivações fazem acelerar a gramaticalização de *a gente*? Traugott & Heine (1991:10), acerca das motivações que resultam na gramaticalização de determinados itens, propõem a seguinte questão: “quais são as motivações sociais e psicológicas que estão presentes nos estágios inicial e final da gramaticalização?” O questionamento proposto pelos autores parece estar relacionado ao fato de que, em geral, os estudos de gramaticalização trazem como exemplos determinados processos lingüísticos que já se encontram em uma “fase” mais adiantada, não valorizando o caráter contínuo das mudanças.

Os resultados de Zilles (2002) sobre a gramaticalização de *a gente* no português do Brasil mostram que, nos diferentes estágios da mudança envolvendo o uso de *a gente* no PB – recategorização de *a gente* como pronome pessoal e redução fonológica da forma para *a 'ente* –, mesmo que a gramaticalização seja um processo unidirecional e cíclico, a variação está presente no processo de mudança em função de diferentes aspectos sociais, como faixa etária, gênero, classe social e nível educacional. Tem-se que considerar, dessa forma, que o caráter contínuo, unidirecional e cíclico associado à gramaticalização não ocorre de forma categórica, mas é decorrente de um processo de variação, uma vez que as taxas de uso da forma gramaticalizada variam em função das características sociais dos falantes da comunidade. Isso, entretanto, não torna impróprio o caráter ‘unidirecional’ da gramaticalização, mas evidencia que o processo de gramaticalização pode estar espalhado de forma diversificada dentro de determinada comunidade.

Observa-se, portanto, que os diferentes graus de gramaticalização estão relacionados tanto com as características sociais, próprias a determinado tipo de sociedade, como também a sua estrutura lingüística. Julga-se pertinente afirmar que, tanto a natureza dos processos de gramaticalização como as condições lingüísticas para a mudança, estariam atreladas a motivos sociais e não apenas a aspectos puramente gramaticais.

## 2.2 As concepções teóricas sobre variação e mudança lingüística

O estágio sincrônico da língua é resultado de um desenvolvimento passado que continua no presente. Uma análise que correlacione resultados de ‘tempo aparente’ (*apparent time*) com ‘tempo real’ (*real time*), a partir de uma dimensão histórico-social, poderá evidenciar o processo e o estágio em que se encontra determinada mudança lingüística. Tarallo (1986:70-1), no que se refere ao ‘tempo aparente’, salienta que “uma vez atestada a mudança com base em dados do ‘tempo aparente’, deve-se proceder um encaixamento histórico da variável no ‘tempo real’”. Para tal, cita alguns métodos pertinentes para esse tipo de estudo:

- a) atlas lingüístico de uma comunidade;
- b) textos escritos em prosa que potencialmente reflitam o vernáculo de um certo período de tempo;
- c) cartas de cunho pessoal, diários e textos teatrais que tenham visado, em seu momento de criação, a um retrato da fala de diferentes camadas sociais da comunidade.

Em seu trabalho intitulado “Princípios de mudança lingüística: fatores internos”, Labov (1994:26) entende que o objetivo principal da utilização de dados diacrônicos é poder determinar o que ocorreu na história de uma língua ou de uma família lingüística, levando-se em conta os aspectos sociais que contribuíram para o desenvolvimento de determinadas mudanças.

Para obter testemunhos da mudança em progresso, temos que separar a variação devido à mudança com origem na variação devido a fatores sociais como sexo, classe social, redes sociais e etnicidade, da variação devido a fatores internos como



o acento oracional, o entorno segmental, a ordem das palavras e a estrutura sintagmática.

Entendendo-se que não é qualquer diferença de fala entre gerações ou entre grupos socioeconômicos que pode estar indicando mudança, pode-se supor que muitas das diferenças existentes na fala de cada grupo são apenas variantes e nada têm a ver, em princípio, com mudança. Weinreich, Labov e Herzog (1968:188), ao postularem uma teoria para a mudança lingüística, enfatizam que “nem toda a variabilidade e heterogeneidade na estrutura lingüística envolve mudanças, mas toda mudança envolve variabilidade e heterogeneidade”. Observa-se, assim, que as mudanças em progresso estão atreladas a uma concepção variacionista da linguagem. A análise de dados da variação lingüística em ‘tempo aparente’ pode indicar certas mudanças em progresso em ‘tempo real’.

Labov (1975:850) enfatiza que “somente no momento em que nos sentirmos verdadeiramente em casa no cotidiano lingüístico do presente, podemos pensar em nos sentirmos em casa no passado”. A análise dos dados lingüísticos pode estar fundamentada num procedimento de ida e volta, um sair de e um voltar ao presente, com uma escala no passado. É possível que se encontre, em qualquer fase da história da língua a ser investigada, formas residuais do passado mais remoto contracenando com formas inovadoras de um futuro.

### 2.2.1 A variação e mudança lingüística: pressupostos variacionistas

O uso da língua, dentro de diferentes realidades sociais, com base em atos reais de comunicação, constitui-se num sistema composto tanto de regras variáveis quanto de regras invariáveis. Com o objetivo de melhor caracterizar o processo de mudança lingüística, Weinreich, Labov e Herzog (1968), com o texto “Empirical foundations for

a theory of language change”, propõem um modelo que seja capaz de sistematizar a heterogeneidade da língua. A variação passa a ser entendida como uma característica própria da estrutura lingüística, ou seja, algo possível de ser sistematizado. Os autores, a partir do componente social da linguagem e do aspecto relacionado a sua implementação (*actuation*), propõem as seguintes questões:

Que fatores podem ser considerados para a implementação das mudanças? Por que as mudanças estruturais ocorrem em uma língua particular e em um determinado tempo, mas não em outros tempos?

(Weinreich, Labov e Herzog, 1968:102)

Esses questionamentos serviram para impulsionar os estudos sociolingüísticos, com a concepção de que as comunidades de fala são caracterizadas por determinada heterogeneidade ordenada, diferentemente da noção de sistema homogêneo associado aos processos envolvendo mudança lingüística. Nesse sentido a sociolingüística, através do conceito de ‘mudança em progresso’, abriu novas perspectivas para o estudo histórico. A língua passa, assim, a ser analisada com base na sua estrutura social em função do seu caráter heterogêneo. Labov (1972), utilizando-se do “novo” caminho proposto por Weinreich, Labov e Herzog (1968), para a teorização associada à mudança lingüística, desenvolve um método sociolingüístico que busca verificar as relações entre o componente social e a variação lingüística. A heterogeneidade organizada, portanto, torna-se fundamental para a visão sociolingüística da comunidade. Amplia-se assim o estudo da variação lingüística, não como algo aleatório, mas como algo próprio à determinada língua pertencente à determinada comunidade.

Labov (1972:160-61), ao tratar dos mecanismos de amplitude e propagação da mudança lingüística, apresenta cinco questionamentos que julga importantes para a compreensão da inter-relação entre as estruturas sociais e lingüísticas:

- 1) Existe uma direção genérica na evolução lingüística?
- 2) Quais são os determinantes universais da mudança lingüística?

- 3) Quais são as causas do surgimento contínuo de novas mudanças lingüísticas?
- 4) Quais são os mecanismos dessas mudanças?
- 5) A evolução lingüística tem uma função adaptativa?

O próprio Labov (1972:160-61), referindo-se aos problemas (*problems*) relacionados à mudança lingüística apresentados por Weinreich, Labov e Herzog (1968:101-2), entende que a resolução para essas questões passa por três pontos que julga imprescindíveis: (a) problema da transição (*transition problem*): consiste em encontrar o caminho pelo qual uma mudança lingüística evoluiu de uma etapa prévia para outra posterior; (b) problema do encaixamento (*embedding problem*): consiste em encontrar a matriz contínua do comportamento social e lingüístico em que a mudança lingüística se produz, isto é, investigar as correlações entre os elementos do sistema lingüístico e entre o sistema lingüístico e o sistema social; (c) problema da avaliação (*evaluation problem*): consiste em encontrar as correlações subjetivas ou latentes das mudanças objetivas ou manifestamente observadas, ou seja, correlacionar as atitudes gerais e as aspirações dos falantes em relação ao seu comportamento lingüístico.

Este trabalho busca, reconhecendo-se os limites das próprias asserções possíveis acerca dos resultados, responder a essas questões a partir de ampla e atualizada descrição dos dados, como também propor explicações que contemplem, tanto teórico como metodologicamente, o processo de variação e mudança em torno da gramaticalização de *a gente*.

### 2.2.2 A variação e a mudança lingüística em progresso: análise em tempo aparente

A língua deve ser entendida como um dos elementos sociais que reflete, condiciona e configura as diferenças entre grupos sociais. As variáveis lingüísticas atuam, nesse sentido, como indicadores de diferentes comportamentos sociais, entre os quais, os associados à mudança lingüística. Labov (1972:271) acredita que as variações sociais e

estilísticas desempenham um importante papel na mudança lingüística, caracterizando o que entende por “social” e “estilístico”, da seguinte maneira:

Por ‘social’ entendo aqueles traços lingüísticos que caracterizam os distintos subgrupos de uma sociedade heterogênea; e por ‘estilístico’ as modificações mediante as quais um falante adapta sua linguagem ao contexto imediato de seu ato de fala.

Ao assumir-se a proposta inicial de Weinreich, Labov e Herzog (1968), de que a variação é inerente às línguas e possível de ser sistematizada, tanto estruturalmente como socialmente, proposta essa também valorizada e desenvolvida pelos trabalhos sociolingüísticos apresentados por Labov, entende-se que o estudo da mudança em ‘tempo aparente’ (*apparent time*) seja um método eficiente para a observação da dinamicidade da mudança em progresso, levando-se em conta a análise de fenômenos variáveis num determinado momento e em diferentes faixas etárias. O estudo da mudança em ‘tempo aparente’, portanto, permite que se analise os diversos padrões de distribuição do comportamento lingüístico, em diferentes grupos etários, num determinado espaço de tempo. Deve-se ressaltar que a análise em ‘tempo aparente’ leva em conta o fato de os indivíduos permanecem estáveis após a idade de 15-20 anos (a menos que haja mudanças sociais importantes em suas vidas ou em sua comunidade). Nesse sentido, a fala de cada faixa etária “representaria” a fala dos jovens (15-20 anos) de décadas passadas, o que permitiria ao modelo de ‘tempo aparente’ resgatar o ‘tempo real’.

Labov (1994), ao estudar as mudanças sonoras, apresenta análise que objetiva descobrir as relações entre uma variável em particular e sua distribuição em ‘tempo aparente’. O autor entende não ser uma tarefa fácil realizar estudos quantitativos, uma vez que se necessita de uma amostra representativa da comunidade para que se possa conferir confiabilidade aos resultados apresentados. Labov (1994:44) apresenta duas modalidades de estudo dos fenômenos envolvendo mudança lingüística: o estudo de

painel (*panel study*), que consiste no recontato dos mesmos informantes tempos depois; e o estudo de tendências (*trend study*), que consiste em constituir uma segunda e nova amostra representativa.

Através do princípio do *uniformitarismo* (*uniformitarian principle*) proposto por Labov (1994:21-3), pode-se identificar o quanto do passado ainda continua entre nós, levando-se em conta a observação do desenvolvimento de determinado fenômeno lingüístico no presente, para que se possa deduzir um processo que ocorreu no passado. A noção de ‘tempo aparente’ permite que se correlacione o uso de determinada forma inovadora ao fator idade. O pressuposto associado à noção de mudança em progresso leva em conta o fato de que, se o uso de uma variante inovadora for mais freqüente entre os jovens, decrescendo em relação à idade de outros informantes, tem-se uma situação clássica de mudança em progresso. Entretanto, Labov (1994:56) valoriza o que denominou de “análise multivariável de dados contínuos”, ao acreditar que uma mudança lingüística geralmente é resultado de muitos fatores que atuam simultaneamente. E acrescenta:

Em geral, nenhuma amostra pode representar em proporções iguais todos os fatores que influenciam sobre a variável dependente. Como resultado, a particular distribuição em *tempo aparente* pode realmente refletir a distribuição de outras variáveis na população.

Deve-se ressaltar que, mesmo que a distribuição por níveis etários seja um importante método para a verificação de uma determinada mudança lingüística, não representa uma mudança na comunidade como um todo, mas sim um padrão característico da *estratificação por idade* que está representado em todas as gerações (cf. Labov, 1994:73). No caso específico do uso da forma inovadora *a gente*, foco da análise aqui proposta, trabalhos anteriores, sejam com dados de fala culta (Lopes, 1993 e Monteiro, 1994), como da fala popular (Omena, 1986 [1996]), evidenciaram que a

variante inovadora *a gente* foi mais freqüente entre os jovens, o que demonstra uma clara situação de mudança em progresso. O estudo transversal, amparado na análise da mudança em ‘tempo aparente’, mostra-se relevante para a identificação de uma mudança em progresso, em função da distribuição das variáveis por nível de idade.

### 2.2.3 A tipologia sociolingüística das mudanças

Deve-se ressaltar, inicialmente, a importância de se tratar variação e mudança de forma conjunta já que, sociolingüisticamente, são entendidas como dois aspectos de um mesmo modelo lingüístico. A variação é, portanto, uma contraparte sincrônica da mudança.

Um dos enfoques abordados no estudo de variação e mudança está relacionado com os aspectos que tratam da causa e difusão das mudanças. Para Guy (2001) é possível investigar contextos lingüísticos e sociais envolvendo variação e mudança, levando-se em conta a freqüência de uso de determinado fenômeno, quem o usa e em que contextos. Contudo, determinar o ponto de partida de uma mudança e o porquê de sua ocorrência, torna-se algo bem mais complexo. Deve-se levar em consideração que os limites da difusão de determinada mudança coincidem com os limites sociais e lingüísticos dos próprios membros da comunidade envolvida. Uma das estratégias usadas para se verificar a evolução lingüística está relacionada com os estudos de mudanças ocorridas no passado. Todavia, questões relativas ao mecanismo de mudança, as causas que a provocam e suas funções adaptativas podem ser melhor observadas a partir de estudos de mudanças lingüísticas em andamento.

O modelo teórico para o estudo da mudança lingüística histórica, proposto pelos neogramáticos, conhecido como “hipótese dos neogramáticos”, limita-se à mudança

dentro de um determinado dialeto ou língua, não possuindo fontes externas resultantes de empréstimos ou contatos lingüísticos. Diferentemente desse modelo, Guy (1990:48) sugere uma tipologia mais geral para a teoria da mudança, considerando três tipos sociolingüísticos de mudança: espontâneas (*spontaneous*), por empréstimos (*borrowing*) e por imposição (*imposition*).

Guy (1990:51-5) caracteriza como mudanças espontâneas aquelas que vêm de dentro de uma língua, de forma inconsciente (*from below*), sem efeito de contato, produzidas pelos falantes nativos de uma determinada comunidade de fala. Como empréstimo, caracteriza aquelas mudanças com alvo definido, características de determinados grupos (*from above*), com efeito de contato e também produzidas por falantes nativos. A imposição, por sua vez, está relacionada ao substrato; ou seja, quando a população inteira adota uma segunda língua em seu uso diário, através de efeitos de contato, envolvendo falantes não-nativos.

Observa-se que a tipologia associada à mudança lingüística está, de certa forma, associada à própria noção de “comunidade de fala”, justamente pela unidade social que esta representa. Levando-se em conta as características de determinada comunidade, pode-se compreender melhor os fatores sociais que atuam nessa comunidade, como também as variações lingüísticas advindas das diferentes manifestações sociais dos seus falantes. Guy (2000:18), nesse aspecto, entende que a partir da noção de “comunidade de fala” pode-se unir as características lingüísticas individuais de cada falante, com os aspectos próprios ao dialeto de determinada comunidade. O autor define “comunidade de fala” da seguinte forma:

- a) características lingüísticas compartilhadas; isto é, palavras, sons ou construções gramaticais que são usados na comunidade, mas não o são fora dela;

- b) densidade de comunicação interna relativamente alta; isto é, as pessoas normalmente falam com mais frequência com outras que estão dentro do grupo do que com aquelas que estão fora dele;
- c) normas compartilhadas; isto é, atitudes em comum sobre o uso da língua, normas em comum sobre a direção da variação estilística, avaliações sociais em comum sobre variáveis lingüísticas.

A noção de “comunidade de fala” é importante para a caracterização de um modelo lingüístico de análise dos fenômenos de fala, uma vez que a multiplicidade de situações lingüísticas associadas a fatores sociais é definidora para a melhor explicação dos fenômenos envolvendo variação e mudança lingüística.

#### 2.2.4 As dimensões sociais da variação e mudança lingüística

O estudo da mudança em progresso, no entender de Guy *et al.* (1986:30-3), tem sido metodologicamente desenvolvido a partir de três tipos de evidências: a social, a histórica e a lingüística.

Entre as dimensões associadas ao aspecto social, a idade seria uma das mais importantes, uma vez que vários estudos de mudança em progresso demonstram que falantes mais jovens tendem a usar mais formas inovadoras do que falantes mais velhos. Entretanto, Guy *et al.* (1986:30-1) entendem que, mesmo que a estratificação por idade seja uma condição necessária para se verificar uma mudança em progresso não se constitui, por si, em uma *condição suficiente*, uma vez que não permite que se verifiquem diferenças entre uma língua mudando e indivíduos não-mudando, como também entre uma língua estável e indivíduos mudando. Quanto à classe social, Guy (1987:56-60) ressalta que esse fator também pode desempenhar um importante papel no surgimento das inovações lingüísticas, que se difundem gradualmente através do espectro social. Um estudo sociolingüístico para analisar determinada mudança em progresso deverá, portanto, responder as seguintes questões: Que grupos sociais



originam as mudanças? E qual é a motivação deles para fazê-las?

As respostas às questões propostas envolvem avaliações complexas, uma vez que os diferentes usos sociais da língua estão atrelados a classes sociais que, por determinados fatores, sejam eles históricos, sociais ou lingüísticos, apropriaram-se de *estilos expressivos* (cf. Bourdieu, 1991:54) constituídos e marcadores de determinados grupos sociais. Salienta-se ainda o fato de alguns grupos sociais serem mais inovadores e aceitarem mais rapidamente determinadas formas inovadoras, enquanto outros tendem a resistir a essas novas formas. Naro & Scherre (1991:15), nesse particular, já enfatizaram que “o que está mudando para algumas pessoas pode estar estável para outras pessoas e o que está aumentando para alguns pode estar diminuindo para outros”. A variação lingüística, então, seria um reflexo da própria dinâmica social de determinada comunidade podendo, também, envolver mudança.

Os trabalhos de Labov (1966) e Kroch (1978), especialmente, são modelos importantes para a descrição da distribuição social de mudanças em andamento. O primeiro, de Labov (1966), mostra que as mudanças em progresso, muitas vezes, apresentam uma distribuição *curvilínea* que representa uma mudança do tipo espontânea. A inovação seria usada principalmente e com maior frequência pelo grupo intermediário na escala social (*upper working and lower middle classes*), que representaria o cume do gráfico de padrão curvilíneo. Esse tipo de distribuição incute a seguinte questão: por que mudar e quem possui motivação social para a mudança? O segundo, de Kroch (1978), enfatiza a distribuição *linear*, representando uma correlação inversa entre *status* social e utilização de determinada forma inovadora. Haveria, inicialmente, uma resistência à mudança pelos grupos de *status* mais alto (*highest status groups*). Nesse caso, uma questão poderia ser proposta: aceitando-se o fato de que

historicamente todas as línguas mudam durante todo o tempo, por que certas pessoas, de determinados grupos sociais, resistem a determinadas mudanças?

Uma resposta ao questionamento associado à distribuição ‘curvilínea’ de Labov (1966) pode estar relacionada com aspectos relativos à identidade local, visto que o falante necessita estar “atrelado” ao grupo. A identidade social do falante seria construída a partir da identidade de classe e a adoção de uma determinada mudança dependeria do tipo de identidade local que o falante tem com a comunidade. Labov observa que o grupo que representa melhor esta identidade social seria a classe trabalhadora média-baixa, que teria maior motivação social para inovar. Labov caracterizou esse tipo de mudança como “change from below the level of conscious awareness” (mudança que vem de baixo do nível de consciência), ou seja, mudança que vem de baixo para cima<sup>4</sup>.

Quanto às questões envolvendo o modelo ‘linear’ de Kroch (1978), levando-se em conta o fato de que todas as línguas estão em processo de mudança, interessaria determinar as causas pelas quais determinados grupos são mais conservadores e outros mais inovadores. Uma explicação para esse fato poderia estar relacionada aos efeitos advindos de determinadas atitudes sociais. Assim, a classe social mais alta esboçaria uma resistência maior aos processos lingüísticos envolvendo mudança, devido a sua posição social, uma vez que qualquer mudança lingüística atingindo essa classe poderia implicar perda de prestígio.

O interessante é que ambos os modelos indicam que mudanças espontâneas geralmente não são iniciadas pela classe mais alta, mas pela classe que depende mais da comunidade para adquirir prestígio. Assim, fica evidente o fato de que existe uma

---

<sup>4</sup> Conforme Labov (1994:78) *change from above* e *change from below* referem-se a níveis de consciência social e posição na hierarquia socioeconômica.

correlação entre mudança lingüística e a posição (*status*) de determinados grupos na sociedade. Esse fato está evidenciado em Amaral (2003:192) ao concluir que quanto maior é o capital social acumulado, maior é o capital lingüístico dos indivíduos e maior é a sua resistência à mudança.

No que diz respeito ao gênero as mulheres, freqüentemente, lideram as mudanças. A própria caracterização da construção social da variável sexo vem merecendo maior atenção, uma vez que a noção de gênero pode ser mais produtiva para o entendimento da correlação do sexo com as variáveis lingüísticas. Deve-se destacar que as dimensões de idade, classe social e gênero não são, separadamente, provas suficientes e conclusivas de mudança em progresso, mas uma *constelação particular* de fatores em conjunção com outros pontos que, somados, constituiriam evidências consistentes para melhor se avaliar os casos associados às inovações lingüísticas.

A segunda evidência, além da social, para o estudo da mudança lingüística, é a histórica. Guy *et al* (1986:33) entendem que a análise em ‘tempo real’ permite que se tenha informações sobre o estágio inicial de determinada mudança. Esse tipo de evidência, entretanto, não pode ser considerada para todos os tipos de mudança, como as mudanças fonéticas/fonológicas, por exemplo, uma vez que as fontes para análise são escassas e, na maioria dos casos, não existem. No caso específico deste trabalho, utilizou-se, conforme subseção 3.3, a evidência histórica como forma de verificar o comportamento da forma *a gente* no decorrer de 100 anos (1896 até 1995). Dá-se ênfase, nesta análise, para o processo de pessoalização de *a gente* com base em aspectos semântico-referenciais, associados a sua efetivação como pronome pessoal no português do Brasil.

Como terceira evidência, somando-se às evidências social e histórica, Guy *et al* (1986:33) apresentam a evidência lingüística. Partem do pressuposto que a distribuição lingüística de uma suposta inovação se estende por vários contextos condicionantes. Alguns ambientes seriam mais favoráveis e as mudanças aconteceriam primeiramente neles, enquanto outros seriam menos favoráveis e as mudanças ocorreriam mais tarde. No entanto, é necessário que se defina quais contextos são mais favoráveis e por que principiam as mudanças, como também os meios para se identificar a variação sociolingüística estável originária de mudança em progresso. Para o estudo dos fenômenos lingüísticos e, em especial, para os objetivos deste trabalho, essas evidências merecerão atenção especial, uma vez que estão intrinsecamente associadas ao tipo de análise aqui proposta.

### 3 O MAPEAMENTO HISTÓRICO-DESCRIPTIVO DO USO DE *A GENTE*

Propõe-se, nesta seção, traçar o mapeamento histórico-descritivo da evolução diacrônica de *a gente* no português do Brasil. A forma *a gente*, etimologicamente, origina-se do substantivo latino *gēns, gēntīs*, que designa ‘gente, raça, espécie, família, nação, povo’. Observa-se que a forma original *gēns, gēntīs* traz em si o caráter coletivo, generalizante e agrupador, referente a um conjunto de pessoas em torno de objetivos comuns. Essas características também estão presentes no campo semântico da palavra *gente*, que manteve as particularidades pertencentes ao substantivo latino.

O caráter coletivo e genérico atribuído ao substantivo *gente*, designando um agrupamento de pessoas em geral, está documentado em textos pertencentes a diferentes períodos da história da língua portuguesa, através de sua utilização tanto no singular como no plural, como se verifica nos seguintes trechos:

- (1) Abraam fuy o primeyro dos proffetas et fuy muy sancto ome e tam amigo de deus que disso per el que eno seu linnagem seerian beeytas totalas **gentes**, et este connoscendo que era pouco aquello que dauam os que foron ante que el, a deus, ... (retirado de uma página das *Leis de Partida*<sup>5</sup> - fins do século XIII, apud Vasconcelos (1946:350))
- (2) Mays ante o fezerõ saber aos omees dũu castelo que estaua sobre lo castelo de Mirra, ca em aquela guysa lhis auẽera, ca avya y mays **gẽte** ca em Mirra, ca a cydade era despobrada. (*De Dois fragmentos de uma vida de S. Nicolau, do século XIV em português*, publicado por Pedro de Azevedo, apud Nunes (1967:55<sup>6</sup>))

Huber (1986:249) traz um extrato das *Cantigas de Santa Maria* (do século XIII), em que o substantivo *gente* também aparece no plural: “Muitas vegadas o dem’enganadas ten as **gentes**” (CM<sup>7</sup>, 397). Lopes (1999:7), a partir de trechos extraídos

---

<sup>5</sup> Transcrição do Fac-símile III, in Carolina Michaëlis de Vasconcelos, 1946, p. 350-51. Segundo a autora, o Fac-símile tem na margem do fundo uma nota que diz ser ele a redução de uma das *Leis de Partida*, escrita em galego em fins do século XIII, tratando-se de uma tradução galego-portuguesa de um original castelhano, que é obra do grande Sábio de Castela.

<sup>6</sup> In: Nunes (1967:55) - *Crestomatia arcaica*.

<sup>7</sup> CM: abreviatura utilizada por Huber (1986) para *Cantigas de Santa Maria*.

também das *Cantigas de Santa Maria*, constata a utilização do substantivo *gente*, tanto no singular como no plural:

- (3) No que o moço cantava | o judeu meteu mentes,  
e levó-lo a ssa casa, | pois se foram as *gentes*
- (4) mas o monge lla cuidou  
fillar, mas disse-ll' a *gente*

Em outro texto do século XII, *Meestre Nicolas, a meu cuydar*<sup>8</sup>, anotado por Hauy (1989:95) para análise, verifica-se a utilização do substantivo no plural:

- (5) Meestre Nicolas, a meu cuydar,  
é mui bõo físico, por nom saber  
el assi as *gentes* bem guarecer;

A presença do substantivo *gente*, para Lopes (1999:7), tanto no singular como no plural, estende-se até o século XV. A partir do século XVI, no entanto, a forma singular começa a ganhar terreno e a forma plural deixa, gradativamente, de ser utilizada. Menon (1994:192-93), ao referir-se ao emprego de *a gente*, apresenta fragmentos de vários textos referentes aos séculos XIII (*A Demanda do Santo Graal*), XV (*Crónica de Dom Pedro I*), século XVI (excertos da literatura portuguesa presentes na *Crestomatia Arcaica* - Nunes (1967)), em que o substantivo *gente* aparece sempre com significado plural e/ou coletivo. Outro exemplo, extraído de *Os Lusíadas*, também pode ser observado nesse sentido:

- (6) Se esta *gente* que busca outro hemisfério,  
Cuja valia e obras tanto amaste,  
Não queres que *padeçam* vitupério, (*Lusíadas*, I, 38, 3-5)<sup>9</sup>

É interessante salientar que o substantivo *gente* também estabelece concordância semântica<sup>10</sup> uma vez que, mesmo estando no singular, pode levar o predicado para o

<sup>8</sup> Afonso de Coton: *Meestre Nicolas a meu cuydar*. Cantiga nº 1 116 da edição diplomática de Ernesto Monaci, do *Cancioneiro da vaticana*, códice existente no Instituto de Alta Cultura de Lisboa, sob nº 4 803.

<sup>9</sup> Camões, Luis de. *Os lusíadas*. (Edição escolar de Antenor Nascentes). Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, p. 22, 1930.

plural. Isso é possível, em virtude de o substantivo *gente* carregar em si o caráter coletivo, generalizante e plural. Lopes (1999:8) entende que esse tipo de concordância, associada ao número gramatical, poderia ser um recurso utilizado no período do português arcaico<sup>11</sup> para expressar a impessoalidade do sujeito. Outro exemplo desse tipo de concordância pode ser encontrado em Amaral (1955:75), ao analisar as relações entre sujeito (quando é algum dos coletivos *gente, família, etc*) e predicado:

- (7) ... com hu<sup>a</sup> *gente* de Hespanha *chamados* indigentes... (Duarte N. “Orig.”, cap. 2.º)

Huber (1986:281) e Nunes (1967:55) ressaltam ainda que o predicado para o mesmo sujeito – *gente* – pode aparecer numa mesma frase, uma vez no singular e outra no plural:

- (8) Toda *gente* te *lança* de ssy com nojo de que de ty *han*. (Fab. 23)<sup>12</sup>  
 (9) E hi morreo grandes *gentes*.<sup>13</sup>

Outro aspecto que pode ser observado em textos referentes ao português arcaico, diz respeito à concordância referente ao gênero gramatical, associada ao substantivo feminino *gente*, presente nesse período.

- (10) Tomarem o seu porto tanto preza  
 Quando **a** *gente* *fortíssima* merece; (Lusiadas, I, 75, 4-5)  
 (11) Não sofre muito **a** *gente* *generosa* (Lusiadas, I, 87, 5)

No sentido de *homens, gente(s)* também poderia relacionar-se a um predicado masculino, conforme ressalta Huber (1986:280):

- (12) ...muytas hi ha de *gentes*... que som auyados a perdiçon. (TA. 50)<sup>14</sup>

<sup>10</sup> Levando-se em conta a existência de traços semânticos a serem atribuídos para cada um dos aspectos formais associados ao uso do substantivo *gente*: gênero, número e pessoa.

<sup>11</sup> Português arcaico aqui entendido como o período que compreende as manifestações escritas da língua portuguesa referentes aos séculos XIII, XIV, XV. Toma-se como referência Rosa Virgínia Mattos e Silva. *Estruturas trecentistas: elementos para uma gramática do português arcaico*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1989.

<sup>12</sup> In: José Leite de Vasconcelos. *O livro do Esopo*, 1906, p. 111.

<sup>13</sup> In: Nunes (1967:55) - *Crestomatia arcaica*.

<sup>14</sup> TA. = *Textos arcaicos, Castello Perigoso*. In: José Leite de Vasconcelos. *Textos Arcaicos*, 1959, § 14.

Essa especificidade encontrada na concordância envolvendo o gênero também foi ressaltada por Menon (1996:625), ao estudar o emprego do substantivo *gente* como parte de um processo de gramaticalização<sup>15</sup> da expressão *a gente*, sendo caracterizada como uma concordância do tipo “desviante” ou “ideológica”.

Lopes (1999:85) compreende que os traços formais e semânticos de gênero, associados ao substantivo *gente*, também foram alterados devido ao processo de gramaticalização.

O traço formal de gênero no substantivo não acionava a interpretação semântica de gênero, pois a combinação com formas sintáticas no feminino não esclareceria o sexo do referente [ $\phi$  FEM]. No processo de mudança, o gênero semântico de *a gente* se torna subespecificado [ $\alpha$  FEM], porque formas pronominais como *eu, tu/você, ele/ela* tendem a combinar-se com adjetivos no masculino e/ou no feminino, dependendo do sexo do referente.

Salienta-se, dessa forma, que já havia nos textos arcaicos uma variabilidade de concordância associada à forma *gente*, tanto em número como em gênero. Essa variabilidade poderia estar indicando a existência de um processo inserido em um *continuum* lingüístico que, nesse caso específico, resultaria na própria gramaticalização envolvendo a forma *a gente*. A variação seria, aqui, o estágio inicial do processo de mudança que, por sua vez, estaria relacionado a determinados fatores de ordem lingüístico-social.

### 3.1 A cristalização de *a gente* como pronome pessoal

O processo de mudança envolvendo o substantivo *gente*, em direção ao pronome *a gente*, bem como as diferentes especificações atribuídas a este último, como a possibilidade de variação na concordância com o verbo (*a gente é ~ a gente somos*) ou a

---

<sup>15</sup> Menon (1996) utiliza o termo gramaticalização como “a transformação por que passa uma *palavra lexical*, autônoma, para se tornar uma *palavra gramatical*, presa ou funcional”.



sua própria especialização associada a formas reduzidas como *a 'ente* ~ *'ente*, mostra que a variação está presente em diferentes estágios do processo de mudança.

Deve-se ressaltar que a forma *a gente*, expressa pela locução formada pelo artigo “*a*” mais o substantivo “*gente*”, com traços semânticos próprios ao pronome de primeira pessoa, “possivelmente”<sup>16</sup> não tenha sido empregada no período da história da língua portuguesa abordado até aqui, que vai do século XIII até o século XVI. Porém, à medida que vai ocorrendo o desaparecimento da forma plural *as gentes*, começa a efetivar-se o uso da forma singular *a gente*, também de caráter indeterminado e coletivo.

Lopes (1999), para descrever a evolução diacrônica de *a gente*, com base em fatores “formais-semânticos”, utiliza-se de um *corpus* distribuído entre os séculos XIII e XX (cf. p. 46-51). A análise dos dados mostra que *a gente*, como pronome pessoal, somente foi utilizada na segunda metade do século XIX. Entre o século XVI e a primeira metade do século XIX, a forma *a gente* apresenta uma interpretação ambígua, ora como sinônimo de pessoa, ora como variante da forma *nós*.

- (13) Accudij, accudij, accudij, & lhe perescia que repicauam ho signo, para que **ha gente** accudijse aho fogo. (*Vocabulário da 'Vida de Frei Pedro'*, de André de Resende (1570), apud Grillo (1966:81)<sup>17</sup>)

Mesmo que a gramaticalização de *a gente* seja um processo que restrinja as possibilidades de interpretação semântica do pronome, ainda existe a possibilidade de haver uma interpretação ambígua com relação a sua utilização. Nota-se, no exemplo 14, que a forma *a gente* pode ter esse tipo de interpretação ambígua, pelo fato de seu

<sup>16</sup> É utilizado o termo “possivelmente” porque, com exceção do trabalho de Lopes (1999), que trata do percurso de *a gente* em tempo real de longa duração, ainda não se tinha descrito o possível processo diacrônico de *a gente*. Ressalta-se, também, que o trabalho aqui apresentado não tem como objetivo principal caracterizar uma periodização para a forma *a gente*, embora esse aspecto seja complementar para os objetivos aqui propostos envolvendo variação e mudança no uso de *a gente*.

<sup>17</sup> Grillo, Samuel da Costa. *Vocabulário da 'Vida de Frei Pedro'*, de André de Resende. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro / MEC, 1966. (segundo reprodução fac-símile do texto quinhentista, datado de 1570, a qual acompanha a edição comentada da obra de André de Resende.

referente não estar claramente definido, podendo ser tanto “eu” + ‘toda e qualquer pessoa’, como apenas “eu”.

- (14) Vamos.... Espere, o melhor é até eu mudar já o vestido, não é? Este perfume está me arrepiando. Depois da missa do estio, **a gente** já pode tirar o luto. (Simões Lopes Neto, *A viúva Pitorra*, 1898. In: *O teatro de Simões Lopes Neto*. Porto Alegre: IEL, 1990, p. 50.)<sup>18</sup>

Tudo indica que o processo de cristalização da forma pronominal *a gente* teve início no século XIX, a partir da especialização de seu uso que, de certa forma, ainda estava atrelado à referência genérica.

Lopes (1999:74-78) entende que o período em que a forma *a gente* mais apresenta ambigüidade interpretativa corresponde ao período em que a forma *homem* (do lat. *homine*) passa por um processo de desaparecimento como pronome indefinido (séc. XVI). Bueno (1955:208), ao analisar frases indeterminadas presentes em textos de diferentes épocas do português, enfatiza que:

Se a forma pronominal indefinida *homem* desapareceu do português moderno, ainda se conservam outras que vieram do mesmo período arcaico, tais como *a gente*, *uma pessoa*.

Mattos e Silva (1989:231-32) ressalta que a forma *homem*, como indicador de indeterminação do sujeito, “cobre a distribuição de um pronome sujeito” a partir de um referente indeterminado, masculino ou feminino, singular ou plural. Para Dias (1953:94), mesmo no século XVI, *homem* e *pessoa* equivaliam, “até certo ponto”, ao *on*<sup>19</sup> francês. E explica a reserva “até certo ponto”:

Ha-de dizer-se ‘até certo ponto’, por isso que taes expressões tem uso muito mais restricto, sendo que o seu emprego só tem lugar, por via de regra, quando se falla do que acontece geralmente.

<sup>18</sup> Peça de teatro presente no *corpus* diacrônico utilizado para a análise desenvolvida na subseção 3.3.

<sup>19</sup> Salienta-se também a existência das formas pronominais indefinidas *uno* (*una*) do espanhol, *one* do inglês e *man* do alemão.

Nota-se, portanto, que o autor enfatiza o caráter generalizante atribuído ao *on* francês, a partir do processo de gramaticalização de nome > pronome<sup>20</sup>. Essa transição também é ressaltada em gramáticas históricas do português, bem como em trabalhos associados à dialetologia brasileira. Nunes (1956:265) fala da utilização do substantivo *homem*, igualmente como indefinido, prática transmitida durante a evolução do português; Vasconcellos (1959:61) resalta a evolução lat. *homine* > *on*, através do que chamou de “pronome substantivo”; Amaral (1955:73) refere-se a outras formas pronominais, salientando a utilização de variantes utilizadas para a primeira pessoa do plural, referentemente ao seu estudo sobre o dialeto caipira paulista: “*a gente, u<sup>n</sup>a pessoa* (ambas correspondentes ao francês *on*)”. Said Ali (1964:116), objetivando especificar melhor a relação entre a transição ocorrida a partir dos vocábulos *homem* > *on* e *gente* > *a gente*, faz a seguinte consideração:

Têm de comum estes dois pronomes o mostrarem visivelmente que se originaram cada qual de um substantivo; ou, melhor, são nomes que assumem caráter pronominal quando usados, não já na acepção própria, mas para indicar agente vago e indeterminado.

O autor também resalta a utilização de *a gente* na linguagem “familiar da atualidade,”<sup>21</sup> como exemplo de indeterminação do sujeito. Entretanto, já era possível encontrar, em determinadas gramáticas históricas, comentários acerca da utilização de *a gente* como forma de manifestação popular associada ao pronome de primeira pessoa *nós*. Dias (1953:73) refere o seguinte: “Na conversação emprega-se *a gente* com o valor do pronome *nós*: *Venha com a gente*”. Nunes (1956:265) faz o seguinte comentário:

---

<sup>20</sup> Castilho (1997:37) diz serem duas as fontes de gramaticalização dos pronomes pessoais: “(i) demonstrativos para a terceira pessoa determinada, e (ii) expressões nominais para a terceira pessoa indeterminada (cf. Lat. *homo* > Port. Arc. *ome*, Fr. *on*), para a primeira pessoa (cf. Port. *a gente* em lugar de *eu/nós*) ou para a segunda pessoa (cf. *Vossa Mercê* > *Você*).”

<sup>21</sup> O termo “atualidade” deve ser levado em conta, tomando-se como base o ano de publicação da obra de Said Ali, *Gramática histórica da língua portuguesa*, utilizada neste trabalho. A primeira edição constituiu-se de dois volumes autônomos: 1921, ao publicar a *Lexicologia do português histórico (os sons e sua representação e os vocábulos)*; 1923, ao publicar a *Formação de palavras e sintaxe do português histórico (formação de palavras, sintaxe e apêndices)*.

“No povo o vocábulo *gente* tem valor colectivo, valendo pelos pronomes *eu* e *tu* ou *ele*, nos casos em que a língua culta usa *nós*”.

Schmitz (1973:640) entende que o significado indefinido atribuído à forma *a gente* poderia ter o mesmo significado do *on* francês. Enfatiza que nas sentenças (i) *a gente dorme muito nas férias*, (ii) *o homem dorme muito* e (iii) *essa pessoa dorme muito*, as palavras *homem* e *essa pessoa* referem-se à terceira pessoa (P3)<sup>22</sup>, enquanto a forma *a gente* refere-se à primeira pessoa do singular (P1) ou plural (P4). A sentença *a gente dorme muito* poderia, no sentido utilizado pelo *on* francês, ser entendida como *dorme-se muito nas férias*, com referente indefinido.

Evidencia-se, assim, o “início” da inserção no quadro dos pronomes pessoais do PB da forma pronominal *a gente*, caracterizando-se um processo de variação e mudança atrelado a fatores lingüísticos e sociais, presentes na alternância entre *a gente* e *nós*. A forma *a gente*, inicialmente de caráter indeterminado, passa a adquirir características determinadas. A crescente utilização de *a gente*, por falantes do português, fez com que esse fenômeno, presente inicialmente na linguagem coloquial<sup>23</sup>, também fosse citado em determinadas gramáticas normativas do PB, muitas vezes com posições divergentes sobre a forma de explicar esse tipo de ocorrência.

Tanto é assim que *a gente* é referido por Cunha (1975:295), como “formas de tratamento da 1ª pessoa”; por Cunha e Cintra (1985:288)<sup>24</sup> como “fórmulas de representação da 1ª pessoa”, para seu uso no “colóquio normal”. Almeida (1982:174) faz referência ao uso de *a gente* como pronome, salientando que “deve-se escrever a

<sup>22</sup> Utilizou-se aqui a indicação proposta por Câmara Júnior (1978:65) para caracterizar a categoria de número-pessoa: *P1, P2, P3 (as três pessoas do singular)* e *P4, P5, P6 (as três pessoas do plural)*.

<sup>23</sup> O termo *linguagem coloquial* é utilizado com base nas observações de gramáticos normativos do português, citados neste texto, que associam a utilização de *a gente* a esse tipo de linguagem. Salienta-se, entretanto, que o uso de *a gente* está presente em todas as variedades do complexo mosaico social, lingüístico e histórico que envolve a linguagem.

<sup>24</sup> Destaca-se que em sua “terceira edição revista”, datada em 2001, a especificação para o uso de *a gente* segue a mesma (p. 296), com os mesmos exemplos das edições anteriores.

gente com os elementos separados”. Bechara (1982:96) observa que “o substantivo *gente*, precedido do artigo *a* e em referência a um grupo de pessoas em que se inclui a que fala, ou a esta sozinha, passa a pronome e se emprega fora da linguagem cerimoniosa”. Faraco e Moura (1999:287) trazem exemplos da “expressão *a gente*” utilizada na linguagem coloquial, enfatizando também que “a norma culta tende a rejeitar essas construções, comuns na fala coloquial”. Ressalta-se ainda que não há, nessas gramáticas citadas, qualquer explicação mais detalhada sobre o uso de *a gente*, bem como uma análise para a melhor compreensão desse fenômeno por parte dos leitores. Neves (2000:469-70), por sua vez, mostra que *a gente* é empregado como pronome pessoal na linguagem coloquial. Especifica também que, muitas vezes, chega a fazer-se concordância plural com *a gente*, como em “a gente vai ficar juntos”. É esse tipo de concordância, inclusive, que caracteriza a forma *a gente* como um pronome pessoal, uma vez que o traço plural reforça o caráter referencial, próprio da primeira pessoa do plural.

É interessante enfatizar que Schmitz, já no início da década de 1970, por entender que as gramáticas do português, tanto do Brasil como de Portugal, traziam uma descrição “vaga e limitada” sobre as diversas possibilidades de uso para *a gente*, desenvolveu uma análise mais detalhada em relação ao uso dessa forma, caracterizada pelo autor como *uma palavra muito expressiva do português*, ao apresentar trabalho descritivo na Revista *Hispania*, p. 639-644, set/1973, intitulado “A flexibilidade lingüística de *a gente* no português”.

Demonstra que a forma *a gente*, mais comumente, é referida nas gramáticas como pronome de tratamento ou pronome indefinido chegando, simplesmente, em alguns casos, a ser considerada como uma “parte popular da fala, pronunciada somente pela

‘boca do povo’ e, portanto, não importante” (p. 639). Em outras ocasiões, inclusive, a forma *a gente* nem chega a ser citada nas gramáticas. Schmitz (1973:640) também ressalta que muitos dos registros feitos por gramáticos sobre o uso de *a gente*, como uma forma utilizada no colóquio normal ou por falantes de baixa escolaridade, deixam de enfatizar a verdadeira amplitude do seu uso. Mesmo concebendo que a forma *a gente* não seja muito utilizada em situações formais, dever-se-ia levar em conta o seu uso tanto por falantes escolarizados como não-escolarizados em situações menos monitoradas:

A palavra [a gente] é, entretanto, empregada por ambos os falantes do português, escolarizados e não-escolarizados, tanto em ocasiões semiformais como informais; *a gente* é empregado por [falantes de] todas as classes sociais. (p. 640)

Nascentes (1953), levando em conta a manifestação oral da linguagem, apresenta um estudo dialetológico sobre o linguajar carioca, no qual faz algumas considerações sobre o uso de *a gente*. Mesmo tratando *a gente* como um pronome indefinido, faz considerações sobre o seu uso nas “classes incultas”, apresentando exemplos de concordância como “*a gente vamos hoje*” (p. 170), que muito contribui para caracterizar a forma *a gente* como um pronome pessoal:

A pessoa que está falando tem em mente a sua pessoa e as mais, com ela associadas; daí por silepse o verbo deixar a concordância formal exigida pela terceira do singular e vir na primeira do plural.

Observa-se no exemplo “*a gente vamos hoje*” que o falante, ao utilizar *a gente* em lugar do pronome *nós*, de primeira pessoa plural, mesmo deixando de lado a concordância formal, não abre mão da concordância semântica: “...a pessoa que está falando tem em mente a sua pessoa e as mais”. Evidencia-se, assim, um plural associativo relacionado à noção de “eu-ampliado” (cf. Benveniste, 1988:256-58), o que caracterizaria *a gente* como um pronome pessoal.

Destaca-se também que o significado indeterminado, atribuído ao uso de *a*

*gente*, continua presente na língua portuguesa, com características genéricas, em frases em que a referência inclui todas as pessoas do discurso.

- (15) Efetivamente... *a gente* vive sem uma finalidade.  
(In Borges, Luís Pery. Seis anos de rádio: história anedótica de Pery & Estellita – sketches e crônicas. Porto Alegre: Thurmman, 1942, p.90)<sup>25</sup>

A utilização de *a gente*, nesse caso, expressa um sentido mais genérico, uma vez que a pessoa que fala está associada a um grupo não delimitado, a partir do menor comprometimento do “eu”, através de sua inserção em um grupo grande, sem limitação definida. A forma *a gente* pode ser interpretada também, dependendo do contexto, como substitutiva do “eu”. Nesse caso é menos freqüente a sua utilização embora, em situações em que o entrevistado fale muito de si, esse tipo de ocorrência pode aparecer bastante como um recurso estilístico. Observe-se também no exemplo:

- (16) [Cidreira mostrando para Pitorra uma coroa de flores que ela tinha encomendado para colocar no túmulo do falecido Sr. Pitorra.]  
[Pitorra] (Pausa e fazendo Cidreira exhibir a coroa em todos os sentidos.) Mais para trás! Pra frente! Um pouco acima! À direita! Esquerda! Ah! Hep! Mais baixo... Mais um pouco... Assim! (Pausa.) Ora, seu Cidreira... Servir, serve... Mas esta forma é já tão vista... Não produz efeito... Parece que *a gente* não sentiu bastante... E esse letreiro... Eu lhe tinha dito – Eterna saudade...  
[Cidreira] E aqui está – Eternas saudações – é muito mais próprio; é como quem diz: Adeus! [...] (In: *A viúva Pitorra*, p. 58)

Ressalta-se que, no exemplo 16, o verbo está no pretérito perfeito caracterizando bem o “eu” inequívoco. Se o verbo estivesse no pretérito imperfeito ou no presente, a interpretação possibilitaria que estivessem incluídos, além do “eu”, qualquer outra pessoa.

A evolução histórica de *a gente*, considerando-se a origem do substantivo *gente*, bem como sua utilização em vários textos, de diferentes períodos da história da língua portuguesa, mostra que implicações de caráter sintático-semântico estão presentes em sua trajetória, a ponto de a forma *a gente* ainda manter o caráter genérico, próprio da

<sup>25</sup> Peça de teatro presente no *corpus* diacrônico utilizado para a análise desenvolvida na subseção 3.3.

forma original. Pode também ser empregada como pronome pessoal “pleno”, através da aquisição de traços semânticos de primeira pessoa do plural e, em muitos casos, também do singular.

### 3.2 A pessoalização do pronome *a gente*

O estabelecimento do percurso histórico da forma pronominal *a gente* (substantivo genérico – *gente* → pronome indefinido – *a gente* → pronome pessoal – *a gente*) foi tratado nas subseções anteriores, a partir de ampla literatura consultada. A atenção maior foi centrada na caracterização da “locução especial”, a partir do substantivo *gente*, com a devida associação do artigo *a*, e suas diversas possibilidades de uso. Entretanto, observou-se que essas possibilidades foram se restringindo, a ponto da locução nominal *a gente* só ser utilizada no singular, bem como especializar-se como forma de indeterminação do sujeito<sup>26</sup>.

Nesta subseção, serão analisadas as modificações envolvendo aspectos semânticos que possibilitam que a forma *a gente*, de caráter indeterminador, se integrasse plenamente no quadro dos pronomes pessoais do PB, com uso referencial específico. Essa transformação tem sido referida como pronominalização (cf. Omena, 1986) ou gramaticalização (cf. Menon, 1996; Omena & Braga, 1996; Lopes, 1999; Zilles, 2002, 2003) de *a gente*. Quanto ao caso a ser tratado aqui, a mudança abrange apenas o aspecto semântico, diferentemente da modificação gramatical do substantivo *gente* para o pronome *a gente*, anteriormente abordada. Para este trabalho, propõe-se uma escala ou grau de pessoalização para a forma *a gente*, contemplando tanto os contextos de referência genérica/não-específica, como também os contextos de referência específica.

---

<sup>26</sup> Menon (1996:626) mostra as etapas dessa especialização, denominadas pela autora como “cadeia de transformação”.



A forma *a gente* seria uma candidata à categoria de “pessoa”, devido ao componente semântico/referencial relacionado tanto às pessoas do discurso, como também à própria compreensão da natureza do pronome. Neste aspecto verifica-se que, semanticamente, há um acréscimo ao significado da própria referência à pessoa que fala, deiticamente determinada. É interessante ressaltar que os dêiticos<sup>27</sup> desempenham uma função enunciativa ao relacionar o enunciado à enunciação, uma vez que a comunicação se estabelece a partir da relação entre o falante (aquele que enuncia) e o ouvinte (a quem se dirige o enunciado). Benveniste (1988), ao falar da categoria gramatical de pessoa, examina a pessoa gramatical que se manifesta no locutor “eu” e no interlocutor “não-eu” que, reunidos na “pessoa”, estabelecem a *correlação*<sup>28</sup> *de subjetividade*, ao passo que a oposição entre a “pessoa” (os que participam do diálogo) e a “não-pessoa” (os que dele não participam) estabelecem a *correlação de pessoalidade*.

Observa-se que Benveniste apresenta o sistema pronominal pessoal levando em conta dois grupos paradigmáticos: o do “eu/tu” e o do “ele”. Tem-se, assim, a especificação de “pessoa” formulada em oposição à de “não-pessoa”, com a distinção das duas primeiras pessoas (“eu” e “tu”), da terceira pessoa (“ele”). Para Monteiro (1994:33) existe uma clara diferença de funcionamento entre os pronomes “eu/tu” e “ele”, uma vez que a terceira pessoa possui natureza e funções diferentes:

A terceira pessoa rompe a simetria do sistema e se refere a objetos situados fora da enunciação (a relação mediante a qual *eu* e *tu* se especificam). Por isso, Benveniste a qualifica de *não-pessoa*. Enquanto tal, ela pode combinar-se com qualquer referência objetiva, bem ao contrário de *eu* e *tu*, que são dotados de unicidade referencial.

Benveniste (1988:253-55), ao tratar da *estrutura das relações de pessoa no verbo*, entende que a categoria de “pessoa” (“eu” e “tu”) está centrada em três aspectos:

---

<sup>27</sup> Conforme Lahud (1979:40), o termo dêitico vem da palavra grega (δειτικός) que significa ação de mostrar, indicar, assinalar.

<sup>28</sup> Benveniste (1988:254ss.) utiliza o termo *correlação* para ressaltar que “eu” e “tu” possuem a marca de pessoa (correlacionam-se) ao passo que “ele” é privado dela.

- a) a *unicidade*: uma vez que o “eu” que enuncia, o “tu” ao qual “eu” se dirige são cada vez únicos. “Ele”, porém, pode ser uma infinidade de sujeitos – ou nenhum;
- b) a *inversibilidade*: o que “eu” define como “tu” se pensa e pode inverter-se em “eu”, e “eu” se torna um “tu”. Nenhuma relação paralela é possível entre uma dessas duas pessoas e “ele”, uma vez que “ele” em si não designa especificamente nada nem ninguém;
- c) *correlação de subjetividade*: “eu” (pessoa subjetiva) é *interior* ao enunciado e *exterior* a “tu” (pessoa não-subjetiva), mas exterior de maneira que não suprime a realidade humana do diálogo. Essas duas pessoas se oporão, juntas, à forma de “não-pessoa”.

Levando-se em conta que o modo mais explícito de subjetividade consiste na efetivação da pessoa no discurso, e que o elemento central do sistema indicial é o pronome “eu”, pode-se atribuir um forte caráter dêitico a essa forma lingüística, justamente pelo eminente caráter referencial. É o que sugere Benveniste (1988:280) ao afirmar que “a dêixis é contemporânea da instância de discurso que contém o indicador de pessoa”. Nesse sentido, os indicadores “eu” e “tu” só existem quando atualizados na instância do discurso, uma vez que fora da realidade do discurso “eu” e “tu” tornam-se não-referências em relação ao contexto enunciativo. As relações discursivas, conforme Benveniste (1989:84), são responsáveis pela referência, uma vez que “a referência é parte integrante da enunciação”. Sempre que uma situação discursiva mudar, o referente também mudará, contudo não o significado dêitico.

É o que ressalta Lahud (1979:73) ao afirmar que “o referente de um dêitico é um lugar vazio que poderá ser ocupado por todos os particulares capazes de estabelecer com o ato de fala a relação significada pelo dêitico em questão”. Ou seja, os dêiticos só podem ser descritos com referência ao seu emprego pelo falante, posto que um dêitico toma sempre como referencial o ponto de origem do falante, ou de seu interlocutor em relação a ele. É esse aspecto, inclusive, que faz com que Benveniste particularize os dêiticos como *indicadores de subjetividade*.

Flores & Silva (2000:40) entendem que a diferença entre a “pessoa” e a “não-pessoa” está no tipo de referência que estabelecem: “a categoria dêixis está ligada à categoria de pessoa, ou seja, ao paradigma do ‘eu/tu’, enquanto que os elementos não-dêiticos estão ligados ao paradigma do ‘ele’, ou seja, da não-pessoa”. Para os autores, há dois tipos de referência que remeteriam a direções opostas: “eu/tu” – categoria de pessoa (referência dêitica), nível pragmático da linguagem; “ele” – categoria da não-pessoa (referência não-dêitica), nível sintático. Observa-se, assim, que a personalidade está muito mais atrelada ao valor semântico/pragmático do que à estruturação sintática.

Como resultado dessas colocações sobre as noções de “pessoa”, e levando-se em conta que os pronomes “eu” e “tu” são os únicos que indicam realmente a categoria de “pessoa”, supõe-se que a forma ampliada *a gente* (foco desta análise) poderia assumir diferentes graus de pessoalização, justamente porque a presença do “eu” é constitutiva de *a gente*. Benveniste (1988:256) destaca que aspectos associados à *unicidade* e à *subjetividade* próprias ao “eu” impediriam a possibilidade de uma simples pluralização, em que *a gente* (~*nós*) corresponderia ao plural de “eu”:

Se não pode haver vários “eu” concebidos pelo próprio “eu” que fala, é porque “nós” [*a gente*]<sup>29</sup> não é uma multiplicação de objetos idênticos mas uma junção entre o “eu” e o “não-eu”, seja qual for o conteúdo desse “não-eu”. [...] A presença do “eu” é constitutiva do “nós” [*a gente*].

Deve-se assinalar ainda que o processo de pluralização associado à primeira pessoa não pode ser aplicado de forma simétrica ao que ocorre com a terceira pessoa, que possui como marca a ausência do que caracteriza especificamente o “eu” e “tu”, justamente por estar fora da “pessoa” estrita, isto é, fora do “eu-tu”. O pronome *a gente* diz respeito a um plural que deve ser interpretado como “eu” somado a uma ou mais pessoas, no qual o ouvinte pode ou não estar incluído. *A gente* não é plural de “eu”, mas

---

<sup>29</sup> A inserção de *a gente* deve-se à proposta apresentada aqui de aproximação semântica, para efeito de análise, entre *nós* e *a gente*.

apenas inclui uma referência a “eu” e é plural, já que envolve o “eu” e interlocutor ou o “eu” e outra(s) pessoa(s). O pronome *a gente*, portanto, não é uma soma de *eu + eu (+eu...)*, e sim de *eu + tu (+tu...)* ou de *eu + ele (s) (+ele(s)...)* ou *eu + tu + ele(s) (+ele(s))*. Em torno da forma *a gente* há a reunião de diferentes pessoas, sempre com a presença do locutor, somado ao interlocutor, ou combinado também com a “não-pessoa”. É o que, no entender de Benveniste (1988:258), poder-se-ia chamar de “eu-ampliado”.

Entretanto, o autor enfatiza que *a gente* não seria “um ‘eu’ quantificado ou multiplicado”. Seria, antes, “um ‘eu’ dilatado além da pessoa estrita”. De um lado tem-se o *a gente* associado a uma afirmação voluntariamente vaga, de um “eu” generalizante (“eu” mais toda e qualquer pessoa) e, de outro, o *a gente* associado a uma junção de “pessoas” específicas (determinadas).

Ao integrar-se ao sistema dos pronomes pessoais do PB, em competição com *nós*, a forma *a gente* passa a comportar-se como um verdadeiro pronome. Neste caso, alternadamente com a referência a primeira pessoa do plural (= *nós*), o falante passa a utilizar também a forma *a gente*. Observe-se no diálogo:

- (17) **Mãe** – Será que ele vem hoje de manhã com o fotógrafo?  
**Pai** – Não sei, o jeito é esperar.  
**Mãe** – *A gente* devia ter uma roupa decente pra pôr. O que é que vão pensar de nós nestes trapos? (Ruzicki, Valdir. *A ponte*, 1962, p. 27)<sup>30</sup>

Do ponto de vista semântico, Lopes (1999:170-74) subdivide a *tipologia semântica do sujeito* em três tipos de referentes: (a) *referente específico*, quando o referente é explícito ou determinado pelo falante; (b) *referente genérico*, quando o referente abrange o emissor, o receptor (*não-eu*), e outras pessoas (*não-pessoa*). O referente torna-se genérico no momento em que a entidade física deixa de ser

<sup>30</sup> Peça de teatro pertencente ao *corpus* diacrônico utilizado para a análise desenvolvida na subseção 3.3.

individualmente especificada, referindo-se a toda uma classe; (c) *leitura impessoal*, quando a referência genérica atinge um grau maior de indeterminação e a forma *a gente* pode ser facilmente substituída por construções com o clítico “-se-”.

No que diz respeito ao referente genérico, como referido anteriormente, etimologicamente o termo *gentem* (s.f.) trazia em seu significado a especificação de caráter coletivo. Nesse sentido, a forma *a gente*, ao representar um coletivo genérico e estar identificada com uma classe ou coletividade, estaria desprovida do traço [plural] de numerosidade por referir-se à classe como um todo, ou seja, “eu” e todo indivíduo pertencente à classe referida. Por outro lado, tem-se o referente genérico não-específico, identificado com a noção de numerosidade, justamente por representar qualquer membro da classe, isto é, “um” como representante da classe. Do ponto de vista semântico, a forma *a gente*, quando associada a um referente não-específico, ao referir indivíduos de uma determinada classe, abre a possibilidade de ser interpretada com sentido de “pessoa”.

Para os fins aqui propostos, e levando-se em conta o entendimento de Benveniste (1988:258) da existência de um “‘eu’ prudentemente generalizado” entende-se que, intrinsecamente à forma *a gente*, mesmo associada a um referente genérico, há o traço semântico de “pessoa” identificado nas seguintes leituras generalizantes possíveis: “eu” + ‘a classe como um todo’ ou “eu” + ‘qualquer um dos membros da classe’. Tem-se, portanto, o seguinte processo de mudança semântica inserido no conjunto de mudanças que constituem o processo de gramaticalização de *a gente*:

a) **genérico** → *a gente* = “eu” + *todo e qualquer indivíduo que compreende o discurso* (“pessoa” ou “não-pessoa”)

(18) **Luciana** – De modo que nunca se encontraram?  
**Nuno** – Encontramo-nos na tal madrugada. Então ele prometeu justificar a sua ausência. Disse-me que tinha vindo de um velório e obrigou-me a jurar uma discrição, isto é, o tal túmulo. Apre! Olhem que é difícil *a gente* se fazer

de túmulo.

(Torres, Joaquim Alves. A ciumenta velha. In: *Teatro Social: O ultraje, O trabalho, A ciumenta velha*. (Pesquisa, introdu o e notas Cláudio Heemann). Porto Alegre: IEL, 1989, p. 184)<sup>31</sup>

Quanto   referência específica, Benveniste (1988:257) entende que existe uma diferencia o sobre o próprio princípio da “pessoa”, ao acrescentar:

Em *nós [a gente]* inclusivo, que se opõe a *ele, eles*,   *tu* que sobressai, enquanto em *nós [a gente]* exclusivo, que se opõe a *tu, v s*,   o *eu* que   sublinhado. As duas correla es que organizam o sistema das pessoas no singular se manifestam assim na dupla expressão de *nós [a gente]*.

O *plural exclusivo* (“eu” + “ele(s)”) estaria mais relacionado   *correla o de pessoa*, pela jun o de duas formas que se opõem como “pessoa” e “não-pessoa”, ao passo que o *plural inclusivo* (“eu” + “tu”) possibilitaria a união das pessoas através da *correla o de subjetividade*. Tem-se, então, a denomina o de “pessoa” associada   forma pluralizada *a gente*, a partir da categoria *inclusivo/exclusivo*.

#### b) plural exclusivo → baixo grau de pessoaliza o

(*a gente* = eu + outro(s) (não-pessoa))

- (19) **Pai** – [...] Um dia um colega da reparti o me propôs um negócio que ia dar muito dinheiro. **A gente** cobrava do pessoal que ia na reparti o para que os processos andassem depressa. Até se fez uma tabela de preços. Era eu quem fazia a cobrança. A coisa foi dando certo até que descobriram a marmelada. Eu levei toda a culpa, porque era eu quem cobrava. O outro conseguiu se safar da encrenca [...] (In. *A ponte*, p. 24)

#### c) plural inclusivo → médio grau de pessoaliza o

(*a gente* = eu + tu/você (pessoa) + outro(s) (não-pessoa))

- (20) **Alice Cooper** – Mas que loucura   essa? Agora que estou reparando. Todo mundo colorido, maquiado, parece uma festa. Quem foi que teve essa idéia m -ravelhosa?  
**Mona** – Fui eu. Já que **a gente** vai mesmo ficar aqui a noite toda, achei que era melhor fazer uma festa   fantasia. De feia basta aquela cidade lá fora, não  ?  
 (Abreu, Caio Fernando. Pode ser que seja só o leiteiro lá fora. In. *Teatro completo*. Porto Alegre: Sulina, 1997, p. 25)<sup>32</sup>

#### c1) plural inclusivo → alto grau de pessoaliza o

(*a gente* = eu + tu/você (pessoa))

<sup>31</sup> *Idem.*

<sup>32</sup> *Idem.*

- (21) **Júlia** – Guardo aqui. O troco miúdo fica contigo.  
**Romeu** – Agora vamos. *A gente* pode usar o apartamento até a meia-noite. Não mais. Depois meu amigo chega.  
**Júlia** – Romeu.  
**Romeu** – Que é?  
**Júlia** – Quem sabe *a gente* deixa isso pra depois?  
 (Bender, Ivo Cláudio. Bye, bye sweet home! In. *Nove textos breves para teatro*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 1985, p. 70-71)<sup>33</sup>

Ressalta-se também que a presença do “eu” na forma plural *a gente* pode ser tão forte que, em alguns casos, esse plural pode substituir o singular. É o chamado plural de modéstia<sup>34</sup>. Benveniste (1988:257-58), nesse sentido, salienta que esse tipo de emprego “atenua a afirmação muito marcada de ‘eu’ numa expressão mais ampla e difusa”. O uso de *a gente*, nesse caso, serve como uma forma de atenuar o envolvimento ou a noção de exclusividade do pronome “eu”. Para Monteiro (1994:39), ao utilizar esse tipo de recurso, “o falante pretende dividir responsabilidades ou reduzir o grau de egocentrismo”. Parece ser o que ocorre no exemplo 22 a seguir:

**d) singular “eu” → mais alto grau de pessoalização**  
 (*a gente* = *eu* (*pessoa*))

- (22) **Gisela** – Hoje não tô muito a fim... Tô precisando sair um pouco. [quase enlouquecida] *A gente* precisa se divertir! *A gente* tem que se divertir!  
 (Conte, Júlio. *A coisa certa*. Porto Alegre: WS Editor, 1998, p. 106)<sup>35</sup>

A partir dessas considerações poder-se-ia caracterizar o grau de pessoalização de *a gente*, tomando-se como base o próprio contexto da enunciação, bem como o processo de gramaticalização da forma *a gente*, decorrente da mudança semântica envolvendo a categoria de “pessoa”. A Ilustração 1, abaixo, traz a proposta apresentada pelo proponente deste trabalho para o estabelecimento de graus possíveis para a pessoalização de *a gente*.

<sup>33</sup> *Idem*.

<sup>34</sup> Salienta-se a caracterização de outros tipos de plurais semelhantes ao “plural de modéstia”, encontrados em gramáticas do português, como “plural de majestade”, “plural de divisão de personalidade” ou “plural de solidariedade”.

<sup>35</sup> Peça de teatro presente no *corpus* diacrônico utilizado para a análise desenvolvida na subseção 3.3.

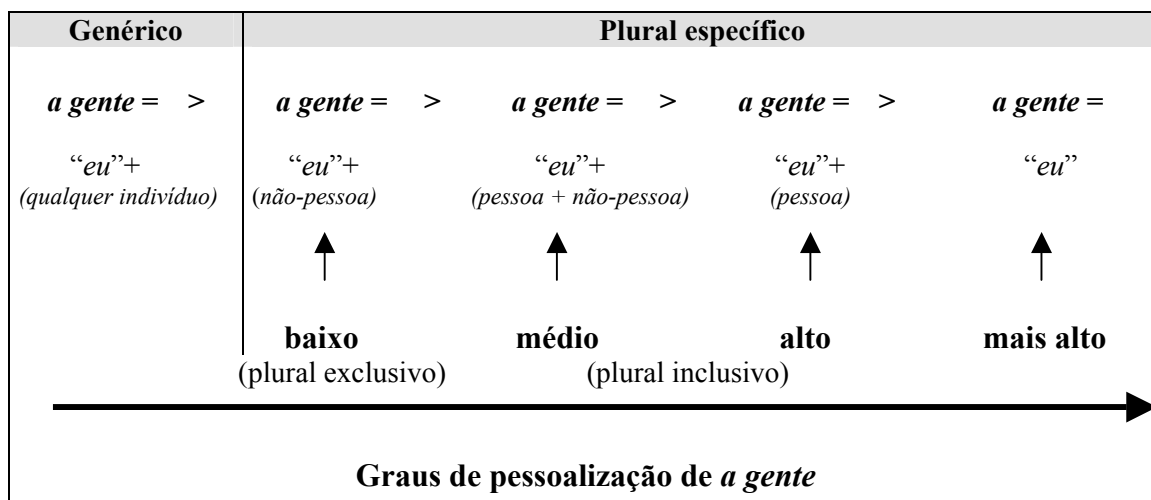


ILUSTRAÇÃO 1 – Pessoalização de *a gente* conforme categoria de pessoa

### 3.3 O uso de *a gente* em onze peças de teatro de autores gaúchos – 1896 até 1995

A partir da especificação do processo de pessoalização de *a gente* pretende-se identificar nesta subseção os diferentes “graus de pessoalização” propostos e que constam da Ilustração 1 anterior. Para tanto, verificou-se a utilização da forma *a gente* em onze peças de teatro, de autores gaúchos, abrangendo um período de cem anos que se estende de 1896 até 1995, com intervalos de dez anos entre uma obra e outra. A escolha do final do século XIX (1896) para servir como ponto de partida para as obras que compõem o *corpus* diacrônico organizado e utilizado nesta subseção, deve-se principalmente a dois fatores, explicitados a seguir.

O primeiro diz respeito à própria formação histórica do Rio Grande do Sul. Autores como Flores (1997) e César (1998) atestam que o início da colonização lusa no nosso Estado deu-se em 1737, quando José da Silva Paes e Cristóvão Pereira de Abreu aqui adentraram através da Barra do Rio Grande. Até o início do século XIX, o acesso à Província estava limitado ao canal do Rio Grande, principalmente para as famílias, autoridades, literatos e artistas que traziam as novidades de outros centros do Brasil, como também da Europa.



A partir de 1830 é que as atividades culturais, como a imprensa, a literatura e as artes teatrais começaram a florescer, principalmente nos grandes centros como Porto Alegre, Rio Grande e Pelotas, estendendo-se também por outras cidades da campanha e fronteira. Autores como Qorpo Santo, Caldre e Fião, Apolinário Porto Alegre, Taveira Júnior e Simões Lopes começaram, principalmente na segunda metade do século XIX, a desenvolver uma literatura associada ao cotidiano da sociedade gaúcha daquela época<sup>36</sup>. Assim, as cópias e representações de peças de autores europeus, principalmente francesas e portuguesas, que eram apresentadas nos palcos dos teatros gaúchos, começaram a ceder lugar para obras associadas a fatos representativos do cotidiano daquele período histórico. As características próprias ao comportamento social das pessoas que aqui viviam, como também a valorização do aspecto regional associado ao homem “rurbano”<sup>37</sup> gaúcho, começam a ser valorizadas e transportadas para as obras literárias dos autores citados, principalmente no que se refere ao teatro.

A peça *A viúva Pitorra*, de Simões Lopes Neto, que corresponde ao final do século XIX e que está incluída no *corpus* organizado para este trabalho, representa bem as características cotidianas da época: ambiente provinciano, burguesia atrelada à cultura européia, relacionamentos amorosos com fins econômicos, excessiva valorização dos sinais exteriores característicos da “situação de luto”, vigilância da sociedade sobre os atos da viúva, dogmas atrelados a determinados assuntos (como sexo), etc. Nesse sentido, acredita-se que a linguagem utilizada pelas pessoas, nas suas diferentes situações de uso, em maior ou menor grau, também esteja representada nos diferentes diálogos encontrados nesta e nas demais onze peças analisadas.

---

<sup>36</sup> Veja-se, nesse aspecto, a obra de Hessel, Lothar. *O teatro no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 1999.

<sup>37</sup> O termo “rurbano” é utilizado para caracterizar os fortes laços do homem urbano daquela época com o meio rural. Deve-se enfatizar que a base da economia gaúcha de então estava na pecuária.

O segundo fator para a escolha do final do século XIX (1896), como ponto de partida para as obras que compõem o *corpus* diacrônico organizado e utilizado neste trabalho, está relacionado aos estudos lingüísticos já realizados sobre o uso de *a gente* e como se deu esse processo de mudança em *tempo real*<sup>38</sup>. Nesse aspecto, o trabalho de Lopes (1999), sobre “A inserção de *a gente* no quadro pronominal do português: percurso histórico”, serve como referência para o estabelecimento do período inicial (segunda metade do século XIX) do *corpus* diacrônico a ser analisado para se alcançar os objetivos aqui propostos. A autora, utilizando-se de dados retirados de textos do século XIII ao século XX, busca caracterizar a inserção de *a gente* no sistema dos pronomes do português. A partir dessa análise, conclui que:

O processo de pronominalização do substantivo *gente* foi lento e gradual, uma vez que só foram localizadas ocorrências de *a gente* como pronome na segunda metade do século XVIII. Antes disso, mais precisamente entre o século XVI e a primeira metade do século XIX, há exemplos esporádicos em que a forma *a gente* apresenta ambigüidade interpretativa, ou seja, tanto pode ser considerada sinônimo de “pessoas” quanto variante de *nós*. (Lopes, 1999:72)

Do mesmo modo, como se configura a intensificação do emprego de *a gente* como forma pronominal do século XIX em diante, a interpretação ambígua deixa de se fazer presente. (Lopes, 1999:74)

Levando-se em conta estas constatações justifica-se a escolha do final do século XIX como relevante para os propósitos desta análise, que são: (a) analisar as modificações envolvendo aspectos semânticos que possibilitaram que a forma *a gente*, de caráter indeterminado, se integrasse plenamente no quadro dos pronomes pessoais do PB; (b) verificar em que estágio(s) desse percurso a forma *a gente* se efetivou como pronome pessoal, com valor referencial; (c) identificar os diferentes “graus de pessoalização” do pronome *a gente*.

---

<sup>38</sup> Referido aqui como o desenvolvimento na evolução lingüística num período de tempo, a partir da comparação do comportamento lingüístico de falantes em dois (ou mais) momentos temporais distintos, diferentemente do *tempo aparente* em que se estuda os fenômenos variáveis num determinado momento e nas diferentes faixas etárias.

### 3.3.1 A amostra trabalhada

Os textos selecionados têm a comédia como gênero principal ou peças que reflitam, da melhor forma possível, o cotidiano de determinadas pessoas e grupos através de seus costumes. Um dos objetivos da escolha do teatro, e mais especificamente de peças que refletissem o cotidiano das pessoas, foi poder representar a linguagem mais informal utilizada pelas pessoas comuns em seus afazeres cotidianos, aproximando-se o máximo possível do vernáculo<sup>39</sup>.

As peças de teatro são textos escritos para serem falados, supostamente mais próximos da fala efetivamente produzida ou, pelo menos, distinto dos outros gêneros como o narrativo, por exemplo, que são produzidos para serem lidos. Deu-se especial atenção, portanto, para obras em que a comicidade estivesse presente nos diálogos, caracterizando o que se chama de “comédia de costumes”, para tentar traçar o percurso do uso da forma *a gente* no Rio Grande do Sul. As peças de teatro, especialmente as comédias, podem constituir um importante *corpus* para os estudos lingüísticos, uma vez que os diálogos tendem a recriar, em maior ou menor grau, a linguagem cotidiana das pessoas.

A escolha de um “grande contista regional”, (cf. Fischer, 1998:5-30), como Simões Lopes Neto, para dar início e integrar o *corpus* diacrônico utilizado nesta análise, demonstra o cuidado que se deve ter na escolha de obras literárias para fins de pesquisa lingüística. O fato de todos os autores serem gaúchos também é relevante para os aspectos relacionados à linguagem, já que determinadas variedades de usos da língua encontradas nas obras podem estar atreladas a atitudes, opção estética e origem regionais dos escritores. As especificações quanto aos temas, personagens e contextos

---

<sup>39</sup> O termo “vernáculo” é referido aqui no sentido sociolingüístico de sua utilização, ou seja, a língua falada em uma situação cotidiana de comunicação. Por extensão, linguagem presente nas narrativas de experiência pessoal.

sociais das obras dramáticas selecionadas para este trabalho estão presentes no Anexo 1.

### 3.3.2 Os critérios para a escolha das obras

As obras foram detalhadamente selecionadas segundo vários critérios que serão caracterizados a seguir, levando-se em conta as especificidades desta análise. A escolha de autores do sexo masculino, por exemplo, explica-se pela escassez e/ou pouca divulgação de autoras femininas na literatura do século XIX e início do século XX, em especial no que se refere ao teatro. As pesquisas realizadas na bibliografia sobre o teatro no Rio Grande do Sul (cf. Villas-Bôas, 1991 e Hessel, 1999) demonstram esse fato. De qualquer modo, esse estudo diacrônico das peças de teatro não é o centro deste trabalho, é antes uma base, uma contextualização para o foco na discussão dos dados de fala coletados no início de 2000.

Mesmo admitindo que autores masculinos e femininos possam recriar, de modo distinto (em consonância com suas práticas sociais e com a percepção dessas mesmas práticas), determinadas diferenciações sociolingüísticas em suas obras, ao darem voz a seus personagens (como fez Gil Vicente, por exemplo), optou-se por textos de autores masculinos. Essa opção procurou viabilizar uma primeira análise sob a perspectiva temporal em materiais produzidos no (e para o) Rio Grande do Sul, por autores locais; certamente, ela não exclui futuras análises em que essas questões sejam contempladas de modo mais abrangente.

A classe social dos escritores também poderia ser um fator diferenciador na criação da linguagem dos personagens. Todos os autores selecionados têm grau de escolaridade acima do médio, muitos dos quais com cursos universitários. Os escritores das peças de teatro analisadas aqui pertencem a uma camada culturalmente

privilegiada. Essa condição dificilmente poderia ser diferente, uma vez que, principalmente no final do século XIX e início do século XX, somente um número reduzido de pessoas, pertencentes à elite social, tinha acesso à educação formal. Esse fato, contudo, não impede que os escritores, pelo menos alguns, percebam e recriem as diferenças de linguagem entre pessoas pertencentes a camadas sociais distintas, uma vez que a ampliação das experiências culturais pode, em muitos casos, favorecer a percepção de determinadas variações e/ou mudanças lingüísticas em curso. O exemplo 23, abaixo, retirado da obra de Valdir Ruzicki, *A ponte*, de 1962, mostra bem determinadas características sociais dos personagens:

- (23) **Mãe** – O quê? Tu escreveu sobre *a gente* no jornal? Desgraçado! Agora vai dar pra aparecer aquelas gentes do serviço social e **nóis vai** terminar por ter que dar o fora daqui! Por que se mete no que não é da tua conta?

Outros dois aspectos também mereceram cuidado especial quando da escolha das obras. O primeiro referente ao tamanho das obras, em número de páginas, uma vez que peças muito curtas restringiriam as chances de ocorrência de *nós* e *a gente*. Das onze obras analisadas, o número mínimo de páginas foi de vinte e nove e o máximo de cento e trinta e três. A média das onze peças ficou em sessenta e oito páginas, um número considerado satisfatório para a análise aqui proposta.

O segundo aspecto diz respeito ao número de personagens presentes nas peças. Obras monologadas, ou que tivessem um número reduzido de personagens, dificilmente representariam as diversas classes sociais e suas manifestações lingüísticas, o que diminuiria a possibilidade de ocorrerem variações associadas ao componente social<sup>40</sup>. Em alguns casos analisou-se um conjunto de pequenas peças, com um número reduzido

---

<sup>40</sup> Levando-se em conta um dos princípios básicos da sociolingüística de que as variáveis de ordem social influenciam na escolha das variantes.

de personagens em cada uma delas. Entretanto, no conjunto, os personagens cobriam um amplo espectro de diferentes realidades sociais.

### 3.3.3 A análise dos dados

Para facilitar a leitura dos resultados a Ilustração 2, a seguir, traz o conjunto de obras utilizadas, bem como as décadas e o número de ocorrências equivalentes a cada uma das peças:

Obra / autor / ano	Década	número ocorrências
1 – A viúva Pitorra (Simões Lopes Neto) – 1896	1890	31
2 – A ciumenta velha (Joaquim Alves Torres) – 1905	1900	16
3 – Nossa terra (Abadie Faria-Rosa) – 1917	1910	72
4 – Adão, Eva e outros membros da família (Álvaro Moreira) – 1927	1920	48
5 – Iaiá Boneca (Ernani Fornari) – 1938	1930	52
6 – Seis anos de rádio: história anedótica de Pery & Estellita (Pery Borges) – 1942	1940	74
7 – Quando elas queres (Paulo Hecker Filho) – 1958	1950	83
8 – A ponte (Valdir Ruzicki) – 1962	1960	145
9 – Pode ser que seja só o leiteiro lá fora (Caio Fernando Abreu) – 1974	1970	70
10 – Bye,bye sweet home! A barra do tribunal, Casinha pequenina, Tudo no divã (Ivo Bender) – 1983	1980	20
11 – A coisa certa (Júlio Conte) – 1995	1990	101

ILUSTRAÇÃO 2 – Décadas e número total de ocorrências das formas *nós* e *a gente* correspondentes a cada uma das onze obras analisadas

Na análise das peças foi encontrado um total de 712 ocorrências distribuídas da seguinte forma: 189 ocorrências de *nós* expresso<sup>41</sup> (=27%); 162 ocorrências de *a gente* expresso (=23%); 354 ocorrências de *nós* não-expresso (=49%); 7 ocorrências de *a gente* não-expresso (=1%). É necessário salientar que o total de 712 ocorrências representa a presença das duas formas em todas as funções sintáticas possíveis. Por isso, o percentual de *a gente* não parece muito expressivo (apenas 23%). Veja-se a Tabela 1 abaixo:

<sup>41</sup> Utilizou-se aqui os termos “expresso” e “não-expresso” para ressaltar a presença ou não da forma *a gente* (ou *nós*) na oração. Quanto à terminologia, destaca-se que Tarallo (1996) usa as expressões “preenchido” vs. “não-preenchido” e Duarte (1996) as expressões “pleno” vs. “nulo”.

TABELA 1 – Frequência do uso de *nós* e *a gente* (expressos e não-expressos), em todas as funções sintáticas, nas onze peças de teatro analisadas

Função sintática	<i>nós</i>	<i>a gente</i>	$\phi$ <i>nós</i>	$\phi$ <i>a gente</i>	Total
	N / %	N / %	N / %	N / %	N / %
Sujeito	124 / 21	122 / 21	339 / 57	6 / 1	591 / 83
Objeto preposicionado	34 / 54	21 / 33	7 / 11	1 / 2	63 / 8
Objeto direto	15 / 61	5 / 16	7 / 23	0 / 0	27 / 4
Adjunto adnominal	14 / 74	5 / 26	0 / 0	0 / 0	19 / 3
Adjunto adverbial	2 / 18	9 / 73	1 / 9	0 / 0	12 / 2
<b>TOTAL</b>	<b>189 / 27</b>	<b>162 / 23</b>	<b>354 / 49</b>	<b>7 / 1</b>	<b>712 / 100</b>

Considerando-se apenas as ocorrências dos pronomes *a gente* e *nós* “expressos”, o percentual de uso de *a gente* passa para 46%, exatamente o dobro do verificado anteriormente. Para efeitos comparativos a Ilustração 3, abaixo, mostra como a forma *a gente*, principalmente depois da década de 1960 (com percentuais acima de 35%), passa a competir efetivamente com a forma pronominal *nós*.

No que se refere ao pronome não-expresso *nós*, verifica-se um claro decréscimo no seu uso, decorrente da cristalização da forma *a gente* no quadro dos pronomes pessoais do PB. Concomitantemente, a forma *a gente* passa a substituir também o pronome expresso *nós*, em virtude de um processo efetivo de variação entre as duas formas, incrementado também a partir da década de 1960.

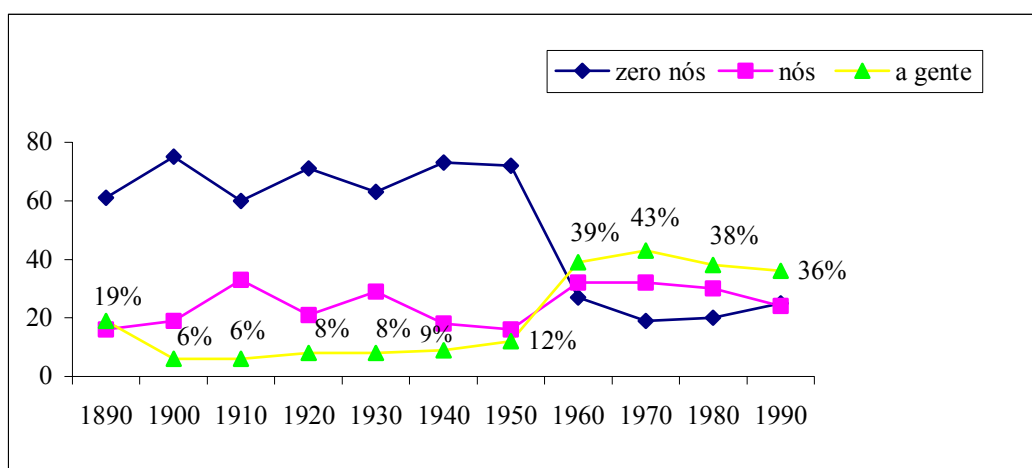


ILUSTRAÇÃO 3 – Percentual de uso de *a gente*, comparativamente com *nós* (expresso e não-expresso), nas onze peças de teatro analisadas<sup>42</sup>

<sup>42</sup> Não constam na Ilustração 3 os casos não-expressos de *a gente*, porque foram apenas 7 ocorrências.

É interessante salientar que, de certa forma, essa mudança vai ao encontro dos resultados apresentados por Duarte (1995, 1996) e por Tarallo (1996), que mostraram a crescente preferência dos falantes do PB por pronomes expressos.

Esses resultados, ao serem confrontados com os aspectos sociais envolvidos nesse processo (cf subseção 4.6.3), mostram a existência da inter-relação entre fenômenos lingüísticos e fatores sociais. No caso específico da mudança em direção ao uso da forma pronominal *a gente* verifica-se, pela Ilustração 4 abaixo, que as personagens femininas favoreceram o uso de *a gente*, com percentual de 29%, o que vai ao encontro de uma tendência geral associada ao uso de *a gente*.

Quanto à faixa etária, os personagens com menos de 50 anos (de 16 a 25 anos, com 26%, e de 26 a 49 anos, com 24%) mostraram-se favoráveis ao uso da forma inovadora *a gente*, indicando um efetivo processo de mudança em curso. A variável classe social<sup>43</sup>, por sua vez, sinaliza uma possível mudança vinda de baixo (por baixo do nível de consciência social, cf. Labov (1994:78)), uma vez que os percentuais de 32% da classe social baixa e de 24% da classe média-baixa representam mais que o dobro do percentual de 10% da classe média-alta. Tem-se, assim, nesse estágio do processo de gramaticalização de *a gente*, uma mudança introduzida pelas mulheres, pelos jovens e pela classe social baixa.

---

<sup>43</sup> A classificação dos informantes por classe social, para a análise das onze peças de teatro, seguiu a metodologia proposta para a classificação dos informantes de Jaguarão e de Pelotas, conforme especificado na subseção 4.4 deste trabalho.



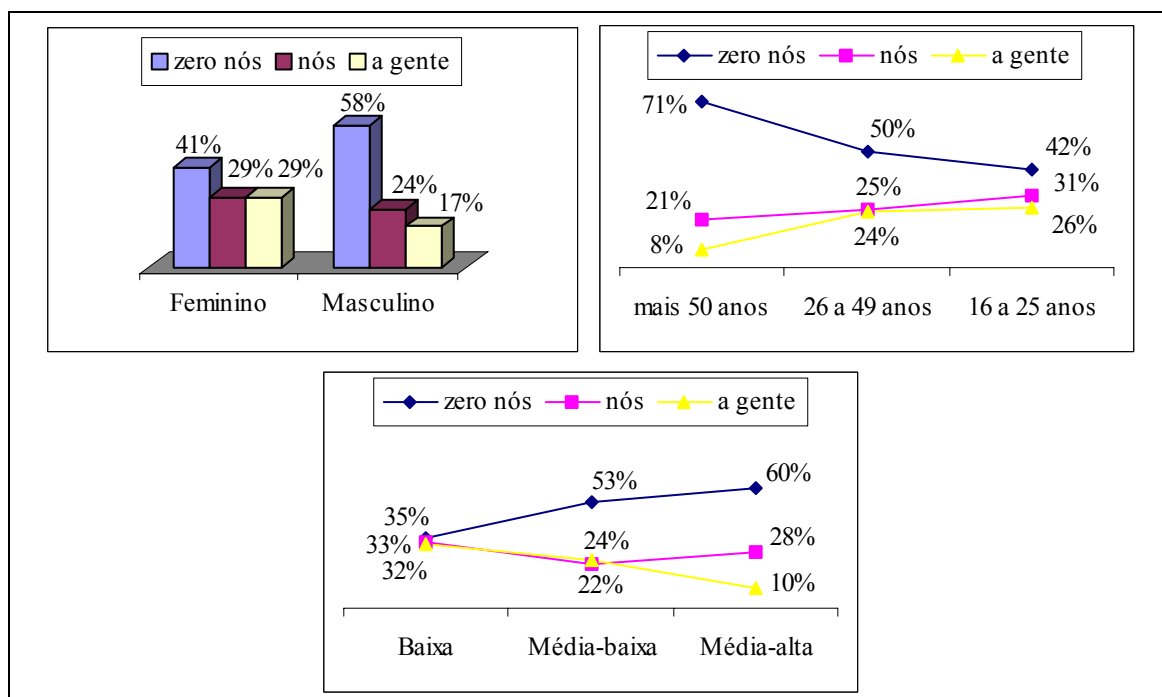


ILUSTRAÇÃO 4 – Percentuais de uso de *a gente*, em comparação com *nós* (expresso e não-expresso), para as onze peças de teatro analisadas, conforme gênero, faixa etária e classe social

### 3.3.3.1 O uso do sujeito expresso *a gente* nas onze peças de teatro utilizadas

Especificamente em relação à função de sujeito, foco desta análise, verificou-se um total de 246 ocorrências de *nós* e *a gente* expressos, assim distribuídas: 122 de *nós* (=50%) e de 124 de *a gente* (=50%). Esse resultado demonstra a forte presença do pronome *a gente*, em competição com *nós*, na função de sujeito, o que evidencia a crescente mudança, nesse contexto lingüístico, em direção a formas pronominais expressas. Evidencia-se, também, a efetiva introdução da forma *a gente*, em variação com a forma *nós*, no sistema pronominal do PB, principalmente a partir da década de 1960.

Os resultados da Ilustração 5, a seguir, mostram que o uso de *a gente* expresso, na primeira metade do século XX, ficou com um percentual médio de 32%. A partir da década de 1960 a curva ascendente fica mais pronunciada, deixando clara a competição

entre as formas *nós* vs. *a gente*, como também a aceleração do processo que, dadas as proporções, a direção e as evidências já registradas na literatura, se configura como mudança em curso. Da década de 1960 em diante, a forma *a gente* expressa tem sempre percentual superior a 50%, bem acima dos percentuais das décadas anteriores, superando também a forma *nós*.

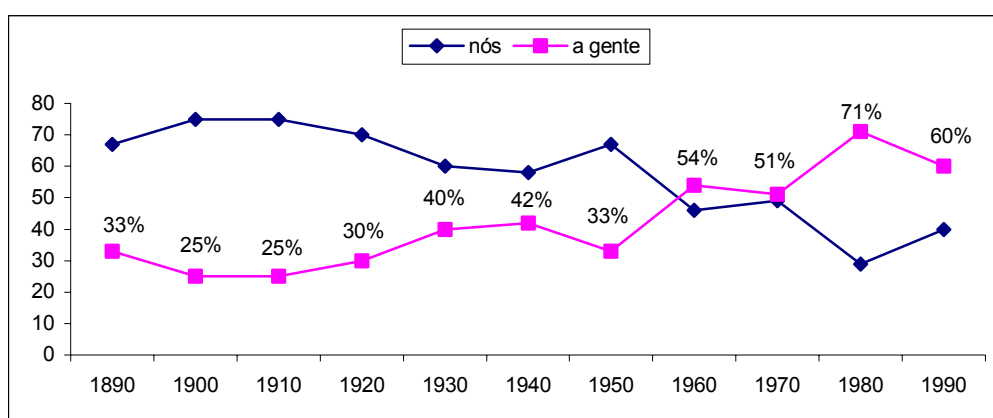


ILUSTRAÇÃO 5 – Percentual de uso de *a gente* expresso, em função de sujeito, comparativamente com *nós*, nas onze peças de teatro analisadas

Esses dados poderiam sugerir que a utilização de *a gente* é um fenômeno relativamente novo no PB, mas o registro dessa forma como característica da linguagem rural e popular, nos trabalhos de dialetologistas (cf. Amaral (1920 [1955:73-74]), Nascentes (1922 [1953:170])), na primeira metade do século XX, nos faz pensar que essa seria uma conclusão apressada e que outras considerações seriam necessárias acerca dos fatores lingüísticos, históricos e sociais que contribuíram para a pronominalização de *a gente* no PB:

1. Lopes (1999:131) mostra que o percurso histórico da pronominalização de *a gente* começou nos séculos XVIII e XIX, tendo se efetivado no século XX. Entretanto, não especifica em que período do século XX *a gente* intensificou-se com referência determinada;
2. Como a questão demográfica, em especial o êxodo rural, poderia ter contribuído para este processo? A forma *a gente*, supondo-se que já existisse no campo, foi então levada

para a cidade? Tem-se alguma informação sobre isso no Rio Grande do Sul? E na cidade, era usada pelas classes mais baixas até o “boom” dos anos 60/70, quando passou a ser utilizada também pelas classes médias, provocando a aceleração da mudança? As respostas a estas perguntas não são fáceis de serem encontradas, mas considerá-las é importante para não se tirar conclusões apressadas sobre os fatores sociais que interferiram para a efetivação do uso de *a gente*;

3. O fato de se estar analisando peças de teatro (de autores escolarizados) afeta o resultado? Acreditando-se que as peças são um meio indireto de observar o que está ocorrendo na fala, pode-se pensar que haja um descompasso entre a forma utilizada na escrita e a forma utilizada na fala, no sentido de que é possível que demore um tempo até que a forma usada na fala apareça no texto escrito, mesmo que seja texto de teatro. Portanto, parece lícito supor que as formas inovadoras apareçam antes neste tipo de texto do que em outros, como os textos informativos, acadêmicos, etc, o que justifica trabalhar com o teatro como a melhor aproximação indireta da fala cotidiana, ao lado das cartas pessoais e informais. Se existe um descompasso neste caso, tem-se de concluir que a mudança já estivesse em curso na oralidade, talvez desde o século XIX, e que seu registro em grande escala só ocorreu a partir dos anos 1960/1970, devido às condições sociais que se instalaram então. Um estudo mais detalhado dessas condições sociais teria que ser feito, levando-se em conta os registros históricos de então. Entre elas, poder-se-ia citar a formação da classe trabalhadora ligada à indústria, com o trabalhismo, a promoção de leis sociais, o êxodo rural, etc; nos anos 60, no Rio Grande do Sul, a legalidade, a revolução de 64, a repressão; nos anos 70, o movimento hippie, a contra-cultura, o feminismo, etc. Todas essas questões, associadas a outros fatores sociais que contribuíram para a constituição histórico-social-lingüística da sociedade gaúcha, merecem uma atenção especial, uma vez que poderiam, em uma escala maior ou menor, estar associadas com a efetivação e uso da forma *a gente* como pronome pessoal no PB.

É interessante enfatizar que os resultados de diferentes estudos de fala, com dados coletados a partir da década de 1980, mostram que o uso de *a gente* vem aumentando muito nos últimos anos, principalmente nos grandes centros urbanos. Observe-se, por exemplo, os percentuais de uso para a forma *a gente*: Omena (1986), com dados de Rio de Janeiro, com 69%; Borba (1993), com dados de Curitiba, com 64%; Zilles (2002), com dados de Porto Alegre, com 70%; Seara (2000), com dados de Florianópolis, com 72%. Omena (1996:315), nesse sentido, ao tratar das influências sociais na variação entre *nós* e *a gente*, mais especificamente sobre o cruzamento da idade e sexo associado à forma *nós*, verificou uma diminuição abrupta, para ambos os gêneros, da forma *nós*, entre as gerações de 15/25 anos e 26/49 anos, como também entre os homens de 26/49 anos e 50/71 anos. E acrescenta: “Tudo se passa como se tivesse havido uma causa, antes de 1930, para a substituição de *nós* por *a gente*, que parece ter-se exacerbado na década de 1960”. Deve-se referir que é justamente entre as décadas de 1960 e de 1970 que se acentua o êxodo rural no Brasil. Nesse período a população, até então predominantemente rural, passa a caracterizar-se como uma população realmente urbana<sup>44</sup>.

Omena utiliza “parece” porque não se tinha, até então, trabalhos relacionados à utilização de *a gente* em *tempo real* e porque valeu-se da metodologia de *tempo aparente*. Parece que os dados aqui apresentados sustentam essa hipótese, uma vez que, observando-se o *corpus* aqui utilizado, foi realmente nos anos sessenta que ocorreu o aumento na utilização da forma *a gente*. Esse fato também poderia estar indicando que o processo já estaria em andamento na década de 1960, tendo se exacerbado no começo da década de 1970 e se tornado visível até mesmo em algumas peças de teatro.

---

<sup>44</sup> Conforme IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística: [www.ibge.gov.br/censohistorico](http://www.ibge.gov.br/censohistorico).

Outro fato a destacar, dos resultados da Ilustração 5 anterior, foi o percentual elevado de 33% de *a gente* encontrado na década de 1890, associada à obra *A viúva Pitorra*, de Simões Lopes Neto. Sabe-se que Simões Lopes escreveu duas versões dessa peça, que apresentam a mesma história em variantes diferentes<sup>45</sup>. Os próprios diálogos mudam bastante de um texto para outro, não no sentido de mudar os personagens, mas as expressões e frases utilizadas o que, de certa forma, ressalta o cuidado que o autor dispensou para as questões lingüísticas. Veja-se nos exemplos 24 e 25:

Primeira versão:

- (24) **Pitorra** – E tão barbado, mana! Reparou, bem? A cara parece um travesseiro de crina vegetal...  
**Eulâmpia** – Ora! É o que ele tem de bom! Você já imagina como é agradável *à gente*, nós, mulheres, peladas... roçarmos a cara assim... numa barbacena!...  
**Pitorra** – São gostos! Eu prefiro a barba feita...  
**Eulâmpia** – É... É... E quando está meio crescida... Aquelas pontinhas ficando *a gente*, arranhando  $\phi$ ... Ora que graça!...  
**Pitorra** – Como você se interessa pelo peludo!...  
**Eulâmpia** – Não é! Foi meu companheiro de viagem, muito amável, sempre pronto, e eu... desejava que ele se arranjasse depressa, coitado. Ora, aí está.  
**Pitorra** – Está bem. Logo que o Cidreira chegue, decidimos. Passei na loja e pedi-lhe alguns objetos que ele mesmo ficou de trazer.  
**Eulâmpia** – (À parte) Se o Cidreira tivesse as qualidades da erva-cidreira, que benefício para a mana!...  
**Pitorra** – Vamos... Espere, o melhor é até eu mudar já o vestido, não é? Este perfume está me arrepiando. Depois da missa do estilo, a gente já pode tirar o luto. (In: *A viúva Pitorra*, p. 50)

Segunda versão:

- (25) **Pitorra**: Não sei ainda...Acho-lhe um jeito de sujeito meu conhecido, mana. Aquele nariz...Aquele nariz...Olhe, mana, nariz que eu notar deve ser mesmo especial. E tão barbado! A cara parece um travesseiro de crina vegetal...  
**Eulâmpia**: Ora, mana! É o que ele tem de bom! Você lá imagina. Como é agradável *a gente*, nós, mulheres peladas, roçarmos a cara numa barbacena!  
**Pitorra**: São gostos! Eu prefiro a barba feita...  
**Eulâmpia**: É...e...e quando está meio crescida...aquelas pontinhas ficando *na gente*...arranhando  $\emptyset$ ...Ora que graça!  
**Pitorra**: Como você se interessa pelo peludo!  
**Eulâmpia** – Não é! Foi meu companheiro de viagem, muito amável, sempre pronto, e eu desejava que ele se arranjasse depressa, coitado. Ora, aí está.  
**Pitorra** – Está bem. Logo mais decidimos, mana. (*Saindo*) Agora vamos ver o meu vestido. E já vou mudar este. Está me arrepiando. (*Parando*.) Ah!

<sup>45</sup> Veja-se, nesse aspecto, a dissertação de mestrado de Mambrini (2004), que trata da “colocação pronominal em duas versões de ‘A viúva Pitorra’, de Simões Lopes Neto”.

mana! Logo me lembre para tirar daí o retrato do Pitorra. Afinal já vou tirar o luto...

**Eulámpia** – (À parte) Fazer lugar pro Cidreira! (*Alto.*) E onde se guarda?

**Pitorra** – Guardo...Penduro...Ora...arrumo, no armário dos livros, com o outro... (*Sai à esquerda baixa.*) (In: A viúva Pitorra, p. 100-101)

Os comentários de Heemann (1990:21), sobre a obra *A viúva Pitorra*, destacam esse aspecto:

Cada uma das versões apresenta maneiras e redações diversas de fazer o personagem expressar-se em suas falas. Como se o autor experimentasse ditos na busca da frase mais apropriada. [...] O autor, como que deixou a diversidade das versões para que um encenador fizesse escolhas. [...] e não são poucas as variantes que ocorrem no cotejo das versões.

O fato de o autor preocupar-se com as questões lingüísticas pode ter sido um aspecto diferenciador no que se refere ao percentual elevado de 33%, associado àquela década, atribuído à presença da forma expressa *a gente*. Outros fatores, como estilísticos, regionais e sociais também poderiam estar contribuindo para essa diferenciação. No entanto, torna-se difícil fazer uma avaliação sobre os mesmos, uma vez que outros campos associados à análise lingüística e/ou literária teriam que ser enfocados, o que escapa aos propósitos desta análise.

### 3.3.3.2 O uso do sujeito expresso *a gente* e as variáveis sociais

Especificamente em relação às variáveis sociais *gênero*, *faixa etária* e *classe social*, os resultados do uso do sujeito *a gente* expresso apresentados na Ilustração 6 abaixo evidenciam, em percentuais e pesos relativos, que: (1) o uso de *a gente* é favorecido pelas personagens femininas, tanto em percentual (56%) como em peso relativo (0,56). Esses valores são importantes, visto que mostram uma tendência verificada em diferentes trabalhos de sociolingüística que confere às mulheres e aos jovens percentuais maiores na utilização de formas inovadoras (cf. Labov (1990:239); (2) os personagens da faixa etária intermediária (de 26-49 anos) foram os que mais

utilizaram *a gente* (53% / 0,54). Em termos percentuais, os personagens com menos de 50 anos, independente da classe social, ficaram à frente no uso da forma *a gente*, configurando um processo de mudança em curso; (3) o uso de *a gente* é favorecido pelos personagens da classe baixa, com percentual de 54% e peso relativo de 0,56, seguido pela classe média-baixa com percentual de 51% e peso relativo de 0,48.

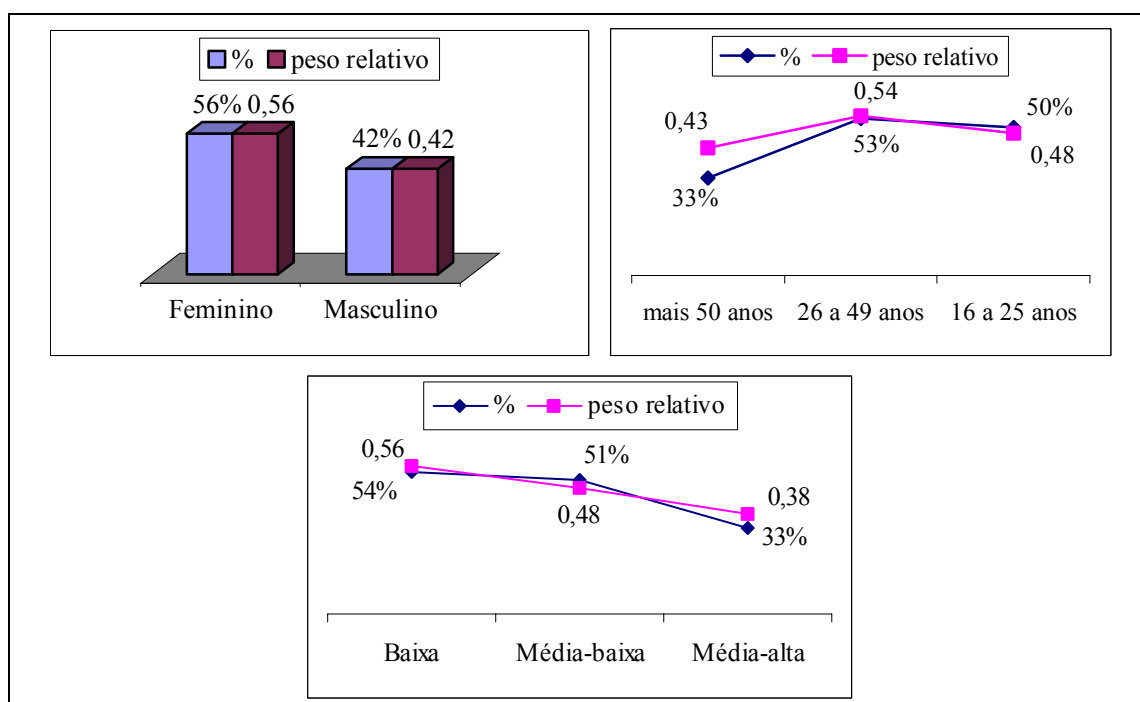


ILUSTRAÇÃO 6 – Uso de *a gente* expresso nas onze peças de teatro analisadas, conforme gênero, faixa etária e classe social

O uso de *a gente* nas peças de teatro é favorecido, portanto, pelas personagens femininas, jovens (abaixo de 50 anos) e pertencentes à classe social baixa.

### 3.3.3.3 O uso de *a gente* expresso e a referência semântica do sujeito

Se a natureza e a distribuição dos dados aqui apresentados e o quadro histórico (ainda) não são suficientes para deslindar a questão da aceleração da mudança nos anos 60 em diante, uma das faces lingüísticas do processo parece ser muito reveladora: trata-se da questão do tipo de referência associada à forma *a gente*. Sabe-se, pelos estudos diacrônicos prévios (cf. Menon, 1994 e Lopes, 1999) e também pelo estudo apresentado

nesta seção, que a forma *a gente* teve, primeiramente, referência indeterminada/genérica, desde o século XVI, como representado no exemplo 26:

- (26) **Ele:** É pra isso mesmo. Mas não aqui. Quero ir para Nova York. Hei de lutar e vencer! Talvez treine Box. Imagina que, só numa luta, mesmo perdendo, *a gente* ganha uma fortuna!  
(In: Seis anos de rádio: história anedótica de Pery & Estellita, p. 42)

A pergunta a propor-se agora, seria: quando a mudança que torna *a gente* um pronome pessoal se implementou? No *corpus* de peças de teatro aqui analisado, isso ocorreu claramente a partir dos anos 40. A Ilustração 7, a seguir, evidencia que até a década de 1930 não há nenhum registro de *a gente* com referência específica, nem mesmo em Simões Lopes Neto. Isso sugere, fortemente, que esta nova face da mudança (a inserção de *a gente* no sistema de pronomes pessoais) tenha realmente se exacerbado em meados do século XX, quando intensas transformações demográficas, políticas e sociais aconteceram no país e no estado do Rio Grande do Sul. A literatura, dessa maneira, estaria captando essa mudança em curso, registrando-a nas falas dos personagens das peças de teatro.

Levando-se em conta o processo de pessoalização de *a gente*, proposto na subseção 3.2 anterior, verifica-se que até a década de 1930 o uso de *a gente* é categórico com referência genérica, conforme Ilustração 7 abaixo. Somente a partir da década de 1940 é que a forma *a gente* começa a ser realmente utilizada com referência específica.



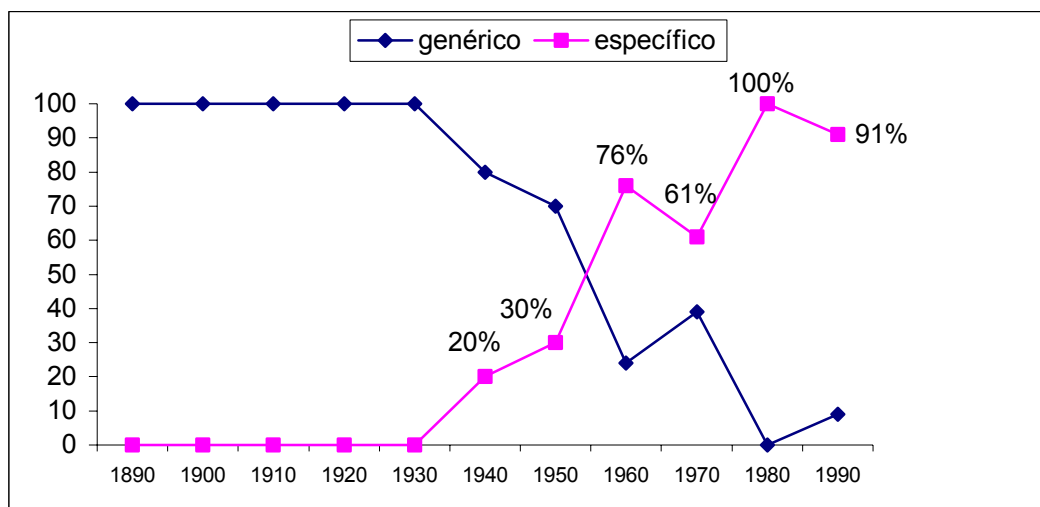


ILUSTRAÇÃO 7 – Percentual de uso de *a gente* e *nós* (expressos) em relação à década de publicação das onze peças de teatro de autores gaúchos, conforme tipo de referência

Para efeito de análise a Ilustração 8, abaixo, traz, amalgamados, os dados relativos aos períodos anteriores à década de 1940. Ficaram, dessa forma, seis períodos representativos que foram analisados quanto ao tipo de referência e, mais especificamente, quanto aos dois aspectos relacionados à referência específica: aspecto *exclusivo* e aspecto *inclusivo*. Com relação ao plural *inclusivo* vs. *exclusivo*, os resultados da Ilustração 8 mostram que, com exceção da década de 1940, da década de 1950 até a década de 1970 o uso de *a gente*, com referente semanticamente determinado, estava “mais” associado ao plural *exclusivo* (“eu” + não-pessoa). No entanto, na década de 1980, o processo de pessoalização em curso transparece vivamente, com a maior utilização da forma *a gente* associada ao plural *inclusivo* (“eu” + pessoa). Esse resultado é muito importante porque, no uso *inclusivo*, a forma *a gente* é utilizada para fazer referência as duas pessoas do discurso (“eu” e “tu”), conforme a definição de Benveniste (1988:257): “a forma inclusiva (‘eu + tu’) efetua a junção das pessoas entre as quais existe a ‘correlação de subjetividade’”. É quando a forma *a gente*

atinge o ponto máximo na direção de tornar-se um pronome pessoal, no que diz respeito à referência.

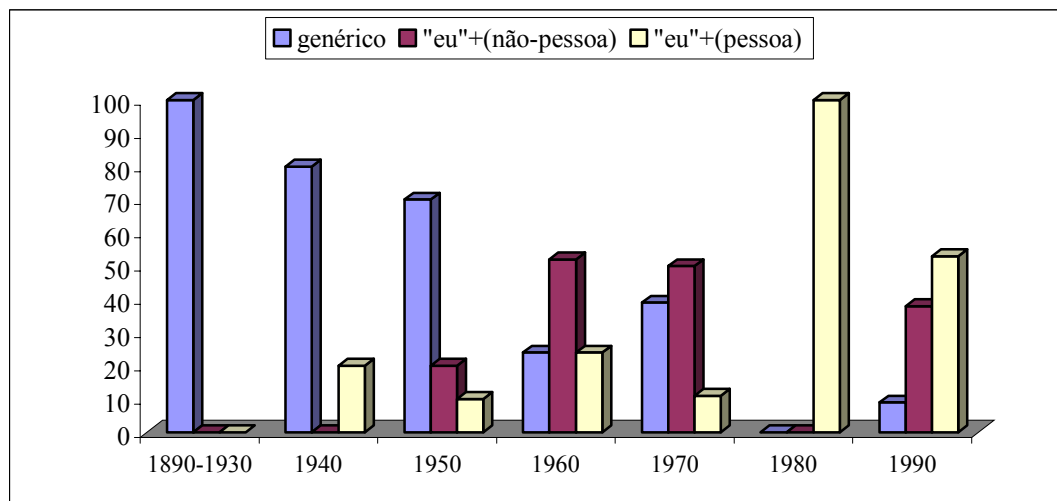


ILUSTRAÇÃO 8 – Percentual de uso de *a gente* para as onze peças de teatro de autores gaúchos, conforme o *tipo de referência* (genérica, específica *exclusivo* e específica *inclusivo*)

O uso *exclusivo*, por sua vez, ao englobar ainda a “não-pessoa” do discurso (“ele/eles”), ao lado do “eu”, parece não ter a relevância atribuída ao uso *inclusivo*. Mesmo assim, torna-se uma evidência importante à medida que também passa a ser utilizado, efetivamente, a partir da década de 1950. Os resultados mostram que a utilização de *a gente*, associada ao plural *inclusivo*, teve enorme incremento na década 1980. Esse fato demonstra que a pessoalização de *a gente* faz parte de um processo de gramaticalização, resultante de várias mudanças afins e que ocorrem ao mesmo tempo.

Buscou-se, com esta análise, a partir dos objetivos propostos para esta seção, verificar as modificações envolvendo aspectos semânticos que possibilitaram que a forma *a gente* se integrasse plenamente no quadro dos pronomes pessoais do PB, bem como especificar em que estágio(s) desse percurso a forma *a gente* efetivou-se como pronome pessoal, com referente específico. Quanto a esse último aspecto constatou-se, com base no *corpus* analisado, que já na década 1940 começou a ocorrer a passagem de *a gente* a pronome pessoal, cristalizando-se a partir da década de 1960, com sua

utilização também associada ao tipo de referência semanticamente determinada, ora através do plural *exclusivo*, ora através do plural *inclusivo*.

### 3.4 A revisão de estudos sobre o uso de *a gente* no português do Brasil

Nesta subseção apresenta-se uma revisão dos estudos realizados sobre o uso de *a gente* em variação com *nós*, bem como dos estudos que tratam pontualmente sobre a gramaticalização de *a gente*. Para tanto, distribuiu-se os trabalhos em cinco tópicos representativos que contemplam os aspectos associados aos procedimentos metodológicos utilizados, os projetos de pesquisa institucionais, a variação e mudança lingüística, como também a estruturação das dimensões sociais analisadas. Os tópicos propostos são: (1) O uso de *a gente* na fala culta; (2) O uso de *a gente* na fala popular; (3) O uso de *a gente* na Região Sul do Brasil; (4) O uso de *a gente* sob a perspectiva da gramaticalização; (5) O uso de *a gente* na comunidade: estudos em tempo real.

#### 3.4.1 O uso de *a gente* na fala culta

O primeiro trabalho apresentado aqui, com dados do NURC, da década de 1970 (cf. detalhamento no Anexo 2), é o de Lopes (1993). A autora analisou a variação entre *nós* e *a gente*, na posição de sujeito, utilizando-se de 18 entrevistas do tipo DID (diálogo entre informante e documentador) referente às cidades do RJ, POA e SSA. Do total de 972 dados, o uso de *a gente* representou 42% (410/972). Entre as capitais analisadas, o RJ apresenta um percentual maior para o uso de *a gente*, de 59%, acima dos 28% de POA e acima dos 37% de SSA. O percentual total de 42% deve-se às baixas frequências de uso de *a gente* encontradas em POA (28%) e SSA (37%). Deve-se destacar as limitações advindas do número reduzido de informantes por célula. Lopes (1993)

trabalhou com um recorte de dezoito informantes analisados, distribuídos da seguinte forma: seis entrevistas por cidade, com um inquérito de cada sexo pelas três faixas etárias.

Quanto aos resultados gerais referentes às variáveis sociais e lingüísticas, foram estas as tendências gerais para o uso de *a gente*: as mulheres utilizaram mais *a gente*, com 54%, bem como os falantes mais jovens, com 71%. O resultado associado aos jovens caracteriza uma clássica situação de mudança em progresso. Há, também, uma preferência maior para o uso de *a gente* com referência indeterminada. Os tempos verbais “não-marcados” (gerúndio e infinitivo) e o presente favorecem o uso de *a gente*.

Monteiro (1994) também utilizou os dados do NURC para a análise dos pronomes pessoais do PB, considerando diferenças diatópicas regionais. Especificamente em relação ao uso de *a gente*, em variação com *nós*, na função de sujeito, utilizou 60 inquéritos (45 do tipo DID e 15 do tipo EF), distribuídos a partir das seguintes dimensões sociais: cinco cidades (regiões) que compõem o NURC, com doze informantes para cada uma, três faixas etárias e gênero. Como resultado, Monteiro (1994:149) apresenta os seguintes percentuais: para o total dos dados, a preferência para *a gente* foi de 38%, inferior aos 62% para *nós*. Entretanto, nos registros do tipo DID (diálogo entre informante e documentador), o percentual atribuído ao uso total de *a gente* atingiu 46%, bem superior aos 18% para as EF (elocuições formais). Isso demonstra que o tipo de registro (estilo) é um fator que interfere nos resultados da variação entre *nós* e *a gente*. O uso de *a gente*, para cada uma das cinco cidades, ficou sempre abaixo de 50%. A região do RJ, com 46%, obteve o maior percentual de uso para a forma *a gente*, seguida por Recife, com 37%, São Paulo, com 36%, Salvador, com 35% e Porto Alegre, com 34%. No que se refere ao gênero e à faixa etária, as

mulheres, com 40%, e a F2 (36 a 55 anos), com 42%, tiveram as maiores freqüências de uso. Observa-se, com base em amostra mais representativa, o fato de as mulheres estarem liderando esse tipo de mudança.

Os resultados de Lopes (1993) e Monteiro (1994), com dados gerais do NURC, atestam que a utilização de *a gente* é inferior ao uso de *nós*. Deve-se ressaltar, contudo, que as entrevistas que compõem os *corpora* analisados por Lopes (1993) e Monteiro (1994) foram realizadas na década de 1970 e somente com informantes de nível educacional superior. Esse fato deve estar diretamente relacionado com os resultados que indicaram um percentual menor para o uso de *a gente*, em comparação ao uso de *nós*.

Lopes (1999), com a tese “A inserção de *a gente* no quadro pronominal do português: percurso histórico”, trabalha com os dados do NURC/RJ, levando em conta entrevistas realizadas em três coletas distintas: a primeira, constituída de 10 inquéritos, representa a década de 1970; a segunda, também com 10 inquéritos, trata de novas entrevistas realizadas na década de 1990 com os mesmos informantes da década de 1970; a terceira amostra consta de 8 novas entrevistas gravadas durante os anos de 1992-1996 (cf. Lopes, 1999:52-4). A análise leva em conta, também, as seguintes variáveis sociais: gênero e faixa etária.

Quanto aos resultados, na amostra geral para o PB, foram encontrados 668 casos: 376 de *a gente*, que representa 56% do total, e 292 de *nós*, representando 44%. A autora mostra que há uma progressiva substituição de *nós* por *a gente*: década de 1970 (42% / 105/252) → recontato na década de 1990 (54% / 106/197) → nova amostra da década de 1990 (75% / 165/219). Observa-se, conseqüentemente (cf. Lopes, 1999:166), um aumento no uso de *a gente*, tanto em percentuais como em pesos relativos, entre as

décadas de 1970 (42% / 0,15) e do recenso de 1990 (54% / 0,61), como também em relação aos novos falantes 20 anos depois (75% / 0,83). É importante salientar que esses pesos relativos foram obtidos em rodadas separadas, conforme especificação de Lopes (1999:163). Deve-se notar, também, que essas diferenças grandes em termos de pesos relativos podem estar relacionadas com as amostras estudadas, relativamente pequenas. No que se refere à variável faixa etária, Lopes (1999:181) salienta que “em todas as amostras apresentadas, as faixas etárias mais jovens aparecem com os maiores índices de aplicação da regra (uso de *a gente*)”.

No que diz respeito à tipologia semântica do sujeito, Lopes (1999:170-4) verificou que os percentuais e pesos relativos altos atribuídos ao emprego genérico e impessoal de *a gente* “podem sugerir que o uso de *a gente* impessoal está se firmando como mais geral, enquanto à forma *nós* caberia um uso referencial mais específico”. Para a variável saliência fônica, Lopes (1999: 175-8) constata que nos níveis de menor saliência a forma *a gente* tende a ocorrer mais. Para o tempo verbal, as frequências mais altas ocorreram com o presente e o pretérito imperfeito.

Os trabalhos apresentados nesta subseção, com dados da fala culta do PB, evidenciaram que a forma *a gente*, já na década de 70, estava ocupando um importante espaço no processo de variação com o pronome *nós*. Deve-se frisar, entretanto, que esses trabalhos utilizaram-se de amostras compostas por informantes com educação superior, que representavam, conforme Censo/IBGE da década de 1970, apenas 0,58% da população do Brasil (de 93.139.037 habitantes, somente 541.348 tinham ensino superior completo). Esse tipo de amostra pode esconder a realidade lingüística multifacetada do PB, por representar apenas a camada elitizada da sociedade brasileira, representada por falantes escolarizados e pertencentes à classe social média ou alta.

Ressalta-se ainda que, mesmo que algumas pesquisas tenham apresentado problemas quanto à representatividade da amostra trabalhada, devido ao número reduzido de informantes, deve-se levar em consideração, porém, que a maioria delas demonstrou que os jovens estavam à frente da mudança, caracterizando um fenômeno de mudança em progresso. Soma-se a isso, o fato de as mulheres utilizarem com maior frequência a forma *a gente*. Essas duas evidências, por si, já serviriam de hipótese em direção a um forte crescimento no que se refere à utilização da forma inovadora *a gente* no PB.

#### 3.4.2 O uso de *a gente* na fala popular

Nesta subseção apresenta-se o trabalho de Omena (1986), sobre “A referência variável da primeira pessoa do discurso, no plural”, com dados retirados de 64 entrevistas do *Corpus Censo* (cf. detalhamento no Anexo 2). O texto de Omena (1986) foi um dos primeiros trabalhos sobre a variação entre *nós* e *a gente* no PB, com dados da fala urbana não culta, nesse caso, referente à cidade do Rio de Janeiro. As 64 entrevistas, gravadas no início da década de 1980, foram divididas da seguinte forma: 48 da amostra de fala do acervo do Projeto Censo e 16 do Projeto Estruturas, este último composto de dados de fala de crianças com idades entre 7 a 14 anos. Da amostra destaca-se aqui duas dimensões sociais: faixa etária (de 7 a 14 anos, de 15 a 25 anos, de 26 a 49 anos e de 50 a 71 anos / ou 50 ou mais) e gênero (feminino e masculino).

É importante salientar que, tanto os percentuais totais, como os dos adultos, são sempre inferiores aos percentuais atribuídos ao uso de *a gente* pelas crianças, o que caracteriza uma situação “potencial” de mudança em progresso em direção à forma inovadora. Destaca-se ainda que, na função de sujeito, ocorre uma das menores diferenças entre percentuais dos adultos e das crianças (70% vs. 82%). Quanto à

disposição das formas na seqüência do discurso, Omena demonstra que a probabilidade de uso de *a gente* é maior quando o antecedente formal for *a gente* e a referência for igual à anterior (*a gente com ref. igual*), com percentual de 93% (0,81) para os adultos e de 94% (0,78) para as crianças. Os valores diminuem para 84% (0,65) para os adultos e para 91% (0,65) para as crianças, quando muda o referente (*a gente com ref. diferente*). Esses valores parecem indicar que, uma vez escolhida a forma, existe a tendência à manutenção dessa forma, conforme hipótese defendida por Scherre (1991:54) de que “marcas levam a marcas e zeros levam a zeros”.

Para a saliência fônica, Omena (1986:297-98) verificou que as formas com menor saliência favorecem a utilização de *a gente*. As formas de P3 e P4 pouco se diferenciam, no que se refere ao infinitivo, o que favorece o uso de *a gente*. Quanto ao tipo de referência, Omena (1986:300) observa que o uso de *a gente* está associado à referência mais geral, indeterminadora, com peso relativo de 0,70. Deve-se ressaltar, entretanto, que a probabilidade para o uso de *a gente* com referente determinado e grupo pequeno ficou no ponto neutro de 0,50, o que poderia estar indicando um avanço no uso de *a gente* em contextos em que a referência é determinada.

No que se refere à influência das variáveis sociais na variação entre *nós* e *a gente*, na função de sujeito, Omena (1996:312)<sup>46</sup> enfatiza que “muito nitidamente a idade influencia a alternância *nós / a gente*”. As faixas etárias associadas às crianças (7-14 anos) e aos jovens (15-25 anos) apresentam um percentual acima de 80% para *a gente*, o que faz pensar que o aumento do uso da forma *a gente* teve seu crescimento na década de 1960. Para a evidência dessa hipótese, a autora considerou a década de 1980, período em que foram coletados os dados.

---

<sup>46</sup> A autora apresentou a análise sobre as variáveis sociais no livro Padrões sociolinguísticos (1996:309-33), com base na amostra que foi utilizada para a realização do trabalho apresentado no Relatório Final de Pesquisa: Projeto Subsídios do Projeto Censo à Educação, v. 2, 1986.



### 3.4.3 O uso de *a gente* na Região Sul do Brasil

Três trabalhos serão apresentados, com base nas amostras do Banco de Dados VARSUL (cf. detalhamento no Anexo 2), relacionados com a variação entre *nós* e *a gente*. O primeiro é de Borba (1993:65-76), que analisa o uso variável de *nós* e *a gente* em Curitiba, levando em conta a fala de 4 informantes, 2 do sexo masculino e 2 do sexo feminino, com escolaridade secundária e subdivididos em 2 faixas etárias: FA, com menos de 50 anos e FB, com mais de 50 anos. O pronome *a gente* esteve presente em 64% do total das ocorrências (227/352). Quanto às variáveis sociais, a faixa etária abaixo dos 50 anos teve uma frequência de uso de 89%, mostrando-se um fator decisivo para o uso do pronome *a gente*. O trabalho de Borba (1993) deve ser referido com a ressalva de que o número de informantes por célula é muito baixo, o que poderia comprometer os resultados.

O segundo trabalho é de Seara (2000), que apresenta estudo sobre “a variação do sujeito *nós* e *a gente* na fala florianopolitana”, a partir da análise de 12 entrevistas gravadas e codificadas pelo Projeto VARSUL/Florianópolis. As dimensões sociais apresentadas aqui são: gênero e faixa etária (de 15 a 24 anos, de 25 a 50 anos e mais de 50 anos). O percentual de uso da forma *a gente*, como resultado geral, foi de 72%. Foram selecionados, como significativos, seis grupos de fatores, pela ordem: tempo verbal, gênero, traço semântico do sujeito, faixa etária e graus de conexão do sujeito.

Quanto ao tempo verbal, a forma *a gente* apresentou maior frequência de uso com o pretérito imperfeito, com um percentual de 82% (0,68), justamente o tempo verbal associado ao grupo de menor saliência fônica. Esse resultado foi ao encontro de uma das hipóteses de Seara (2001:183) de que haveria uma maior probabilidade de uso de *a gente* com os tempos verbais de menor saliência fônica, entre eles o associado ao

pretérito imperfeito, “por serem os de maior queda da desinência verbal -mos, fugindo dessa maneira da falta de concordância”. O segundo grupo selecionado diz respeito ao gênero. As mulheres apresentaram percentual de 80% (0,66) para o uso de *a gente*, o que reforça a tendência geral encontrada nos trabalhos já citados até aqui. Com relação ao grupo traço semântico do sujeito, terceiro grupo selecionado, o uso de *a gente* foi preferencial com sujeitos indeterminados ou [-*específico*], com percentual de 78% (0,68). Quanto à faixa etária, o maior percentual para o uso de *a gente* ocorreu na F1 (15 a 24 anos), com 76% (0,69), o que está de acordo com mudança em progresso.

Para o quinto grupo selecionado, graus de conexão do discurso, Seara (2000:187-8) observou que a forma *a gente* ocorre mais quando, entre um dado e outro, há a inserção de um sujeito diferente, com um percentual de uso de 86% (0,69). Nesse caso, para Seara, a “conexão discursiva é mais afetada, pois entra em cena um outro sujeito, representando um interferente potencial, [que] leva a uma ruptura na seqüência discursiva” (p. 187).

O terceiro e último trabalho apresentado é o de Zilles (2002), com dados do VARSUL/Porto Alegre. A autora analisou o uso de *a gente* em contraste com *nós*, considerando a posição de sujeito, a partir da fala de 33 informantes. De 1483 ocorrências para a primeira pessoa do plural, a forma *a gente* foi utilizada em 70% dos casos (1041/1483). Esse resultado para o uso de *a gente* está próximo dos 69% encontrados por Omena (1986), com amostra do Rio de Janeiro, como também dos 72% encontrados por Seara (2000), com amostra de Florianópolis. Para Zilles (2002:300-1), esses dados são evidências de que o uso de *a gente* está atuando como um redutor da morfologia verbal do PB.

Quanto aos grupos sociais faixa etária e gênero, os resultados referentes ao uso de *a gente* foram os seguintes: os falantes com menos de 50 anos obtiveram um percentual de 79% (0,65), quinze pontos superior ao dos falantes com mais de 50 anos (64% / 0,40), demonstrando que o uso de *a gente* parece ser um processo de mudança em curso. Essa hipótese, inclusive, é reforçada pelo percentual de 75% (0,56) atribuído ao uso de *a gente* pelas mulheres, superior ao percentual de 63% (0,41) dos homens.

#### 3.4.4 O uso de *a gente* sob a perspectiva da gramaticalização

Quatro trabalhos serão abordados aqui, especificamente sobre o processo de gramaticalização de *a gente*. São eles: “*A gente*: um processo de gramaticalização” (Menon, 1996), “*A gente* está se gramaticalizando?” (Omena & Braga, 1996), “A inserção de *a gente* no quadro pronominal do português: percurso histórico” (Lopes, 1999) e “Gramaticalização de *a gente* no português do Brasil” (Zilles, 2002).

No primeiro trabalho, Menon (1996) aborda o processo de gramaticalização levando em conta os princípios teóricos da gramaticalização propostos por Hopper & Traugott (1993:6-7) e por Reighard (1978:409). Menon (1996:626) apresenta duas dimensões envolvendo o processo de gramaticalização de *a gente*. A primeira está associada à transformação semântica, com a definição da forma *a gente* como pronome, a partir da seguinte cadeia de transformação:

$$LNP > LNE > LNI > \text{Pron. Indef.} > \text{Pron. Pess. 1 (P>S)}$$

$$[...gente...] \quad a \text{ gente} \quad [a \text{ gente}] \quad a \text{ gente} \quad a \text{ gente}$$

(*LNP*=locução nominal expandida, à direita e à esquerda; *LNE*=formação da locução nominal especial, com a adjunção do artigo *a*; *LNI*=momento em que a *LNE* perdeu a capacidade de ser usada no plural e se especializou.)

A segunda faz referência ao componente fonológico, uma vez que a forma pronominal *a gente* pode sofrer reduções em direção a um clítico:

a. *LN* > *N(ome)* > . b. *P(ronome)*  
 [a. 'Zẽ.tl] > [a. 'Zẽ.tl] > [a. 'hẽ. tl] > [a. 'ẽ. tl] > [a. ẽ. 'tl] > [ẽ. 'tl]

No segundo trabalho, a questão formulada por Omena & Braga (1996), se a forma “*a gente* está se gramaticalizando?”, é respondida pelas autoras com base nos cinco princípios de gramaticalização apresentados por Hopper (1991:22), que são: estratificação<sup>47</sup> (*layering*), divergência (*divergence*), especialização (*specialization*), persistência (*persistence*) e descategorização (*de-categorialization*). O uso de *a gente* é analisado por Omena & Braga (1996:78-82) em função de cada um desses princípios, como forma de evidenciar o processo de gramaticalização.

O princípio da estratificação (*layering*) estabelece que em um domínio funcional novas camadas estão continuamente emergindo, embora a substituição de uma forma por outra nunca se dê totalmente. Omena & Braga (1996:78) entendem que “o comportamento da forma *a gente* manifesta-se como um legítimo caso de *layering* no português falado”. A forma *a gente* originou-se do item lexical *gente* e passou a competir com as formas pronominais *eu* e *nós*. Contudo, mesmo que a forma nova *a gente* esteja ocorrendo mais frequentemente na fala, não ocorreu a substituição completa de uma forma por outra, havendo a possibilidade de utilização pelos falantes das duas formas.

O segundo princípio, da divergência (*divergence*), refere-se ao fato de que, quando um item lexical está no processo de gramaticalização, a forma original pode permanecer como um elemento lexical autônomo. Nesse caso, a forma *gente* permaneceu como um elemento lexical, sem ter sofrido mudanças fonológicas. No entender de Omena & Braga (1996:79), foi a forma gramaticalizada que sofreu

<sup>47</sup> Utilizou-se aqui a tradução de *layering* como “estratificação”, proposta por Castilho (1997:51).

mudanças, “que cristalizou a relação determinante-determinado”, passando a ter uma restrição maior quanto ao seu uso.

Com relação ao terceiro princípio, da especialização (*specialization*), ocorre o estreitamento de escolhas que caracteriza uma construção gramatical emergente. No caso da variação entre *a gente* vs. *nós*, a forma nova tenderia a avançar cada vez mais, mesmo nos contextos menos favoráveis. Omena & Braga (1996:80) observam que a distribuição das formas em competição, *nós* e *a gente*, através das diferentes posições sintáticas, revela os pontos mais resistentes e de maior aceitação da forma inovadora *a gente*.

O princípio da persistência (*persistence*) relaciona o significado e a função de uma forma gramatical a sua história como um morfema lexical. Ocorre, de acordo com esse quarto princípio, a conservação na forma gramaticalizada de traços semânticos da forma original. Omena & Braga (1996:80), para a explicação desse princípio, salientam que a “idéia de coletividade do substantivo *gente* contribui para a referência indeterminadora” da forma nova pronominal *a gente*.

O quinto e último princípio, da descategorização (*de-categorialization*), está relacionado ao fato de que formas sob gramaticalização tendem a perder ou neutralizar os marcadores morfológicos e as propriedades sintáticas das categorias plenas, assumindo atributos próprios às categorias secundárias. No que se refere à forma *a gente*, Omena & Braga (1996:81) constatam que essa forma gramaticalizada “apresenta uma variação sintática – *a gente vamos* – que demonstra maior integração ao sistema pronominal, pois concorda com a primeira pessoa do plural”. Omena & Braga (1996:82) ressaltam, por fim, que a mudança envolvendo o processo de gramaticalização de *gente* (substantivo) > *a gente* (pronome) “é uma mudança cujo

início não se pode precisar, já que só mais modernamente a expressão *a gente* é usada em determinados tipos de registro escrito”.

O terceiro trabalho a ser apresentado aqui, de Lopes (1999), que trata também do processo de gramaticalização envolvendo o pronome *a gente*, busca caracterizar em que momento da história do português “o substantivo *gente*, cristalizado na forma *a gente* passou a fazer parte do nosso sistema pronominal como indicador de primeira pessoa, em variação com o pronome *nós*” (p. 1). Lopes (1999), com a tese “A inserção de *a gente* no quadro pronominal do português: percurso histórico”, procura verificar quais fatores (lingüísticos e sociais) estão presentes no processo de gramaticalização do substantivo *gente*. Para tanto propõe determinadas propriedades, com base em aspectos morfológicos (marcas de pessoa, gênero e número), semântico/referenciais e sintáticos, a fim de analisar o percurso associado ao processo de gramaticalização resultante da inserção da forma *a gente* no quadro pronominal do português.

Para a melhor compreensão da mudança associada à gramaticalização de *gente* (nome) para *a gente* (pronome), Lopes (1999:36) apresenta uma matriz de traços morfo-semânticos de gênero, número e pessoa, para cada uma dessas classes. Com base nessa matriz, que leva em conta os traços formais apresentados por Rooryck (1994), a autora apresenta os resultados do percurso histórico de *gente* para *a gente*. Lopes (1999:72) salienta que “o processo de pronominalização do substantivo *gente* foi lento e gradual, uma vez que só foram encontradas ocorrências de *a gente* como pronome no século XVIII”. O emprego da forma *a gente* como *pronome* = *nós* apresenta as seguintes frequências: século XVIII (2%), século XIX (14%) e século XX (59%). Para explicar a transição envolvendo a gramaticalização de *a gente*, que teve no século XIX um estágio intermediário, Lopes (1999:84-5) enfatiza que

a passagem de *gente nominal* para *a gente pronominal* deu-se pela perda da especificação do traço formal de gênero presente no substantivo [+fem] e neutro no pronome [øfem].[...] No processo de mudança, o gênero semântico de *a gente* se torna subespecificado [αFEM], porque formas pronominais como *eu, tu/você, ele/ela* tendem a combinar-se com adjetivos no masculino e/ou no feminino, dependendo do sexo do referente.

Nesse sentido, o caráter pronominal atribuído à forma *a gente* restringe as possibilidades gramaticais próprias do substantivo *gente*, a partir da especialização atribuída ao uso da nova forma (cf. Hopper, 1991:22).

No quarto e último trabalho a ser apresentado aqui, Zilles (2002) trata de dois diferentes estágios para o processo de gramaticalização de *a gente*: o primeiro associado a recategorização de *a gente*, como pronome pessoal, e o segundo envolvendo reduções fonológicas. É com base neste segundo estágio que a gramaticalização de *a gente* é analisada por Zilles (2002:300), justamente porque nesta fase o processo “envolve redução fonológica e pode ser descrita, em termos de regra variável, como uma alteração entre *a gente* e *a’ente*, com o apagamento do segmento fricativo”. Para a análise, Zilles (2002) utilizou dados de 32 informantes do Projeto VARSUL/Porto Alegre, estratificados por gênero (masculino vs. feminino), idade (abaixo de 50 anos vs. acima de 50 anos) e nível educacional (primário, ginásial, 2º grau, 3º grau).

Como variáveis lingüísticas foram considerados os seguintes fatores: função sintática (sujeito, objeto e objeto preposicionado), posição do sujeito em relação ao verbo (adjacente, não-adjacente, com clítico e não-adjacente com outras palavras), tipo de referência (genérica, específica [grupo]), específica (1ª p.s.), tipo de discurso (não-reportado, reportado direto, reportado indireto), tipo de fala (rápida, lenta ou fala natural) e classe social (classe trabalhadora baixa, classe trabalhadora alta, classe média-baixa e classe média-alta). Zilles (2002:305) lista as realizações de *a gente* agrupando-as em duas variantes:

variante 1 = *a gente* – com a fricativa ou aspirada em todas as realizações

*a gente*                      *gente*    *agen*    *gen*                      *a hente*

variante 2 = *a 'ente* – sem a fricativa em todas as realizações

*a 'ente*                      *'ente*                      *'en*                      *'te*

Os resultados demonstraram que, das 1289 ocorrências da forma *a gente*, 198 (15%) foram de *a 'ente*, com o apagamento da fricativa, 1090 (85%) foram de *a gente*, com a presença da fricativa, e somente 1 ocorrência de *a hente*, com o segmento fricativo aspirado. Das 198 ocorrências de *a 'ente*, 190 foram na posição de sujeito, com um percentual 17% (190/1117) e peso relativo de 0,54. O uso de *a 'ente* com referência específica associada a 1ª p.s. obteve percentual de 35% (11/31) e peso relativo bastante alto de 0,74. Zilles (2002:307) salienta que esses resultados referentes ao tipo de referência mostram um estágio novo no processo de gramaticalização. Quanto às variáveis sociais, Zilles (2002) entende que os resultados são um tanto intrigantes, uma vez que os homens (0,66) e a classe média-alta (0,66) favorecem o uso da forma reduzida *a 'ente*. Ao cruzar as variáveis gênero e classe social, Zilles (2002:308) verificou que os homens, independente da classe social, favorecem mais o uso de *a 'ente* em comparação com as mulheres.

Considerando-se que Zilles (2002:303), com a mesma amostra, constatou que o uso do pronome *a gente* é favorecido pelas mulheres (0,56), favorecimento esse também encontrados nos trabalhos de Omena (1986) e Seara (2000), o fato dos homens estarem à frente no uso da forma reduzida *a 'ente* demonstra que os papéis desempenhados pelos diferentes grupos na comunidade podem estar associados variavelmente às mudanças envolvidas nos processos de gramaticalização. Veja-se, por exemplo, os valores mais significativos em relação ao uso da forma reduzida *a 'ente*: os homens, com 26% (111/430) e peso relativo de 0,66, apresentaram um percentual de uso bem superior ao das mulheres, com 10% (87/859) e peso relativo de 0,42. É interessante salientar que,



para o uso de *a gente*, as mulheres atingiram um percentual de 75% (0,56) superior aos homens de 63% (0,41).

Esses resultados contribuem para a hipótese em torno da existência de duas regras variáveis (e portanto dois processos de mudança) concomitantes, associadas à gramaticalização de *a gente*: uma, relacionada ao uso de *a gente* em variação com *nós*, com as mulheres conduzindo a mudança; outra, referente a um estágio “mais adiantado” do processo de gramaticalização, com a variação entre a forma *a gente* e as variantes reduzidas (*a ‘ente* ~ *‘ente*), conduzida pelos homens.

No tocante à variável nível educacional, o universitário foi o que mais favoreceu o uso de *a ‘ente*, com percentual de 25% (79/321) e peso relativo de 0,64. A esse resultado soma-se também o maior favorecimento para *a ‘ente* encontrado no grupo associado à classe média-alta, com 26% (109/414) e peso relativo de 0,66. O cruzamento entre as variáveis gênero e classe social mostra que os homens, principalmente da classe média-alta, favorecem mais o uso de *a ‘ente*, mas o mesmo ocorre também com relação aos homens com as outras classes sociais. Zilles (2002:309) argumenta que, para esses resultados, ainda não tem uma explicação mais conclusiva, embora entenda que o uso preferencial de *a ‘ente* pelos homens pode ser uma forma de os mesmos evidenciarem e marcarem a diferença entre os dois gêneros. A autora destaca ainda que essas evidências, contudo, necessitam de mais investigação, com uma amostra mais ampla, para que os resultados possam ser mais determinantes.

### 3.4.5 O uso de *a gente* na comunidade: estudos em tempo real

Nesta subseção, serão apresentados os resultados de três trabalhos: Lopes (1999), Zilles (2002a/2003)<sup>48</sup> e Omena (2003), que analisaram o uso de *a gente*, levando em conta o tempo real de curta duração (cf. Labov, 1994). A metodologia aplicada está associada ao ‘estudo de tendência’ (*trend study*), que consiste na constituição de uma segunda e nova amostra representativa para que se possa proceder a comparação entre duas amostras com indivíduos diferentes em períodos de tempo diferentes.

Lopes (1999) utiliza-se desse método para analisar a fala de 18 informantes do Rio de Janeiro (NURC/RJ), assim distribuídos: 10 informantes entrevistados na década de 1970 (5 do sexo feminino e 5 do sexo masculino) e outros 08 novos informantes entrevistados na década de 1990. Os informantes dos dois *corpora* estão distribuídos em três faixas etárias: de 25 a 35 anos, de 36 a 55 anos e de 56 anos em diante. Os resultados para o uso de *a gente*, para as duas amostras, em dois períodos de tempo diferentes, estão na Tabela 2 abaixo:

TABELA 2 – Uso de *a gente* em duas amostras do Rio de Janeiro: década de 1970 vs. nova amostra década de 1990 (cf. Lopes, 1999:166)

<b>Amostras (NURC/RJ)</b>	<b>N/Total</b>	<b>%</b>	<b>PR</b>
Década de 1970	105/252	42	0,15
Nova amostra década 1990	165/219	75	0,83

Observa-se, pela Tabela 2, que os valores da nova amostra da década de 1990 para *a gente* são mais altos do que os da década de 1970. Mesmo que as amostras comparadas por Lopes (1999) representem um número reduzido de informantes por célula, o que poderia causar algum viés amostral ou alguma idiosincrasia associada a características próprias a determinado informante, os resultados da nova amostra mostram uma aceleração da substituição de *nós* por *a gente* nos últimos vinte anos,

<sup>48</sup> Os dois trabalhos são tratados aqui como textos complementares, motivo pelo qual não serão apresentados separadamente.

evidenciando um aumento, tanto em percentuais (de 42% para 75%), como em peso relativo (de 0,15 para 0,83). Os valores demonstram que a forma inovadora está, cada vez mais, ocupando espaço, mantendo a direção da mudança. Esse fato fica manifesto, ao observar-se a atuação da faixa etária no uso de *a gente* para os dois períodos. Os resultados da Tabela 3, abaixo, demonstram o crescimento do peso relativo para a faixa etária 1 (de 25 a 35 anos), para a década de 1990, o que ratifica a situação de mudança em curso. Em contrapartida, há o decréscimo nos pesos relativos das faixas etárias F2 (36 a 55 anos) e F3 (acima de 55 anos).

TABELA 3 – Atuação da faixa etária no uso de *a gente* para os dois períodos: década de 1970 vs. nova amostra década de 1990 – pesos relativos (cf. Figura 5.14 – Lopes, 1999:183)

<b>Amostras (NURC/RJ)</b>	<b>F1 – 25 a 35 anos</b>	<b>F2 – 36 a 55 anos</b>	<b>F3 – acima de 55 anos</b>
Década de 1970	0,81	0,41	0,26
Nova amostra década 1990	0,92	0,29	0,19

Quanto à tipologia semântica do sujeito, os resultados de Lopes (1999:174), para o uso de *a gente* com referência específica, indicam um aumento em peso relativo e percentual, comparando-se os resultados da década de 1970 (24% / 0,22) com os resultados da nova amostra de 1990 (59% / 0,23). Essa mudança, por conseguinte, indica que a forma *a gente* está, em maior ou menor escala, gramaticalizando-se em direção ao uso mais específico.

Zilles (2002a/2003), por sua vez, realiza estudo na comunidade de Porto Alegre, valendo-se de dados do NURC/POA, da década de 1970, e de dados do Varsul/POA, da década de 1990. As duas amostras constam de 36 informantes (18 homens e 18 mulheres): 20 foram gravados na década de 1970 e 16 na década de 1990. Os informantes estão distribuídos em duas faixas etárias (de 25 a 44 anos e de 45 a 69 anos), todos com nível educacional médio ou universitário. A Tabela 4, abaixo, traz os resultados para as duas amostras:

TABELA 4 – Uso de *a gente* em duas amostras de Porto Alegre: década de 1970 vs. década de 1990 (cf. Zilles, 2002a:/)

<b>Amostras</b>	<b>N/Total</b>	<b>%</b>	<b>P</b>
Década de 1970 (NURC)	403/721	56	0,31
Década de 1990 (Varsul)	588/812	72	0,67

Os resultados de Zilles (2002a/2003) mostram um aumento bem mais significativo dos valores, passados vinte anos, tanto em percentuais (56% → 72%), como em pesos relativos (0,31 → 0,67). Verifica-se, assim, que os falantes aceleraram o uso da forma *a gente* nesses vinte anos indicando, para Porto Alegre, uma mudança em progresso. Quanto ao tipo de referência semântica do sujeito, Zilles (2003:/) constatou, entre os dois períodos, um aumento de 18% para o uso de *a gente* com referência específica, o que indica que a forma também passou a adquirir novos significados como pronome pessoal. A Tabela 5, abaixo, traz os valores de *input* para *a gente*, referentes as duas décadas analisadas:

TABELA 5 – Valores do *input* do uso de *a gente*, conforme tipo de referência, para as duas amostras de Porto Alegre: década de 1970 vs. década de 1990 (cf. Tabela 6, de Zilles, 2003:/)

<b>Amostras</b>	<b>Genérico</b>	<b>Específico</b>	<b>Diferença</b>
Década de 1970 (NURC)	0,59	0,30	0,29
Década de 1990 (Varsul)	0,78	0,62	0,16
<b>Diferença</b>	0,19	0,32	

Os resultados de Zilles (2003) demonstram que a diferença de *input* diminuiu consideravelmente na década de 1990 (0,16), para os usos genérico e específico, em relação à década de 1970 (0,29). Indicam também que o *input* para o uso específico de *a gente* dobrou de 0,30, na década de 1970, para 0,62, na década de 1990. Esses resultados confirmam, portanto, que a forma *a gente* está, cada vez mais, sendo empregada como referência específica, gramaticalizando-se como um pronome pessoal pleno.

Omena (2003), por fim, apresenta a comparação do desempenho de 32 falantes das amostras da década de 1980 e da década de 2000, para o Rio de Janeiro. A porcentagem geral para o uso de *a gente* na década de 1980 foi de 78% e na década de 2000 foi de 79%. Para a faixa etária, os resultados para as duas amostras indicam que, com o passar do tempo, os informantes “vão adquirindo a forma mais antiga e mais prestigiada na escrita padrão ou utilizando-a mais frequentemente” (cf. Omena, 2003:66). Observa-se, pela Tabela 6 abaixo, uma mudança nos valores, tanto em percentuais como em pesos relativos, para os dois períodos analisados.

TABELA 6 – Uso de *a gente* vs. *nós*, por faixa etária, para duas amostras do Rio de Janeiro: década de 1980 vs. década de 2000 (cf. Tabela 2, de Omena, 2003:66)

Idade	Amostra década 1980		Amostra década de 2000	
	Frequência (%)	PR	Frequência (%)	PR
7 a 14 anos	89	0,79	94	0,84
15 a 25 anos	87	0,70	93	0,84
26 a 49 anos	73	0,34	83	0,43
Mais de 50 anos	58	0,20	65	0,22

É importante verificar que, passados vinte anos, os falantes da faixa etária de 26 a 49 anos, da década de 2000, são os falantes que representavam as gerações pertencentes as faixas etárias de 7 a 14 anos e de 15 a 25 anos. Esses indivíduos não conservaram e nem aumentaram a sua taxa de aplicação de *a gente*, como seria o esperado. Antes, adaptaram-se às taxas de aplicação do grupo etário a que passam a pertencer. Deve haver condicionantes sociais que atuam para que a mudança não avance em taxas constantes no decorrer do tempo.

Para a referência semântica do sujeito, os resultados de Omena (2003:68) revelam um aumento considerável no uso de *a gente* “determinado”. Para a década de 1980, a autora encontrou um percentual de 67% e peso relativo de 0,44. Vinte anos depois, na década de 2000, o percentual passou para 80% e o peso relativo para 0,61.

Deve-se ressaltar que os ‘estudos de tendências’ associados à forma *a gente* ainda são muito preliminares. Entretanto, os três estudos apresentados nesta subseção indicam que as gerações das comunidades do Rio de Janeiro e de Porto Alegre, num período de tempo real de curta duração, de vinte anos, aumentaram a taxa de utilização da forma *a gente*. Além disso, passaram a utilizá-la, em maior escala, como referente específico, o que demonstra a existência de um processo de mudança semântica em progresso.

## 4 A METODOLOGIA E A ESTRUTURAÇÃO DAS VARIÁVEIS

Os procedimentos apresentados nesta seção estão associados à metodologia presente nos seguintes Bancos de dados<sup>49</sup>: BDS Pampa (cidade de Jaguarão) e VarX (cidade de Pelotas). Desses projetos foram selecionadas as duas cidades gaúchas que constituem a base do *corpus* desta tese, a partir da utilização de dados da fala de 60 informantes assim distribuídos: 24 informantes de Jaguarão (cf. Anexo 3) e 36 informantes de Pelotas (cf. Anexo 4).

Os dois *corpora* possibilitaram a análise da manifestação lingüística de falantes urbanos, levando-se em conta as seguintes distribuições sociais: gênero (masculino e feminino), faixa etária (de 16 a 25 anos, de 26 a 49 anos e de 50 anos ou mais); classe social (baixa, média-baixa e média-alta); cidades (Jaguarão e Pelotas). Os procedimentos estão estruturados da seguinte forma: (1) a metodologia dos bancos de dados sociolingüísticos que serviram de base para este trabalho; (2) as etapas operacionais associadas à coleta dos dados; (3) as características histórico-sócio-culturais das duas cidades; (4) a caracterização e os dados referentes aos *corpora* utilizados; (5) os procedimentos para a análise.

O conjunto das variáveis (dependente e independentes) proposto para este trabalho também faz parte desta seção. Juntamente com a estruturação das variáveis são formuladas algumas hipóteses relacionadas aos grupos de fatores associados à utilização da forma *a gente*.

### 4.1 Os bancos de dados utilizados

Os dois bancos de dados que serviram para a análise das entrevistas dos 60

---

<sup>49</sup> O proponente deste trabalho participou da elaboração do *BDS Pampa* e do *VarX* e é integrante da equipe coordenadora dos dois projetos.

informantes selecionados para este trabalho utilizam, como pressuposto teórico-metodológico, a teoria sociolingüística variacionista laboviana.

**BDS Pampa – Banco de Dados Sociolingüístico da Fronteira e Campanha Sul-Rio-Grandense.** O BDS Pampa é um projeto conjunto da Universidade Federal de Pelotas (UFPel) e da Universidade Católica de Pelotas (UCPel) que está sendo formado com gravações de fala de 600 informantes, coletadas em 21 municípios da faixa de fronteira e campanha gaúcha. As gravações seguem os critérios estabelecidos por William Labov. A formação do *corpus* é composta de três variáveis extralingüísticas gerais: faixa etária, gênero e escolaridade. O BDS Pampa abrange o conjunto de variedades dialetais do português sul-rio-grandense faladas na região da fronteira e da campanha - definida como uma faixa de território brasileiro de aproximadamente 200 Km de largura acompanhando, no sentido longitudinal, o contorno da linha demarcatória de limites do Brasil com o Uruguai e com a Argentina. A esse conjunto de variedades denominamos, genericamente, português da fronteira e da campanha. As 24 entrevistas referentes à cidade de Jaguarão fazem parte do BDS Pampa.

**VarX – Banco de Dados por Classe Social.** O VarX é composto por 90 entrevistas, realizadas em três zonas residenciais de Pelotas: zona central, zona periférica e zona de arrabalde. Além da zona de residência dos informantes o VarX controla também os indicadores de idade, renda, profissão, escolaridade e posição social. O VarX é um projeto da Universidade Federal de Pelotas (UFPel) coordenado pelo Professor Luís Amaral<sup>50</sup>, com a participação do proponente deste trabalho. As 36 entrevistas que compõem os dados de Pelotas fazem parte do VarX.

---

<sup>50</sup> Amaral (2003), com a tese de doutorado *A concordância verbal de segunda pessoa do singular em Pelotas e suas implicações lingüísticas e sociais*, apresenta detalhadamente os aspectos acerca da estruturação e da metodologia do VarX.



#### 4.2 As etapas operacionais associadas à coleta dos dados

Os dados coletados pelos dois projetos seguem as seguintes etapas operacionais:

- (a) entrevista constituindo os depoimentos de cada informante (obtenção dos dados sociolingüísticos e dos lingüísticos *in natura*) gravados em fita magnética tipo cassete<sup>51</sup>;
- (b) catalogação de ficha sociolingüística;
- (c) transcrição ortográfica dos dados lingüísticos;
- (d) informatização e conferência dos dados lingüísticos.

Para as duas cidades foram controladas as variáveis ‘gênero’, ‘faixa etária’, ‘escolaridade’, ‘renda’, ‘local de moradia’ e ‘profissão dos informantes’. Para Jaguarão (BDS Pampa), por ser zona limítrofe com o Uruguai, foi acrescentada a variável relativa ao grau de contato com o espanhol. Uma ficha especial foi projetada para registrar as informações sociolingüísticas de cada informante, além de seus dados cadastrais (cf. Anexo 5). O questionário sociolingüístico de Pelotas contém 36 perguntas sobre ‘dados pessoais’, ‘profissão’, ‘escolaridade’, ‘situação socioeconômica’, ‘orientação’, ‘atitudes’ e ‘papel social’, com o objetivo de conhecer melhor a realidade social de cada um dos informantes (cf. Anexo 6).

#### 4.3 As características histórico-sócio-culturais das duas cidades

**Jaguarão:** Um acampamento militar, às margens do rio Jaguarão, comandado pelo português Manuel Marques de Souza, no ano de 1802, quando Espanha e Portugal disputavam os limites fronteiriços, ficou conhecido como Guarda da Lagoa do Cerrito. Em menos de 10 anos, a localidade era elevada à "Freguesia" com o nome de "Divino

---

<sup>51</sup> Nos projetos BDS Pampa e VarX os dados lingüísticos *in natura*, constituindo os depoimentos de cada informante, após serem gravados em fita magnética tipo cassete, passam por revisão para, num segundo momento, serem gravados em CD Rom. A duração média de cada entrevista varia entre 40 e 60 minutos.

Espírito Santo do Cerrito de Jaguarão"; foi elevada à Vila em 06 de julho de 1832 e à cidade em 23 de novembro de 1855.

A cidade de Jaguarão está situada no extremo sul do Estado, distante 380 km de Porto Alegre e 140 km de Pelotas. Faz limite e divisa com o Uruguai e é ligada à cidade uruguaia de Rio Branco pela ponte Internacional Mauá, construída pelos dois países em 1930. A população é formada basicamente por descendentes de açorianos sendo uma das localidades mais antigas do Estado. Tem sua economia baseada na pecuária e agricultura, com predominância da cultura de arroz. Possui também um comércio diversificado.

Jaguarão, conforme o Censo/IBGE 2000, contava com uma população urbana de 27.186 habitantes, o que representava 90% dos habitantes do município. Segundo os resultados oficiais da Fundação de Economia e Estatística do Estado do Rio Grande do Sul (FEE), do ano de 2000, Jaguarão apresentava os seguintes índices sociais associados à escolaridade: 87,28% da população era alfabetizada e 98,85 possuíam algum nível de escolarização.

**Pelotas:** A primeira referência histórica do surgimento do município data de junho de 1758, através da doação que Gomes Freire de Andrade, Conde de Bobadela, fez ao Coronel Thomaz Luiz Osório, das terras que ficavam às margens da Lagoa dos Patos. Fugindo da invasão espanhola, em 1763, muitos dos habitantes da Vila de Rio Grande buscaram refúgio nas terras pertencentes a Thomaz Luiz Osório. A eles vieram juntar-se os retirantes da Colônia do Sacramento, entregue pelos portugueses aos espanhóis em 1777, cumprindo o tratado de Santo Ildefonso assinado entre os dois países.

Em 1780, o português José Pinto Martins, que abandonara o Ceará em consequência da seca, funda às margens do Arroio Pelotas a primeira Charqueada. A prosperidade do estabelecimento, favorecida pela localização, estimulou a criação de outras charqueadas e o crescimento da região, dando origem à povoação que demarcaria o início da Cidade de Pelotas.

A Freguesia de São Francisco de Paula, fundada em 07 de Julho de 1812, por iniciativa do padre Pedro Pereira de Mesquita, foi elevada à categoria de Vila em 07 de abril de 1832. Três anos depois, o Presidente da Província, Antônio Rodrigues Fernandes Braga, outorgou à Vila os foros de cidade, com o nome de Pelotas, sugestão dada pelo Deputado Francisco Xavier Pereira. O nome originou-se das embarcações de varas de corticeira forradas de couro, usadas pelos indígenas (os Tapes) na travessia dos rios na época das charqueadas. A grande expansão das charqueadas fez com que Pelotas fosse considerada a verdadeira capital econômica da província, vindo a se envolver em todas as grandes causas cívicas. Pelotas tem a segunda maior concentração de curtumes do Estado e uma das maiores capacidades curtidoras de couro e peles do Brasil.

O município também tem tradição na cultura do pêssego e aspargo. Dispõe de um comércio ágil e diversificado com serviços especializados e empresas de pequeno, médio e grande porte. A cidade apresenta uma localização privilegiada por ser centro geográfico do Mercosul e estar próxima de seus mercados. Apresenta também duas escolas profissionalizantes federais – Centro Federal de Educação Tecnológica de Pelotas (CEFET) e Colégio Agrícola Visconde da Graça (CAVG) – e duas universidades – Universidade Federal de Pelotas (UFPel) e Universidade Católica de Pelotas (UCPel) –, o que faz com que diferentes pessoas, de diferentes localidades e culturas, estejam presentes junto à comunidade pelotense. Possui também uma

comunidade com características étnica, cultural, religiosa e econômica variada, tornando-se um lugar propício às investigações sociolingüísticas. O município teve uma grande influência de seus colonizadores, portugueses por excelência, como também de franceses, alemães e italianos.

Conforme o Censo/IBGE 2000, Pelotas contava com uma população urbana de 300.952 habitantes, representando 93% dos habitantes do município. Segundo a Fundação de Economia e Estatística do Estado do Rio Grande do Sul (FEE), os dados de Pelotas do ano de 2000 associados à escolaridade eram: 91,03% da população alfabetizada e 96,46 possuíam algum nível de escolarização. A Tabela 7, abaixo, resume os indicadores sociais referentes à população e à escolaridade das duas cidades:

TABELA 7 – Indicadores sociais referentes ao número de habitantes urbanos e escolarização dos municípios de Jaguarão e Pelotas, conforme censo/2000/IBGE e FEE

<b>Cidade</b>	<b>População urbana</b>	<b>Alfabetizados %</b>	<b>Escolarizados %</b>
<i>Jaguarão</i>	27.186	87,28	98,85
<i>Pelotas</i>	300.952	91,03	96,46

#### 4.4 A caracterização e os dados referentes aos *corpora* utilizados

A divisão entre os grupos sociais *gênero*, *faixa etária* e *classe social*, para Jaguarão e Pelotas, está presente na Tabela 8 a seguir.

TABELA 8 – Distribuição dos informantes de Jaguarão e Pelotas pelas dimensões sociais *gênero*, *faixa etária* e *classe social*

<b>Dimensão</b>	<b>Fator 1</b>	<b>Fator 2</b>	<b>Fator 3</b>	<b>Total</b>
<b>Gênero</b>	<b>Feminino</b>	<b>masculino</b>		
<i>Jaguarão</i>	12	12		24
<i>Pelotas</i>	18	18		36
<b>1 Faixa etária</b>	<b>de 16 a 25 anos</b>	<b>de 26 a 49 anos</b>	<b>50 anos ou +</b>	
<i>Jaguarão</i>	08	08	08	24
<i>Pelotas</i>	12	12	12	36
<b>Classe social</b>	<b>Baixa</b>	<b>média-baixa</b>	<b>média-alta</b>	
<i>Jaguarão</i>	07	10	07	24
<i>Pelotas</i>	12	12	12	36

Os sessenta informantes das duas comunidades estão distribuídos da seguinte forma: 30 do gênero feminino e 30 do masculino; 19 da classe social baixa, 22 da classe social média-baixa e 19 da classe social média-alta; 20 da faixa etária entre 16 e 25 anos, 20 da faixa entre 26 e 49 anos e 20 da faixa etária com 50 anos ou mais. Os dois *corpora* possibilitam que se faça, no decorrer da análise, a divisão da variável faixa etária em seis faixas: de 16 a 20 anos; de 21 a 25 anos; de 26 a 37 anos; de 38 a 49 anos; de 50 a 64 anos; de 65 anos ou mais.

Para o estabelecimento da variável *classe social* em Jaguarão considerou-se a proposta apresentada por Amaral (2003), conforme metodologia do projeto VarX. Foram valorizados os seguintes aspectos sociais, associados aos informantes, para a caracterização das três classes sociais propostas: a) nível educacional: fundamental, médio ou superior; b) profissão: manual (cozinheira, servente, pedreiro, etc.), técnica (auxiliar de enfermagem, mestre de obras, eletrotécnico, etc.) e intelectual (médico, engenheiro, professor, etc.); c) renda: até dois salários mínimos, de dois a cinco salários mínimos, acima de dez salários mínimos; d) local moradia: arrabalde, periferia e centro.

Levando-se em conta esses aspectos sociais, criou-se uma “escala numérica” para o estabelecimento da variável *classe social* em Jaguarão (cf. Anexo 7), uma vez que o BDS Pampa contempla, principalmente, a dimensão educacional. As dimensões econômica e profissional foram especificadas a partir das informações constantes no “questionário prévio” aplicado a cada um dos vinte e quatro informantes.

A variável *classe social* em Pelotas está contemplada na própria distribuição dos informantes que compõem o VarX, a partir das dimensões sociais econômica, profissional e educacional.

#### 4.5 Os procedimentos para a análise

Os dados lingüísticos foram analisados com amparo na teoria da variação lingüística quantitativa laboviana, com a utilização de programas computacionais de análise estatística. O pacote de programas computacionais Varbrul e o SPSS foram utilizados para possibilitar análises estatísticas mais complexas. O Varbrul, conforme Guy (1998:45), “é uma ferramenta poderosa e extremamente útil para a análise da variação lingüística”. Submeteu-se os dados ao programa Varbwin (Varbrul através do Windows), proposto por Amaral (2001), através da criação de formulário *Microsoft Access*, que possibilitou a introdução dos dados no programa via formulário, com verificação instantânea de erros de codificação. O *Access* produziu um arquivo de dados corrigido, bastando apenas criar-se o arquivo de condições. O programa *make3000.exe* organizou as células para a análise estatística no *Varb2000.exe*.

#### 4.6 A estruturação das variáveis

Juntamente com a descrição das variáveis dependente e independentes, propostas neste trabalho, serão formuladas algumas hipóteses relacionadas aos grupos de fatores associados à utilização dos pronomes *nós* e *a gente*, dando-se ênfase para este último. Para tanto, atentou-se para a constituição do *corpus*, a observação empírica do pesquisador e os resultados apresentados pela literatura que trata do uso de *a gente* no PB. As variáveis apresentadas aqui são resultado de um processo prévio de enxugamento de fatores (e variáveis), inicialmente previsto nas discussões iniciais acerca do tema desta tese, levando-se em conta as próprias evidências decorrentes dos dados advindos do BDS Pampa e do VarX.

#### 4.6.1 A variável dependente

Propõem-se as seguintes possibilidades de aplicação pronominal da 1ª pessoa do plural no PB, considerando-se o processo de gramaticalização em torno da utilização de *a gente*:

- 0 – *nós*
- 1 – *a gente*
- 3 –  $\emptyset$ (para *nós*)
- 4 –  $\emptyset$ (para *a gente*)

Possibilidades de realizações da variável dependente *a gente*:

- 5 – *a 'ente*
- A – *'ente*

Os exemplos a seguir registram as ocorrências das variantes referidas:

- 0 – *nós*
- (27) ...eu tinha quinze anos... ***nós namoramos*** até os vinte. Eu fui noiva, namoramos cinco anos, fui noiva três anos; ***nós namoramos*** dois, aí ***nós resolvemos*** ficá noivos e ficamos noivos três anos... (J 20)
- 1 – *a gente*
- (28) ...tem hospital, <ã> às vezes é ruim, porque ***a gente vai*** pra lá e fica sentada, acho que meia hora, enquanto que os médico ficam tomando café. Aí ***a gente tem*** que espera, porque se ***a gente tá*** com dor ***a gente vai*** ter que esperá ali mesmo... (J 19)
- 3 –  $\emptyset$ (para *nós*)
- (29) ...eu fico pensando hoje nisso e fico me dizendo... fico pensando comigo e digo: “mas que barbaridade, *nós éramos* uns pobres diabo e ( $\emptyset$ ) ***trabalhávamos*** de graça”. Veja, ( $\emptyset$ ) ***trabalhamos*** todo esse tempo de graça. Não, então... ( $\emptyset$ ) ***tivemos*** essa escola de alfabetização lá, ( $\emptyset$ ) ***trabalhemos*** uns quantos anos mais de dez anos trabalhamos com essa escola noturna de alfabetização... (J 18)
- 4 –  $\emptyset$ (para *a gente*)
- (30) ...as minhas amigas brigam, porque *a gente* saía às vezes ( $\emptyset$ ) ***ia*** pra um barzinho. Uma coisa e eu queria falá com ela e ficava... mas mãe, tu não sabe?... (J 20)
- 7 – *a 'ente*
- (31) ***a'ente*** tava morando no Laranjal. (P 30)
- A – *'ente*
- (32) ...***'ente*** brincava de esconder. (P 44)

#### 4.6.2 As variáveis lingüísticas

Para melhor verificar a presença das variáveis lingüísticas, achou-se por bem estabelecer uma composição distribucional que represente, da forma mais produtiva possível, a relação entre o componente estatístico e os dados lingüísticos selecionados para a análise. Para que esse objetivo seja realizado, a proposta desenvolvida por Amaral (2003:97) para a análise de fenômenos lingüísticos variáveis será considerada no desenvolvimento deste trabalho, por argumentar em favor de uma inter-relação hierárquica entre as variáveis, com o propósito de melhor explicar determinado fenômeno lingüístico, levando-se em conta um mínimo de regras geradas por um mínimo de fatores<sup>52</sup>, com explica o autor:

Neste trabalho optei por organizar as variáveis lingüísticas em conjuntos com relações gramaticais intrínsecas. Esses conjuntos deveriam conter base lingüística (lógica e teórica) que permitissem possíveis amalgamações e cruzamentos. [...] Para a distribuição dos grupos de fatores nos conjuntos, segui dois critérios: (1) que as variáveis do conjunto pudessem ser hierarquizadas e (2) que fosse garantida alguma unidade tipológica entre as variáveis. (p. 97)

A partir desse critério, as variáveis lingüísticas foram dispostas em três conjuntos:

(1) associado ao estilo/discurso; (2) associado à sintaxe; (3) associado à morfofonologia.

##### 4.6.2.1 As variáveis lingüísticas associadas ao estilo/discurso

Neste conjunto estão as variáveis *referência semântica do sujeito*, *discurso reportado* e *plano discursivo*.

###### 4.6.2.1.1 A variável *referência semântica do sujeito*

A variável *referência semântica do sujeito* merece atenção especial, já que uma das etapas da gramaticalização aqui analisada diz respeito ao processo de pessoalização

---

<sup>52</sup> Conforme princípio geral da *Navalha de Occam* apresentado por Guy (1998:39).



de *a gente* (cf. subseção 3.2). Durante o estágio de gramaticalização, a forma *a gente* passou de *gente* (nome) → *a gente* (pronome indefinido) → *a gente* (pronome pessoal). Omena (1986:299-301) mostra que “a influência significativa para a escolha de ‘a gente’ é a indeterminação do sujeito”, com 0,70 de probabilidade. Os trabalhos de Monteiro (1994) e Lopes (1993, 1999) revelam que a forma *a gente* é mais utilizada quando o referente é genérico, indeterminado, ao passo que a forma *nós* é mais freqüente com referentes determinados. Todavia, devido à crescente utilização de *a gente* como pronome pessoal “pleno”, entende-se que essa forma pode estar assumindo, cada vez mais, o caráter referencial/específico. É o que se observou, por exemplo, na análise aqui desenvolvida sobre o uso de *a gente*, em tempo real, com base nas onze peças de teatro associadas a um período que se estende da década de 1890 até a década de 1990 (cf. subseção 3.3).

A hipótese “C” proposta neste trabalho é de que o uso de *a gente*, enquanto pronome pessoal, está cada vez mais associado a referentes determinados, justamente pelo fato de estar pessoalizando-se no PB. Esse aspecto, entretanto, não descaracteriza o fato de a forma *a gente* ser ‘muito’ utilizada quando associada a um referente genérico, o que poderia ser justificado pela expansão do significado generalizante do substantivo *gente* – cf. Princípio da Persistência de Hopper (1991:28-30). No entanto, os trabalhos em tempo real de Zilles (2002a, 2003) e Omena (2003) demonstram um aumento expressivo quanto ao uso de *a gente* específico para um percurso de tempo de vinte anos.

Para controlar esta variável, estipulou-se os seguintes fatores que poderão, no decorrer da análise, ser amalgamados e inter cruzados com outras variáveis:

- 1 – referência específica ao próprio falante (= *eu*)
- 2 – referência específica inclusiva (*eu + pessoa*)
- 5 – referência específica inclusiva (*eu + pessoa + não-pessoa*)

- 3 – referência específica exclusiva (*eu + não-pessoa*)
- 4 – referência genérica (*eu + todo/qualquer indivíduo*)
- 8 – referência ambígua ou duvidosa

Os exemplos seguintes caracterizam as possibilidades de ocorrências associadas à variável *referência semântica do sujeito*:

- 1 – referência específica ao próprio falante (= *eu*)

(33) ... fiquei muito tempo pra baixo quando o meu marido morreu. Passei quatorze anos sem sair; hoje sim, hoje saio a tudo, vou a tudo, porque **a gente já tem** um pouco de idade já, não é? já sabe que tá no fim também, né? (J 24)

No exemplo 33 a informante vem falando de si (*eu*) e utiliza *a gente* para seguir falando de si, como uma forma de ser menos assertiva.

- 2 – referência específica inclusiva (*eu + pessoa*)

(34) **E:** esse lugar aí que tu disse, eu não sou de sair muito.  
**I:** ué, mas se tu quiser **a gente pode**, pode sair. É, não sei, sei que **a gente pode** dar uma saída assim, né? Eu conheço uns colega lá, aí a gente... mas tu não vai sair sozinha, tchê, quando arruma as gurria também, se for o caso, né? tu não ficar sozinha se quiser sair com a gente também. (J 2)

Observa-se, no diálogo (34), que o informante refere-se exclusivamente a ele e à entrevistadora (ouvinte), o que demonstra que a ouvinte está incluída na referência.

- 5 – referência específica inclusiva (*eu + pessoa + não-pessoa*)<sup>53</sup>

- 3 – referência específica exclusiva (*eu + não-pessoa*)

(35) ... ele uma época ele teve que...teve que saí da casa dele, que ele morava, porque quando o pai dele faleceu, negócio de inventário, vão separá e aí ele tem um filho. Aí ele saiu da casa, ele veio morá aqui. **A gente tava** namorando, **a gente veio** morá aqui; tinha o quarto dele lá no fundo, tudo direitinho...ele morava aqui ... (J 19)

- 4 – referência genérica (*eu + todo/qualquer indivíduo*)

(36) ... porque às vez no jornal **a gente vai lê**, nem tem nada pra lê, sobre nada, porque assim não... não tem, não acontece quase nada aqui em Jaguarão, mas olha eu prefiro a minha cidade assim porque...ah, assim é muito bom, **a gente pode saí** na rua, não ter preocupação de ser assaltada, né? de nada ... (J 19)

No exemplo 36, o referente engloba o falante e todas as outras pessoas da comunidade, o que torna o referente genérico, a ponto da forma *a gente* poder ser

<sup>53</sup> Não foram encontrados casos deste tipo em Jaguarão e em Pelotas.

substituída pelo clítico *se*, assumindo o caráter indeterminador: (...) *porque às vez no jornal vai-se lê, (...)* ou (...) *assim é muito bom, pode-se sair na rua, (...)*.

#### 4.6.2.1.2 A variável *discurso reportado*

O discurso reportado está sendo, atualmente, referido por autores como Zilles & Faraco (2002) e Amaral (2002, 2003), como uma variável importante para a análise dos fenômenos lingüísticos, uma vez que a utilização da fala reportada pode conservar “marcas primitivas do discurso de outrem”, sem as quais o discurso não poderia ser apreendido e produtivo (cf. Bakhtin, 1999:145). Especificamente no caso do discurso reportado direto, observa-se que as narrativas mostram-se diferentes de outros tipos de discurso, o que mereceria por parte do pesquisador uma atenção especial. Zilles & Faraco (2002:41) entendem que a utilização do discurso reportado pelo falante pode revelar uma mudança de foco, refletindo-se na linguagem, o que faz com que os autores julguem importante o controle do discurso reportado em análise de regras variáveis, levando em consideração algumas questões:

Se o falante vem empregando um certo registro em sua fala e muda para outro registro nos casos de discurso reportado, essa direção deveria aparecer na análise de vários fenômenos simultâneos? Por exemplo, além de empregar mais *nós* do que *a gente*, o falante também empregaria mais concordância verbal e concordância nominal nos enunciados em discurso reportado?

Essas questões propostas, entre outras, indicam que o discurso reportado pode ser essencial para uma análise que busque integrar fatores lingüísticos co-relacionados, trazendo respostas significativas, sejam elas favoráveis ou desfavoráveis, à hipótese aqui proposta, qual seja: o discurso reportado direto influencia na escolha da variante utilizada (*a gente vs. nós*), bem como no funcionamento das variáveis sociais e lingüísticas associadas a essas formas variantes.

Para melhor verificar essa hipótese, a valorização da heterogeneidade das relações discursivas deve ser destacada para contemplar-se (a) as relações próprias às atitudes e às intenções de quem fala, como também (b) o contexto narrativo em que o discurso reportado foi produzido e (c) as relações sociais que o motivaram. Assim, estruturou-se a variável associada ao discurso reportado da seguinte forma:

- D – reportado de pessoa próxima ao falante
- I – reportado de pessoa não-próxima ao falante
- P – reportado do próprio entrevistado
- @ – discurso não-reportado

#### 4.6.2.1.3 A variável *plano discursivo*

A variável *plano discursivo*, associada à distribuição complementar no discurso, também foi controlada, baseando-se na distinção entre *background* em oposição a *foreground*, que estabelece dois planos envolvendo o discurso narrativo: ‘figura’ e ‘fundo’ (cf. Hopper, 1979:214-16). O *foreground* corresponderia a uma seqüência oracional com eventos dinâmicos e seqüenciais, enquanto que o *background* corresponderia a orações subordinadas, avaliativas ou explicativas, a partir de informações novas. Para Amaral (2002:66), a distinção *background vs. foreground* pode ser valiosa para a análise variacionista, por ser de fácil reconhecimento na narrativa:

*Foreground* corresponde aos elementos lingüístico-discursivos que possuem vínculos com o fato narrado, com a seqüência temporal dos eventos da narrativa armazenadas na memória: *o roteiro*. Ao passo que, o *background* surge da necessidade de contextualizar, de compartilhar com o ouvinte elementos que não são comuns a ambos: *a improvisação*.

O exemplo 37, abaixo, mostra que a informante vem desenvolvendo o *roteiro* da sua narrativa de forma seqüencial, utilizando o verbo na P4 (que é preferencial em toda a narrativa da informante), quando traz um tópico novo para a estrutura da narrativa, isto é, uma informação nova e pós-verbal, que se caracteriza como um comentário adicional à narrativa, com a utilização de *a gente*, caracterizando a improvisação. A

hipótese aqui proposta é de que a forma *a gente* corresponderia mais ao *background* e a forma *nós* ao *foreground*.

- (37) Eu fiquei apavorado, por isso que **começamos** as reformas e o meu sonho era fazer um jardim, porque era um... um... era só mamonos, era uma selva, era uma coisa horrrosa, que a gente tinha até medo de sair pra rua ali, é, é, e ficô maravilhoso. Hoje temos até uma estátua bonita duma musa que eu sonhava ter. (J 24)

Foram quatro os fatores escolhidos para essa variável:

- F – foreground
- B – background
- D – desvio para fora da narrativa
- / – casos em que não há narrativa na produção oral

#### 4.6.2.2 As variáveis lingüísticas associadas à sintaxe

Neste conjunto estão as variáveis *posição do sujeito na frase*, *paralelismo formal*, *oração em frase* e *tipo de sentença*.

##### 4.6.2.2.1 A variável *posição do sujeito na frase*

Tanto a posição do sujeito na frase, como a ocorrência de sujeitos nulos e plenos, em sentenças do PB, já foram estudadas em trabalhos como os de Lemle & Naro (1977), Lira (1988), Monteiro (1994), Duarte (1996), Tarallo (1996). Os resultados desses trabalhos demonstram um favorecimento para o preenchimento da posição de sujeito no PB. Acredita-se que o uso de *a gente*, em variação com *nós*, pode estar sendo utilizado como uma forma de reduzir a distinção morfológica e “enxugar” e regularizar o sistema morfológico verbal do PB, a partir de modificações advindas do seu próprio sistema pronominal.

A análise dos dados associados as onze peças de teatro de autores gaúchos, apresentados na subseção 3.3.3 deste trabalho, no que se refere à utilização de pronomes sujeitos *nós* e *a gente* (expressos e não-expressos) mostra que, a partir da década de

1950, houve um significativo aumento no uso de pronomes expressos no PB. A Ilustração 7, da subseção citada, demonstra que o uso de *a gente* expresso específico passou de um valor médio de utilização de 7,1%, até a década de 1950, para 82% nas décadas seguintes. Visto que existe uma preferência para a ocorrência de sujeitos pronominais expressos no PB, com o pronome *a gente* atingindo taxas de uso superiores ao pronome *nós*, torna-se importante observar a colocação ou posição do sujeito pronominal *a gente* na frase.

Para a variável *posição do sujeito na frase*, parte-se da hipótese de que, na fala, o sujeito anteposto ao verbo é mais freqüente, tanto em posição adjacente imediata à esquerda, como também com clítico intercalado entre sujeito e verbo. Propõe-se os seguintes fatores para avaliar o comportamento de *a gente* na posição de sujeito na frase:

- A – sujeito em posição adjacente à esquerda do verbo
- C – sujeito à esquerda com clítico intercalado
- D – sujeito à esquerda distante do verbo
- I – sujeito posposto imediato<sup>54</sup>
- M – sujeito posposto com material intercalado
- N – sujeito à esquerda com “não” intercalado
- J – sujeito à esquerda com “já” intercalado

Para efeito de análise variável, serão controladas outras posições sintáticas que poderão merecer destaque, como objeto direto, objeto preposicionado, adjunto adnominal e adjunto adverbial.

#### 4.6.2.2.2 A variável *paralelismo formal*

O princípio geral associado ao paralelismo é que “marcas levam a marcas e zeros levam a zeros” (cf. Poplack, 1980; Scherre, 1988, 1991; Scherre & Naro, 1993). No caso específico do uso variável *a gente vs. nós*, os trabalhos de Omena (1986, 2003) e

<sup>54</sup> Não foram encontrados casos de sujeito posposto (fatores I e M) nos dois corpora.

Lopes (1993, 1999) reforçam a hipótese de que há uma tendência à manutenção do mesmo sujeito pronominal em estruturas paralelas. Omena (1986:294) destaca que “a probabilidade de se usar *a gente*, ao invés de *nós*, é maior quando o antecedente formal for *a gente* e a referência for igual à anterior”. A autora, nesse caso, associa o paralelismo ao tipo de referência, o que indicaria uma aproximação entre aspectos psicolinguísticos e sintáticos.

Deve-se ressaltar que outros fatores, que não apenas o sintático-formal, podem estar atuando no paralelismo. O próprio papel estrutural-sintático associado às regras de coordenação, que estabelecem determinada restrição quanto ao paralelismo, merecem atenção, bem como elementos da estrutura discursiva, como *foreground* ou *background*, podem estar relacionados à manutenção ou não de determinadas formas em uma estrutura linguística. Assim, a noção de inter-relação entre as variáveis, proposta para a análise a ser desenvolvida neste trabalho, torna-se importante. Em alguns casos, no que diz respeito ao paralelismo, a própria condição de sua estruturação pode ser variada, não podendo os enunciados serem tratados como repetições mecânicas de formas semelhantes, com motivação puramente sintática, mas como construções resultantes de processos discursivos, psicolinguísticos e também sintáticos.

Amaral (2003:130), ao tratar da variável “paralelismo formal”, entende que o paralelismo “é inerente à organização sintática”. Salienta também que a própria noção do que seja uma “seqüência” não está bem caracterizada em trabalhos que tratam de paralelismo, como os de Scherre (1991) e Loregian (1996). E acrescenta:

O problema parece residir na definição adotada para ‘seqüência’, para ‘série’. Em meu ponto de vista são as funções discursivas que vão determinar a exata fronteira entre ‘seqüências’ e estas deverão, assim, passar a ter características discursivas diferentes e, logo, características formais diferentes. Desse modo. Numa relação de causa e consequência. E o paralelismo formal é a reunião de algumas dessas características formais diferentes. (cf. Amaral, 2003:128-9)

No caso de seqüências com orações coordenadas observa-se que é justamente a coordenação que rege a estrutura frasal. O trecho abaixo, que reproduz a fala de um informante de Jaguarão, apresenta duas “restrições sintáticas evidentes”: impossibilidade de repetição do sujeito e necessidade de paralelismo em estruturas coordenadas.

- (38) ...aqui em Jaguarão é muito difícil ser casa alta, né, é cidade baixa, quase, né? Muito difícil... então, é casa baixa; (c1) a gente fazia desde baixo ela, (c2) ∅ abria os alicerces, (c3) ∅ fazia as vigas, (c4) ∅ levantava parede, (c5) ∅ rebocava, (c6) ∅ botava o telhado e (c7) ∅ fazia tudo. (J 5)

A hipótese para a utilização dessa variável está condicionada, portanto, a outros fatores, de ordem sintática e discursiva, que deverão ser analisados, para que se possa realmente observar se a ocorrência primeira de um elemento pronominal realmente condiciona as outras ocorrências subseqüentes. Para tanto, os seguintes fatores serão avaliados:

- B – primeira referência
- N – *a gente* com o mesmo referente na oração anterior
- O – *a gente* com outro referente na oração anterior
- P – *nós* com o mesmo referente na oração anterior
- Q – *nós* com outro referente na oração anterior
- R –  $\emptyset$  com o mesmo referente (v. 3ª p. s.) na oração anterior
- S –  $\emptyset$  com outro referente (v. 3ª p. s.) na oração anterior
- T –  $\emptyset$  com o mesmo referente (v. 1ª p. p.) na oração anterior
- U –  $\emptyset$  com outro referente (v. 1ª p. p.) na oração anterior

#### 4.6.2.2.3 A variável *oração em frase*

A variável *oração em frase* já foi controlada em trabalhos anteriores, como os de Lira (1988) e Lopes (1993), que demonstraram que as orações coordenadas limitam a presença de sujeitos pronominais. Lira (1988:37) enfatiza que o apagamento do pronome em estruturas coordenadas (a partir da segunda coordenada), caracteriza-se como um fenômeno quase categórico. Esse fato também foi ressaltado por Lopes (1993:95), ao demonstrar que existe maior predominância de sujeito nulo em orações



coordenadas, e favorecimento de sujeito pleno nas orações principais e subordinadas. No que se refere ao uso variável *a gente* ~ *nós*, o resultado de Lope (1993) indica um favorecimento da forma *a gente* em orações principais e subordinadas e uma tendência para o uso de *nós* em orações absolutas ou coordenadas. As análises de Lira (1988:37) e Lopes (1993:93) também evidenciaram que, nas orações relativas, há o uso quase obrigatório do pronome sujeito, como forma de evitar ambigüidade.

A hipótese para essa variável é de que existe uma restrição ao uso do pronome a partir da segunda coordenada, que atuará de forma significativa junto à variável paralelismo formal, uma vez que, mesmo estando marcado o pronome na primeira oração coordenada, uma restrição gramatical impede que a marca pronominal explícita ocorra nas demais orações coordenadas. Para avaliar esta variável, propõe-se o seguinte grupo de fatores:

- A – independente (absoluta)
- P – principal (matriz)
- S – substantiva (encaixada)
- R – adjetiva (relativa)
- V – adverbial (circunstancial)
- 1 – coordenada 1
- 2 – coordenada 2
- 3 – coordenada 3
- 9 – outras coordenadas

#### 4.6.2.2.4 A variável *tipo de sentença*

A variável *tipo de sentença* está especificada de quatro formas: interrogativa, exclamativa, declarativa e optativa. Dentre os fatores presentes nessa variável, as orações do tipo interrogativas merecerão maior atenção, já que estão diretamente relacionadas com os contextos de “pergunta/resposta”. Ressalta-se ainda que, como as orações imperativas são caracterizadas por veicular ordem ou pedido, dificilmente ocorrerão com sujeitos pronominais *a gente* e *nós*, uma vez ser improvável que o falante dê uma ordem ou faça um pedido a si “próprio”.

Quanto às orações interrogativas, Perini (2001:64) enfatiza duas possibilidades ou subtipos para sua ocorrência: (a) interrogativas abertas, que contêm um elemento interrogativo, e (b) interrogativas fechadas, que são geralmente marcadas pelo ponto de interrogação, isto é, interrogativas do tipo “sim-ou-não”. As orações interrogativas abertas e também as orações exclamativas poderão, principalmente nos casos de discurso direto, ocorrer em frases do tipo:

Então ela me falou: ‘e *a gente* vai fazer o quê?’  
 Aí eu perguntei: ‘*a gente* não se perdeu, não?’  
 Foi quando eu disse pra ela: ‘*a gente* tem que ir embora!’

Entretanto, pela característica das entrevistas pertencentes ao *corpus* a ser analisado (cf. subseções 4.1 e 4.4 anteriores), geralmente as frases interrogativas ocorrerão em contextos em que o entrevistador atue ou interfira na entrevista, com o objetivo de reforçar determinado questionamento, para que o entrevistado adicione à sua narrativa novas informações ou para que o foco da entrevista seja mudado. Nesses casos, pode-se ter contextos de “pergunta/resposta” curtas do tipo: “E vocês foram lá? ‘Não’ / ‘sim’ / ‘*nós fomos*’ / ‘*fomos*’ / ‘*a gente foi*’”. Veja-se, por exemplo, as seguintes passagens:

- (39) E<sup>55</sup>: vigilantes, aqui têm? Esses de rua, como é que vocês tratam?  
 I: guarda municipal não tem, tem ronda.  
 E: ronda?...  
 I: ronda sim, tem ronda que as pessoas contratam pra trabalha assim... no quarteirão, né; isso tem em Jaguarão, isso nos facilita bastante.  
 E: não entra em conflito?  
 I: ***não, jamais, a gente*** dá todo o apoio pra eles. (J 2)
- (40) I: É, o piquete é pequeno, não tem sede, não tem nada disso, né; E os CTG têm, os CTG têm.  
 E: E fora as datas assim, o que vocês têm mais?  
 I: ***ah! a gente faz*** churrasco, faz carreteiro, faz coisa pra colher dinheiro...  
 (J 5)

Deve-se salientar que, segundo Câmara Júnior (1979:240), a língua portuguesa possui a partícula afirmativa “sim” como resposta. O autor enfatiza que “o esquema

<sup>55</sup> E = entrevistador; I = informante (entrevistado)

normal da resposta afirmativa em português é outro: repete-se o verbo que é o eixo da interrogação (*Pedro saiu hoje? Saiu.*). Acrescenta também que “a resposta negativa assenta na partícula *não*: *Pedro saiu hoje? Não.*”. É o que se observa no exemplo (39) anterior. Adota-se aqui os seguintes fatores para esta variável:

- D – declarativa
- I – interrogativa
- E – exclamativa
- O – optativa

#### 4.6.2.3 As variáveis lingüísticas associadas à morfofonologia

Neste conjunto estão as variáveis *saliência fônica*, *tempo verbal*, *tonicidade*, *concordância com o verbo*, *contexto fonológico* e *tipo de fala*.

##### 4.6.2.3.1 A variável *saliência fônica*

O chamado “princípio da *saliência fônica*” trouxe para os estudos sobre concordância um novo e importante caminho para a explicação de determinados aspectos sincrônicos relacionados ao uso da língua, ao estabelecer que formas mais salientes tendem a ser mais marcadas do que formas menos salientes. Isso equivale a dizer que, quanto maior a quantidade de material fônico numa forma, maior a *saliência* e maior a possibilidade de manutenção da marca de concordância e vice-versa. Naro (1981:75) propôs duas dimensões para o eixo da *saliência fônica*, diferenciando material fônico e a *tonicidade*, esta última caracterizada pelo autor como a mais determinante para a atuação da variável *saliência fônica*. Guy (1981:254-82) também utilizou a variável *saliência fônica* (ou *categoria morfológica*) para analisar a concordância nominal e verbal, levando em conta a possibilidade de manutenção e/ou deslocamento da *tonicidade* da palavra. Guy (1981:268) ressalta que a *tonicidade* poderia ser vista como uma restrição independente da aplicação da concordância verbal.

O princípio da saliência fônica, conforme Scherre (1988:64), consiste “em estabelecer que as formas mais salientes, e por isto mais perceptíveis, são mais prováveis de serem marcadas do que as menos salientes”. A ‘escala da saliência fônica’ considera também o binômio manutenção-deslocamento da tonicidade da palavra-foco, além da diferenciação fônica. No que se refere à variação entre *nós* e *a gente*, Fernandes & Gorski (1986:184), com base na escala de saliência proposta por Lemle & Naro (1977:20), apresentam uma proposta de escala gradual crescente de saliência com quatro diferentes níveis de diferenciação fônica. Essa escala foi redefinida por Omena (1986:296-97), com a inserção de mais três níveis hierarquicamente ordenados e por Naro *et al.* (1999:203), a partir da subdivisão do primeiro nível, inicialmente proposto, por dois níveis graduais de saliência. As três propostas estão presentes no Anexo 8.

Os resultados de Fernandes & Gorski (1986), que relacionam o fator saliência fônica com o fator tempo verbal, mostram que o pretérito perfeito apresenta as formas mais salientes representando os níveis (ou grupos) mais altos da escala. Nos outros tempos a diferença entre o singular e o plural é menor. Os dados de Omena (1986:297) também trazem resultados semelhantes. Observe-se o comentário da autora:

Os resultados obtidos confirmam o previsto. Como a frequência e a probabilidade calculadas se referem à forma a gente, são justamente as formas verbais que apresentam menor saliência fônica que, em termos de probabilidade, favorecem o uso da regra considerada, sendo o oposto o que acontece com a forma nós.

Tomando-se como base os estudos anteriores sobre a variação entre *a gente* e *nós* (cf. Fernandes & Gorski (1986), Omena (1986) e Naro *et al.* (1999)), especificamente no que se refere à saliência fônica, propõe-se a seguinte escala de saliência, conforme Ilustração 9 a seguir, subdividida em vários grupos ou níveis de diferenciação fônica, contemplando a P3, que se associa ao pronome *a gente*, e a P4, que se combina com o pronome *nós*. Segundo a escala abaixo, quanto mais se aumentam os níveis, mais cresce

a diferença entre P3 e P4. No nível 1 não se tem diferença fônica entre P3 e P4. A partir do nível 2, as diferenças vão aumentando conforme as seguintes especificações: nível 2: infinitivo com acréscimo da desinência *-mos*; nível 3: acréscimo da desinência *-mos* com conservação da sílaba tônica; nível 4: deslocamento do acento tônico e acréscimo da desinência *-mos*. A vogal temática é acentuada em P4, mas em P3 o acento está no radical do verbo; nível 5: monossílabos tônicos ou oxítonos no singular que passam a paroxítonos; nível 6: redução dos ditongos finais em vogais, com acréscimo da desinência *-mos*; nível 7: diferenças fonológicas acentuadas entre P3 e P4.


Grupo/Nível	Exemplos	Grau de diferenciação fônica
1	falando	<b>mínimo</b>  <b>máximo</b>
2	falar/falamos	
3	Falava/falávamos	
4	fala/falamos trouxe/trouxemos disse/dissemos	
5	está/estamos tem/temos	
6	comeu/comemos partiu/partimos vai/vamos foi/fomos	
7	falou/falamos veio/viemos é/somos	

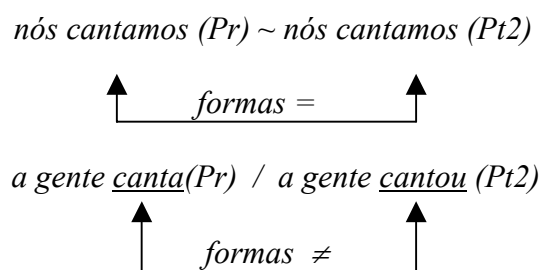
ILUSTRAÇÃO 9 – Grupos de fatores associados aos graus de diferenciação fônica para testar saliência na concordância verbal com sujeitos *a gente / nós*

A hipótese proposta para a variável “saliência fônica” é a seguinte: o falante utilizará o pronome *a gente* quando, nas formas verbais, existir menor saliência fônica. Para testar essa hipótese e para se observar a força dessa variável sobre o uso do pronome *a gente*, serão realizados cruzamentos com outras variáveis, tais como a variável tonicidade.

#### 4.6.2.3.2 A variável *tempo verbal*

Os estudos sobre a variação entre *a gente* e *nós* já atestaram a relevância do tempo verbal. Fernandes & Gorski (1986) e Omena (1986, 2003), com amostras de falantes com pouca escolarização, constataram que a forma *a gente* é mais utilizada com o presente e o pretérito imperfeito.

Os percentuais elevados de utilização de *a gente*, principalmente associados ao presente, mostram a importância dessa forma inovadora para a regularização do sistema verbal. Tanto para o presente como para o pretérito perfeito, a primeira pessoa do plural corresponde a formas semelhantes: *nós cantamos (Pr) ~ nós cantamos (Pt2)*. A utilização de *a gente* serve como uma forma de evitar essa ‘ambigüidade temporal’, possibilitando ao falante diferenciar esses dois tempos: *a gente canta (Pr) / a gente cantou (Pt2)*. Pode estar ocorrendo, portanto, uma reestruturação do sistema verbal do PB, com a utilização da forma *a gente* pelos falantes.



Parece clara a relação que existe entre ‘saliência fônica’ e ‘tempo verbal’. Entretanto, duas questões mereceriam atenção especial: (a) os falantes utilizariam mais a forma *a gente* porque está associada a uma forma verbal menos saliente ou devido à própria reestruturação do paradigma verbal no PB? (b) haveria uma relação entre essas variáveis e a variável faixa etária, a ponto de os falantes mais jovens, ou indicarem uma mudança em direção ao tempo verbal e, portanto, relacionada à morfologia, ou em

direção à saliência fônica e, conseqüentemente, mais próxima à fonologia. No decorrer da análise aqui proposta, pretende-se contemplar essas questões.

Além dessas duas questões, seria importante verificar a relação entre a variável *tempo verbal* e a variável *referência semântica do sujeito*. Câmara Júnior (1979:126), ao referir-se ao sistema verbal do latim ao português, associa o uso do presente a enunciados mais generalizantes. Gorski *et al.* (2002:223), ao tratarem da “variação nas categorias verbais de tempo e modo”, enfatizam que o tempo verbal está inter-relacionado com a especificação de referência. Espera-se, a partir do controle da variável *tempo verbal*, bem como a sua inter-relação com outras variáveis, poder avaliar essas questões de forma mais consistente. Para tanto, serão controlados os seguintes grupos de fatores:

- P – presente do indicativo (IdPr)
- M – pretérito imperfeito do indicativo (IdPt1)
- T – pretérito perfeito do indicativo (IdPt2)
- Q – pretérito mais-que-perfeito do indicativo (IdPt3)<sup>56</sup>
- E – futuro do presente indicativo (IdFtPr)
- F – futuro do pretérito do indicativo (IdFtPt)
- S – presente do subjuntivo (SbPr)
- R – pretérito imperfeito do subjuntivo (SbPt)
- U – futuro do subjuntivo (SbFt)
- V – infinitivo (If)
- G – gerúndio (Gr)

#### 4.6.2.3.3 A variável *tonicidade*

Guy (1981) e Naro (1981), ao analisarem a saliência fônica, deram um forte destaque à tonicidade para a especificação dos níveis de saliência. No caso específico da análise aqui proposta, merecerão atenção os casos comumente chamados de “esquiva de proparoxítona” (utilização de forma proparoxítona para se evitar forma proparoxítonas), em que a utilização da forma *a gente* é fundamental para que esse fenômeno ocorra. Câmara Júnior (1979:35) destaca que “os esdrúxulos [proparoxítonos], especialmente,

<sup>56</sup> Não foram encontrados caso de verbos no pretérito mais-que-perfeito simples nos dois *corpora*.

são um tanto marginal. Mesmo na língua padrão há imanente a tendência a modificá-los”. Há uma tendência para formas paroxítonas no PB. O exemplo 41, abaixo, contempla essas considerações:

- (41) ...se **a gente tivesse** uma oportunidade... (J 8) → esquiva da proparoxítona “se nós tivéssemos”

A utilização da forma *a gente*, como meio de regularizar e/ou simplificar o sistema morfológico verbal do PB, também pode ser observada em processos de transferência da tonicidade, como nos exemplos: “a gente gosta” ~ nós gostamos; “a gente conhece” ~ nós conhecemos.

A utilização da variável *tonicidade* justifica-se pelas diversas possibilidades de inter-relações com as outras variáveis pertencentes aos grupos morfológico e fonológico. Os fatores associados à variável *tonicidade* são:

- m – monossílabo tônico;
- o – oxítono;
- p – paroxítono.
- r – proparoxítono

#### 4.6.2.3.4 A variável *concordância com o verbo*

A variável *concordância com o verbo* contemplará casos em que o uso de *a gente* concorda com um verbo da primeira pessoa do plural (*a gente chegamos*) e casos em que o uso de *nós* concorda com verbos de terceira pessoa do singular (*nós chegou*). A passagem seguinte ilustra este tipo de ocorrência:

- (42) ...porque, como eu te falei, o que existe de lindo aqui em Jaguarão é que **a gente somos** todas um...um...uma família, a família jaguarense e é muito unida graças a deus. (J 24)

O seguinte grupo de fatores foi estabelecido para controlar essa variável.

- 3 – verbo na 3ª p. s.
- (43) ...**a gente foi passá** um carnaval na praia... (J 20)  
M – verbo na 1ª p. p. com DNP \_mos
- (44) ...**nós nos conhecemos** na universidade... (J 22)  
P – verbo na 1ª p. p. com DNP \_mo\_
- (45) ...**nós fiquemo** com muita dificuldade, sabe?... (J 7)



- Q – verbo na 1ª p. p. sem aplicação da DNP (∅)  
 (46) ...**nós tinha** [tínhamos] uma vizinha que era muito amiga... (J 22)  
 R – FN infinitivo  
 (47) ...porque, **se a gente entrar** na primeira, a gente não encontra... (J 8)  
 S – FN gerúndio  
 (48) **A gente tendo** um bom emprego as coisa ficam mais fácil. (J 13)

#### 4.6.2.3.5 As variáveis *contexto fonológico* e *tipo de fala*

Esse grupo de variáveis tem dupla função: primeira, verificar até que ponto o tipo de contexto fonológico próprio à forma *a gente* poderia estar associado à redução para *a 'ente* (~ *'ente*), grau 'avançado' do processo de gramaticalização desse pronome; segundo, investigar se a velocidade de pronúncia (fala rápida e/ou fala lenta) estaria relacionada com a utilização das variantes reduzidas do pronome *a gente*, estabelecendo-se padrões rítmicos prosódicos diferenciados.

A variável *contexto fonológico* pode ser representativa para a explicação da utilização de formas reduzidas *a'ente* ~ *'ente*, uma vez que o condicionamento do ponto e modo de articulação de determinadas consoantes poderia estabelecer algum tipo de processo fonológico que resultasse na redução da forma *a gente*. Soma-se a isso, a possibilidade da existência de determinadas assimilações provocadas por situação de sândi externo, por extensão do tipo de juntura da fronteira vocabular.

Zilles (2002:300), ao tratar da gramaticalização de *a gente* no PB, entende que a redução de *a gente* para *a'ente* está associada a um segundo estágio mais avançado do processo de gramaticalização. Observa também que esse processo de apagamento do segmento fricativo já ocorreu durante a evolução histórica do português, como se pode observar na evolução da palavra latina *legere* para o português ler: *legere* > *leere* > *lere* > *ler*.

Acrescentam-se, aqui, também os casos de *legem* > *lei*, *regem* > *rei*. Williams

(1994:78) salienta que o “g intervocálico do latim clássico seguido de *e* ou *i* fundiu-se com o *e* ou *i* seguintes: *gregem* > *grei*; *legem* > *lei*; *regem* > *rei*”. Esse fenômeno também foi registrado por Huber (1986:130-1), ao afirmar que “o *ge*, *gi* latino caiu no interior entre vogais”. O autor ressalta ainda que essa queda deu-se antes do acento (*legēre*>*leer*>*ler*) e depois (*rēge*>*rei*).

A redução de *a gente* para *a’ente* poderia, por analogia, ser entendida como um processo lexical, até certo ponto, semelhante ao que aconteceu com as palavras *ler*, *lei*, *rei* do português. Para tanto, deve-se aceitar a forma *a gente* como um “vocábulo fonológico”. Para Câmara Júnior (1979:36), a noção de “vocábulo fonológico” está diretamente relacionado com o acento em português:

Já por si o acento assinala a existência de um vocábulo fonológico. Numa emissão de fala contínua, sem pausa intercorrente (grupo de força), há tantos vocábulos fonológicos quantos são os acentos.

Doravante, nesta análise, será utilizado o termo “palavra fonológica” como sinônimo de “vocábulo fonológico”, para contemplar a nomenclatura que vem sendo utilizada nos estudos ‘atuais’ de fonologia, mais especificamente sobre os constituintes prosódicos. Bisol (2001:233), ao tratar da estrutura prosódica do PB, enfatiza que a “palavra fonológica” tem um só elemento proeminente, ou seja, “que a palavra fonológica ou prosódica não pode ter mais do que um acento primário”.

Nesse sentido, entendendo-se a forma *a gente* como uma “palavra fonológica”, poder-se-ia traçar uma escala prosódica que caracterizasse a unidade dessa forma e, por conseguinte, que justificasse o processo de redução de *a gente* para *a’ente* e suas demais variações.

	“palavra fonológica”
	a ‘g e n t e
escala prosódica	→      1    2    0

Com base nos valores dessa escala e levando-se em conta a analogia com o

processo histórico já citado, a redução da forma *a gente* poderia ser entendida, também, da seguinte forma<sup>57</sup>:

<i>le 'gere</i>	>	<i>le 'yere</i>	>	<i>le 'ere</i>	>	<i>'lere</i>	>	<i>'ler</i>
<i>'legem</i>	>	<i>'le.ye</i>	>	<i>'ley.e</i>	>	<i>'lei</i>		
<i>a 'gente</i>	>	<i>a 'gente</i>	>	<i>a 'ente</i>	>	<i>'ente</i>		

Observa-se, no caso da forma *a gente*, que o núcleo da sílaba tônica ficaria inalterado, mantendo-se a hierarquia prosódica. A analogia proposta poderia ser entendida como uma regra lexical, com base nas relações entre a estrutura morfológica própria à forma *a gente* e as regras fonológicas que nela atuam.

Outra variável associada à fonologia e que pode ser relevante para este estudo, no que se refere ao processo de redução da forma *a gente*, diz respeito ao *tipo de fala*: fala lenta *vs.* fala rápida. Determinadas tendências associadas à organização dos segmentos podem revelar características de fala mais lenta ou mais rápida. Para Abaurre Gnerre (1981:23), as velocidades de fala mais rápidas estão associadas ao estilo de fala mais informal.

O estilo prosódico do português poderia, pela sua própria organização silábica, diferenciar os estilos mais formais dos informais (coloquiais). Massini-Cagliari & Cagliari (2001:117), nesse sentido, ressaltam que “a variação de velocidade de fala tendem a causar modificações fonéticas”. Assim, quanto mais rápida for a fala de um indivíduo, maior será a probabilidade para a queda de segmento(s). No que se refere ao padrão rítmico do PB, Abaurre Gnerre (1981:29) entende que “os próprios padrões prosódicos característicos dos vários estilos são em grande parte determinados pela velocidade de pronúncia e, conseqüentemente, pelos processos fonológicos

---

<sup>57</sup> Utilizou-se, como base histórica para a elaboração do esquema, as seguintes obras: Back, Eurico. A evolução do sistema das consoantes do português. *Letras*, Porto Alegre, n. 8, p. 13-46, 1970; Williams, Edwin. *Do latim ao português*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1994.

condicionados pelas velocidades”.

Essas colocações poderiam respaldar a hipótese de que redução da forma *a gente* estaria ocorrendo em ambiente de fala mais rápida. Como caracterizar, então, o que seria fala rápida e fala lenta? Primeiro, não se deve confundir ritmo com velocidade de fala, uma vez que um mesmo padrão rítmico pode ser dito com uma velocidade de fala maior ou menor (cf. Massini-Cagliari & Cagliari, 2001:117); segundo, deve-se considerar que esse tipo de averiguação só poderá ocorrer em relação à fala do indivíduo que produzir determinada forma reduzida, ou seja, o controle não se dará no conjunto dos informantes, mas restrito à fala de quem produzir a redução; terceiro, a verificação da velocidade deve ser feita com base em intervalos de tempo entre determinado tipo de sílaba, atentando também para os contextos anteriores e posteriores à forma reduzida.

Para a análise aqui proposta, acredita-se que a escuta atenta da fala dos informantes pode revelar, grosso modo, se há ou não mudança rítmica quando da ocorrência das reduções. Nesse caso, além da observação empírica do proponente deste trabalho, os casos de reduções observados foram submetidos a julgamento por outras quatro pessoas: duas delas, professores da área de Letras; outras duas, profissionais de outras áreas de atuação.

Pela complexidade da análise, achou-se por bem utilizar o editor de som GoldWave, para melhor apurar os resultados. As observações empíricas acerca do fenômeno de redução envolvendo a forma *a gente*, levam à seguinte hipótese a ser proposta: a redução da forma *a gente* ocorreria em função de padrões rítmicos mais acentuados e, por conseguinte, em ambientes de fala mais rápida.

### 4.6.3 As variáveis sociais

As variáveis sociais a serem investigadas neste trabalho estão relacionadas com as metodologias próprias aos *corpora* que serão utilizados na análise dos dados (BDS Pampa e Varx), conforme especificado nas subseções 4.1 e 4.4 anteriores. Quanto à revisão de estudos sobre concordância e, mais especificamente, sobre os estudos envolvendo a variação *a gente vs. nós*, a subseção 3.4 detalha os resultados desses trabalhos, no que se refere aos fatores sociais. Serão especificadas, a seguir, as dimensões sociais de ‘gênero’, ‘faixa etária’, ‘classe social’ e ‘localidade’.

#### 4.6.3.1 A variável *gênero*

O trabalho aqui proposto pretende valorizar ao máximo a influência do contexto social na linguagem. Para tanto, propõe-se para a análise a utilização da variável *gênero*, por acreditar-se que as diferenças entre homens e mulheres não são apenas biológicas, mas sociais e culturais. O termo “gênero”, portanto, poderá refletir melhor o caráter dinâmico da sociedade, associado ao próprio processo de construção social. Haeri (1996:111), na conclusão do artigo intitulado “Why do women do this? Sex and gender differences in speech”, ressalta a importância da construção social de gênero, ao acrescentar que:

Identificar os tipos de pressões que produzem ‘posturas expressivas’ pode representar um passo na direção de um maior entendimento das diferenças lingüísticas baseadas nas diferenças sexuais.

A importância da “construção” dos diferentes aspectos sociais também é destacada por Roberts (1999:134), ao enfatizar que: “como gênero, etnia e idade, a construção da fala da comunidade não é fixa, mas socialmente negociável e continuamente modificável”. A autora valoriza a maneira como as pessoas se “situam” no mundo e a importância da construção de valores sociais. Labov (2001:319), nesse

sentido, ressalta que a comparação entre os padrões de classe social de homens e mulheres tem ajudado no entendimento do papel do gênero nas mudanças lingüísticas. Eckert (1997:215) também salienta que as categorias sociais podem ser mais salientes para os membros de um sexo do que para o outro, identificando a categoria de gênero com o processo de construção da própria identidade: “O gênero, como a etnia, a classe social e a idade, é uma construção social e pode entrar em qualquer variedade de interações, como outro fenômeno qualquer”.

Todas essas afirmações a respeito da construção da variável *gênero*, também poderiam ser aplicadas às variáveis “faixa etária” e “classe social”, como categorias sociais em constante dinamismo. Nesse sentido, justifica-se o estabelecimento, para este trabalho, da variável *gênero* que deverá, para efeito de análise de fenômeno lingüístico variável, ser inter-relacionada com as outras variáveis sociais, para que se possa realizar uma análise de cunho “multivariacional”.

A variável *gênero*, pelo próprio processo atrelado a sua construção, pode servir de referência para que determinadas questões possam ser melhor entendidas e explicadas, tais como: (a) as mulheres que utilizam mais freqüentemente a forma *a gente* pertencem a que faixa etária e a que classe social? (b) levando-se em conta que os homens, principalmente os da classe baixa, podem procurar diferenciar-se das mulheres, essa diferença poderia estar se refletindo na linguagem? (c) a fala de prestígio, ao ser associada às mulheres, estaria contribuindo para a menor aceitação do pronome *a gente*, principalmente pelas classes mais altas? (d) as mulheres buscam as formas de prestígio ou apenas “dão o tom” do que seria prestígio? (e) a maior utilização da forma reduzida *a’ente*, pelos homens (cf. Zilles, 2002) da classe média alta, estaria indicando uma mudança “pontual” ou realmente os homens dessa classe social (com

escolaridade mais elevada) também utilizam mais a forma *a gente* do que as mulheres?

#### 4.6.3.2 A variável *faixa etária*

A hipótese geral associada à variável *faixa etária* é de que os falantes mais velhos utilizam mais as formas conservadoras, enquanto que os mais jovens preferem as formas inovadoras. Os trabalhos associados à variação *a gente vs. nós*, de modo geral, sustentam essa hipótese, pelo uso mais freqüente, principalmente nas faixas até 50 anos, da forma “inovadora” *a gente*, confirmando a clássica hipótese da mudança em tempo aparente (Labov, 1994).

A análise a ser desenvolvida neste trabalho está voltada para o processo de variação e mudança envolvendo a forma *a gente*. A variável *faixa etária* torna-se importante para que se possa verificar o(s) estágio(s) dessa mudança, como também avaliar em que grupos sociais a substituição de *nós* por *a gente* estaria mais adiantada e se esses grupos também privilegiam o uso de determinadas variantes reduzidas, tais como *a'ente*.

A faixa etária faz parte de um conjunto de fatores ‘multivariável’ socialmente, não podendo ser estudada separadamente, e sim como uma variável que reflita determinadas práticas, significados e experiências associadas a determinados estágios de vida. Espera-se que a inter-relação da variável *faixa etária* com outras variáveis sociais possa, no decorrer do trabalho, trazer resultados significativos que reflitam mais claramente as relações entre língua e sociedade. O grupo de fatores para esta variável ficou assim caracterizado:

A – de 16-25 anos	[de 16 a 20 anos e de 21 a 25 anos]
C – de 26-49 anos	[de 26 a 38 anos e de 39 a 49 anos]
E – 50 anos ou mais	[de 50 a 64 anos e de 64 anos ou mais]

#### 4.6.3.3 A variável *classe social*

O fator escolaridade está presente na construção da variável *classe social*, juntamente com outras dimensões sociais como renda, profissão e local de moradia (cf proposta apresentada por Amaral (2003)). Para o autor,

Em uma comunidade de fala há classes com interesses sociais e econômicos e com manifestações culturais e lingüísticas diferentes. Provavelmente, então, essas classes têm uma visão da realidade e do modo de resolver seus problemas igualmente diferente. (p. 194)

Guy (1987:37), por sua vez, salienta que “as divisões de classe estão essencialmente baseadas no *status* e poder na sociedade”. Dentro dessa perspectiva, propõe a divisão da sociedade em várias classes conforme renda, bens, local de moradia, ocupação e escolaridade. O autor entende, também, que os processos de mudança lingüística envolvem variação social, uma vez que em determinado momento, no curso de uma mudança, alguns membros da comunidade de fala estarão usando a forma nova e outros utilizando a forma velha.

Para Guy esse fato deve-se, em grande parte, às noções de *prestígio aberto* e *prestígio encoberto* de Labov (1972:249). O *prestígio aberto* é expresso de maneira geral, de forma pública e corresponde à boa reputação de que gozam algumas variedades de fala; o *prestígio encoberto*, em oposição, diz respeito a uma valorização inconsciente de formas lingüísticas (não necessariamente da língua padrão).

Chambers (1995:43), entretanto, indica a ocupação como destaque na identificação das classes sociais, uma vez que pode revelar, indiretamente, a escolaridade e a renda. Para o autor a sociedade está dividida, basicamente, em duas classes: classe dos trabalhadores manuais (operários) e classe dos trabalhadores não-manuais (classe média). O importante para o estudo variacionista aqui proposto, é verificar como essas classes se relacionam na estrutura social e como esse processo



poderia estar se refletindo no processo de variação e mudança envolvendo a forma *a gente*.

Outro autor que relaciona aspectos sociais com as diferenças lingüísticas é Bourdieu, no livro “Linguagem e poder simbólico”. Para Bourdieu (1991:37) as relações simbólicas de poder são constantemente atualizadas no discurso:

Devemos lembrar que as relações de comunicação ‘por excelência’ – trocas lingüísticas – são também relações de poder simbólico, onde as relações de poder entre os falantes ou entre seus respectivos grupos são atualizadas.

Tem-se, então, caracterizada a noção de que a variação lingüística estaria atrelada a aspectos relacionados com as próprias diferenças sociais e culturais, intrínsecas à hierarquia das diferentes sociedades. Para Bourdieu (1991:44) existem marcadores lingüísticos facilmente identificáveis nas relações sociais, políticas ou simbólicas, o que justificaria a afirmação de que “não é o espaço que define a língua, mas a língua que define seu espaço”. A noção de classe social estaria atrelada às próprias condições sociais de produção da fala, representativas de um momento histórico, de um espaço e de um contexto discursivo.

Os *corpora* utilizados nesta pesquisa podem, de certa forma, contribuir para a construção da variável *classe social*, como também valorizar a concepção sociológica de linguagem proposta por Bourdieu, já que aspectos como renda, ocupação profissional, escolaridade e local de moradia podem ser controlados. Propõe-se, para a variável *classe social*, o seguinte grupo de fatores:

- B – classe baixa
- M – classe média-baixa
- T – classe média-alta

#### 4.6.3.4 A variável *localidade*

Quanto à variável *localidade*, cabe aqui algumas considerações adicionais ao que foi expresso na subseção 4.4, que trata dos procedimentos metodológicos. Entende-se que a linguagem pode revelar diferenças regionais específicas acerca da pronúncia e do léxico no PB. A própria extensão territorial do Brasil, associada aos diferentes processos históricos de colonização, permite que essas diferenças ocorram. Os trabalhos dialetológicos sobre o PB<sup>58</sup>, sejam eles associados ao dialeto urbano ou ao dialeto rural, já demonstraram a existência de “falares” próprios a determinados grupos, pertencentes a regiões distintas, com características lingüísticas diversificadas.

Acredita-se que os resultados de Jaguarão, no que diz respeito à mudança envolvendo o uso de *a gente*, pela própria situação de fronteira-limite, devam ser mais conservadores do que os resultados de Pelotas. No caso de Jaguarão, os “efeitos de contato” podem ser determinantes para que os falantes daquela localidade favoreçam menos o uso da forma inovadora *a gente*.

Todas as considerações acerca das variáveis sociais feitas aqui serão, no decorrer da seção 5, sobre a análise dos resultados, atentamente observadas para que se possa, realmente, verificar até que ponto as manifestações lingüísticas dos falantes correspondem às hipóteses consideradas aqui.

---

<sup>58</sup> Ferreira, Carlota & Cardoso, Suzana, com a obra *A dialetologia no Brasil*. São Paulo: Contexto, 1994, apresentam alguns desses estudos.

## 5 OS RESULTADOS DO USO DE *A GENTE*

### 5.1 A distribuição social das formas *nós* e *a gente* em Jaguarão e Pelotas

Propõe-se, inicialmente, uma apresentação da distribuição social dos dados de Jaguarão e Pelotas, levando-se em conta o uso de *nós* e *a gente*, tanto na forma expressa como na forma não-expressa.

TABELA 9 – Distribuição dos dados de Jaguarão e Pelotas: nº de informantes, nº de ocorrências e minutos de gravação

Dados diversos sobre os <i>corpora</i>	Jaguarão	Pelotas
Total de informantes	24	36
Total de ocorrências das formas <i>nós</i> e <i>a gente</i> (expresso e não-expresso)	1869	2057
Média de ocorrências por informante	78	57
Máximo de ocorrências por informante	320	179
Mínimo de ocorrências por informante	12	20
Total de minutos de gravação por <i>corpus</i>	1151	1662
Média de minutos de gravação por informante	48	46

Os resultados das rodadas gerais para Jaguarão e Pelotas, com todas as ocorrências em todas as funções sintáticas, indicam um favorecimento para o uso de *a gente* expresso, acima de 50%, o que demonstra a ampliação dessa forma em relação ao pronome *nós*, seja este expresso ou não-expresso. Veja-se a Ilustração 10 abaixo:

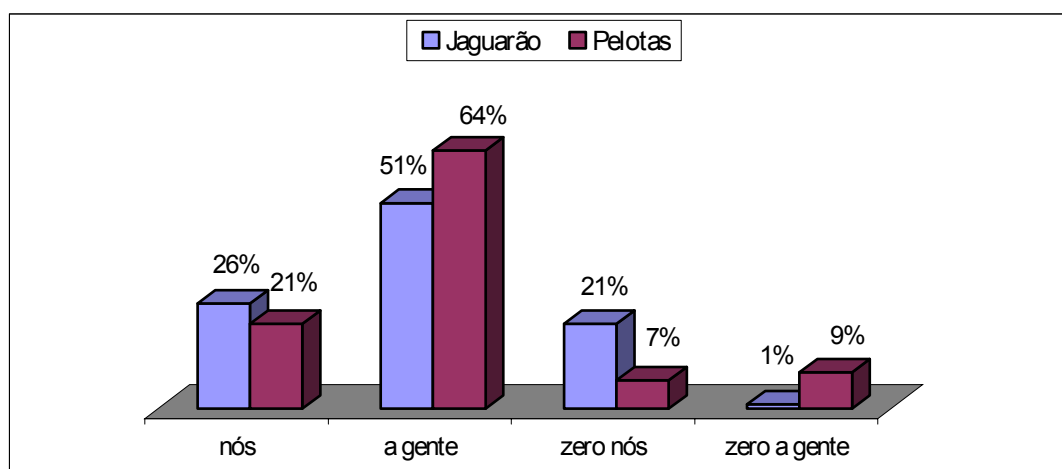


ILUSTRAÇÃO 10 – Percentuais de uso das formas *nós* e *a gente* (expressas e não-expressas) nas comunidades de Jaguarão e Pelotas

Nota-se, pela Ilustração 10, que Jaguarão apresenta percentuais maiores para o uso de *nós* em relação aos percentuais de Pelotas. Especificamente ao uso não-expresso<sup>59</sup>, o percentual de 21% para a forma *nós*, em Jaguarão, é muito superior ao percentual de 7% de Pelotas, o que indica a manutenção de um paradigma flexional mais conservador em Jaguarão, ao ser comparado com a aplicação de *a gente* em Pelotas, que revela um estágio mais avançado em direção à simplificação do paradigma flexional do PB. A hipótese da perda da flexão verbal no PB, em função da renovação do seu quadro pronominal, é defendida por Duarte (1995,1996), Monteiro (1994), Silva (1996), Tarallo (1996).

É justamente neste aspecto que a inserção da forma *a gente*, em variação com a forma *nós*, serve como *insight* para uma melhor avaliação desse tipo de mudança em progresso no PB, que caminha em direção à simplificação do paradigma verbal, fato esse correlacionado com a reestruturação do seu sistema pronominal. No caso específico de Jaguarão, em que o percentual de *nós* não-expresso é consideravelmente alto (21%), achou-se pertinente verificar o seu uso em relação às variáveis sociais faixa etária e escolaridade, para que se possa melhor entender a relação existente entre o uso da forma inovadora *a gente* e a forma *nós* não-expressa. A Ilustração 11, abaixo, que contempla o uso das duas formas relacionadas à faixa etária (especificada aqui em menos 50 anos vs. mais de 50 anos) e à escolaridade (com os níveis fundamental vs. médio/universitário), mostra que os falantes acima de 50 anos são os que mais favorecem o uso da forma *nós*

---

<sup>59</sup> Omena (1996:304), ao referir-se às formas não expressas *nós* e *a gente*, salienta que: “a ausência do sujeito com verbos na terceira pessoa do singular geralmente exige, para a denominação clara do sujeito semântico, a existência de uma oração anterior com sujeito explícito. Isso porque qualquer sujeito de terceira pessoa do discurso no singular, e alguns de segunda pessoa, regem verbos na terceira pessoa gramatical. Como esses sujeitos podem estar, também, formalmente ausentes, há necessidade de explicitação anterior para se evitar ambigüidades ou mesmo confusão”.

não-expressa, como também os falantes com escolaridade maior (média/universitária), neste caso, independente da faixa etária.

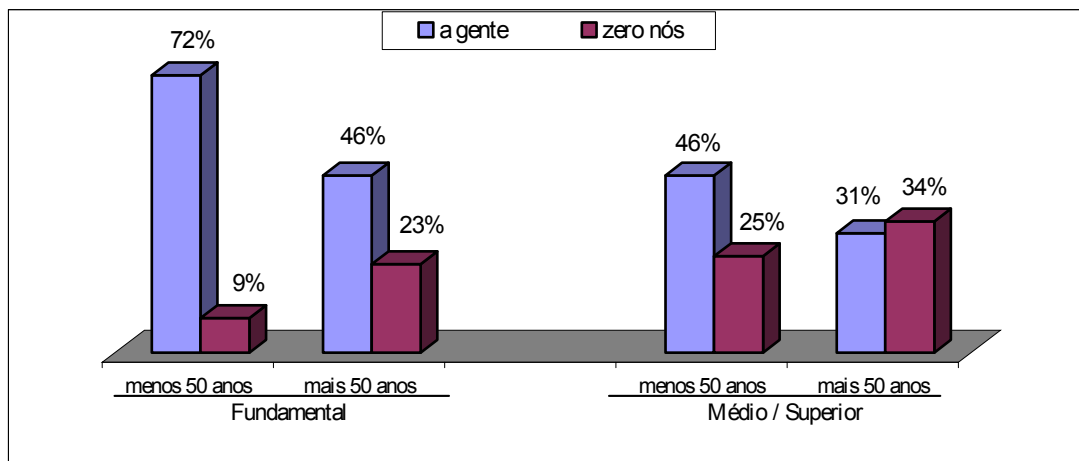


ILUSTRAÇÃO 11 – Uso de *a gente* expresso e *nós* não-expresso em Jaguarão por faixa etária e escolaridade

Verifica-se que determinados fatores sociais condicionantes, como faixa etária e escolaridade, interferem para que este percentual seja alto. Outros fatores, que dizem respeito a atitudes, atos de identidade dos falantes e bilingüismo, podem também estar interferindo neste aspecto. Entretanto, torna-se difícil esse tipo de avaliação, uma vez que as informações constantes no “questionário prévio” de Jaguarão (cf. Anexo 5), mesmo contemplando alguns aspectos sobre esses fatores, não são suficientes para que se faça uma análise mais detalhada acerca desses temas. Mesmo assim, verificou-se que os indivíduos com avaliações mais positivas em relação aos uruguaios e à língua espanhola foram os que mais utilizaram a forma *nós* não-expressa, principalmente os com escolaridade maior (média/universitária) e na faixa etária acima dos 50 anos. Esse resultado pode, de certa forma, ser visto como um aspecto interessante de ser avaliado, em outros estudos, com base em aparato teórico e metodológico próprio para este fim.

A Tabela 10, abaixo, traz um panorama da frequência de uso das formas *nós* e *a gente* (expressas e não-expressas) em Jaguarão e Pelotas. Os valores para o uso de *a*

*gente* sustentam a hipótese de uma mudança em curso, liderada pelos falantes mais jovens (abaixo de 50 anos) e pelas mulheres. No que se refere à classe social, há um comportamento diferenciado nas duas comunidades: em Jaguarão é a classe baixa que apresenta o maior percentual de uso de *a gente* (65%) e em Pelotas é a classe média-alta (67%).

TABELA 10 – Percentuais de uso de *nós* e *a gente* (expresso e não-expresso), em Jaguarão e Pelotas, relacionados às variáveis sociais *gênero, faixa etária e classe social*

Comunidades	Grupos fatores	<i>Expressos</i>				<i>não-expressos</i>			
		<i>nós</i>		<i>a gente</i>		<i>Nós</i>		<i>a gente</i>	
		N/total	%	N/total	%	N/total	%	N/total	%
	<b>Gênero</b>								
<b>Jaguarão</b>									
	Feminino	305/1238	25	644/1238	52	278/1238	22	11/1238	1
	Masculino	179/631	28	316/631	50	123/631	19	13/631	2
<b>Pelotas</b>									
	Feminino	250/1192	21	776/1192	65	76/1192	6	90/1192	8
	Masculino	177/865	20	532/865	62	68/865	8	88/865	10
	<b>Faixa etária</b>								
<b>Jaguarão</b>									
	de 16-25 anos	167/835	20	462/835	55	194/835	23	12/835	1
	de 26-49 anos	164/557	29	324/557	58	61/557	11	8/557	1
	+ 50 anos	153/477	32	174/477	36	146/477	31	4/477	1
<b>Pelotas</b>									
	de 16-25 anos	102/581	18	373/581	64	38/581	7	68/581	12
	de 26-49 anos	142/898	16	622/898	69	57/898	6	77/898	9
	+ 50 anos	183/578	32	313/578	54	49/578	8	33/578	6
	<b>Classe social</b>								
<b>Jaguarão</b>									
	Baixa	99/500	20	327/500	65	62/500	12	12/500	2
	Média-baixa	234/814	29	321/814	39	251/814	31	8/814	1
	Média-alta	151/555	27	312/555	56	88/555	16	4/555	1
<b>Pelotas</b>									
	Baixa	139/578	24	337/578	58	65/578	11	37/578	6
	Média-baixa	151/777	19	510/777	66	38/777	5	78/777	10
	Média-alta	137/702	20	461/702	67	41/702	6	63/702	9

Conforme a Tabela 10, os percentuais para a forma *nós* expressa em Jaguarão são superiores aos encontrados em Pelotas, para quase todos os grupos de fatores. Em contrapartida, exceto para a classe social baixa, o uso da forma inovadora *a gente* é sempre superior em Pelotas, independente dos grupos de fatores, o que indica o seu estágio mais avançado nesta comunidade. Esse fato é corroborado pelos próprios

percentuais relacionados à forma *nós* não-expressa que, inversamente, revelam frequências de uso em Jaguarão bem superiores às encontradas em Pelotas.

Ao comparar-se as formas *nós* e *a gente* nas duas comunidades observa-se uma predominância de ocorrências na função de sujeito. Esse fato já fora verificado por Omena (1986:288), que entende ser essa posição característica dos pronomes pessoais, ao acrescentar que: “envolvendo as pessoas do discurso, os pronomes veiculam informações velhas que aparecem mais comumente na posição de sujeito”. A Tabela 11, a seguir, mostra a frequência de uso das formas *nós* e *a gente* (agrupadas em expressas e não-expressas) para cada uma das funções sintáticas controladas:

TABELA 11 – Frequência do uso de *nós* e *a gente*, em Jaguarão e Pelotas, quanto à função sintática na frase

Função sintática	Jaguarão		Pelotas	
	<i>Nós</i>	<i>a gente</i>	<i>nós</i>	<i>a gente</i>
Sujeito	794/1695=47%	901/1695=53%	494/1886=26%	1392/1886=74%
Objeto direto	16/22=73%	6/22=27%	20/39=51%	19/39=49%
Objeto prep.	33/73=45%	40/73=55%	20/49=41%	29/49=59%
Adjunto adn.	35/63=55%	28/63=45%	28/54=52%	26/54=48%
Adjunto adv.	7/16=44%	9/16=56%	12/29=41%	17/29=59%
<b>TOTAIS</b>	885/1869=47%	984/1869=53%	574/2057=28%	1483/2057=72%

Verifica-se que a frequência de uso de *a gente* em Jaguarão é maior nas funções de objeto preposicionado (55%) e adjunto adverbial (56%), seguido da função de sujeito (53%). Em Pelotas, há uma inversão dos resultados, uma vez que a função de sujeito aparece com o maior percentual, de 74%, seguido das funções de objeto preposicionado e adjunto adverbial, ambas com 59%. O percentual alto de 74% para a função de sujeito em Pelotas pode reforçar o fato de a gramaticalização de *a gente*, nessa comunidade, estar em um estágio mais adiantado do que em Jaguarão já que, quando um elemento novo entra no sistema lingüístico de uma língua, geralmente ocorre um processo gradativo de ajuste até que haja uma “acomodação” da estrutura da língua em função do próprio processo de mudança (cf. princípio da *especialização* de Hopper, 1991:25-8).

Em Pelotas parece que essa ‘acomodação’ deve-se ao fato de o curso da mudança já ter percorrido etapas mais adiantadas, que ainda não foram atingidas pelos indivíduos da comunidade de Jaguarão.

Os próprios resultados totais do uso de *a gente*, nas duas comunidades, evidenciam que Pelotas, com 72% de frequência de uso, está à frente do processo de mudança, fato esse que favorece a hipótese de que as mudanças se propagam dos centros maiores para os menores (cf. hipótese A4 deste trabalho). Soma-se a isso o fato de a comunidade de Jaguarão ser fronteira com o Uruguai, o que poderia trazer à tona efeitos decorrentes de questões valorativas da língua, como atitudes, ou de línguas em contato, como bilingüismo. No entanto, como já foi mencionado anteriormente, torna-se difícil controlar esses fatores, pela própria natureza metodológica dos *corpora* analisados neste trabalho.

Buscou-se nesta subseção inicial, apresentar um panorama geral dos resultados percentuais para o uso de *nós* e *a gente* (expressos e não-expressos). Passa-se agora ao detalhamento da análise.

## 5.2 Os grupos de fatores selecionados para o uso de *a gente*

Utilizou-se, inicialmente, um envelope de variação com vinte e três variáveis e cento e trinta fatores. Como o Varbrul não admite um número tão elevado de fatores, tornou-se necessário estabelecer critérios para sua diminuição. Chegou-se, desse modo, ao número máximo de sessenta fatores aceitável pelo Programa Varbrul. Procedeu-se, então, à realização de várias rodadas preliminares que resultaram em amalgamações para que se obtivesse o envelope de variação o mais ajustado possível.



Para tanto, foram determinados critérios para que essa adequação fosse a mais pertinente possível, a partir dos seguintes direcionamentos: (1) sempre que possível, manter-se o percentual mínimo de 2% dos dados<sup>60</sup> para cada fator (Jaguarão, mínimo de 25 dados e Pelotas, mínimo de 31 dados); (2) que as amalgamações fossem sempre acompanhadas de *testes de significância* para a validação matemática das mesmas; (3) que as amalgamações respeitassem princípios lingüísticos que as tornassem pertinentes à análise; (4) que fossem realizadas rodadas que agrupassem, em separado, as variáveis independentes de base discursiva, sintática e morfofonológica, para a melhor sistematização dos resultados estatísticos.

Preliminarmente, partiu-se dos arquivos gerais de Jaguarão – com 1869 dados – e de Pelotas – com 2057 dados. Ao especificar-se apenas as formas expressas de *nós* e *a gente*, para a análise estatística aqui proposta, restritas à posição de sujeito, chegou-se ao seguinte número de dados resultantes para a análise: 1263 dados lingüísticos em Jaguarão, com percentual de aplicação de *a gente* de 69% (872/1263), e 1560 dados lingüísticos em Pelotas, com percentual de aplicação de 78% (1217/1560). Para tal foram realizadas cinquenta e duas rodadas até que se obtivesse o número de cinquenta e nove fatores atrelados a treze variáveis independentes. Eis o envelope de variação final:

- 1) Variável *discurso reportado*: (D) discurso reportado de pessoa próxima/não-próxima ao falante; (P) discurso reportado do próprio entrevistado; (@) discurso não-reportado.
- 2) Variável *plano discursivo*: (F) foreground; (B) background.
- 3) Variável *referência semântica do sujeito*: (1) referência específica ao próprio falante (=eu); (2) referência específica inclusiva (=eu + pessoa); (3) referência específica exclusiva (eu + não-pessoa); (4) referência genérica (eu + todo/qualquer indivíduo); (5) referência específica inclusiva (eu+pessoa+não-pessoa).
- 4) Variável *posição do sujeito na frase*: (A) sujeito em posição adjacente à esquerda do verbo; (C) sujeito à esquerda com clítico intercalado; (D) sujeito à esquerda distante do verbo; (N) sujeito à esquerda com “não” intercalado; (J) sujeito à esquerda com “já” intercalado;

---

<sup>60</sup> Utilizou-se o percentual de 2%, levando-se em conta (a) sugestão de Guy (2001), durante o *XII Encontro Regional do Projeto Varsul*, em Porto Alegre, e (b) critério utilizado por Amaral (2003:124) em sua Tese de Doutorado.

- 5) Variável *oração em frase*: (A) independente (absoluta)/ principal; (S) substantiva (encaixada); (R) adjetiva (relativa); (V) adverbial (circunstancial); (1) coordenada 1; (2) coordenada 2; (3) coordenada 3; (9) outras coordenadas.
- 6) Variável *paralelismo formal*: (B) primeira referência; (N) *a gente* com o mesmo referente na oração anterior; (O) *a gente* com outro referente na oração anterior; (P) *nós* com o mesmo referente na oração anterior; (Q) *nós* com outro referente na oração anterior; (R)  $\emptyset$  com o mesmo referente (v. 3ª p. s.) na oração anterior; (S)  $\emptyset$  com outro referente (v. 3ª p. s.) na oração anterior; (T)  $\emptyset$  com o mesmo referente (v. 1ª p. p.) na oração anterior; (U)  $\emptyset$  com outro referente (v. 1ª p. p.) na oração anterior;
- 7) Variável *saliência fônica*: (1) mesma forma para P3 e P4 (falando); (2) infinitivo com acréscimo da desinência *-mos*; (3) acréscimo desinência *-mos* c/ conservação da sílaba tônica (falava/falávamos); (4) deslocamento do acentoônico e acréscimo da desinência *-mos* (fala/falamos, trouxe/trouxemos, disse/dissemos); (5) monossílabos tônicos ou oxítonos no singular que passam a paroxítonas (tem/temos, está/estamos); (6) reduções de ditongos finais em vogais com acréscimo da desinência *-mos* (comeu/comemos, partiu/partimos, vai/vamos, foi/fomos); (7) diferenças fonológicas acentuadas entre P3 e P4 (falou/falamos, veio/viemos, é/somos).
- 8) Variável *tempo verbal*: (P) presente do indicativo (IdPr); (M) pretérito imperfeito do indicativo (IdPt1); (T) pretérito perfeito do indicativo (IdPt2); (V) infinitivo (If); (G) gerúndio (Gr).
- 9) Variável *tonicidade*: (M) monossílabo tônico; (O) oxítono; (P) paroxítono.
- 10) Variável *concordância com o verbo*: (3) verbo na 3ª p. s.; (M) verbo na 1ª p. p. com DNP *-mos*; (R) FN infinitivo; (S) FN gerúndio.
- 11) Variável *gênero*: (F) feminino; (M) masculino.
- 12) Variável *faixa etária*: (A) de 16 a 25 anos; (C) de 26 a 49 anos; (E) 50 anos ou mais.
- 13) Variável *classe social*: (B) classe baixa; (M) classe média-baixa; (T) classe média-alta.
- 
- 14) Variável *localidade*: (J) Jaguarão; (P) Pelotas.
- 15) Variáveis *contexto fonológico e tipo de fala*: (R) rápida; (L) lenta; (N) normal.

Neste envelope estão contemplados também os fatores associados à variável *localidade*, que foi utilizada na rodada em que estão, juntas, as comunidades de Jaguarão e Pelotas. Contém, ainda, a variável *tipo de fala* que constou das rodadas para a análise da forma reduzida *a 'enti ~ 'enti*.

### 5.3 As variáveis lingüísticas selecionadas em Jaguarão e Pelotas

Nesta subseção serão apresentadas as variáveis selecionadas para as comunidades de Jaguarão e Pelotas. Os dados das duas cidades foram rodados separadamente e, como resultados, tem-se as seguintes variáveis lingüísticas, por ordem de seleção, conforme demonstrado na Ilustração 12 abaixo:

Jaguarão	Pelotas
1 – <i>Paralelismo formal</i>	1 – <i>Paralelismo formal</i>
2 – <i>Tonicidade</i>	2 – <i>Tonicidade</i>
3 – <i>Saliência fônica</i>	3 – <i>Saliência fônica</i>
4 – <i>Referência semântica do sujeito</i>	4 – <i>Referência semântica do sujeito</i>
5 – <i>Posição do sujeito na frase</i>	-----

ILUSTRAÇÃO 12 – Variáveis lingüísticas selecionadas para o uso de *a gente* em Jaguarão e Pelotas

De modo geral, verifica-se que as restrições variáveis nas duas comunidades são similares, no caso das variáveis lingüísticas selecionadas. Supõe-se que exista uma mesma gramática nas duas comunidades já que, com exceção do grupo *posição do sujeito na frase*, foram os mesmos os grupos de fatores selecionados em Jaguarão e Pelotas. Haveria, assim, um mesmo *input* para estes indivíduos que, respaldado por pesos relativos muito próximos, no que diz respeito às variáveis lingüísticas selecionadas, indicaria características lingüísticas compartilhadas em torno de uma única gramática.

### 5.3.1 A variável *paralelismo formal*

O grupo de fatores da variável *paralelismo formal* mostrou-se bastante significativo, tendo sido selecionado em primeiro lugar, tanto para Jaguarão como para Pelotas. A hipótese atrelada à variável *paralelismo formal* é a de que o falante tende a repetir a mesma forma e o mesmo sujeito pronominal dentro de uma estrutura discursiva, como na seqüência a seguir:

- (49) Ela se sente bem [mãe], mora sozinha. Então *a gente* não quis contrariar ela, se ela se sente bem... *a gente* deixou, mas *a gente* está sempre preocupado, porque ela tem bastante problema assim de doença. (J 3)

No caso do exemplo 49, nota-se que o informante utiliza inicialmente a forma *a gente*, para referir-se a ‘ele’ e aos irmãos, mantendo-a nas ocorrências seguintes, todas

atreladas ao mesmo referente. Neste caso, o ‘princípio do paralelismo’ estaria atuando para a escolha da variante usada pelo falante. Entretanto, em muitos casos, a tendência à manutenção da forma não se confirma, como no exemplo 50:

- (50) *Nós* somos herdeiros, *nós* somos quatro, né! Acontece que eles tão pedindo um valor pelo prédio e *nós* estamos na justiça para ver se *a gente* não paga tanto, porque *a gente* tá lá, *a gente* tá lutando,  $\emptyset$  não queremos tomar posse de definitivo. (P 82)

Mesmo assim, os resultados encontrados para o *paralelismo formal* ressaltam a importância dessa variável na análise. Tanto é assim que, em todas as subamostras, foi selecionado em primeiro lugar. A Tabela 12, a seguir, demonstra que, tanto em Jaguarão como em Pelotas, o fator que mais favoreceu o uso de *a gente* foi ‘*a gente na oração anterior*’, independente do referente. Em Jaguarão, este fator ficou com peso relativo de 0,73, tanto para referente igual como diferente; em Pelotas, sobressaiu-se *a gente* com igual referente, com peso relativo de 0,88, bem superior ao peso relativo de 0,58 para esse fator com referente diferente.

TABELA 12 – O uso de *a gente* em Jaguarão e Pelotas e o *paralelismo formal* (aplicação, ocorrências, percentual e peso relativo)

Fatores	Jaguarão				Pelotas			
	Aplic.	Ocor.	%	P.R.	Aplic.	Ocor.	%	P.R.
B- primeira referência	292 /	356	82	0,66	266 /	313	85	0,30
N- <i>a gente</i> c/ = referente oração anterior	423 /	479	88	0,73	639 /	650	98	0,88
O- <i>a gente</i> c/ ≠ referente oração anterior	79 /	114	69	0,73	148 /	161	92	0,58
P, Q- <i>nós</i> c/ ref. = e/ou ≠ oração anterior	47 /	264	18	0,09	14 /	273	5	0,01
R- $\emptyset$ c/ = ref. oração anterior (v.3ª p.s.)	–	–	–	–	107 /	109	98	0,90
R, T- $\emptyset$ c/ = referente oração anterior	25 /	38	66	0,45	–	–	–	–
S- $\emptyset$ c/ ≠ ref. Oração anterior (v. 3ª p.s.)	–	–	–	–	17 /	21	81	0,34
S, U- $\emptyset$ c/ ≠ referente oração anterior	6 /	12	50	0,28	–	–	–	–
T, U- $\emptyset$ com v. 1ª p. p. oração anterior	–	–	–	–	26 /	33	79	0,40
<b>TOTAIS</b>	872 /	1263	69		1217	1560	78	

Quanto à primeira referência, os percentuais de Jaguarão (82%) e Pelotas (85%) são muito próximos. Mesmo assim, pelos percentuais totais do uso de *a gente* nas duas comunidades seria de esperar que Pelotas, com percentual médio de aplicação de *a gente* de 78%, obtivesse peso relativo superior ao de Jaguarão, que apresentou

percentual médio menor de 69%. Não foi o que ocorreu, uma vez que o peso relativo de Jaguarão de 0,66, no caso de *primeira referência*, representa mais do que o dobro do peso relativo de Pelotas de 0,30. Supõe-se, por conseguinte, que outros fatores de ordem lingüístico-social, e até mesmo de processamento lingüístico, atuem conjuntamente para a organização sintática das estruturas lingüísticas e expliquem essa diferença de peso relativo entre as duas comunidades.

A força do paralelismo pode ser constatada também em contextos em que a forma *a gente* é precedida de sujeito *a gente* não-explicito, seguido de verbo na terceira pessoa do singular, e com a mesma referência. Nestes casos o aspecto semântico atua mais fortemente pela manutenção do mesmo referente. O peso relativo para Pelotas foi de 0,90, o que demonstra o efeito do paralelismo nesse contexto. Esse efeito foi bem menor em Jaguarão, com peso relativo de 0,45, o que o diferencia do contexto, com referente diferente, com peso relativo de apenas 0,28. Outros contextos precedentes, como os associados à forma *nós*, tanto explícita como não-explicita, desfavorecem o uso de *a gente*.

Nota-se, portanto, conforme Ilustração 13, abaixo, determinada convergência dos resultados da variável *paralelismo formal* em torno da forma precedente *a gente*, independente do referente.

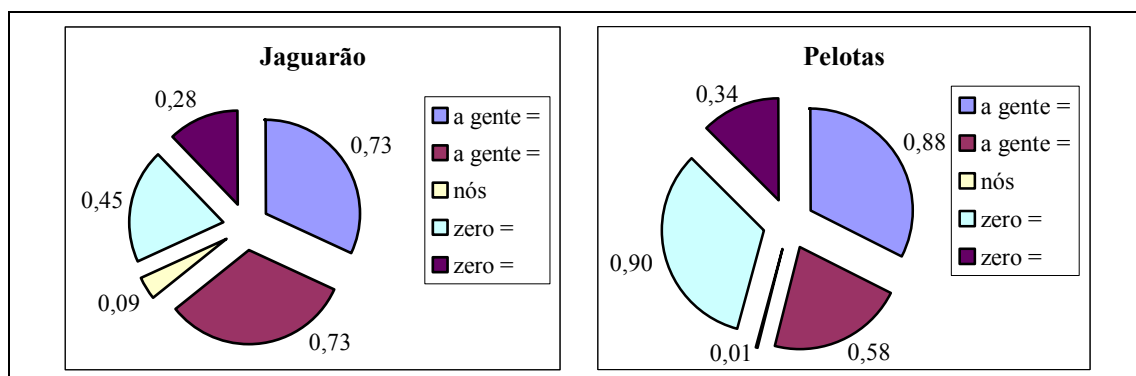


ILUSTRAÇÃO 13 – Atuação do *paralelismo formal* no uso de *a gente* em Jaguarão e Pelotas – pesos relativos

Os resultados revelam que o efeito do paralelismo se dá de forma mais contundente, quanto mais similares forem os elementos precedentes (cf. Scherre, 2001:104). É o que se verifica, observando-se os resultados encontrados em outros trabalhos que trataram da variação no uso de *nós* e *a gente* (cf. Omena, 1986, 2003; Zilles, 2000). Observa-se, assim, que o efeito do paralelismo na estrutura discursiva torna-se evidente e, no caso específico do uso de *a gente*, a sua ocorrência é fortemente favorecida quando o seu antecedente for igual, principalmente nos casos em que o referente é mantido. Mesmo assim, algumas considerações precisam ser feitas acerca desta variável.

Primeiramente, o paralelismo não deve ser entendido apenas como um fenômeno frasal de “processamento paralelo” em torno de formas semelhantes. Nesse sentido, tornam-se valiosas as colocações de Amaral (2003:126-135), ao analisar o paralelismo formal na “concordância verbal de segunda pessoa do singular em Pelotas”, quando afirma que “o paralelismo formal não é uma causa da aplicação da concordância, mas sim, a síntese de algumas causas, que atuam em estágios diferentes de codificação lingüística”. Adequando-se ao fenômeno aqui estudado verifica-se que, em muitos casos, torna-se difícil atribuir ao paralelismo formal a causa pela manutenção de determinadas marcas, já que nem sempre isso ocorre. Veja-se o exemplo 51, abaixo, em que há uma mudança na cadeia referencial. Neste caso o paralelismo é deixado de lado, justamente para que o contraste de referência no discurso seja estabelecido.

- (51) *A gente* no Natal, por exemplo, *a gente* dá rancho pras pessoas, mas a comunidade colabora, né? Não é que nós damos o nosso dinheiro, a comunidade colabora e *a gente* dá rancho pras pessoas carente, entende? Agora, nos dias das mães, *a gente* comprou, aí sim foi nós, a diretoria,  $\emptyset$  comprou bolachinha, tudo isso pras mães, né?  $\emptyset$  Fizemo chá, bolo com salgadinho, com bolachinha, tudo isso pras mãe, que *a gente* ofereceu pras mãe, né? (J 12)

O exemplo 51 mostra que o paralelismo formal não é apenas um “processamento mecânico de preservação de estruturas” já que, o que mais se preserva na seqüência é a sua “harmonia discursiva”, decorrente de outros fatores, principalmente o referencial. A informante começa o seu relato utilizando a forma *a gente* (a associação de bairro como um todo), reforçada pela mesma forma (...*a gente* dá...); em seguida utiliza duas vezes a forma *nós* (...nós damos o nosso... – cada um dos membros da diretoria); passa novamente a utilizar a forma *a gente*, duas vezes, (...*a gente* dá rancho... – a associação de bairro como um todo) e *a gente* comprou...– os membros da diretoria); utiliza logo em seguida a forma *nós* (...foi nós...– os membros da diretoria), seguida imediatamente pela forma não-expressa *a gente* (...  $\phi$  comprou...– cada um dos membros da diretoria). Após, utiliza a forma não-expressa *nós* ( $\phi$  Fizemo...) e termina o seu discurso com a forma *a gente* (...*a gente* ofereceu...), ambas fazendo referência aos membros da diretoria.

Como, a partir do exemplo 51, considerar o paralelismo formal como uma mera tendência a “marcas levarem a marcas e zeros levarem a zeros”? Se assim fosse, dificilmente o exemplo acima teria essa seqüência discursiva, com uma alternância tão grande de formas (expressas e não-expressas) em função da cadeia referencial. Parece haver na estrutura do plano do discurso cadeias referenciais que interferem na escolha dos falantes para a manutenção da continuidade do discurso e não somente para a simples manutenção de formas paralelas.

Para testar essa hipótese realizou-se uma rodada apenas com a distinção entre referentes iguais e referentes diferentes, suprimindo-se os casos de primeira referência e de sujeitos não-expressos. A Tabela 13, abaixo, mostra os resultados dessa nova distribuição dos fatores:

TABELA 13 – O *paralelismo formal* e a continuidade da referência  
(aplicação, ocorrências, percentual e peso relativo)

Fatores	Jaguarão				Pelotas			
	Aplic.	Ocor.	%	P.R.	Aplic.	Ocor.	%	P.R.
N,P- mesmo referente na oração anterior	455 /	656	66	0,69	652/	900	72	0,71
O,Q- diferente referente na oração anterior	94 /	171	55	0,32	149/	184	81	0,37
<b>TOTAIS</b>	549 /	857	64		801/	1084	75	

Os resultados da Tabela 13 indicam que uma vez estabelecida a referência no primeiro plano, parece não haver por parte dos falantes uma preocupação em relação à forma (*a gente* ou *nós*), devido à manutenção da continuidade do discurso, e não simplesmente de formas paralelas. Haveria, portanto, um princípio geral de continuidade de referência (ou do sujeito) no plano do discurso que explicaria a manutenção de determinadas formas paralelas, principalmente àquelas que mantêm o referente. Diferentemente, tem-se casos em que é necessário a utilização de determinada forma, para que haja uma melhor compreensão do discurso por parte do ouvinte. Neste caso, a restrição é estrutural, como no exemplo 52 abaixo:

- (52) Meu irmão é mais novo, três anos de diferença, né? *A gente* ficava lá,  $\phi$  brincava,  $\phi$  ia pra casa da minha tia e  $\phi$  cuidava de tudo lá. Era isso que *a gente* fazia durante todo o tempo no final de semana. *A gente* ia lá e cuidava de tudo. (J 8)

O informante começa o seu discurso com a forma *a gente* expressa e utiliza, em seguida, três vezes a forma não-expressa. Porém, mais adiante, usa novamente a forma *a gente* para evitar uma ambigüidade ou dúvida quanto ao referente. Caso ele mantivesse a forma não-expressa *a gente*, correria o risco de não ser entendido pelo ouvinte, porque este ficaria confuso quanto ao referente, uma vez que poderia ser o informante e o seu irmão ou uma outra terceira pessoa (ele/a). Veja-se o exemplo 53, retirando-se as duas últimas formas *a gente* expressas do exemplo 52 anterior:

- (53) Meu irmão é mais novo, três anos de diferença, né? *A gente* ficava lá,  $\phi$  brincava,  $\phi$  ia pra casa da minha tia e  $\phi$  cuidava de tudo lá. Era isso que  $\phi$  fazia durante todo o tempo no final de semana,  $\phi$  ia lá e cuidava de tudo. (J 8)



É verdade que Scherre (1992:48-9) já mencionara outras possibilidades que poderiam estar associadas ao paralelismo formal, como “lei do menor esforço”, “funcionamento da memória imediata”, “harmonia e coesão discursiva” e “aspectos pragmáticos e fatores estilísticos”. Mesmo assim, a maioria dos trabalhos acerca de concordância no PB, seja nominal como verbal, tem utilizado o paralelismo formal como um processo de processamento regressivo, até certo ponto “mecânico”. Observa-se esse fato, inclusive, na especificação da variável *paralelismo formal* utilizada neste trabalho. Por essa razão, em boa hora, Amaral (2003) traz à tona uma rica discussão sobre determinados aspectos envolvendo a utilização dessa variável, bem como coloca em “dúvida” o poder explicativo do “paralelismo formal” para o fenômeno estudado por ele, ou seja, “a concordância verbal de segunda pessoa do singular em Pelotas”.

Para o fenômeno lingüístico analisado aqui, que trata da variação das formas *nós* e *a gente* de referência a primeira pessoa do plural na função de sujeito, a utilização da variável *paralelismo formal* poderia ser avaliada tendo em vista dois aspectos: em primeiro lugar, parece haver, não só neste trabalho, como em outros já citados, determinada polarização dos resultados do paralelismo formal, em torno da forma *a gente* expressa (independente do referente) e não-expressa (com o mesmo referente). Esse fato pode estar causando uma falta de “ortogonalidade” (cf. Guy, 1998:29), justamente por não haver coocorrência livre dos fatores, mas sim a existência de determinada “supercategoria” em torno de um ou dois fatores. Obviamente que, dependendo do estágio da mudança, pode ocorrer uma acomodação mais rápida em torno de determinado(s) fator(es), de determinadas variáveis, do que em outras. Mesmo assim, a forma como vem sendo utilizada a variável *paralelismo formal*, para a análise do uso de *a gente*, parece revelar uma distribuição polar, até certo ponto irregular e

assimétrica dos dados, o que comprometeria a eficiência desta variável para uma análise sociolingüística, por desfavorecer uma distribuição mais equilibrada de dados nos fatores.

Em segundo lugar, o fato de o uso de *a gente* ser favorecido quando precedido na oração anterior da mesma forma e do mesmo referente, não pode ser visto unicamente como um resultado do paralelismo formal, mas como uma associação de causas atreladas a fatores resultantes de diferentes aspectos lingüísticos, sejam eles funcionais, discursivos, psicolingüísticos ou estilísticos. A motivação em torno do paralelismo, logo, não seria algo apenas superficial, mas decorrente de outros fatores (também de ordem subjacente) que atuariam na escolha das formas a serem utilizadas pelo falante.

### 5.3.2 As variáveis *tonicidade* e *saliência fônica*

Achou-se por bem, aqui, apresentar juntos os resultados para as variáveis *tonicidade* e *saliência fônica*, contemplando a proposta da existência de “relações gramaticais intrínsecas” entre determinadas variáveis, apresentada na subseção 4.6.2 deste trabalho, e por julgar-se que a tonicidade é determinante na atuação da saliência fônica (cf. Guy, 1981 e Naro, 1981). Posto isso, serão apresentados os resultados para essas duas variáveis, a partir de uma análise que contemple, da forma mais explicativa possível, essa inter-relação.

A variável *tonicidade* foi a segunda variável selecionada como estatisticamente significativa, tanto em Jaguarão como em Pelotas, seguida da variável *saliência fônica*, terceira selecionada nas duas comunidades. Inicialmente partiu-se de um grupo de quatro fatores para a variável *tonicidade*: monossílabos tônicos, oxítonos, paroxítonos e

proparoxítonos. Verificou-se, então, que nenhuma das sessenta e três ocorrências de proparoxítonas, encontradas nas duas comunidades, teve como sujeito a forma *a gente*, em casos do tipo: *a gente* [estávamos, vendíamos, íamos]. As ocorrências foram todas com a forma *nós*, como no exemplo 54:

- (54) Se houvesse a unificação dessas polícias e nós agindo junto, o nosso trabalho começaria e terminaria, e nós entregariamos no fórum, isso facilitaria com certeza. (J 16)

O que se percebeu, entretanto, é a forte tendência entre os informantes dos dois *corpora* de evitar as formas verbais proparoxítonas (“esquiva de proparoxítonas”), conforme característica do PB em modificá-las para formas paroxítonas. Para tanto, ou os falantes utilizam a forma *nós* com o verbo na forma não-marcada [...o carro não deu nem pro conserto, *nós tinha* um fuca, o primeiro fuquinha que *nós tinha* comprado,... J 21], ou utilizam a forma *a gente* [...*a gente fazia* um café bem forte... P 17]. Em Jaguarão, 59% (149/254) das ocorrências de verbos no pretérito imperfeito do indicativo, futuro do pretérito do indicativo e pretérito do subjuntivo, nos quais as formas proparoxítonas de primeira pessoa do plural ocorrem, foram evitadas com a utilização de *a gente*. Em Pelotas o percentual foi bem maior, chegando a 81% (601/738). Nota-se, portanto, que a utilização da forma *a gente* contribui fortemente para a própria simplificação do sistema morfológico verbal do PB. Salienta-se ainda que, nos dois *corpora* analisados, foram verificados apenas quatro casos de *a gente* concordando com verbo na primeira pessoa do plural.

- (55) Os uruguaiois são gente simples, né? *A gente semo* muito mais simpático, sem querer ofender, né? (J 4)
- (56) (...) então *a gente chegamo* em Porto Alegre, peguemo a chama [fogo simbólico farroupilha], lá na praça, no meio lá, e de lá saímo com ela. (J 5)
- (57) Agora trabalhamos juntas, porque como eu te falei, o que existe de lindo aqui em Jaguarão é que *a gente somos* todos uma família, a família jaguareense. (J 24)
- (58) *A gente moramos* três anos, aí *a gente se mudou*, *a gente morava* perto dele, aí *a gente se mudou*. (P 62)

Deve-se ressaltar que, das quatro ocorrências de *a gente* com *-Vmo(s)*, três (exemplos 55, 56 e 58) estão relacionadas a informantes da classe baixa (com pouca escolaridade). Três deles (exemplos 56, 57 e 58) são da faixa etária acima dos 50 anos e apenas um (exemplo 56) na faixa intermediária entre 38 e 49 anos. Fernandes & Gorsky (1986:185), nesse particular, ao analisarem a fala de informantes do Rio de Janeiro, pertencentes ao nível sócio-econômico baixo, afirmam que “falantes mais jovens usam menos *-mos* com ‘*nós*’ e mais *-mos* com ‘*a gente*’ que os falantes mais velhos, ou seja, são os que apresentam maiores desvios da norma padrão”. Observa-se, portanto, uma inversão quanto a esse resultado, já que em Jaguarão e Pelotas este tipo de ocorrência está associada a informantes mais velhos.

Outro fato a ser destacado está relacionado ao exemplo 57. A informante é da classe média-alta, com escolaridade alta (artista plástica) e da faixa etária acima dos 50 anos (69 anos). O esperado seria que esse tipo de ocorrência estivesse associado a um informante com baixa escolaridade e da faixa etária menor. Talvez a informante em questão, tenha utilizado um recurso estilístico para enfatizar o fato de serem todos uma família (“a família jaguareense”), ou talvez quisesse uma aproximação maior com a entrevistadora (uma jovem estudante universitária). O fato é que o uso de *a gente somos* (falado sem pausa entre o sujeito *a gente* e o verbo *somos*), por essa informante, vai de encontro aos padrões sociais dos informantes que “potencialmente” utilizariam ocorrências desse tipo. Deve-se salientar também que, pelo ‘princípio da saliência fônica’, a forma *somos* (em variação com *é*), por pertencer ao nível mais alto da escala de diferenciação fônica, tenderia a resistir mais a desaparecer. Talvez por isso, também, a informante tenha utilizado *somos*, mesmo no caso de concordância com o sujeito *a gente*.

A Tabela 14, abaixo, demonstra que os fatores que favoreceram o uso de *a gente* foram os verbos monossílabos tônicos e oxítonos, amalgamados em um único fator, com peso relativo alto nas duas comunidades.

TABELA 14 – O uso de *a gente* em Jaguarão e Pelotas e a *tonicidade* (aplicação, ocorrências, percentual e peso relativo)

Fatores	Jaguarão				Pelotas			
	Aplic.	Ocor.	%	P.R.	Aplic.	Ocor.	%	P.R.
M,O- Monossílabo tônico e Oxítono	440 /	465	95	0,89	663 /	709	94	0,79
P- Paroxítono	432 /	774	56	0,22	554 /	812	68	0,24
<b>TOTAIS</b>	872 /	1239	70		1217 /	1521	80	

Os resultados para a tonicidade mostram que essa variável está intimamente associada à variável *saliência fônica*, justamente a terceira variável que foi selecionada como estatisticamente significante. Os contextos de verbos monossílabos tônicos e oxítonos (tem, foi, faz, etc / está, cantou, falou, etc) favoreceram o uso de *a gente* com peso relativo de 0,89 para Jaguarão e de 0,79 para Pelotas. O contexto de verbos paroxítonos (fala, falava, etc) desfavoreceu a aplicação de *a gente* nas duas comunidades.

Estão presentes na Tabela 15, abaixo, os resultados da variável *saliência fônica* com sete fatores, como proposto na primeira especificação das variáveis, porque acredita-se ser a ‘saliência fônica’ um dos condicionantes mais relevantes para a aplicação da forma *a gente*. Por essa razão o nível 1, mesmo com um número de ocorrências abaixo dos 2% propostos como o mínimo a ser utilizado neste trabalho, também foi mantido. Os resultados da Tabela 15 demonstram que os níveis (fatores) 1, 2, 3 e 4 apresentam pesos relativos mais altos, tanto para Jaguarão como para Pelotas, justamente aqueles contextos em que a saliência é menor, isto é, em que há uma menor distinção na oposição entre as formas verbais.

TABELA 15 – O uso de *a gente* em Jaguarão e Pelotas e a *saliência fônica* (aplicação, ocorrências, percentual e peso relativo)

Fatores	Jaguarão				Pelotas			
	Aplic.	Ocor.	%	P.R.	Aplic.	Ocor.	%	P.R.
1- mesma forma para P3 e P4 (falando)	5 /	13	38	0,58	16 /	20	80	0,62
2- infinitivo com acréscimo da desinência – <i>mos</i>	34 /	39	87	0,76	27 /	31	87	0,74
3- acréscimo desinência – <i>mos</i> c/ conservação sílabas tônicas (falava/falávamos)	142 /	243	58	0,54	599 /	734	82	0,59
4- deslocamento do acento tônico e acréscimo da desinência – <i>mos</i> (fala/falamos, trouxe/trouxemos, disse/dissemos)	337 /	422	80	0,76	180 /	201	90	0,70
5- monossílabos tônicos ou oxítonos no singular que passam a paroxítonas (tem/temos, está/estamos)	129 /	191	68	0,16	73 /	88	83	0,33
6- reduções de ditongos finais em vogais com acrécimo da desinência – <i>mos</i> (comeu/comemos, partiu/partimos, vai/vamos, foi/fomos)	208 /	313	66	0,33	310 /	454	68	0,30
7- diferenças fonológicas acentuadas entre P3 e P4 (falou/falamos, veio/viemos, é/somos)	17 /	42	40	0,26	12 /	32	38	0,19
<b>TOTAIS</b>	<b>872 /</b>	<b>1263</b>	<b>69</b>		<b>1217 /</b>	<b>1560</b>	<b>78</b>	

Nota-se, pela Tabela 15, que a forma *a gente* é mais favorecida nos níveis em que não há, ou há uma menor diferenciação de material fônico, e nos níveis nos quais a oposição não é tônica ou é tônica em apenas uma das duas formas, quais sejam: Jaguarão 1 (0,58), 2 (0,76), 3 (0,54) e 4 (0,76); Pelotas 1 (0,62), 2 (0,74), 3 (0,59) e 4 (0,70). De forma oposta, nos níveis 5, 6 e 7, nos quais essas diferenças são maiores, estão os menores pesos relativos, respectivamente: Jaguarão 5 (0,16), 6 (0,33) e 7 (0,26); Pelotas 5 (0,33), 6 (0,30) e 7 (0,19). Esses resultados indicam haver menos distância fonética entre as formas *a gente* falava vs. *nós* falávamos e *a gente* fala vs. *nós* falamos que entre as formas *a gente* está vs. *nós* estamos, *a gente* foi vs. *nós* fomos e *a gente* é vs. *nós* somos.

Deve-se frisar, entretanto, que os resultados da “escala de saliência” não se comportaram exatamente como previsto, dado que o esperado seria uma escala gradual para os pesos relativos decrescendo do nível um (maior peso relativo) até o nível sete

(menor peso relativo). A “escala”, por si só, tal como está proposta, não deu conta dos dados nesse caso, o que poderia supor o seu baixo poder explicativo.

Procedeu-se, então, à realização de mais quatro rodadas em torno de amalgamações sujeitas a ‘testes de significância estatística’, que indicaram ser possível amalgamar os níveis 1, 2 e 3 (em que há conservação de sílaba tônica nas duas formas) e os níveis 5, 6 e 7 (nos quais há oposição de sílaba tônica nas duas formas). Foi mantido o nível 4 (no qual há oposição tônica em apenas uma das duas formas), justamente por ser intermediário entre os dois últimos fatores amalgamados. Os novos resultados para a variável *saliência fônica* estão presentes na Tabela 16 abaixo:

TABELA 16 – O uso de *a gente* em Jaguarão e Pelotas e a *saliência fônica* – resultados após amalgamações (aplicação, ocorrências, percentual e peso relativo)

Fatores	Jaguarão				Pelotas			
	Aplic.	Ocor.	%	P.R.	Aplic.	Ocor.	%	P.R.
1, 2, 3 – Oposição <i>-V/-Vmos</i> não é tônica nas duas formas	181 /	295	61	0,52	642 /	785	82	0,63
4 – Oposição <i>-V/-Vmos</i> é tônica em uma das formas	337 /	422	80	0,75	180 /	201	90	0,72
5, 6, 7 – Oposição <i>-V/-Vmos</i> é tônica nas duas formas	354 /	546	65	0,30	395 /	574	69	0,26
<b>TOTAIS</b>	872 /	1263	69		1217 /	1560	78	

Os resultados da Tabela 16 demonstram que a aplicação de *a gente* é maior nos níveis em que é menor a oposição entre P3 (*-V*) – que se combina com *a gente* – e P4 (*-Vmos*) – que se combina com *nós*. Em Jaguarão os níveis 1, 2 e 3 amalgamados representaram um peso relativo de 0,52, enquanto que o nível 4 obteve peso relativo mais alto de 0,75. Os níveis 5, 6 e 7, com maior diferenciação fônica e, portanto, com maior oposição entre P3 e P4, obtiveram peso relativo de apenas 0,30. Em Pelotas o quadro foi o mesmo, sendo que os níveis 1, 2 e 3 amalgamados ficaram com 0,63, o nível 4 com 0,72 e os níveis 5, 6 e 7, juntos, com apenas 0,26.

Observa-se que a maior ou menor oposição na tonicidade entre as duas formas verbais está sistematicamente associada à aplicação de *a gente*. Tanto é assim que os

pesos relativos encontrados para o uso de *a gente*, conforme Tabela 15 (com todos os fatores), como na Tabela 16 (com os fatores extremos amalgamados), sustentaram a hipótese B4 deste trabalho, de que “o uso de *a gente* será menor quando, nas formas verbais, existir menor saliência fônica”. Poder-se-ia, então, dizer que quanto menor for a oposição de tonicidade entre as duas formas verbais, maior será a possibilidade de aplicação de *a gente*. Ressalta-se, no entanto, que mesmo com a amalgamação dos fatores os dados não se comportaram como a “escala” previa e talvez a explicação esteja na ‘tonicidade’ e sua interação com o grupo de fatores da ‘saliência fônica’.

Para demonstrar a inter-relação da tonicidade com a saliência fônica, achou-se interessante proceder ao cruzamento dessas variáveis, especificamente em relação ao uso de *a gente*. Os resultados desses cruzamentos, segundo a Ilustração 14 abaixo, reforçam a importância da tonicidade para a especificação da saliência fônica. Tanto é assim que Naro (1981) e Guy (1991), embora com enfoques metodológicos diferentes, já ressaltaram a importância dessa relação intrínseca.

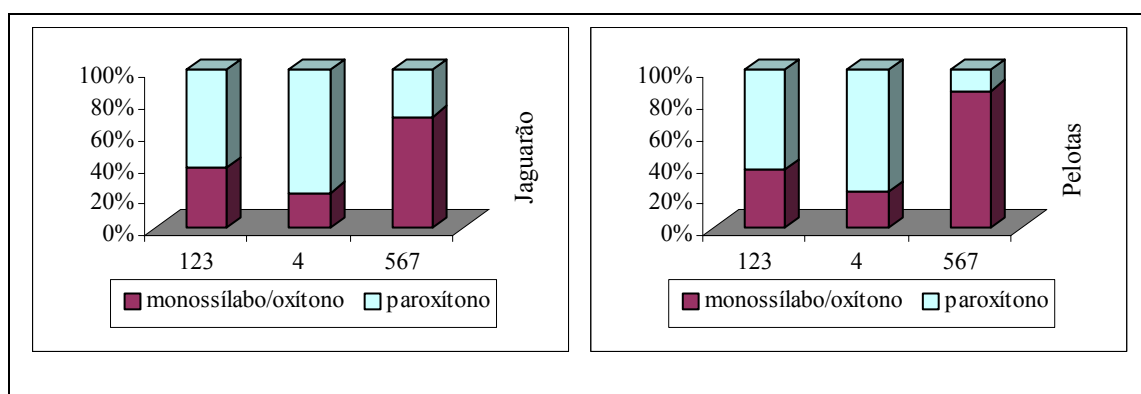


ILUSTRAÇÃO 14 – Cruzamento entre as variáveis *tonicidade* e *saliência fônica* para o uso de *a gente* em Jaguarão e Pelotas – percentuais

Está demonstrado que nos níveis de saliência 5, 6 e 7 estão os contextos em que a hierarquia é maior na escala de saliência, o que ocasiona, além de uma mudança fonética mais acentuada, uma mudança de tonicidade entre as duas formas verbais.



Nesses níveis, formas paroxítonas (estamos, temos, cantamos, vamos, falamos, somos), associadas ao pronome *nós*, mudam para formas monossílabas ou oxítonas (está, tem, cantou, vai, falou, é), quando da utilização de *a gente*. Quanto maior for a diferença de tonicidade entre as duas formas verbais (níveis 5, 6 e 7), menor a frequência de uso de formas paroxítonas e, por conseguinte, maiores os casos de *a gente* com verbos monossílabos tônicos e oxítonos. Por outro lado, quando a tonicidade se mantém (níveis 1, 2 e 3), ou a diferença é menor (nível 4), maiores os percentuais de *a gente* com verbos paroxítonos e, conseqüentemente, maior a aplicação de *a gente*.

A Ilustração 14, anterior, mostra também que as formas verbais monossílabas e oxítonas, associadas ao uso de *a gente*, são mais freqüentes nos níveis 5, 6 e 7, enquanto que nos níveis 1, 2, 3 e 4 são mais freqüentes os casos de *a gente* com formas verbais paroxítonas. Todas essas considerações evidenciam a importância da tonicidade para o estabelecimento na escolha da forma verbal a ser utilizada na variação entre *nós* e *a gente*

### 5.3.3 A variável *referência semântica do sujeito*

Esta variável é de suma importância para o estudo aqui proposto, que pretende analisar o processo de variação e mudança decorrente da inserção da forma *a gente* no PB. No decorrer deste trabalho, buscou-se evidenciar, da forma mais completa e clara possível, as modificações semânticas em torno da forma *a gente* até o seu atual estágio da mudança. Parece claro que o percurso da gramaticalização de *a gente* passou de *gente* (substantivo genérico) → *a gente* (pronome indefinido) → *a gente* (pronome pessoal). Supõe-se, também, que quanto maior for o grau de pessoalização de *a gente*, mais específico é seu uso e maior é a sua especialização como pronome pessoal.

Inicialmente, cabe aqui uma consideração importante. Para a especificação dos fatores desta variável, levou-se em conta a possibilidade da existência de graus de pessoalização para o pronome *a gente* (cf. subseção 3.2). Pela natureza das entrevistas dos dois *corpora* já se sabia, *a priori*, que os fatores 2 (referência específica inclusiva = “eu” + pessoa) e 5 (referência específica inclusiva = “eu” + pessoa + não-pessoa) estariam prejudicados, porque ocorrências de *a gente* (e de *nós*) com referentes desse tipo seriam muito escassas, devido ao caráter assimétrico da interação entrevistador/entrevistado. Conforme os padrões metodológicos pré-estabelecidos para a composição dos bancos de dados lingüísticos do BDS Pampa e do VarX, o foco da entrevista está centrado no entrevistado. Mesmo assim, acredita-se que foi possível realizar uma análise substancial com os dados das duas comunidades. A Tabela 17, abaixo, traz os resultados percentuais gerais para Jaguarão e para Pelotas, quanto à referência semântica do sujeito:

TABELA 17 – Frequência do uso de *a gente* em Jaguarão e Pelotas conforme *referência semântica do sujeito* (dados gerais)

Fatores	Jaguarão			Pelotas		
	Aplic.	Ocor.	%	Aplic.	Ocor.	%
1- referência específica ao próprio falante (=eu)	6 /	6	100	13 /	17	76
2- referência específica inclusiva (=eu + pessoa)	2 /	4	50	1 /	1	100
3- referência específica exclusiva (eu + não-pessoa)	457 /	708	65	933 /	1251	75
4- referência genérica (eu + todo/qualquer indivíduo)	407 /	545	75	270 /	291	93
5- ref. específica inclusiva (eu+pessoa+não-pessoa)	-	-	-	-	-	-
<b>TOTAIS</b>	872 /	1263	69	1217 /	1560	78

A Tabela 17 mostra o que se esperava: o fator 2 com um número reduzido de dados; o fator 5 não apresentou ocorrências para as duas comunidades. Procedeu-se, então, à amalgamação dos fatores 1 e 2 em um único fator, acompanhada de comprovação estatística através de testes de significância. Os exemplos 59 e 60 dizem respeito aos fatores 1 (referência específica ao próprio falante) e 2 (referência específica inclusiva), que foram amalgamados:

- (59) Eu fui conhecê um rádio, eu já tinha sete anos quando o meu pai comprou um rádio. *A gente* não tinha nada em casa. Tinha assim, móveis, tudo normal; fogão, essas coisas. E aí *a gente* já tinha sete anos quando o meu pai comprou um rádio. (P 53)
- (60) Entrevistadora: E esse lugar aí que tu disse?  
Informante: Ué, mas se tu quiser *a gente* pode sair; é, não sei, sei que *a gente* pode dar uma saída assim, né? [informante referindo-se à entrevistadora] (J 2)

Ressalta-se ainda que, mesmo que o número de ocorrências para as duas comunidades, com os fatores 1 e 2 amalgamados, tenha ficado abaixo do mínimo de 2% de dados, estipulados como critério inicial para a análise, manteve-se esse fator, visto que esta variável é fundamental para que os objetivos deste trabalho sejam atingidos de forma mais explicativa possível. A Tabela 18, a seguir, com três fatores resultantes, apresenta os resultados para a ‘referência semântica do sujeito’:

TABELA 18 – O uso de *a gente* em Jaguarão e Pelotas e a *referência semântica do sujeito* – resultados após amalgamações (aplicação, ocorrências, percentual e peso relativo)

Fatores	Jaguarão				Pelotas			
	Aplic.	Ocor.	%	P.R.	Aplic.	Ocor.	%	P.R.
1,2- referência específica ao falante (=eu) e referência específica inclusiva (eu + pessoa)	8 /	10	80	0,73	14 /	18	78	0,66
3- referência específica exclusiva ( eu + não-pessoa)	457 /	708	65	0,38	933 /	1251	75	0,44
4- ref. genérica (eu + todo/qualquer indivíduo)	407 /	545	75	0,65	270 /	291	93	0,73
<b>TOTAIS</b>	872 /	1263	69		1217 /	1560	78	

Pode-se verificar, pela Tabela 18, que os índices para as duas comunidades não são muito diferentes, havendo um favorecimento para o uso de *a gente* nos dois extremos, isto é, nos contextos em que o grau de pessoalização é maior (1 e 2) e no contexto de referência genérica, no qual esse grau é mínimo. Os percentuais e os pesos relativos para o uso genérico de *a gente*, tanto para Jaguarão (75% / 0,65) como para Pelotas (93% / 0,73), mostram um favorecimento para esse tipo de emprego. Os pesos relativos altos podem ser explicados, levando-se em conta o *Princípio da Persistência* de Hopper (1991:28-30) que diz que “durante estágios intermediários pode-se esperar que uma forma será polissêmica, e que um ou mais de seus sentidos refletirão um sentido dominante mais antigo”. Esse fato indica que o processo de gramaticalização de

*a gente* está em curso, justamente porque ainda não possui, predominantemente, a característica inclusiva relacionada ao plural específico (cf. Ilustração 1). Soma-se a isso o fato de que o uso genérico de *a gente* compete com outras formas na língua, como *as pessoas*, *se*, *tu*, e não só com *nós*. Talvez por isso o seu uso fique superdimensionado.

Entretanto, como demonstra a mesma Tabela 18, há um “forte” favorecimento ao uso de *a gente* para os fatores 1 e 2 amalgamados. Para Jaguarão o peso relativo é de 0,73 e o percentual de aplicação 80%. Para Pelotas o quadro se repete, com peso relativo de 0,66 e percentual de 78%. Esses valores indicam a existência de um fato novo, por mostrar que o uso de *a gente* também é funcional nos contextos de referência específica inclusiva, tradicionalmente associados ao pronome *nós*. Acrescenta-se o fato de que, para os casos de referência exclusiva (“eu” + não-pessoa), mesmo que os pesos relativos para Jaguarão (0,38) e Pelotas (0,44) não sejam favoráveis, os percentuais e os números de ocorrências, respectivamente,  $457/708 = 65\%$  e  $933/1251 = 75\%$ , parecem indicar que o curso da mudança de *a gente* está em um estágio avançado, efetivando-se também como pronome pessoal “pleno”.

Os resultados percentuais para o uso de *a gente* com referente específico/determinado, encontrados em trabalhos de outros autores, também reforçam essa hipótese. Seara (2000:185) apresenta, para Florianópolis, o seguinte número de ocorrências e percentual para o uso de *a gente* específico:  $385/553 = 70\%$ ; Zilles (2003:/), para Porto Alegre, mostra o seguinte resultado:  $620/1013 = 61\%$ . Soma-se a isso, os resultados dos estudos de tendência que também trazem índices relevantes para a sustentação da hipótese em favor do aumento do uso de *a gente* com referente específico. Zilles (2002a, 2003), para Porto Alegre, encontrou os seguintes valores para o *a gente* específico: de 33% (18/55) na década de 1970, passou para 51% (148/288) na

década de 1990. Omena (2003), com igual metodologia, para o Rio de Janeiro, traz estes resultados: de 67% (296/444) na década de 1980, passou para 80% (286/358) na década de 2000. Observa-se, portanto, que a preferência por *a gente* com referência específica, em termos percentuais e de número de ocorrências, vem crescendo de forma constante e num ritmo, até certo ponto, acelerado.

#### 5.3.4 A variável *posição do sujeito na frase*

A variável *posição do sujeito na frase* foi selecionada apenas em Jaguarão. Defendeu-se, conforme hipótese B3 deste trabalho, de que “o uso de *a gente* é mais freqüente em sujeitos antepostos ao verbo, em posição adjacente imediata à esquerda ou com clítico intercalado”. Os resultados mostraram que o uso de *a gente* foi mais favorecido nos casos em que há elemento(s) intercalado(s) entre o sujeito e o verbo, seja ele um clítico ou uma seqüência de palavras. Veja-se os exemplos:

(61) *A gente se* encontrava nos domingos. (P 1)

(62) Então *a gente, no final do último dia de aula*, começava desde de manhã a tomá samba.  
(P 30)

Considerou-se também como clíticos<sup>61</sup> os casos de “não” e “já”, entre o sujeito e o verbo, quando ocorreram na forma átona, por não serem portadores de acento primário, como nos exemplos 63 e 64.

(63) *A gente não* tinha muita amizade na rua. (P 7)

(64) *Nós* tinha prometido que no outro dia *a gente já* ia embora. (J 19)

No caso dos clíticos, acredita-se que o peso relativo de 0,76 expresso na Tabela 19, abaixo, esteja relacionado, em grande parte, ao fato deles atuarem como reflexivos e

---

<sup>61</sup> Para Bisol (2000:19) “o clítico e seu hospedeiro mantêm entre si a relação de dominância que define um constituinte prosódico: o cabeça é a palavra de conteúdo e o dominado é um clítico ou mais de um. Mas é um grupo que pressupõe uma origem sintática, como qualquer frase fonológica. É o menor constituinte frasal”.

recíprocos na condição de sujeitos animados: ‘*a gente se* conheceu’, ‘*a gente se* dá bem’, ‘*a gente se* encontra’, ‘*a gente se* dava pau’. Além disso, nesses casos, a utilização de *a gente* evita construções lingüísticas mais complexas, como no caso da utilização do clítico *nos*, como ‘*nós nos* conhecemos’, ‘*nós nos* dávamos (dava) pau’. Essas construções são, em alguns casos, utilizadas no PB com o clítico *se*: ‘*nós se* conhecemos’, ‘*nós se* dava pau’. A utilização da forma *a gente*, ao efetivar-se como categoria de “pessoa”, reestrutura e simplifica o paradigma verbal e pronominal do PB, modificando também determinadas construções lingüísticas, como no caso da utilização dos clíticos.

TABELA 19 – O uso de *a gente* em Jaguarão e a posição do sujeito na frase (aplicação, ocorrências, percentual e peso relativo)

Fatores	Aplic.	Ocor.	%	P. R.
A-sujeito adjacente à esquerda do verbo	662 /	981	67	0,43
C,N,J-sujeito à esquerda c/ clítico intercalado (se, não, já)	176 /	233	76	0,76
D-sujeito à esquerda distante do verbo	34 /	49	69	0,52
<b>TOTAIS</b>	872 /	1263	69	

Também estão entre os condicionadores da aplicação de *a gente* os casos em que a quantidade de material intercalado distanciou o sujeito do verbo. Para esses casos o peso relativo ficou em 0,52, próximo do ponto neutro.

#### 5.4 As variáveis sociais

Três foram as variáveis sociais que fizeram parte do envelope de variação: ‘gênero’, ‘faixa etária’ e ‘classe social’. A ‘escolaridade’ não consta como variável independente, por ser uma das dimensões sociais (juntamente com ‘renda’, ‘local de moradia’ e ‘profissão’) que contribuíram para a construção da variável *classe social*. Das três variáveis sociais que compuseram o envelope de variação, *faixa etária* e *classe social* foram selecionadas como estatisticamente significativas nas duas comunidades.

A seleção dessas variáveis evidencia a existência de diferenças entre os falantes pertencentes a cada uma das duas comunidades, o que denota a importância das variáveis sociais para os trabalhos que tratam de variação e mudança lingüística. Nesse sentido Labov (1972:121) já ressaltara que, “através das observações do comportamento lingüístico é possível realizar estudos detalhados sobre a estrutura da estratificação em classe de uma determinada comunidade”.

#### 5.4.1 A variável *faixa etária*

A variável *faixa etária* é fundamental para a verificação do comportamento lingüístico de uma comunidade, por indicar se um fenômeno lingüístico está em variação estável ou em processo de mudança. Os resultados para esta variável, em Jaguarão e Pelotas, favorecem a hipótese A2 postulada aqui, de que os falantes mais jovens tendem a utilizar mais a forma inovadora *a gente*.

A Tabela 20, abaixo, apresenta os valores para as duas comunidades em percentuais e pesos relativos, testados estatisticamente. Como se observa, os indivíduos mais jovens (de 16 a 25 anos) foram os que mais favoreceram o uso de *a gente*. Em Jaguarão, o percentual foi de 76% e o peso relativo de 0,70. Em Pelotas o percentual foi maior, de 86% e peso relativo de 0,71. Os indivíduos da faixa etária entre 26 e 49 anos indicaram uma leve diferença de comportamento. Em Jaguarão o percentual ficou em 70% e o peso relativo em 0,47, próximo do ponto neutro. Em Pelotas, encontrou-se um percentual de 82% e peso relativo de 0,56. Quanto aos indivíduos acima de 50 anos, os pesos relativos para as duas comunidades mostraram ser esta faixa etária a que menos favorece o uso de *a gente*. Há evidências, nas duas comunidades, em favor de

considerar-se essa uma mudança geracional (cf. Labov, 1994:84), uma vez que cada nova geração estaria usando um pouco mais da forma inovadora.

TABELA 20 – O uso de *a gente* em Jaguarão e Pelotas e a *faixa etária* (aplicação, ocorrências, percentual e peso relativo)

Fatores	Jaguarão				Pelotas			
	Aplic.	Ocor.	%	P.R.	Aplic.	Ocor.	%	P.R.
A- de 16 a 25 anos	418 /	549	76	0,70	349 /	405	86	0,71
C- de 26 a 49 anos	293 /	419	70	0,47	577 /	700	82	0,56
E- 50 anos ou mais	161 /	295	55	0,27	291 /	455	64	0,29
<b>TOTAIS</b>	872 /	1263	69		1217 /	1560	78	

Os resultados da Tabela 20 demonstram, com base na análise em *tempo aparente*, uma clara tendência em favor da forma *a gente* pelos falantes mais jovens, o que é compatível com um processo de mudança em curso. Para reforçar essa interpretação dos dados, a Ilustração 15 traz os pesos relativos e percentuais para as três faixas etárias:

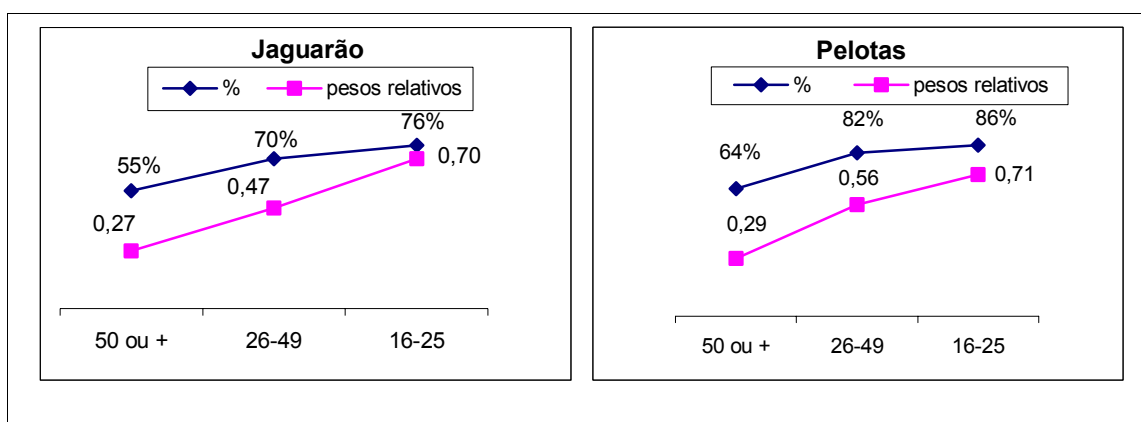


ILUSTRAÇÃO 15 – Uso de *a gente* em Jaguarão e Pelotas por faixa etária: pesos relativos e percentuais

Conforme a Ilustração 15, observa-se que a mudança em curso é fundamentada tanto pelos valores dos pesos relativos como pelos percentuais os quais, de forma evidente, demonstram que a variante inovadora *a gente* é mais freqüente entre os jovens. Os percentuais para as três faixas etárias indicam que a mudança está mais adiantada em Pelotas do que em Jaguarão. Tanto é assim que o percentual geral de *a gente* para Pelotas é de 78% (1217/1560), superior ao percentual de 69% (872/1263)



para Jaguarão. Deve-se destacar que os valores aqui apresentados para a variável *faixa etária* coincidem com os resultados presentes em outros trabalhos que trataram do uso de *a gente*, como especificado na subseção 3.4, que conferem aos jovens uma preferência maior pela utilização da forma inovadora. É essa sintonia mais geral que sustenta fortemente a interpretação de mudança em curso.

#### 5.4.2 A variável *classe social*

A variável *classe social* também foi selecionada como estatisticamente significativa nas duas comunidades analisadas. Ressalta-se que esta variável está estruturada com base em dimensões sociais de ‘escolaridade’, ‘renda’, ‘local de moradia’ e ‘profissão’. Os resultados para a variável *classe social*, com diferenças estatisticamente significativas entre as três classes, estão presentes na Tabela 21 abaixo.

TABELA 21 – O uso de *a gente* em Jaguarão e Pelotas e a *classe social* (aplicação, ocorrências, percentual e peso relativo)

Fatores	Jaguarão				Pelotas			
	Aplic.	Ocor.	%	P.R.	Aplic.	Ocor.	%	P.R.
B- classe baixa	296 /	372	80	0,67	317 /	435	73	0,31
M- classe média-baixa	288 /	459	63	0,38	469 /	588	80	0,39
T- classe média-alta	288 /	432	67	0,48	431 /	537	80	0,76
<b>TOTAIS</b>	872 /	1263	69		1217 /	1560	78	

Observa-se, pelos resultados da Tabela 21, que a distribuição do uso de *a gente* por classe social não é equilibrada nas duas comunidades e entre as duas comunidades. Mais do que isso: há uma inversão quanto ao seu favorecimento nas duas comunidades: em Jaguarão o uso de *a gente* é favorecido pela classe baixa, com peso relativo de 0,67; em Pelotas pela classe média-alta, com peso relativo de 0,76.

Os valores da Tabela 21 demonstram também que em Jaguarão a diferenciação se dá entre as classes médias (baixa e alta), que desfavorecem a mudança, e a classe

baixa, que favorece a mudança. Em Pelotas a diferenciação se dá entre a classe média-alta, que favorece a mudança, e as classes baixas, que desfavorecem a mudança.

A diferenciação de classe nas (e entre as) duas comunidades pode ser melhor observada a partir da Ilustração 16, abaixo, que apresenta os valores para o uso de *a gente* em pesos relativos:

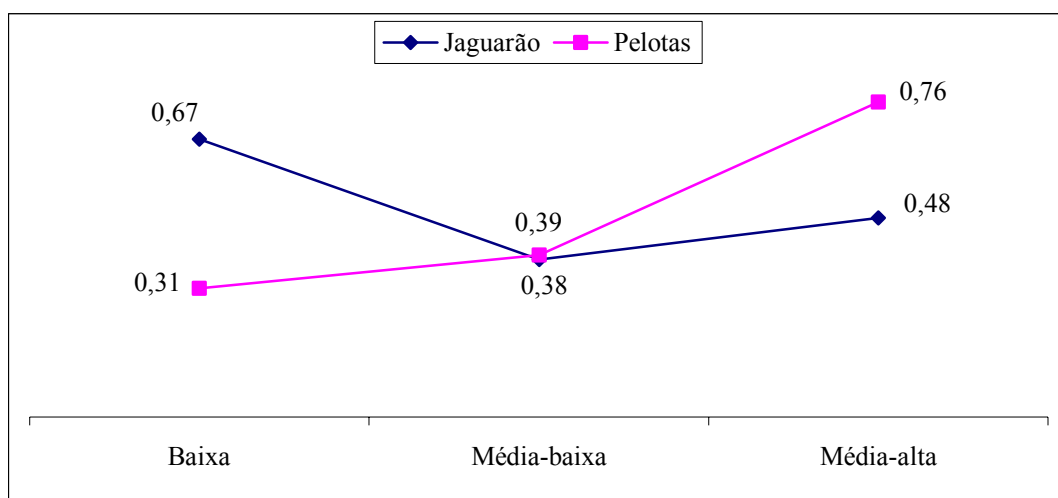


ILUSTRAÇÃO 16 – Pesos relativos para o uso de *a gente* em Jaguarão e Pelotas por classe social

Como demonstra a Ilustração 16, há uma inversão quanto ao favorecimento de *a gente* entre as duas comunidades nas classes sociais extremas. Em Jaguarão a forma inovadora parece ter menor prestígio (*status*) na classe média-alta, indicando uma certa estigmatização em relação ao seu uso, o que sustenta a hipótese A5 deste trabalho. Em Pelotas, de forma oposta, é justamente a classe média-alta a que mais favorece o uso de *a gente* e, por conseguinte, a que parece conferir o maior prestígio ao uso da forma inovadora, o que vai de encontro à hipótese A5 inicial.

Se até aqui as duas comunidades não apresentaram diferenças substanciais nos resultados para as variáveis analisadas, com os resultados da variável *classe social* esta aproximação deixa de ocorrer. Nota-se, pela Ilustração 16, que a mudança em Pelotas vem ‘de cima para baixo’, enquanto que em Jaguarão o processo é inverso, a mudança

ocorre ‘de baixo para cima’<sup>62</sup>. Na subseção 5.4.4 seguinte, que trata da inter-relação entre as variáveis sociais, busca-se refinar a análise para que se possa trazer à tona uma leitura mais apurada em relação ao papel dos fatores sociais junto ao processo de gramaticalização de *a gente*.

### 5.4.3 A variável *gênero*

Mesmo não tendo sido selecionada na rodada geral e nas rodadas específicas com os grupos de variáveis afins, achou-se interessante incluir na análise a variável *gênero*, pela sua importância para os cruzamentos com as variáveis *faixa etária* e *classe social*. A Tabela 22, abaixo, traduz os resultados das rodadas apenas com as variáveis sociais.

TABELA 22 – O uso de *a gente* em Jaguarão e Pelotas e o *gênero* (aplicação, ocorrências, percentual e peso relativo)

Fatores	Jaguarão				Pelotas			
	Aplic.	Ocor.	%	P.R.	Aplic.	Ocor.	%	P.R.
F- feminino	583 /	837	70	0,51	713 /	911	78	0,51
M- masculino	289 /	426	68	0,48	504 /	649	78	0,49
<b>TOTAIS</b>	872 /	1263	69		1217 /	1560	78	

Os resultados apresentados pela Tabela 22 mostram um “tímido” favorecimento por parte das mulheres ao uso de *a gente* nas duas comunidades, com peso relativo de 0,51, o que contempla a hipótese A3 deste trabalho. Observa-se também que os valores, tanto em percentuais como em pesos relativos, são muito próximos nas (e entre as) duas comunidades. Os pesos relativos maiores para as mulheres – mesmo próximo do ponto neutro 0,50 – vão ao encontro dos resultados de outros trabalhos sobre o uso de *a gente*, como o de Seara (2000) e o de Zilles (2002), e também reafirmam a hipótese já observada por Labov (1990, 2001), Eckert (1998), e Guy (2001a), de que as mudanças implementadas pelas mulheres seriam mais rapidamente aceitas na comunidade, devido

<sup>62</sup> Conforme especificações para as mudanças lingüísticas propostas por Labov, 1994:78, em: *change from above and change from below*.

ao papel desempenhado pelas mesmas no núcleo familiar e social, principalmente no que se refere ao cuidado às crianças. Levando-se em conta essas considerações, poder-se-ia supor que o favorecimento do uso de *a gente* pelas mulheres seja um indicador de que a mudança esteja ocorrendo de forma mais espontânea<sup>63</sup>, o que acarretaria em um avanço no uso de *a gente* nas gerações futuras das duas comunidades.

#### 5.4.4 Os cruzamentos e interações entre as variáveis sociais

Nas subseções seguintes serão apresentados cruzamentos e interações entre as variáveis sociais *gênero*, *faixa etária* e *classe social*. A partir deles, pode-se avançar na análise, justamente porque os resultados desses procedimentos trazem à tona “novos olhares” sobre os aspectos lingüístico-sociais que, inter cruzados, podem servir para um refinamento da análise.

##### 5.4.4.1 A interação entre as variáveis *faixa etária* e *gênero*

Os resultados de Jaguarão e de Pelotas para a variável *gênero* (cf. Tabela 22) indicam um leve favorecimento ao uso de *a gente* por parte das mulheres. No que se refere à faixa etária (cf. Ilustração 15), os indivíduos mais jovens, entre 16 e 25 anos, estão à frente na mudança nas duas comunidades. A Ilustração 17, abaixo, traz os resultados da interação entre os grupos de fatores ‘faixa etária’ e ‘gênero’. A taxa de aplicação de *a gente*, em todos os seis grupos, é sempre maior em Pelotas, o que reforça a hipótese A4 deste trabalho.

A interação entre faixa etária e gênero indica, para as duas comunidades, que a aplicação de *a gente* aumenta progressivamente, conforme diminui a faixa etária dos

---

<sup>63</sup> Conforme Princípio 4 apresentado por Labov, 2001:292 – “Em mudança lingüística vinda de baixo, as frequências de uso de formas inovadoras pelas mulheres são maiores que as dos homens”.

informantes, independente do gênero. Esse fato demonstra a força da mudança nas faixas etárias mais jovens. A única exceção está nos informantes femininos de Jaguarão, da faixa etária de 16 a 25 anos. Era de se esperar que as mulheres estivessem à frente dos homens na aplicação de *a gente*, como o verificado em Pelotas. Porém, examinando-se os resultados dos informantes separadamente, verificou-se que o informante *J 2* (masculino, de 20 a 25 anos), de Jaguarão, teve 95% (37/39) de aplicação para o uso de *a gente*. Esse valor, quase categórico, foi decisivo para que os homens obtivessem um percentual maior do que as mulheres na faixa etária mais jovem. Acrescenta-se a isso o fato de a informante *J 19* (feminina, de 16-20 anos) ter uma taxa de aplicação de *a gente* de apenas 44%. Sem esses dois informantes, a média de aplicação de *a gente* em Jaguarão, para o cruzamento entre faixa etária (de 16 a 25 anos) e gênero, é de 79% para os homens e de 82% para as mulheres. Esse resultado contribui para a sustentação das hipóteses A2 e A3 deste trabalho, de que as mulheres e os falantes mais jovens estão à frente da mudança.

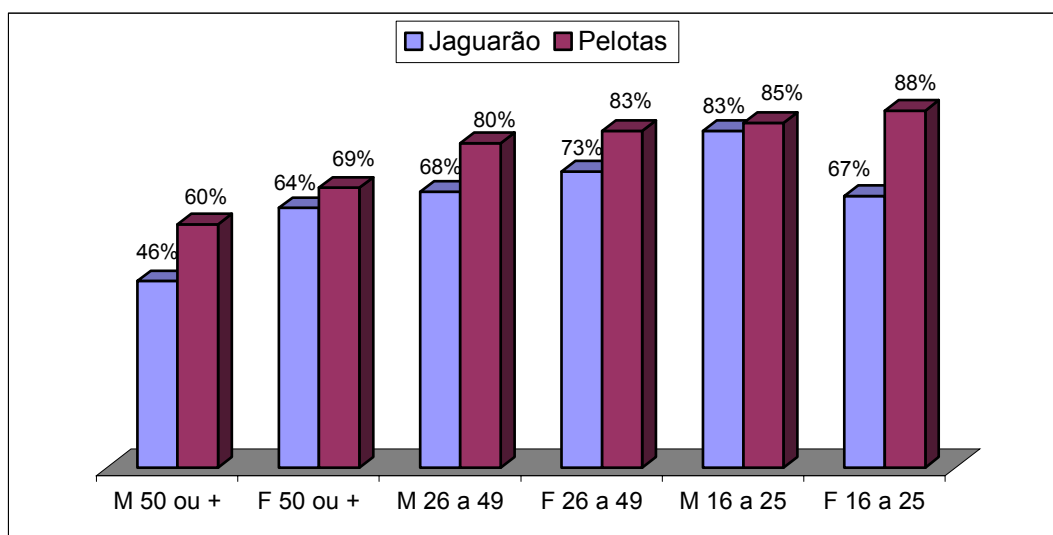


ILUSTRAÇÃO 17 – Percentuais de aplicação de *a gente* em Jaguarão e Pelotas por faixa etária e gênero

Constata-se também, pela Ilustração 17, que na faixa etária intermediária de 26 a 49 anos, nas duas comunidades, estão as menores diferenças percentuais entre homens e

mulheres. Contudo, os valores de Pelotas são superiores aos de Jaguarão. Os percentuais para as faixas etárias abaixo de 50 anos de Pelotas são sempre superiores à média geral de 78% de aplicação de *a gente* nessa comunidade, o que reforça a hipótese de que o processo de gramaticalização de *a gente*, em Pelotas, está em um estágio mais avançado do que em Jaguarão.

#### 5.4.4.2 O cruzamento entre as variáveis *faixa etária e classe social*

A Ilustração 18, abaixo, mostra o cruzamento entre faixa etária e classe social em Jaguarão e Pelotas. Nota-se, pelas linhas de tendência das três classes sociais, que em Jaguarão há uma maior aplicação de *a gente* pela classe baixa, à medida que decresce a faixa etária dos indivíduos (com menos 50 anos). Os indivíduos mais jovens (da faixa etária entre 16 e 25 anos), da classe baixa, apresentam percentuais acima de 84% para o uso de *a gente*, bem superior ao ponto médio de 69% em Jaguarão. Esse fato indica que a mudança em Jaguarão propaga-se “de baixo para cima”, embora perceba-se que as linhas de tendência das classes média-baixa e média-alta apresentem um leve crescimento nas faixas etária mais jovens, o que demonstra a relevância da faixa etária para a caracterização de uma mudança lingüística em tempo aparente.

Em Pelotas ocorre o inverso: são os indivíduos da classe social média-alta, das faixas etária intermediária e jovem, que apresentam maiores percentuais de aplicação de *a gente*, o que indica que a mudança propaga-se “de cima para baixo”. Dos doze informantes da classe média-alta em Pelotas, oito apresentaram percentuais acima do ponto médio de 78% de Pelotas. Desses, todos os informantes da faixa etária jovem (de 16 a 25 anos) apresentaram percentuais acima de 80%. Nota-se uma clara diferenciação de comportamento entre os informantes das duas comunidades quanto à classe social.

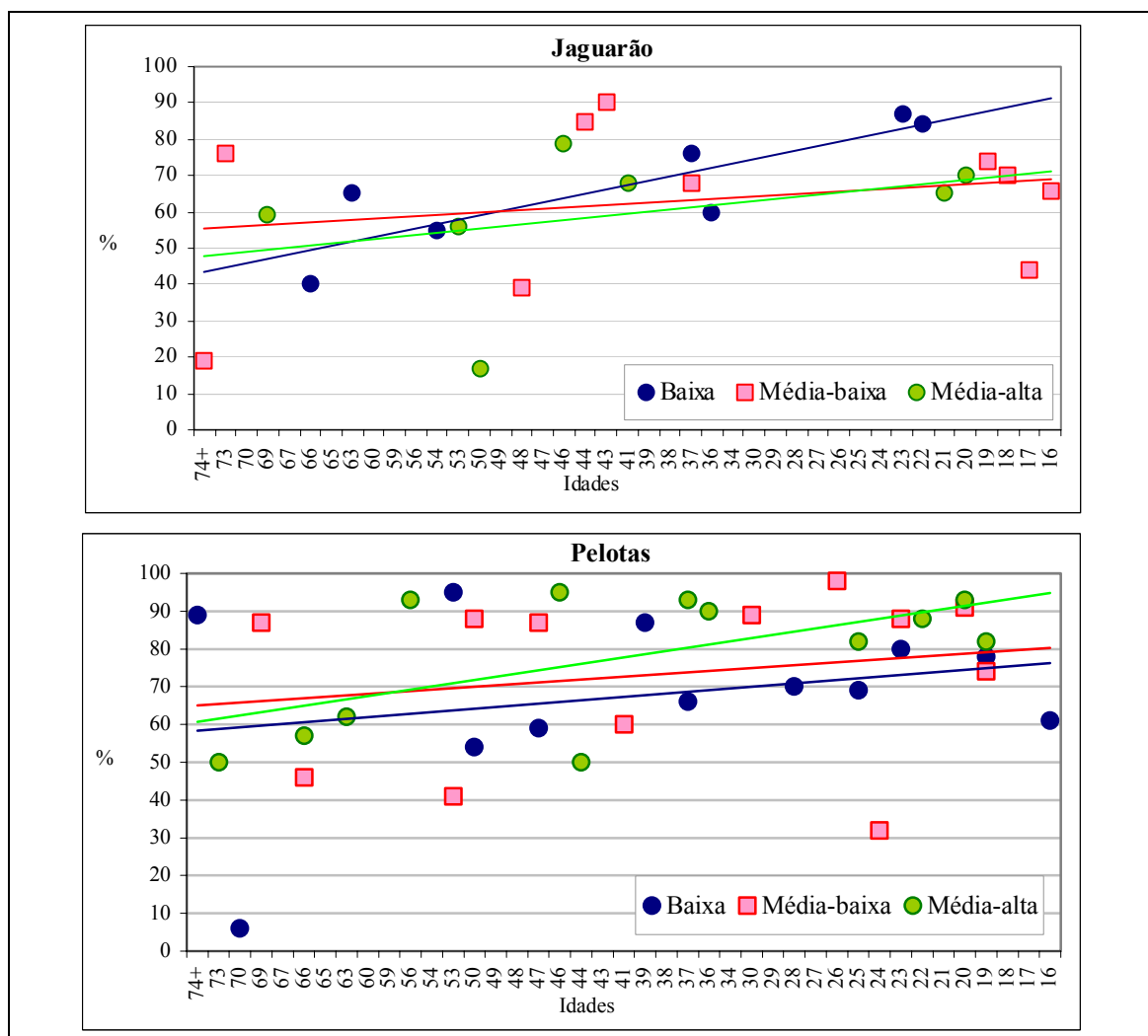


ILUSTRAÇÃO 18 – Percentuais de aplicação de *a gente* em Jaguarão e Pelotas por faixa etária e classe social

O fato de os falantes jovens da classe baixa de Jaguarão e da classe média-alta de Pelotas apresentarem os maiores valores de aplicação de *a gente*, suscita a seguinte questão: por que esses informantes jovens, de classes sociais diferentes e extremas, apresentam valores tão próximos? Talvez a resposta esteja no fato de que ambos busquem preservar seus grupos sociais, levando-se em conta o que é *visível* e o que é *invisível* em torno da fala, tomando-se como base o próprio nível de consciência social dos falantes. Os falantes da classe média-alta, sendo assim, teriam conhecimento *visível* (*aberto*) do processo de mudança e utilizariam a forma *a gente* como uma maneira de se

diferenciarem socialmente. De forma oposta, os falantes da classe baixa teriam um conhecimento *invisível* (*encoberto*) do mesmo processo, e usariam a forma *a gente* justamente por ser a forma socialmente mais aceita na sua classe social.

#### 5.4.4.3 O cruzamento entre as variáveis *classe social* e *gênero*

A Ilustração 19, a seguir, traz os valores percentuais para o cruzamento entre as variáveis *classe social* e *gênero*. Para Jaguarão os percentuais mostram que as mulheres e os homens não apresentam diferenciações substanciais nas três classes sociais. Observa-se que na classe média-baixa estão os menores valores para o uso de *a gente*, independente do gênero. Esse resultado é importante, porque o esperado seria que os indivíduos das classes sociais intermediárias utilizassem mais as formas lingüísticas inovadoras, conforme modelo de distribuição social “curvilínea” para as mudanças em progresso de Labov (1966, 1990).

Parece haver pressões sociais em torno dessa classe, seja em função dos efeitos do mercado de trabalho, da sua própria oscilação pelo fato de estar entre duas classes opostas ou, ainda, por efeito da escolaridade, que fazem com que os indivíduos da classe média-baixa de Jaguarão sejam os que mais ofereçam resistência à mudança em torno da gramaticalização de *a gente*.

Ressalta-se ainda que, em muitos casos, os indivíduos da classe média-baixa são os que mais dependem da comunidade para conseguir maior *status* social e, portanto, utilizam-se de formas lingüísticas mais “formais” para aproximarem-se dos indivíduos das classes sociais de mais alto *status* na comunidade.



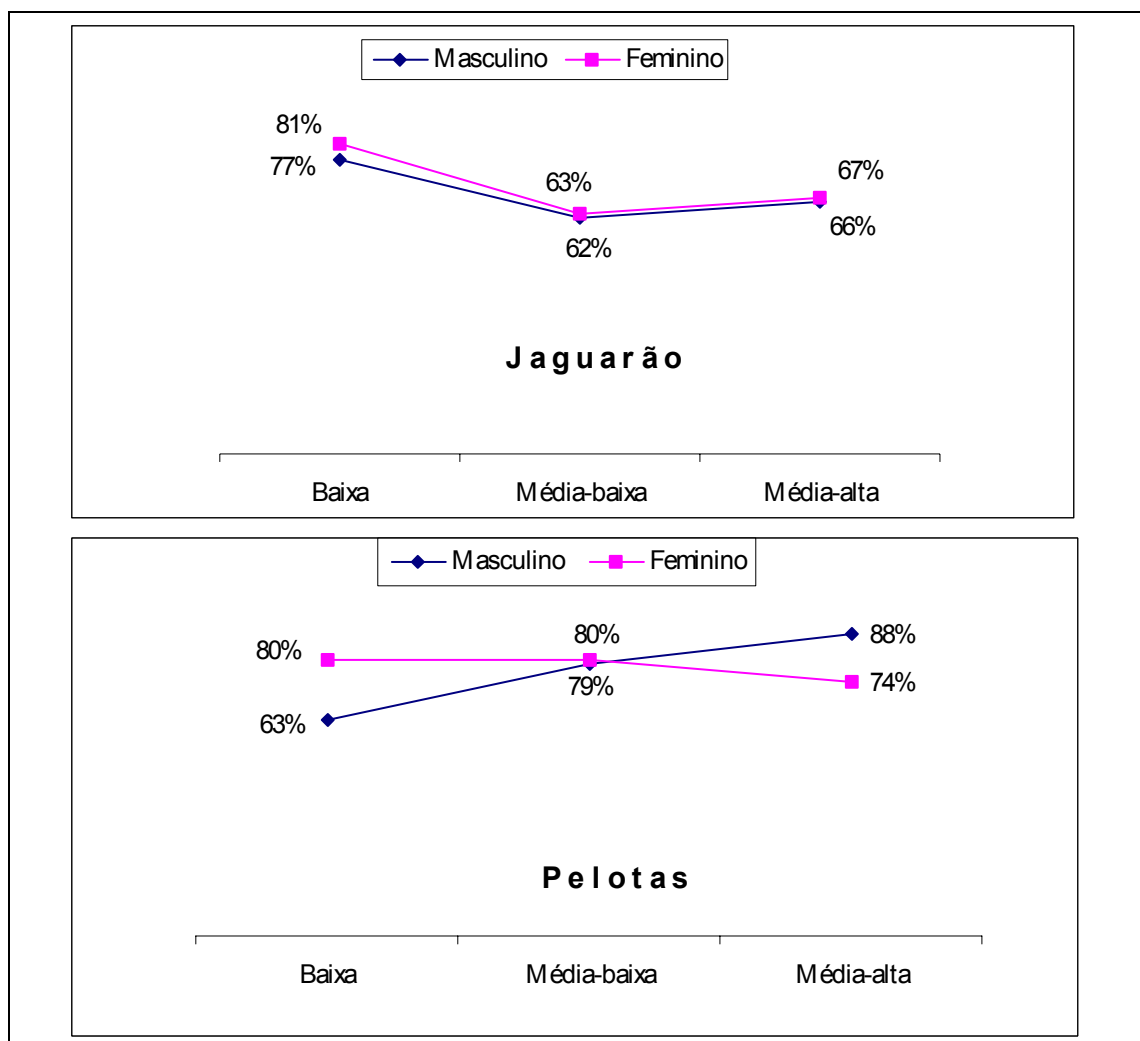


ILUSTRAÇÃO 19 – Percentuais de aplicação de *a gente* em Jaguarão e Pelotas por classe social e gênero

A Ilustração 19 mostra, para Pelotas, uma inversão das linhas para as classes sociais média-alta e baixa. Na classe baixa são as mulheres, com 80%, que favorecem a utilização de *a gente*; na classe média-alta são os homens, com 88%, que estão à frente da mudança. Para melhor avaliar esse resultado, aplica-se aqui a proposta de Labov (1990:221), de análise separada da diferenciação de gênero para cada grupo social. Os homens da classe média-alta, ao favorecerem mais o uso da forma inovadora *a gente*, podem estar marcando uma distinção de gênero, justamente por identificarem nas mulheres da sua classe social maior utilização de formas mais “padronizadas” e, por conseguinte, maior resistência à mudança.

Além disso os homens dessa classe, em Pelotas, podem estar indicando que detêm um “capital social” maior do que as mulheres, o que lhes possibilitaria assumirem uma linguagem “menos padronizada” sem o risco de perderem o seu “poder simbólico” (cf. Bourdieu, 1991). Para a classe baixa estaria ocorrendo o inverso: os homens dessa classe estariam resistindo mais à mudança, devido à identidade de “gênero”. Percebem que a mudança é favorecida pelas mulheres e marcam sua identidade de classe/gênero.

Na classe baixa a diferenciação de gênero é mais “valorizada” e mais “forte” do que na classe média. O mesmo acontece em Jaguarão, com os homens da classe baixa com percentual de 77%, inferior ao percentual de 81% das mulheres. Ao que parece, tem-se, em relação ao desempenho dos homens da classe baixa, para o uso de *a gente*, o que Guy (2001) chamou de “princípio da virilidade”. Em suma: (a) os homens da classe média-alta geralmente têm mais “poder simbólico” do que as mulheres, o que lhes possibilitaria a utilização da forma inovadora sem perda do seu *status* social; (b) os homens da classe baixa preocupam-se mais em marcar sua identidade de “gênero”.

Seria importante que essas questões relacionadas à interação entre gênero e classe social sejam melhor deslindadas a *posteriori*, a partir de um estudo complementar de “atitudes” quanto ao uso de *a gente*.

### 5.5 As rodadas especiais

Caracterizou-se como “rodadas especiais” as rodadas que contemplaram: (1) apenas o uso de *a gente* com referência específica, (2) a redução de *a gente* para *a ‘ente* (~ *‘ente*) e (3) a variável *localidade*.

### 5.5.1 As rodadas especiais com a variável *referência semântica do sujeito*

Para melhor caracterizar a importância desta variável, achou-se pertinente a realização de rodadas especiais para a forma *a gente*, considerando-se exclusivamente os dados de referência específica como dependente, justamente porque este trabalho busca verificar a gramaticalização da forma *a gente* em função do seu grau de pessoalização. Destaca-se também que, na maioria dos casos, os valores exibidos para o uso de *a gente* com referência específica são inversamente proporcionais aos valores encontrados para o uso dessa forma com referência genérica, motivo pelo qual os valores para esta última não foram contemplados nas Ilustrações seguintes.

A Tabela 23, a seguir, traz o número de dados e a distribuição geral de *a gente* e *nós* em Jaguarão e Pelotas, considerando-se apenas os dados de referência específica:

TABELA 23 – O uso de *a gente* e *nós* em Jaguarão e Pelotas, exclusivamente com referência específica (aplicação, ocorrências e percentual)

Cidades	<i>a gente</i>			<i>nós</i>		
	Aplic.	Ocor.	%	Aplic.	Ocor.	%
J – Jaguarão	466 /	873	53	407 /	873	47
P – Pelotas	902 /	1217	74	315 /	1271	26

Os resultados da Tabela 23 indicam uma diferença considerável de 21 pontos percentuais entre Jaguarão (53%) e Pelotas (74%) no uso de *a gente* específico. Essa diferença, somando-se os usos específicos e genéricos, era de 9 pontos percentuais: Jaguarão, com um total de 69% e Pelotas, com um total de 78%. Observa-se que quanto mais a forma *a gente* vai se pessoalizando, maior é o percentual de Pelotas e, conseqüentemente, a diferença entre as duas comunidades. Esse fato também contribui para a hipótese de que o processo de gramaticalização de *a gente* está mais adiantado em Pelotas do que em Jaguarão.

### 5.5.1.1 *Referência específica vs. variáveis discursivas*

As hipóteses apresentadas para as variáveis *discurso reportado* e *plano discursivo* indicavam que os falantes utilizariam *a gente* em contextos de discurso reportado de pessoa próxima ao falante (cf. hipótese B<sub>1</sub> deste trabalho) e em casos de *background*, justamente por mostrarem comportamentos diferenciados se comparados com outros contextos discursivos. As duas hipóteses foram favorecidas, embora os respectivos grupos de fatores não tenham sido selecionados como estatisticamente significativos nas duas comunidades. No caso de *a gente* específico, apenas o discurso reportado foi selecionado para Jaguarão, com percentual de 84% (21/25) e peso relativo de 0,79. Eis um exemplo de discurso reportado da informante J 20, que traz para seu discurso a fala de seu namorado:

- (65) Então ele me disse[ o namorado]: ‘eu sei que *a gente* quer ficar junto e tu perde tanta coisa, tu vai ter que ter prioridade na vida Michele, a tua prioridade agora é a nossa felicidade! (J 20)

Para Pelotas essa variável não foi selecionada, embora o percentual de 63% (5/8) demonstre uma preferência para o uso de *a gente* nesse contexto. O uso de *a gente* com referente específico, ao ser favorecido em contextos de discurso reportado, pode estar revelando a força da mudança, uma vez que a sua utilização está presente também em contextos mais marcados.

Quanto aos casos em que a forma *a gente* foi utilizada em contextos de *background* verificou-se, em Jaguarão, percentual de 57% (17/30). Em Pelotas a frequência ficou em 93% (70/75). Os percentuais indicam a existência de determinada especialização (cf. Hopper, 1991: 25-28) da forma inovadora *a gente* em contextos lingüístico/discursivos de caráter explicativo e com baixo monitoramento; portanto, em trechos de fala não-planejada.

### 5.5.1.2 Referência específica vs. variável tempo verbal

Uma das hipóteses apresentadas na subseção 4.6.2.3.2, no tocante à variável *tempo verbal*, indicava a sua relação com a variável *tipologia semântica do sujeito*. A hipótese aproximava o uso de *a gente*, com referência genérica, aos casos de verbos no presente. Em oposição, os casos de *a gente*, com referência específica, estariam atrelados a verbos no passado. Os percentuais para a variável tempo verbal, apenas nos casos de *a gente* específico, mostram que os valores mais altos estão no *pretérito perfeito*, conforme Ilustração 20 abaixo.

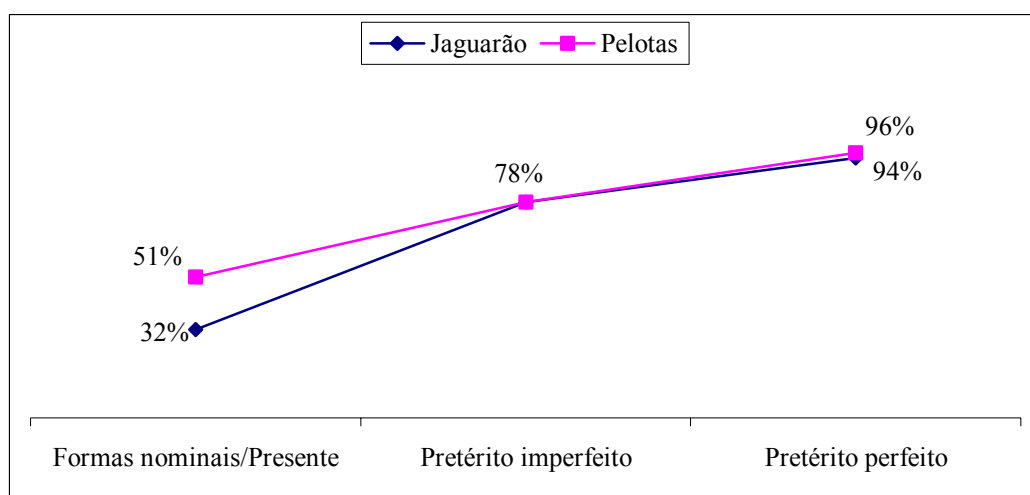


ILUSTRAÇÃO 20 – Percentuais para o uso de *a gente* específico em Jaguarão e Pelotas em função do tempo verbal

Está demonstrado, pela Ilustração 20, o favorecimento ao uso de *a gente* específico com verbos no pretérito imperfeito (Pt1) e no pretérito perfeito (Pt2), justamente nos contextos verbais próprios à narrativa. Koch (1987:41), nesse sentido, enfatiza que o pretérito perfeito é, na narrativa, “o tempo do primeiro plano, que marca as unidades de ação da narrativa”. E é justamente com esse tempo verbal que o uso de *a gente* específico apresenta os maiores percentuais, nos momentos de maior ‘especificação’ e ‘focalização’ da narrativa. O uso de *a gente* com referência específica, principalmente em contextos verbais mais “pontuais” em termos semânticos e

sintáticos, como nos casos mais avançados da ‘escala de saliência fônica’ (principalmente graus 6 e 7), reforça a hipótese aqui defendida de que há um movimento, quanto ao uso de *a gente*, em direção aos contextos antes preferencialmente utilizados pela forma *nós*, o que demonstra a sua especialização e o fluxo contínuo da mudança.

### 5.5.1.3 Referência específica vs. variáveis sociais

As variáveis sociais também evidenciam, segundo Ilustração 21 abaixo, que o uso de *a gente* específico vem, potencialmente, conquistando espaço em relação ao seu uso genérico, como também no processo de variação com a forma *nós*.

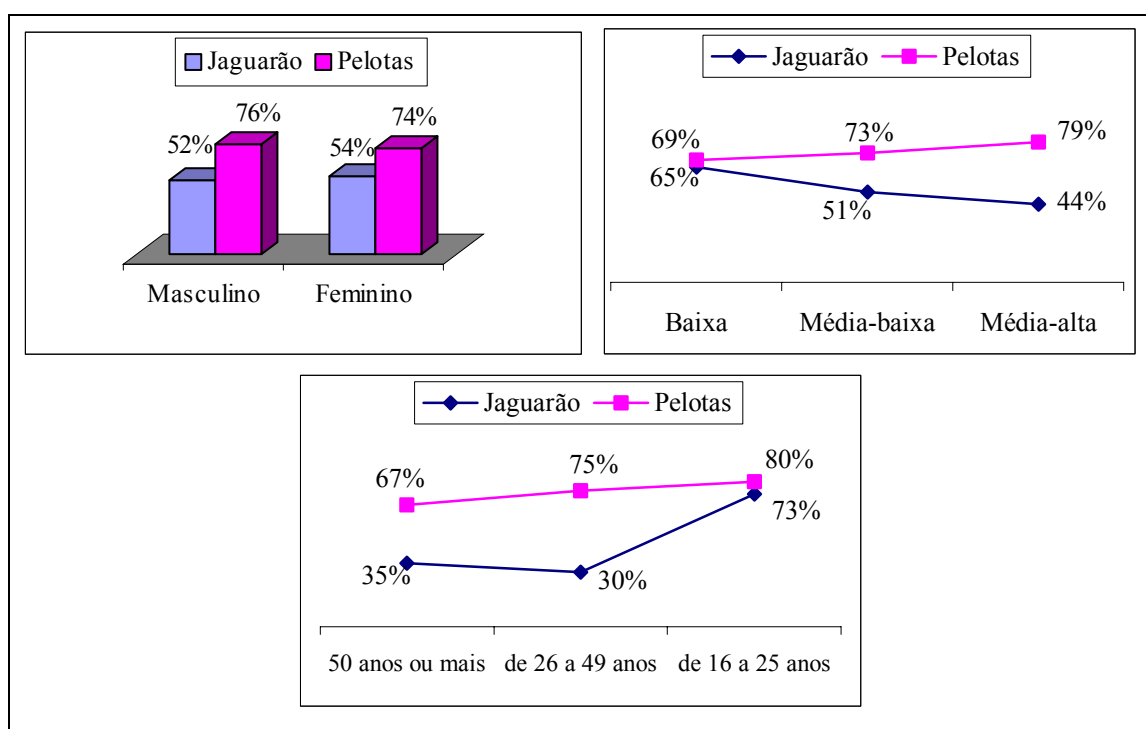


ILUSTRAÇÃO 21 – Percentuais para o uso de *a gente* específico em Jaguarão e Pelotas em função das variáveis sociais gênero, classe social e faixa etária

Os percentuais para a variável gênero mostram valores superiores para o uso de *a gente* específico em Pelotas, em comparação com Jaguarão, independente do gênero. Revelam também que os homens em Pelotas, com percentual de 76% (dois pontos

acima da média de 74% para o uso específico nessa comunidade) estão à frente da mudança, o que sustenta a hipótese de que os homens, neste estágio do processo de gramaticalização, estariam mais avançados na utilização de *a gente* específico. Quanto à variável *classe social* observa-se, pela Ilustração 21 anterior, que em Pelotas a diferenciação de classe é menor, com favorecimento ao uso de *a gente* específico pela classe média-alta, com percentual de 79% (cinco pontos acima da média de 74%). Em Jaguarão, a mudança está mais estratificada, embora já se perceba um crescimento no uso de *a gente* específico, principalmente na classe baixa, com percentual de 65% (doze pontos acima da média de 53% para o uso específico).

Os valores para as duas comunidades demonstram a existência de uma inversão para o uso de *a gente* específico nas classes sociais extremas. Em Jaguarão a pessoalização de *a gente* vem do grupo social mais baixo, enquanto que em Pelotas ocorre o inverso, uma vez que o grupo social de maior prestígio é que está à frente da mudança. Esse resultado é importante, porque indica que o processo de mudança está mais adiantado em Pelotas, principalmente pelo fato de a classe média-alta ter se apropriado da forma *a gente*, o que demonstra uma mudança de comportamento lingüístico-social em relação à utilização da forma inovadora. Tanto é assim que a Tabela 21, anterior, atribui à classe social média-alta peso relativo de 0,76 para o uso de *a gente* (genérico e específico). Quanto ao seu uso específico, a Ilustração 21, anterior, apresenta percentual de 79%, maior valor entre as três classes sociais de Pelotas.

A variável *faixa etária* também evidencia que a mudança em Pelotas está num estágio mais adiantado do que em Jaguarão. Os percentuais em Pelotas mostram uma linha ascendente da faixa etária mais velha (50 anos ou mais) em direção às faixas etárias mais jovens (de 16 a 25 anos). A distribuição em Jaguarão também indica a

existência de uma mudança em curso, embora se perceba que o estágio da mudança esteja ainda em uma fase anterior, impulsionada principalmente pelos falantes mais jovens (de 16 a 25 anos), com percentual 73%, acima do dobro dos percentuais das outras duas faixas etárias dessa comunidade.

#### 5.5.1.4 *Referência específica: interação entre as variáveis faixa etária e gênero*

A Ilustração 22, abaixo, mostra os valores percentuais da interação entre *faixa etária* e *gênero* para as comunidades de Jaguarão e Pelotas. Está demonstrado que o processo de pessoalização de *a gente* em Pelotas está em um estágio mais adiantado, com valores percentuais estáveis para os homens acima do ponto médio de 74%, independente da faixa etária. No caso dos jovens da faixa etária entre 16 e 25 anos, o percentual chega a 81%, o que indica que os homens estão mais adiantados nessa etapa da mudança. Para as mulheres, a linha indica que o processo de mudança está mais avançado na faixa etária abaixo de 50 anos, com percentual de 75%. Percebe-se que a pessoalização de *a gente* também revela percentual alto para a faixa etária de 50 anos ou mais, com 62%.

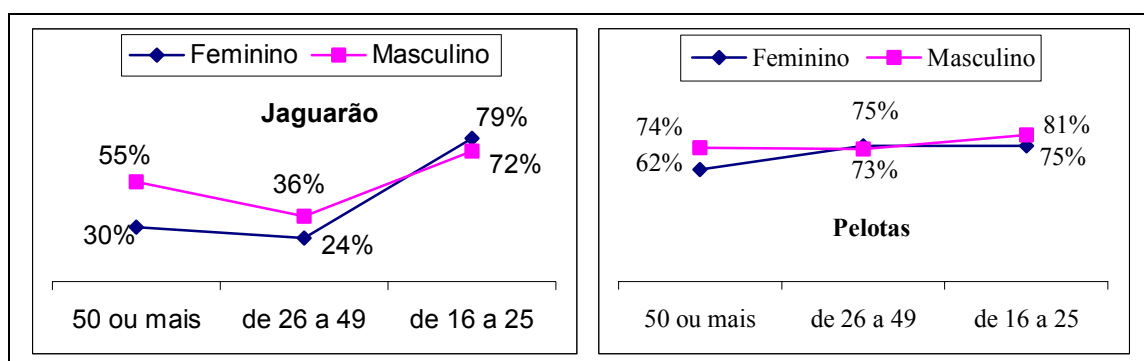


ILUSTRAÇÃO 22 – Percentuais de aplicação de *a gente* específico em Jaguarão e Pelotas por faixa etária e gênero

Em Jaguarão o processo de mudança em torno da pessoalização de *a gente* não está tão adiantado quanto em Pelotas. A Ilustração 22 demonstra que a faixa etária mais



jovem (de 16 a 25 anos) é a que mais favorece o uso de *a gente* específico em Jaguarão, independente do gênero (mulheres com 79% e homens com 72%). Parece evidente, assim, que a mudança ainda sofre restrições por parte dos indivíduos das outras duas faixas etárias com idades mais avançadas, o que ratifica o fato de a mudança estar em uma fase anterior em Jaguarão, diferentemente do estágio mais adiantado verificado na comunidade de Pelotas. Quanto às faixas etárias de 26 a 49 anos e de 50 anos ou mais, observa-se que somente os homens da faixa acima dos 50 anos, com 55%, apresentam percentual superior ao ponto médio de 53% de Jaguarão.

Esse fato é de suma importância, porque pode estar indicando que a gramaticalização de *a gente* está ocorrendo por etapas, as quais são condicionadas por fatores sociais diferentes. Em um primeiro momento, as mulheres teriam liderado a mudança, ao introduzirem no PB a nova forma *a gente* pronominal. Isso pode ser constatado em função de duas importantes evidências:

a) Lopes (1999:138-40) mostra que os valores para o uso de *a gente* ‘não-substantivo’, em obras do século XIX, caracterizado pela autora como *fase de transição*, são muito superiores quando associados às mulheres, com percentual de 64% e peso relativo de 0,77, do que quando aos homens, com percentual de 35% e peso relativo de 0,37. A autora salienta:

Pressupondo que a gramaticalização de *a gente* tenha dado um salto significativo a partir do século XIX, e mesmo sendo difícil prever **quem** deu início a uma efetiva mudança lingüística, parece – pelo menos é o que os resultados indicam – que foram as mulheres que deram o primeiro passo na introdução dessa nova forma.

b) A Ilustrações 6, da subseção 3.3 deste trabalho, que trata da utilização de *a gente* em onze peças de teatro de autores gaúchos, de 1896 até 1995, mostra em percentuais e pesos relativos que as personagens femininas favoreceram a utilização de

*a gente*. Tudo indica que as mulheres estiveram à frente do processo de mudança que resultou na introdução da forma *a gente* pronominal no PB.

O segundo momento da mudança estaria atrelado ao processo de personalização de *a gente*. Percebe-se, no caso do seu uso específico, um avanço da mudança liderada pelos homens, embora tardiamente. As Ilustrações 21 e 22 anteriores revelam que os homens de Pelotas estão à frente da mudança, justamente na comunidade que está mais ‘adiantada’ no uso de *a gente* específico. Na seção 5.5.2, que trata da redução de *a gente* para *a ‘ente* (~ ‘ente), essa hipótese é ampliada e novamente defendida.

#### 5.5.1.5 Referência específica: cruzamento entre as variáveis *faixa etária* e *classe social*

O cruzamento entre as variáveis *faixa etária* e *classe social*, para uso de *a gente* específico, também reforça a hipótese aqui defendida de que o processo de mudança em Pelotas está em um estágio mais adiantado do que em Jaguarão. Tanto é assim que os percentuais de Pelotas, independente do tipo de cruzamento, são sempre superiores a 60%. As classes média-baixa e média-alta, de Pelotas, apresentam percentuais maiores quando associadas às faixas etárias mais jovens, indicando que a mudança também está sendo apropriada pelas classes de maior prestígio social.

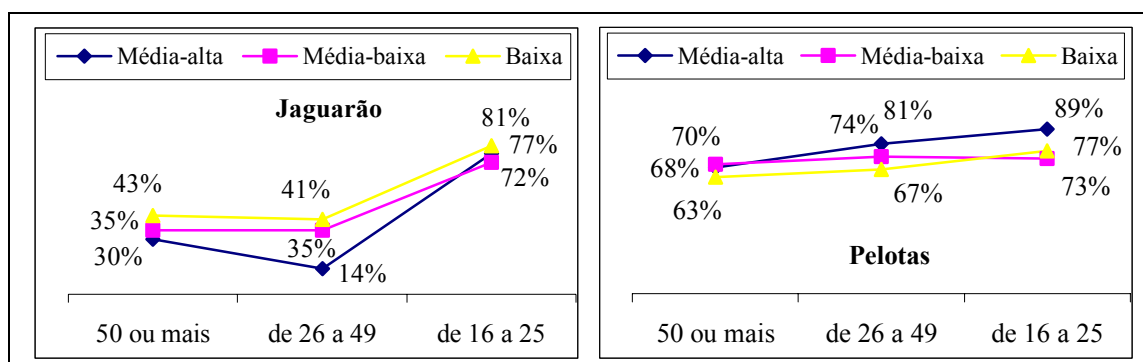


ILUSTRAÇÃO 23 – Percentuais de aplicação de *a gente* específico em Jaguarão e Pelotas por faixa etária e classe social

Em Jaguarão o resultado é diferente em função da estratificação por classe social presente nas três faixas etárias ser mais acentuada. O uso de *a gente* específico é favorecido pela faixa etária dos jovens (de 16 a 25 anos), independente da classe social, o que demonstra que o seu uso ainda encontra resistência nas faixas etárias entre 26 e 49 anos e acima de 50 anos, independente da classe social.

#### 5.5.1.6 Referência específica: cruzamento entre as variáveis *classe social* e *gênero*

A Ilustração 24, abaixo, traz os percentuais para o cruzamento dos grupos de fatores *classe social* e *gênero*. Em Jaguarão, independente do gênero, a mudança é mais favorecida quanto mais baixa for a classe social dos informantes, o que sustenta a hipótese de uma mudança vinda “de baixo para cima”. Observa-se também que as mulheres lideram a mudança nas classes média-baixa e média-alta. Entretanto, na classe baixa, os homens apresentam percentual maior (70%), indicando a existência de uma distinção de gênero para essa classe social, certamente motivada por diferenças sociais e culturais.

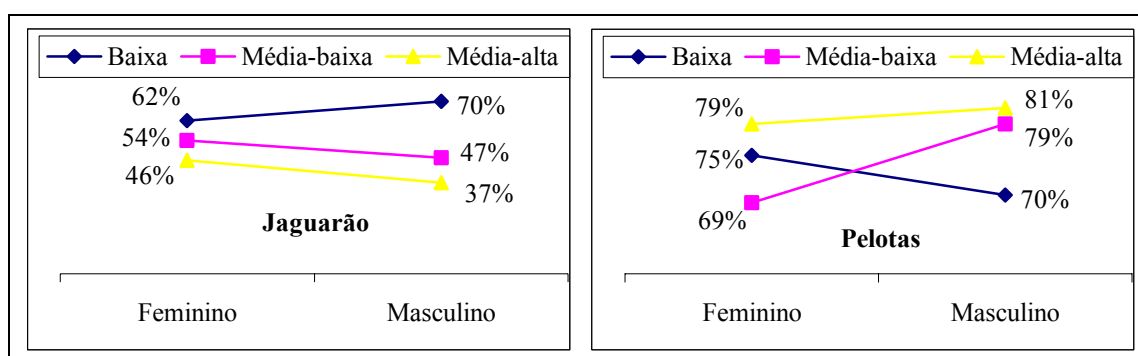


ILUSTRAÇÃO 24 – Percentuais de aplicação de *a gente* específico em Jaguarão e Pelotas por classe social e gênero

Para Pelotas, a Ilustração 24 revela que os indivíduos da classe social média-alta, independente do gênero, lideram a mudança. Novamente, há uma distinção nítida de classe social entre as duas comunidades, quanto ao uso de *a gente* específico. Nota-se

também que os homens da classe média-baixa, com 79%, e da classe média-alta, com 81%, são os que favorecem a mudança. Na classe baixa são as mulheres, com 75%, que apresentam o maior percentual para o uso de *a gente*.

Torna-se importante salientar que, para os três cruzamentos apresentados anteriormente – faixa etária vs. gênero, faixa etária vs. classe social e classe social vs. gênero –, os valores de Pelotas são superiores aos valores de Jaguarão, independente do tipo de cruzamento. Apenas no cruzamento entre os fatores classe social baixa vs. faixa etária de 16 a 25 anos o valor de Jaguarão (=81%) foi maior que o de Pelotas (=77%). Esses resultados demonstram, portanto, que a mudança em direção à pessoalização de *a gente* está mais adiantada em Pelotas, sendo impulsionada por indivíduos pertencentes principalmente ao grupo dos homens – indicando uma nova dimensão social da mudança – e pelos jovens da classe social média-alta.

#### 5.5.2 A redução de *a gente* para a *'ente* (~ *'ente*)

Os resultados da redução de *a gente* para a *'ente* (~ *'ente*) mostram um caminho semelhante ao que vem ocorrendo com *você* > *ocê* > *cê* (cf. Vitral, 1996 e Ramos, 1997), já que ambos os casos estão inseridos em um processo de variação e mudança lingüística, resguardando-se as especificidades próprias a cada um dos processos.

Para a análise deste processo de mudança em torno da redução de *a gente*, somente foram computadas as ocorrências das formas reduzidas *a 'ente* e *'ente* que notadamente foram percebidas pelo proponente deste trabalho e respaldadas pelos “julgadores”, conforme especificado na subseção 4.6.2.3.5 que trata das variáveis lingüísticas.

### 5.5.2.1 Os resultados do uso de *a 'ente* (~ *'ente*)

A redução de *a gente* para *a 'ente* (~ *'ente*) foi verificada apenas na comunidade de Pelotas. De um total de 1217 ocorrências de *a gente*, foram encontrados 48 (4%) casos de reduções assim distribuídos: 45 de *a 'ente* e 3 de *'ente*.<sup>64</sup> As duas variantes foram computadas juntas para a análise aqui apresentada. O número reduzido de casos (48) e o baixo percentual (4%) indicam tratar-se de uma mudança *incipiente*, que ainda não está consolidada plenamente (cf. Labov, 1994:82). Mesmo assim, por representar um novo estágio do processo de gramaticalização de *a gente*, merecerá uma análise “cuidadosa” nesta subseção, resguardando-se os limites próprios ao número reduzido de ocorrências. Veja-se os exemplos abaixo:

- (66) ...naquela época *a 'ente* tava morando no Laranjal... (P 30)
- (67) ...então *a 'ente* ficava tomando chimarrão... (P 43)
- (68) ...duas quadras antes do sanatório, *a 'ente* morava naquela rua... (P 8)
- (69) ... ta, *'ente* faz assim então. (P 30)
- (70) ...o pátio era enorme e *'ente* brincava de esconder. (P 44)
- (71) ... *'ente* tinha que ler lá o texto. (P 22)

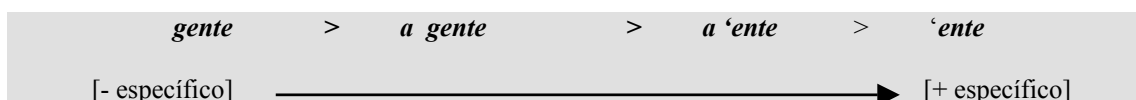
#### 5.5.2.1.1 Os resultados do uso de *a 'ente* (~ *'ente*) para as variáveis lingüísticas

A redução de *a gente* para *a 'ente* (~ *'ente*) ficou restrita apenas à posição de sujeito. Os resultados de Zilles (2002) para o uso de *a 'ente* também demonstram que a posição de sujeito é preferencial neste estágio da mudança. Salienta-se ainda que o mesmo ocorre com o uso da forma reduzida *cê*, sendo categórica na posição sintática de sujeito (cf. Ramos, 1997:47). Nota-se uma inter-relação entre a fonologia e a sintaxe, à medida em que o processo de mudança de redução de *a gente* para *a 'ente* (~ *'ente*) parece tratar-se de uma mudança fonética condicionada sintaticamente.

---

<sup>64</sup> O número reduzido de 48 casos (4%) é baixo em função do critério estabelecido para a caracterização das formas reduzidas. Foi-se exigente na decisão de incluir os casos de reduções, excluindo-se os duvidosos. Uma reanálise dos dados poderá apontar um número maior de casos de reduções com a utilização de aparelho acústico mais sofisticado. Ressalta-se ainda que, tardiamente, teve-se acesso à aparelhagem sonora mais específica para esse tipo de análise fonética, tendo-se a impressão da existência de um número maior de casos. Futuramente, esse fato merecerá atenção especial.

Soma-se a isso o fato de haver, neste estágio do processo de gramaticalização, uma restrição sintático/posicional acompanhada por uma “dinâmica coevolução de significado e forma” (cf. Bybee *et al*, 1994:20). Essa especialização decorre de uma modificação semântica acompanhada, paralelamente, por uma redução fonológica:



As variáveis lingüísticas selecionadas como estatisticamente significativas para o uso de *a 'ente* (~*'ente*), por ordem de seleção, foram: *foreground vs. background*, *referência semântica do sujeito*, *oração em frase* e *tipo de fala*. A Tabela 24, abaixo, apresenta os resultados.

TABELA 24 – O uso de *a 'ente* (~*'ente*) em Pelotas e as variáveis lingüísticas selecionadas (aplicação, ocorrências, percentual e peso relativo)

Variáveis lingüísticas/Fatores	Pelotas			
<b>Foreground vs. Background</b>				
<b>Fatores</b>	<b>Aplicação</b>	<b>Ocorrências</b>	<b>Percentual</b>	<b>P. Relativo</b>
F – foreground	29 /	1142	3	0,46
B – background	19 /	75	25	0,92
<b>TOTAL</b>	<b>48 /</b>	<b>1217</b>	<b>4</b>	
<b>Referência Semântica do Sujeito</b>				
<b>Fatores</b>	<b>Aplicação</b>	<b>Ocorrências</b>	<b>Percentual</b>	<b>P. Relativo</b>
3 – referência específica exclusiva ( <i>eu + não-pessoa</i> )	45 /	934	5	0,58
4 – referência genérica	3 /	270	1	0,26
<b>TOTAL</b>	<b>48 /</b>	<b>1204</b>	<b>4</b>	
<b>Oração em Frase</b>				
<b>Fatores</b>	<b>Aplicação</b>	<b>Ocorrências</b>	<b>Percentual</b>	<b>P. Relativo</b>
1 – orações coordenadas	42 /	884	5	0,55
P – outras orações	6 /	238	3	0,31
<b>TOTAL</b>	<b>48 /</b>	<b>1122</b>	<b>4</b>	
<b>Tipo de Fala</b>				
<b>Fatores</b>	<b>Aplicação</b>	<b>Ocorrências</b>	<b>Percentual</b>	<b>P. Relativo</b>
N – normal	14 /	1183	1	–
R – rápida	34 /	34	100	<i>knockout</i>
<b>TOTAL</b>	<b>48 /</b>	<b>1217</b>	<b>4</b>	

Observa-se, pela Tabela 24, que os contextos de *background*, nos quais o monitoramento é menor e portanto a fala dos indivíduos é mais informal, são os que

mais favoreceram o uso da forma reduzida *a 'ente* (~ *'ente*), tanto em percentuais (25%), como em peso relativo (0,92). O resultado para essa variável demonstra que os informantes, em determinados momentos de suas narrativas, sofrem influência do contexto sócio-discursivo a ponto de modificarem os seus discursos. Esse resultado reforça a hipótese de Amaral (2002:65-6) de que “há um conjunto de fatores (riso, suspense e aumento de ritmo) que contribuem para o envolvimento emocional do falante”. E é justamente nesses casos, em que o discurso é mais informal, que as formas “novas/não-padrão” tendem a ocorrer com mais frequência.

Soma-se a isso o fato de as reduções ocorrerem, preferencialmente, em contextos de orações coordenadas que, em muitos casos, serviram para adicionar novas informações ou para melhor contextualizar determinado fato. Os resultados da Tabela 24 demonstram que os contextos de orações coordenadas favoreceram o uso de *a 'ente* (~ *'ente*), com percentual de 5% e peso relativo de 0,55. Parece evidente a existência de inter-relação entre os fatores *background* e *orações coordenadas*, motivada pela necessidade de o falante contextualizar o seu discurso em função da própria manutenção da interação informante-entrevistador. O cruzamento entre as variáveis *foreground vs. background* e *oração em frase* demonstra que os casos de *background* em *orações coordenadas* representam um percentual bem maior, de 38%, do que os casos de *background* em *outras orações*, que foi de 14%. Veja-se o exemplo abaixo:

- (72) *A gente* ia nos baile e namorava bastante, mas *a 'ente* não saía do salão, porque *a 'ente* ficava até com medo. (P 38)

Quanto à *referência semântica do sujeito*, os valores da Tabela 24 anterior, mostram que os indivíduos utilizam *a 'ente* (~ *'ente*), preferencialmente, quando o referente é específico, com percentual de 5% e peso relativo de 0,58. Os resultados de

Zilles (2002:307) também indicam um favorecimento do uso de *a 'ente* (~ *'ente*) com referente específico, seja associado ao grupo ou a primeira pessoa do singular.

Deve-se salientar que a alteração semântica aqui não diz respeito apenas a um *esvaziamento* do significado, mas da possibilidade da existência de diferentes acepções relacionadas umas com as outras (cf. Princípio da Persistência de Hopper 1991:28-30). A forma reduzida *a 'ente* (~ *'ente*) também ocorre com referência genérica, embora em menor escala. Mesmo assim, fica claro que há um favorecimento para o uso da forma reduzida quando o referente é específico, o que evidencia o desenvolvimento de novos sentidos decorrentes do processo de gramaticalização (cf. Castilho, 1997:47).

No que se refere ao *tipo de fala*, está demonstrado pela Tabela 24 anterior, que os casos de redução de *a gente* ocorreram preferencialmente em contextos de fala rápida. Foi categórico o uso da forma reduzida nos contextos de fala rápida (*knockout*), confirmando-se a hipótese B5 deste trabalho. Ressalta-se também a existência de variação na aplicação da forma *a gente*, uma vez que um mesmo falante pode utilizar uma das quatro variantes fonológicas encontradas para essa forma, sempre em direção à redução do seu material fônico:

<p>“a”</p>	<i>a gente</i>	[a z ẽj tʃi]	→	com “g” normal
	<i>a gente</i>	[a z ẽj tʃi]	→	com abrandamento <sup>65</sup> do “g”
	<i>a 'ente</i>	[a ẽj tʃi]	→	com apagamento do “g” e enfraquecimento do
	<i>'ente</i>	[ẽj tʃi]	→	com apagamento do “a”

Os exemplos abaixo, encontrados na fala da informante *P 30* (22 anos, classe social média-alta e nível educacional superior completo), demonstram essas quatro possibilidades de realizações da forma *a gente*:

- (73) “então *a gente* fazia de tudo.” (P 30)  
 (74) “eu sei que um dia *a gente* tava numa braba” (P 30)  
 (75) “um dia *a 'enti* combinou assim”. (P 30)

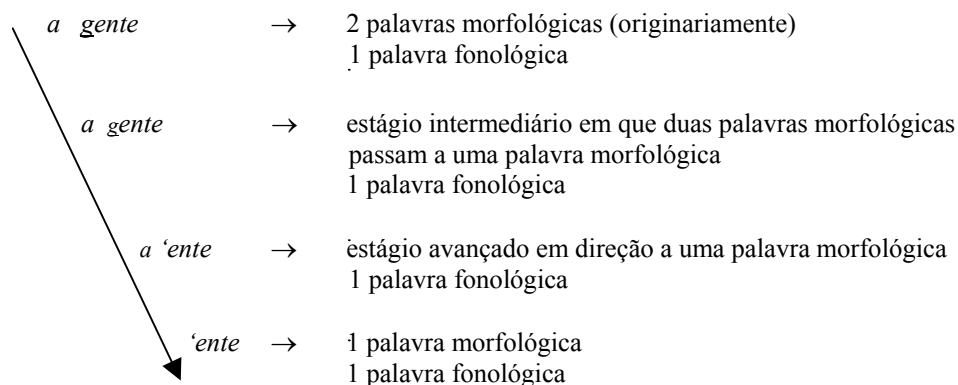
<sup>65</sup> O termo ‘abrandamento’ é utilizado aqui como a passagem de um fonema produzido com uma articulação mais forte para uma produção com uma articulação mais fraca.



(76) “ta, ‘ente faz assim então” (P 30)

No caso específico da redução de *a gente*, defende-se aqui a hipótese de que a palavra fonológica *a gente*, originária de duas palavras morfológicas<sup>66</sup> (artigo “a” mais o substantivo “gente”), tende a especializar-se em direção à identidade entre uma palavra morfológica e uma palavra fonológica. Essa identidade ocorreria, principalmente, em função de dois fatores principais: (a) da sua elevada taxa de aplicação no PB, principalmente na posição de sujeito e (b) da velocidade de fala, justamente nos casos em que a sua pronúncia é dita com maior velocidade.

Estaria ocorrendo, de certa forma, uma relação inversa que poderia ser entendida da seguinte maneira: quanto maior a sua frequência de uso, menor o tamanho do vocábulo. Teria-se, assim, levando-se em conta a hipótese acima, um processo de mudança que poderia ser entendido da seguinte forma:



A identidade entre palavra morfológica e palavra fonológica seria uma evidência

formal da efetiva gramaticalização de *a gente*, em decorrência do seu uso como forma pronominal. Deve-se salientar que as modificações fonéticas em torno da forma *a gente* estão diretamente relacionadas com as variações de velocidade da fala, quando da sua pronúncia. Para este trabalho, marcou-se os quatro eventos em que foram pronunciadas

<sup>66</sup> ‘Palavra morfológica’ no sentido de *vocábulo formal*. Para Câmara Jr. (1978:34), “há o vocábulo ‘formal ou mórfico’, quando um vocábulo fônico se individualiza em função de um significado específico que lhe é atribuído na língua”.

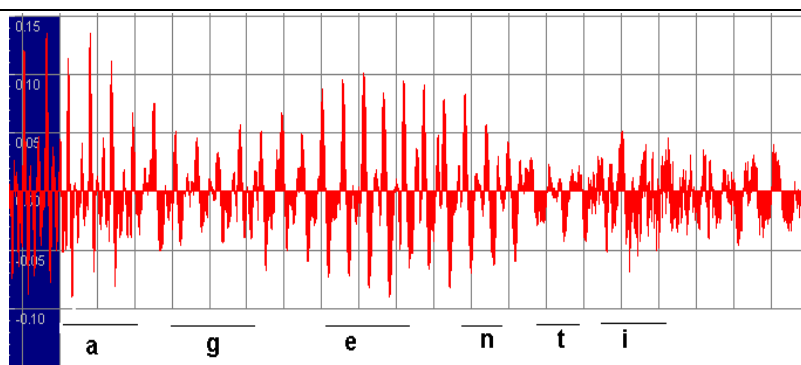
as formas anteriormente citadas, a partir da segmentação das frases no momento em que essas formas ocorreram. Esse procedimento foi possível com a utilização do editor de sons *GoldWave*, que é um editor de áudio digital que permite que se edite e converta áudio no computador, verificando-se a duração e a frequência de determinado evento de fala.

A Ilustração 25, a seguir, traz a duração (ou tempo) média para cada uma das quatro formas, bem como a frequência das pronúncias. Observam-se, pelas configurações dos formantes<sup>67</sup> na linha do tempo, que as frequências para os segmentos pertencentes à sílaba tônica mantêm determinado padrão para as quatro representações, mas que a duração média referente a cada um dos quatro contextos fonéticos é diferente, conforme resultado obtido através do editor *GoldWave*.

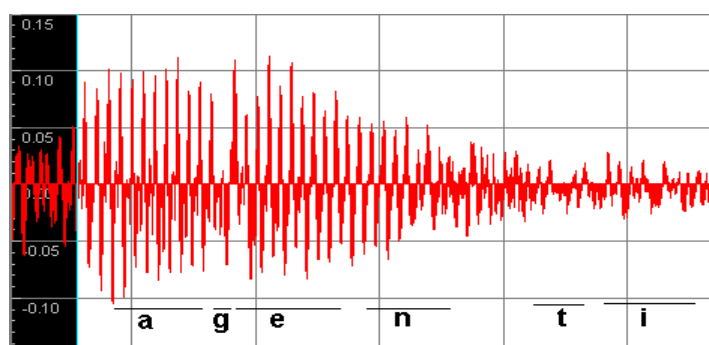
Quanto mais veloz é a fala maior é a tendência para a queda da vogal pretônica e para a queda da fricativa palato-alveolar [ʒ]. da forma. Menor também é o tempo de duração de sua pronúncia. Parece tratar-se de um processo de mudança que caminha para uma etapa ainda mais avançada da gramaticalização de *a gente* e que poderia indicar uma possível hipótese em direção à sua cliticização, como no caso da hipótese defendida por Vitral (1996) em relação à forma reduzida *cê*. Outros estudos, com amostras mais amplas, poderão revelar novos caminhos para esse processo. O importante é que essa hipótese seja uma questão em aberto.

<i>a gente</i>	[a ʒ ẽj tʃi]	→	235 milésimos de segundo
<i>a gente</i>	[a z ẽj tʃi]	→	196 milésimos de segundo
<i>a 'ente</i>	[a ẽj tʃi]	→	169 milésimos de segundo
<i>'ente</i>	[ẽj tʃi]	→	113 milésimos de segundo

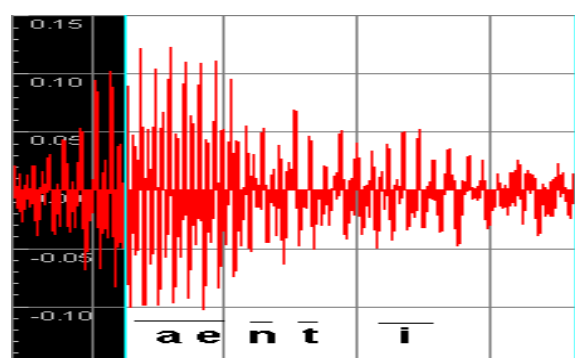
<sup>67</sup> O termo 'formante' é utilizado aqui como "harmônicos que ficam bem reforçados, apresentando, no envelope dos espectros sonoros, picos de intensidade" (cf. Massini-Cagliari & Cagliari, 2001:134-5).



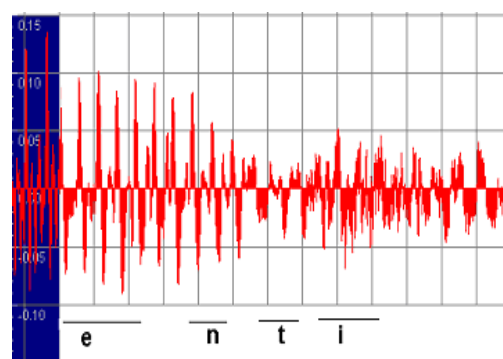
[a z ẽj t̃i] - duração: 29:04:880 até 29:05:115 = 235 milésimos de segundo



[a z ẽj t̃i] - duração: 32:45:350 até 32:45:546 = 196 milésimos de segundo



[a ẽj t̃i] - duração: 34:27:913 até 34:28:082 = 169 milésimos de segundo



[ẽj t̃i] - duração: 00:52:135 até 00:52:248 = 113 milésimos de segundo

ILUSTRAÇÃO 25 – Variação dos formantes na linha do tempo para a pronúncia das formas *a gente*, *a gente*, *a 'ente* e *'ente*: duração média e freqüência, conforme resultados do editor de som *GoldWave*

#### 5.5.2.1.2 Os resultados do uso de *a 'ente* (~ *'ente*) para as variáveis sociais

Os resultados apresentados nesta subseção foram obtidos a partir de rodadas específicas com as variáveis sociais, justamente para verificar-se mais detalhadamente a atuação do componente social neste processo. Deve-se ressaltar que nas rodadas em conjunto, com as variáveis lingüísticas e sociais, a variável *faixa etária* foi a única variável social selecionada em todas as rodadas, o que demonstra a sua importância neste processo de mudança.

Os resultados das variáveis sociais, por ordem de seleção, estão expressos na Tabela 25 abaixo. Os valores do uso da forma reduzida *a 'ente* (~ *'ente*) para as variáveis sociais *faixa etária*, *classe social* e *gênero* demonstram tratar-se de um “novo” processo de mudança, justamente porque são diferentes dos valores para o uso de *a gente* verificados na subseção 5.4 anterior. Considerando-se que os informantes de Pelotas são os mesmos, o importante a destacar aqui é o fato de que as motivações sociais presentes nos dois estágios da mudança não são as mesmas. Esse fato é importante, porque evidencia uma diferenciação no comportamento lingüístico dos informantes de Pelotas, frente a esta outra mudança inserida no processo de gramaticalização de *a gente*. Mais do que isso: pode estar a evidenciar que a “unidirecionalidade” da gramaticalização (cf. Croft, 1990:230 e Hopper e Traugott 1993:126) decorre de diferentes mudanças em cadeia, atuando concomitantemente e sofrendo restrições advindas de características sociais próprias a determinadas comunidades ou próprias a determinados indivíduos pertencentes a uma determinada comunidade. O caráter “unidirecional” da gramaticalização estaria sujeito a fatores sociais que condicionariam os comportamentos de comunidades e de indivíduos, o que

justifica o fato de a mudança estar associada a aspectos variáveis e heterogêneos da estrutura lingüístico-social.

TABELA 25 – O uso de *a'ente* (~ *'ente*) em Pelotas e as variáveis sociais selecionadas (aplicação, ocorrências, percentual e peso relativo)

Variáveis sociais/Fatores	Pelotas			
<b>Faixa Etária</b>				
<b>Fatores</b>	<b>Aplicação</b>	<b>Ocorrências</b>	<b>Percentual</b>	<b>P. Relativo</b>
A – de 16 a 25 anos	18 /	349	5	0,64
C – de 26 a 49 anos	28 /	577	5	0,60
E – 50 anos ou mais	2 /	291	1	0,18
<b>TOTAL</b>	<b>48 /</b>	<b>1217</b>	<b>4</b>	
<b>Classe Social</b>				
<b>Fatores</b>	<b>Aplicação</b>	<b>Ocorrências</b>	<b>Percentual</b>	<b>P. Relativo</b>
B – classe baixa	7 /	316	2	0,37
M – classe média-baixa	26 /	469	6	0,61
T – classe média-alta	15 /	432	3	0,48
<b>TOTAL</b>	<b>48 /</b>	<b>1217</b>	<b>4</b>	
<b>Gênero</b>				
<b>Fatores</b>	<b>Aplicação</b>	<b>Ocorrências</b>	<b>Percentual</b>	<b>P. Relativo</b>
F – feminino	26 /	712	4	0,47
M – masculino	22 /	505	4	0,54
<b>TOTAL</b>	<b>48 /</b>	<b>1217</b>	<b>4</b>	

Para a variável *faixa etária*, os valores da Tabela 25 indicam que o uso de *a'ente* (~ *'ente*), tanto em percentuais como em pesos relativos, é favorecido pelos indivíduos abaixo de 50 anos, sobretudo da faixa etária mais jovem, de 16 a 25 anos, com peso relativo de 0,64. Esse resultado assemelha-se aos resultados de Zilles (2002:308), que encontrou peso relativo de 0,54 para faixa etária abaixo de 50 anos. Nota-se, tanto aqui como no estudo de Zilles (2002), que o favorecimento e/ou desfavorecimento das formas *a'ente* (~ *ente*) e *a gente* está associado aos mesmos grupos de informantes.

Os resultados para a variável *classe social* demonstram ser os falantes da classe média-baixa os que estão à frente nesta mudança. Percebe-se a existência de uma distribuição “curvilínea” semelhante ao modelo proposto por Labov (1966, 1990), para a mudança do tipo espontânea, que confere aos indivíduos do “meio” da escala social um maior incentivo social para mudar a língua. O fato é que a correlação entre *status*

social e motivação e/ou resistência à mudança está presente na gramaticalização de *a gente*, independente do estágio desse processo. Neste caso específico, parece ser o grupo do meio que confere um maior prestígio à forma reduzida, podendo tratar-se de uma “mudança vinda de cima”, como verificado em Zilles (2002:308). Contudo, devido ao número reduzido de dados, torna-se prematura uma indicação mais segura a respeito desse aspecto.

Quanto à variável *gênero* observa-se, pela Tabela 25 anterior, que os percentuais são semelhantes para mulheres e para homens. Os pesos relativos revelam que o uso da forma reduzida *a ‘ente* (~ *‘ente*) é favorecido pelos homens, com peso relativo de 0,54. Esse resultado respalda a hipótese formulada na subseção 5.5.1.4 de que os homens, neste estágio da gramaticalização de *a gente*, estariam liderando a mudança, fato esse também verificado em Zilles (2002:308), com peso relativo de 0,66 para os homens, superior ao peso relativo de 0,42 das mulheres.

#### 5.5.2.1.3 Os cruzamentos entre as variáveis sociais

A Ilustração 26, abaixo, demonstra os percentuais do uso da forma reduzida *a ‘ente* (~ *‘ente*), a partir dos cruzamentos das variáveis *gênero*, *faixa etária* e *classe social*.

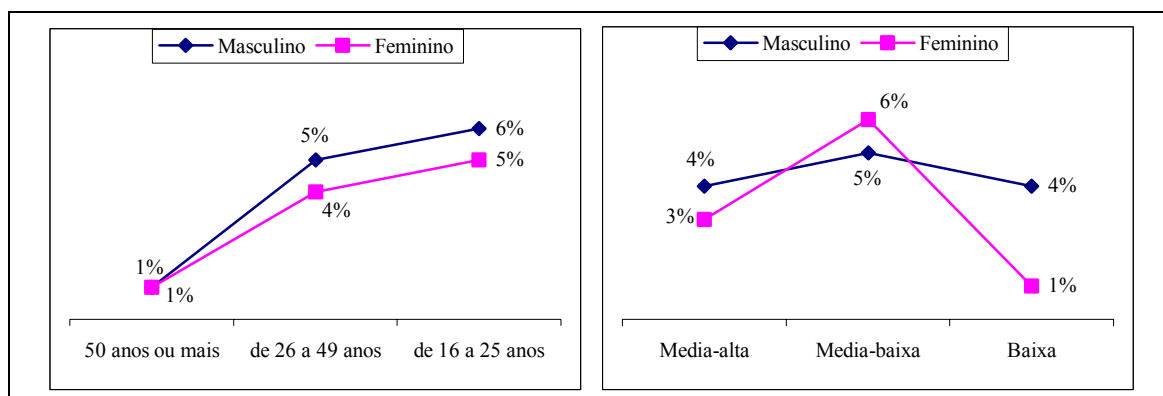


ILUSTRAÇÃO 26 – O uso da forma reduzida *a ‘ente* (~*‘ente*): cruzamento entre as variáveis *gênero*, *faixa etária* e *classe social*

O cruzamento entre *faixa etária* e *gênero* mostra que os falantes das faixas etárias de 16 a 25 anos e de 26 a 49 anos, portanto abaixo de 50 anos, independente do gênero, são os que mais privilegiam o uso de *a 'ente* (~ *'ente*). Mais do que isso: são os homens dessas duas faixas etárias que estão à frente da mudança, o que sustenta a hipótese anteriormente citada.

Quanto ao cruzamento entre *gênero* e *classe social*, os homens, das três classes sociais, apresentam um comportamento mais equiparado no uso de *a 'ente* (~ *'ente*), o que corrobora o fato de os mesmos estarem liderando da mudança. As linhas indicam a existência de interações entre as duas variáveis; motivo pelo qual, talvez, não tenham sido selecionadas na rodada conjunta com as variáveis lingüísticas. Observa-se, pela Ilustração 26, que as mulheres da classe baixa quase não participam do processo, com 1%, e que algumas mulheres da classe média-alta estão evitando o uso da forma reduzida, com 3%. Diferentemente, as mulheres da classe média-baixa, com 6%, são as que apresentam o maior percentual para o uso da forma reduzida. Talvez com mais dados as tendências fiquem mais claras. Mesmo assim, os valores para a classe média-baixa, independente do gênero, apontam ser essa classe social a que mais favorece o uso de *a 'ente* (~ *'ente*), referendando os valores da Tabela 25 anterior, que confere à classe média-baixa peso relativo de 0,61 para o uso da forma reduzida.

#### 5.5.2.1.4 A aplicação de *a 'ente* (~ *'ente*) por idade e gênero

A Ilustração 27, abaixo, apresenta os percentuais dos informantes de Pelotas, que utilizaram a forma reduzida *a 'ente* (~ *'ente*), distribuídos por idade e gênero. Nota-se que a maioria dos informantes que utilizaram a forma reduzida estão concentrados nas idades menores, independente do gênero, principalmente na faixa etária entre vinte e

trinta anos. Torna-se importante destacar que, dos cinco informantes que obtiveram percentual de aplicação acima de 10% para o uso de *a 'ente* (~ *'ente*), todos têm escolaridade média ou superior, sendo que o informante que mais favoreceu o uso da forma reduzida, com 16,7%, tem curso superior e pertence à classe média-alta. Os valores estatísticos mostram que, significativamente, o peso relativo atribuído aos homens é superior ao peso relativo atribuído às mulheres, como demonstrado na Tabela 25 anterior.

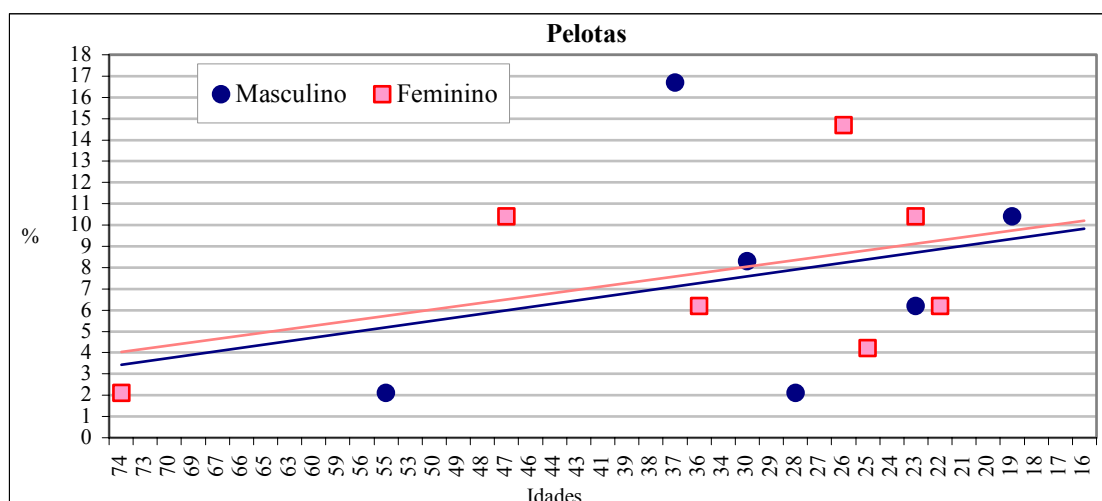


ILUSTRAÇÃO 27 – Percentuais de aplicação de *a 'ente* (~*'ente*) por idade e gênero

Nesta subseção, analisou-se os aspectos lingüísticos e sociais presentes no processo de redução de *a gente* para *a 'ente* (~*'ente*). O uso da forma reduzida ocorreu preferencialmente em contextos de fala rápida e nos casos de referência específica. Verificou-se também que os indivíduos do gênero masculino e da classe social média favoreceram esta mudança. Volta-se, a seguir, à discussão do uso de *a gente*.

### 5.5.3 A variável *localidade*

Nesta seção, será apresentado um panorama geral dos resultados do uso de *a gente* nas comunidades de Jaguarão e Pelotas. Com exceção dos trabalhos de Lopes (1993) e



Monteiro (1994), que investigaram a variação *nós* e *a gente* na fala culta, a partir da distribuição dos dados no plano diatópico, com amostras do NURC/Brasil, tem-se apenas o trabalho de Aires *et. al.* (2002), que verificaram distribuição do uso de *nós* e *a gente* nas comunidades gaúchas de Flores da Cunha, Panambi, Porto Alegre e São Borja, a partir de entrevistas pertencentes ao Banco de Dados Varsul. Os resultados de Aires *et al.* (2002), para o grupo de fatores localidade, demonstram que o uso de *a gente* foi mais favorecido em Porto Alegre (68% / 0,59) e São Borja (63% / 0,53) que em Panambi (59% / 0,48) e Flores da Cunha (51% / 0,42). As autoras concluem que, pela distribuição dos resultados, não é possível sustentar a hipótese de uma propagação da mudança apenas no plano espacial, de distância física entre as localidades. Acreditam que o resultado seja favorável ao princípio de que “as mudanças se propagam dos grandes centros para os centros menores”. Ressaltam também o fato de que as comunidades menores de Panambi e Flores da Cunha são bilíngües, o que talvez tenha contribuído para os pesos desfavoráveis ao uso de *a gente*.

Nesse sentido, torna-se pertinente apresentar os resultados de Jaguarão e Pelotas, para que se tenha um panorama do processo de mudança em torno da forma *a gente*, considerando o aspecto diatópico. Soma-se a isso o fato de que as entrevistas dos bancos de dados BDS Pampa (para Jaguarão) e VarX (para Pelotas) são bem recentes, realizadas entre os anos 2000 e 2002. Os resultados podem evidenciar, de forma mais “atualizada”, o estágio da propagação da mudança.

Os dados das duas comunidades foram rodados juntos e o percentual total para a aplicação de *a gente* ficou em 74%. Os resultados para o grupo de fatores *localidade* estão na Tabela 26 abaixo.

TABELA 26 – O uso de *a gente* para Jaguarão e Pelotas conforme variável *localidade* (aplicação, ocorrências, percentual e peso relativo)

Fatores	Aplicação	Ocorrências	Percentual	Peso relativo
P- Pelotas	1217 /	1560	76	0,61
J – Jaguarão	872 /	1263	70	0,38
<b>TOTAL</b>	2089 /	2823	74	

A forma *a gente* é mais favorecida em Pelotas, tanto em percentuais, com 76%, como em pesos relativos, com 0,61. Os valores indicam que a gramaticalização de *a gente* está ocorrendo dos centros maiores para os centros menores, sustentando-se a hipótese A4 deste trabalho. O peso relativo de 0,38 de Jaguarão reforça essa hipótese.

Observa-se que os resultados de Pelotas, tanto em percentuais como em pesos relativos, são superiores aos encontrados por Aires *et al.* (2002) para as comunidades de Panambi, Flores da Cunha, São Borja e Porto Alegre. Aceitando-se que a mudança em torno da forma *a gente* propaga-se dos centros maiores para os menores, o esperado seria que Porto Alegre apresentasse valores maiores para o uso de *a gente* do que Pelotas. Entretanto, deve-se considerar que os dados de Porto Alegre são do início da década de 1990. Esse fato deve ter contribuído para que os valores de Porto Alegre sejam menores que os de Pelotas e Jaguarão.

Os resultados para as duas comunidades rodadas conjuntamente são muito próximos dos resultados para as duas comunidades rodadas separadamente. As variáveis lingüísticas selecionadas como estatisticamente significativas, por ordem de seleção, foram: (a) *paralelismo formal*, (b) *tonicidade*, (c) *saliência fônica*, (d) *localidade*, (e) *faixa etária*, (f) *tipo de referência semântica do sujeito*, (g) *posição do sujeito na frase*. No Anexo 9 encontra-se um panorama geral dos grupos de fatores selecionados como estatisticamente significativos para o uso de *a gente* em Jaguarão e Pelotas, com as ocorrências das duas comunidades agrupadas em um só arquivo de dados.

Achou-se necessário apresentar aqui, conforme Tabela 27 abaixo, os resultados para as variáveis sociais *gênero*, *faixa etária* e *classe social*. Com exceção da variável *classe social*, que apresentou resultados diferentes para as duas comunidades (o uso de *a gente* em Jaguarão foi favorecido pela classe baixa e em Pelotas pela classe média-alta - cf. Tabela 12), os resultados das rodadas em separado de Jaguarão e de Pelotas para gênero e faixa etária indicaram uma mesma tendência: mulheres e jovens favorecendo mais o uso de *a gente*. A rodada conjunta reflete os indicadores sociais das rodadas em separado para faixa etária, desfazendo-se também a pequena diferença para o grupo de fatores gênero. Quanto à classe social, os pesos relativos iguais de 0,52 para as classes baixa e média-alta relacionam-se com os resultados extremos maiores das rodadas em separado.

TABELA 27 – O uso de *a gente* em Jaguarão e Pelotas: variáveis sociais *gênero*, *faixa etária* e *classe social* (aplicação, ocorrências, percentual e peso relativo)

<b>Variáveis/Fatores</b>	<b>Jaguarão / Pelotas</b>			
<b>Gênero</b>				
<b>Fatores</b>	<b>Aplicação</b>	<b>Ocorrências</b>	<b>Percentual</b>	<b>Peso relativo</b>
M – Masculino	793 /	1075	74	0,50
F – Feminino	1296 /	1748	74	0,50
<b>TOTAL</b>	2089 /	2823	74	
<b>Faixa etária</b>				
<b>Fatores</b>	<b>Aplicação</b>	<b>Ocorrências</b>	<b>Percentual</b>	<b>Peso relativo</b>
A- de 16 a 25 anos	767 /	954	80	0,58
C- de 26 a 49 anos	870 /	1119	78	0,55
E- 50 anos ou mais	452 /	750	60	0,38
<b>TOTAL</b>	2089 /	2823	74	
<b>Classe social</b>				
<b>Fatores</b>	<b>Aplicação</b>	<b>Ocorrências</b>	<b>Percentual</b>	<b>Peso relativo</b>
B – Baixa	613	808	76	0,52
M – Média-baixa	757	1047	72	0,46
T – Média-alta	719	968	74	0,52
<b>TOTAL</b>	2089 /	2823	74	

Pelo que foi apresentado até aqui, nota-se que o uso de *a gente* está mais adiantado em Pelotas do que em Jaguarão. Acredita-se que a sua propagação se espalhe dos centros maiores (Pelotas) para os centros menores (Jaguarão). Ressalta-se ainda a importância da proposição de Teysier (1997:98) de que “as divisões dialetais no Brasil

são menos geográficas do que socioculturais”. No caso da variável classe social, ficou clara a diferenciação entre as duas comunidades: em Jaguarão a direção da mudança é de baixo para cima enquanto que em Pelotas é de cima para baixo.

Talvez o fato de Jaguarão ser uma cidade fronteira com o Uruguai tenha oferecido algum tipo de resistência ao uso da forma inovadora *a gente*. Como já foi referido neste trabalho, torna-se difícil avaliar esse tipo de hipótese, por não se ter evidências para tal. O importante a ser enfatizado é que as diferenças entre as duas comunidades devem-se muito mais a fatores sociais do que a fatores lingüísticos. Esse fato supõe que Jaguarão e Pelotas caracterizam-se como subcomunidades, socialmente diferentes, pertencentes a uma comunidade maior: a comunidade de fala do PB.

## 5.6 O uso de *a gente* e o cenário lingüístico nacional

Um dos objetivos propostos por este trabalho é analisar a introdução da forma *a gente* no quadro dos pronomes pessoais do PB, em variação com o pronome *nós*, bem como verificar a(s) etapa(s) do processo de pessoalização envolvendo o pronome *a gente*. Nesse sentido, torna-se interessante a verificação dos percentuais para o uso de *a gente*, descritos em outros trabalhos de diferentes regiões do Brasil, com amostras representativas e que utilizaram metodologia semelhante à desenvolvida nos Projetos BDS Pampa e VarX, para que se possa ter uma noção do *continuum* dialetal em torno do processo de gramaticalização de *a gente*. A Ilustração 28, a seguir, mostra os percentuais para cinco localidades do Brasil<sup>68</sup>. Observa-se que a mudança em torno da forma *a gente* está ocorrendo em todas as comunidades, embora com ritmos diferenciados. Nota-se que a substituição de *nós* por *a gente* caracteriza-se como uma

---

<sup>68</sup> As especificações quanto às referências utilizadas, as cidades, os bancos de dados e os períodos de coleta dos dados constam na subseção 3.4.

mudança bastante avançada no Brasil. Esse fato reforça a idéia de que a diversidade lingüística do PB tem o fator sociocultural como uma importante variável a ser considerada, conforme hipótese A1 deste trabalho.

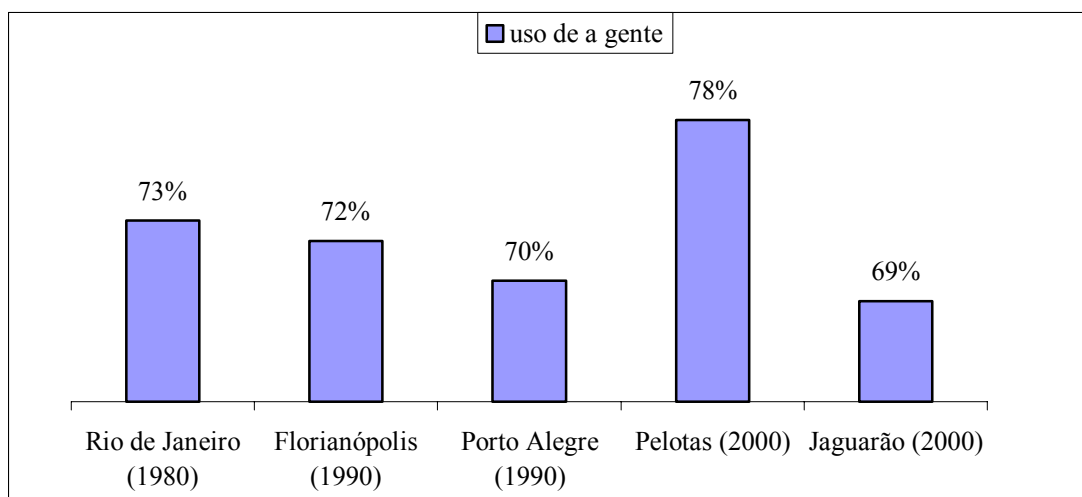


ILUSTRAÇÃO 28 – Percentuais de utilização de *a gente* para cinco localidades do Brasil

Os resultados para as cinco comunidades do Brasil indicam (cf. subseção 3.4) que determinados traços sociais são compartilhados entre todas as comunidades, como o uso maior de *a gente* pelos falantes mais jovens (fato esse indicador de mudança em progresso), refletindo a unidade do PB como uma comunidade de fala maior, independente de determinadas diferenças entre comunidades ou entre falantes de determinada comunidade.

Torna-se importante verificar, também, os limites do contínuo dialetal aqui delimitado. Para efeitos comparativos, destaca-se que o percentual de 73%, do Rio de Janeiro refere-se à década de 1980; portanto, vinte anos atrás. Os dados de Porto Alegre e Florianópolis, da década de 1990, representam a fala dos indivíduos dessas duas comunidades há dez anos atrás. As entrevistas de Jaguarão e Pelotas, por sua vez, foram feitas no início de 2000. Considerando-se que, em uma ou duas décadas, pela própria dinâmica das relações sociais, a mudança em direção à forma inovadora *a gente* tenha

se acentuado, os percentuais do Rio de Janeiro, Florianópolis e Porto Alegre devem ser bem maiores atualmente.

As características diatópicas das cidades em questão – Jaguarão e Pelotas – são importantes para se verificar a relação entre a maior ou menor separação geográfica entre as comunidades e a variabilidade lingüística presente nesse contínuo. Supõe-se, a princípio, que Pelotas, como maior centro urbano da Região Sul do Estado, seja um pólo irradiador das mudanças lingüísticas modificando, em parte, comportamentos de outras comunidades interioranas dessa Região. A Ilustração 28 anterior mostrou que Jaguarão, com 69%, apresenta o menor valor para o uso de *a gente* entre as cinco comunidades, justamente a comunidade que está mais afastada dos centros maiores propagadores da mudança.

Uma das justificativas para esse percentual menor de Jaguarão pode estar relacionado a sua condição de fronteira com o Uruguai, hipótese essa que, infelizmente, não pode ser testada neste trabalho, por limitações teórico-metodológicas. Entretanto, como evidenciado nos “questionários prévios” (cf. Anexo 5), dos informantes de Jaguarão, os jaguarenses atribuem à comunidade de Pelotas um forte prestígio social. Isso se deve, principalmente, a fatores sociais educacionais (em função de Pelotas ter duas Escolas Técnicas e duas Universidades) e econômicos (por Pelotas ser um centro comercial-regional). Jaguarão, portanto, focalizaria Pelotas como uma cidade pólo-regional, que desempenha uma forte atração sobre os jaguarenses. Poder-se-ia, então, conforme Ilustração 29 a seguir, propor a seguinte escala de prestígio lingüístico para o

uso de *a gente*, no que se refere às duas comunidades gaúchas em questão<sup>69</sup>: Jaguarão e Pelotas.

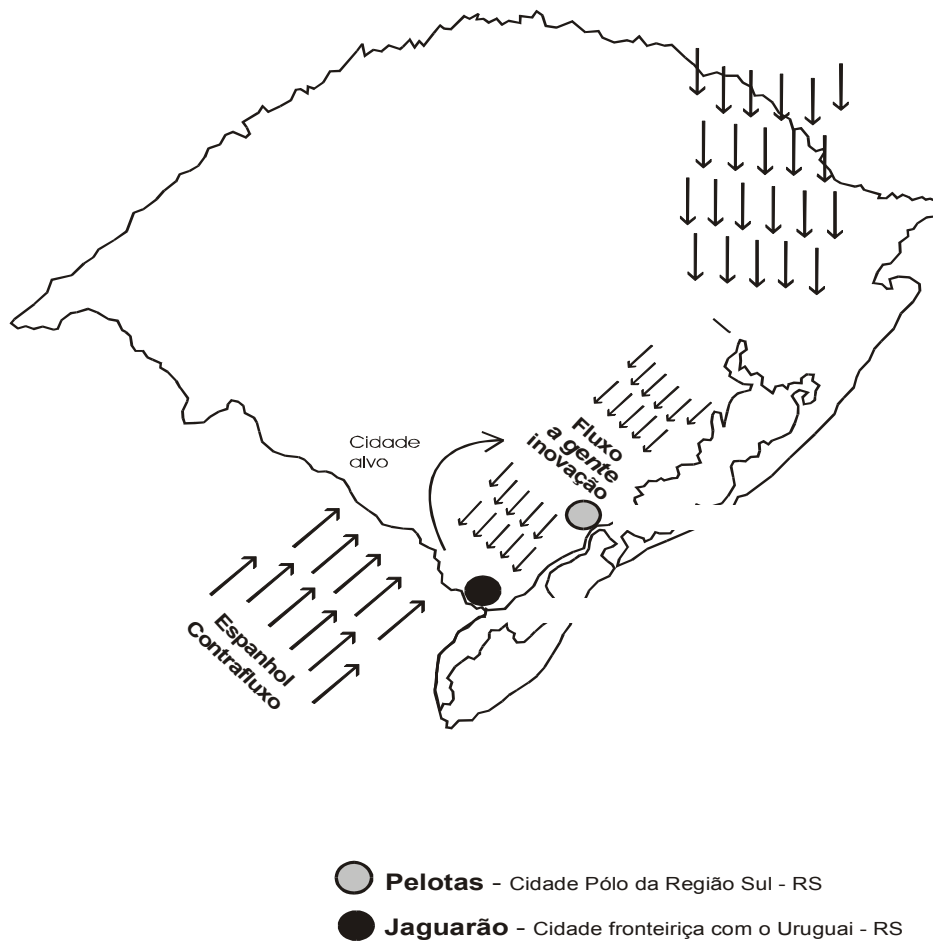


ILUSTRAÇÃO 29 – Contínuo dialetal associado ao uso de *a gente* para as cidades de Jaguarão e Pelotas

<sup>69</sup> Utilizou-se na Ilustração 29 os termos “fluxo” e “contrafluxo” com base no título do texto de Naro & Scherre (1991), sobre variação e mudança lingüística: *Variação e mudança lingüística: fluxos e contrafluxos na comunidade de fala*.

## 6 A CONCLUSÃO

A análise do processo de variação e mudança em torno da utilização da forma pronominal *a gente* no PB, proposta nesse trabalho, delineou várias evidências, a partir de percentuais e pesos relativos estatisticamente significativos, que possibilitam constatações relevantes sobre a dinâmica desse processo. As mais importantes merecerão destaque nesta seção.

Deve-se levar em conta, no que se refere aos resultados da análise, as limitações metodológicas advindas da própria constituição dos bancos de dados sociolingüísticos utilizados (BDS Pampa e VarX). No caso específico da variável *referência semântica do sujeito*, a natureza das entrevistas não favoreceu o uso da forma *a gente* associada a referentes específicos [*“eu”* + *pessoa*] e [*“eu”* + *pessoa* + *não-pessoa*]. Mesmo assim, os resultados indicaram uma nova face da mudança, em função da pessoalização de *a gente*. Ressalta-se ainda a necessidade de se realizar análises lingüísticas por informantes, para que se possa verificar até que ponto as diferenças entre os falantes de uma comunidade são decorrentes de diferenças de gramática ou apenas de diferenças aleatórias da amostra.

Torna-se importante também um aprofundamento maior dos aspectos discursivos e psicolingüísticos, para que a discussão em torno do *paralelismo formal* seja melhor subsidiada. Além disso, no que diz respeito à comunidade de Jaguarão, seria necessário um estudo mais aprofundado que desse conta das relações acerca do bilingüismo, dos atos de identidade, do prestígio social e lingüístico e do contínuo dialetal, considerando-se amostras de fala de informantes uruguaios. Pretende-se, ao dar continuidade a este estudo, contemplar vários desses aspectos e outros que vierem a se mostrar relevantes.



Os resultados obtidos indicam que a gramaticalização de *a gente* decorre de vários processos de mudança paralelos e inter-relacionados – mudança semântica, sintática, morfológica, fonológica – motivados também por fatores sociais. Portanto, não apenas em função da força da língua ou da estrutura lingüística, mas também da força da estrutura social. A gramaticalização de *a gente* no PB estaria, nesse sentido, atrelada a quatro mudanças inter-relacionadas presentes nesse processo: (1) estágio inicial da mudança com variabilidade de concordância em número e gênero da forma original *gente*; (2) introdução de *a gente* com uso genérico; (3) inserção de *a gente* no quadro pronominal, com a devida aceleração da substituição de *nós* por *a gente*, acompanhada da pessoalização de *a gente* em função do seu uso específico; (4) mudança em direção à redução da forma *a gente* para *a ‘ente ~ ‘ente*.

O ‘mapeamento histórico-descritivo do uso de *a gente*’ (cf. seção 3) revelou que já havia, no português arcaico, um processo inicial e variável de número e gênero associado à forma *gente*. A cristalização de *a gente* como pronome, portanto, decorre desse processo variável, juntamente com a aquisição de traços semânticos próprios a primeira pessoa do plural. A forma *a gente*, inicialmente de caráter genérico, pessoaliza-se e passa a competir com a forma *nós*, também nos contextos de referência específica. A análise do uso de *a gente* nas onze peças de teatro de autores gaúchos (cf. subseção 3.3) sugere que a forma *a gente* passou a competir efetivamente com a forma *nós* a partir da década de 1960. Mais do que isso: passou a ser utilizada com referência específica, ora através do plural *exclusivo*, ora através do plural *inclusivo*. A análise das peças de teatro indicou também que as mulheres jovens da classe baixa teriam começado o processo, tratando-se de uma mudança que vem, inicialmente, de baixo do nível de consciência (“de baixo para cima”).

Os resultados da análise da fala dos informantes de Jaguarão e Pelotas acompanham a direção apontada pela maioria das hipóteses formuladas para este trabalho. O percentual de *a gente* é superior ao de *nós* nas duas comunidades gaúchas. Em Pelotas o percentual chega a 78%, tratando-se de um processo de mudança em fase bastante adiantada. Em Jaguarão o percentual de *a gente* também é expressivo, de 69%, embora nove pontos abaixo do encontrado em Pelotas. O processo de mudança em Jaguarão parece estar *em meio caminho*, se comparado com Pelotas onde a gramaticalização de *a gente* está mais adiantada. Considerando-se que a introdução de *a gente* no PB contribuiu tanto para a simplificação do paradigma verbal como para a reestruturação do sistema pronominal, supõe-se que em Jaguarão haja um paradigma flexional mais conservador, comparando-se com o estágio mais avançado da mudança em Pelotas, que estaria à frente no processo de “enxugamento” do paradigma flexional verbal do PB.

A regra variável associada à primeira pessoa do plural indica que a utilização de *a gente*, em variação com *nós*, está relacionada, nas duas comunidades analisadas, a condicionadores lingüísticos de natureza discursiva, sintática e morfofonológica. As evidências são favoráveis às hipóteses que apontavam para uma maior utilização de *a gente* quanto mais similares fossem os elementos precedentes (tanto do ponto de vista formal como semântico), quando existisse menor saliência fônica e quando o referente fosse específico.

No caso do ‘princípio do paralelismo formal’, observou-se que o paralelismo não pode ser entendido apenas como um processo, até certo ponto mecânico, de preservação de estruturas na frase. Os resultados de Jaguarão e Pelotas sugerem que o paralelismo está relacionado à manutenção da continuidade do discurso

em função da manutenção da referência no plano discursivo. Notou-se também que a ‘escala de saliência’, na análise aqui desenvolvida, não se comportou como o previsto, o que, de certa forma, compromete o seu poder explicativo. Há evidências de que outros fatores, de ordem discursiva ou psicolinguística, possam estar atuando quando da escolha das formas a serem utilizadas pelos falantes.

A relação entre quantidade de material fônico e tonicidade também evidencia que o uso de *a gente* é favorecido nos contextos em que a oposição –V/–Vmos não é tônica ou é tônica em apenas uma das formas, quais sejam: nos níveis de saliência 1, 2 3 e 4. Observa-se, dessa forma, que a tonicidade desempenha um importante papel no processo de variação em torno das formas *nós* e *a gente*, a partir da sua inter-relação com a quantidade de material fônico das formas verbais.

No que se refere à variável ‘posição do sujeito na frase’, salienta-se o fato dessa variável ter sido selecionada apenas em Jaguarão. O uso de *a gente* foi mais favorecido nos casos de sujeito à esquerda do verbo com clítico intercalado ou distante do verbo.

Quanto à ‘referência semântica do sujeito’, os resultados do uso de *a gente* parecem indicar uma nova “fase” da mudança em direção ao seu uso específico, fato esse corroborado por resultados de outros autores (Zilles, 2003 e Omena, 2003). No caso das rodadas especiais, apenas com *a gente* com referência específica, evidenciou-se que o percentual de Pelotas (74%) é bastante superior ao de Jaguarão (53%), o que sugere que esta mudança em Pelotas esteja em um estágio mais adiantado do que em Jaguarão. Os resultados das variáveis discursivas *discurso reportado* e *plano discursivo*, da variável *tempo verbal*, juntamente com os resultados das variáveis sociais reforçam essa interpretação.

Especialmente em relação às variáveis sociais, foi possível verificar que os indivíduos de Pelotas estão à frente da mudança nas três faixas etárias analisadas; constatou-se que os homens de Pelotas apresentaram maior percentual para o uso de *a gente* específico, fato esse que evidencia uma dimensão social nova associada a esse fenômeno lingüístico.

Os resultados indicam também que em Pelotas a mudança ocorre “de cima para baixo”, enquanto que em Jaguarão o processo é inverso, “de baixo para cima”. No caso de Pelotas, o resultado sugere que o uso de *a gente* pode estar sendo entendido, por setores da comunidade pelotense associados principalmente à classe média-alta e aos homens, como um símbolo lingüístico de prestígio social. Dessa forma, o uso de *a gente* em Pelotas parece ter “prestígio aberto”, diferentemente dos informantes da classe média-alta de Jaguarão que apresentam maior resistência ao uso de *a gente*.

Esses indicadores são importantes, porque revelam que o processo de gramaticalização de *a gente* em Pelotas estaria em um estágio mais adiantado do que em Jaguarão, talvez em função de diferentes fatores histórico-sociais atrelados à comunidade pelotense, tais como: seu contato com centros maiores, como Porto Alegre; sua tradição em torno da cultura teatral, que possibilitou (e possibilita) que muitas peças de grandes centros culturais do país, como o Rio de Janeiro, fossem encenadas nos seus teatros; a presença de duas universidades e de duas escolas técnicas profissionalizantes, que trazem para a comunidade pelotense estudantes de várias partes do país, com valores sociais e lingüísticos diferenciados; a expansão dos meios de comunicação e a massificação da cultura do centro do país; o declínio da economia, com a conseqüente diminuição dos empregos formais nas atividades industriais e comerciais; a renovação do quadro de professores das escolas (públicas e particulares) oriundos de classes

trabalhadoras populares; o estigma em torno da “fala mais polida” dos pelotenses, pode ter ocasionado uma reação inversa em direção ao “abandono” das concordâncias e utilização de formas lingüísticas que antes eram menos prestigiadas; a necessidade de os homens de Pelotas marcarem a sua “virilidade” e “masculinidade” pode estar contribuindo para que os mesmos utilizem menos marcas de primeira pessoa do plural, as quais podem estar associadas a um tipo de fala mais “afeminada”.

De forma oposta, o favorecimento ao uso de *a gente* pela classe baixa de Jaguarão sugere que a sua posição de cidade-fronteira com o Uruguai e a sua situação geográfica extrema contribua para o percentual menor no uso de *a gente* em Jaguarão (69%), comparativamente com o percentual de 78% de Pelotas. Nesse caso, o uso de *a gente* parece ter “prestígio encoberto”, em decorrência da valorização inconsciente da forma lingüística inovadora. O fato de os indivíduos da classe média-alta de Jaguarão resistirem mais à mudança, pode sugerir uma maior estratificação social nessa comunidade motivada, talvez, por uma tradicional estrutura social mais conservadora, em função da necessidade da classe média-alta jaguareense de marcar a sua identidade de classe. Nesse caso, tem-se uma aproximação maior do modelo de mudança lingüística proposto por Kroch (1966), uma vez que há uma correlação inversa entre *status* social e utilização de determinada forma inovadora. A classe média-alta, por ser concentradora dos bens de capital, teria maior poder nas relações sociais, políticas e simbólicas. Nesse caso, como afirmou Bourdieu (1991:44), a língua estaria servindo para marcar mais claramente os espaços na estrutura social de Jaguarão.

Quanto ao processo de mudança de redução de *a gente* para *a 'ente* (~ *'ente*), restrito aos dados de Pelotas, os resultados indicam tratar-se de uma mudança *incipiente*, devido ao percentual baixo de 4% de aplicação. Mesmo assim, foi possível

verificar que as reduções ocorrem preferencialmente em contextos de referência específica e nos eventos de fala rápida. Talvez o fato de a forma reduzida *a 'ente* (~ *'ente*) ter ocorrido apenas na posição de sujeito seja um indício de que esse processo não possa ser explicado apenas pela fonologia ou pela sintaxe, mas sim pela inter-relação entre essas duas dimensões lingüísticas. O importante nesse caso, é verificar que essa regra variável compreende apenas os casos de *a gente* em variação com *a 'ente* (~ *'ente*) tratando-se, portanto, de um processo de mudança distinto do associado à regra variável que trata da alternância entre *a gente* e *nós*. Os resultados sociais dos dois processos reforçam tratar-se de duas regras variáveis, visto que, no caso específico da distinção de classes, a forma reduzida foi favorecida pela classe média, enquanto que o uso de *a gente* foi favorecido pela classe alta.

Os resultados alcançados neste trabalho, decorrente do uso de *a gente* e suas implicações lingüísticas e sociais, resumidamente, evidenciam que:

- A - O percentual de *a gente* na posição de sujeito é superior ao de *nós* nas comunidades gaúchas de Pelotas e Jaguarão;
- A1 - O percentual de uso de *a gente* em Pelotas (78%) é superior ao percentual de Jaguarão (69%);
- B - A consolidação de *a gente* como pronome pessoal reto no PB integra um processo de gramaticalização em curso;
- B1 - O processo de gramaticalização de *a gente* envolve várias mudanças inter-relacionadas e concomitantes, decorrentes da atuação de várias regras gramaticais (semântica, sintática, morfológica e fonologias) atuando ao mesmo tempo:

B1.1 – mudança que fixou a locução *a gente*, a partir da adjunção do artigo *a* ao nome *gente*;

B1.2 – mudança que fixa a forma *a gente* como pronome, com significado genérico;

B1.3 – mudança que introduz a forma *a gente* no campo da pessoalização, através de seu significado específico pronominal;

B1.4 – mudança em função de redução do pronome *a gente* para *a 'ente* (~ 'ente).

C – O uso de *a gente* é motivado por condicionadores lingüísticos;

C1 – a continuidade da referência no plano do discurso favorece o uso de *a gente*;

C2 – a aplicação de *a gente* é maior nos contextos em que a saliência fônica é menor,

C3 – a aplicação de *a gente* é maior nos contextos em que a oposição de tonicidade entre P3 e P4 é menor;

C4 – o uso de *a gente* está pessoalizando-se em direção aos contextos de referência específica;

D – O uso de *a gente* é motivado por condicionadores sociais;

D1 – a utilização de *a gente* é maior nas faixas etárias mais jovens;

D2 – a utilização de *a gente* em Pelotas é favorecida pela classe média-alta e em Jaguarão pela classe baixa;

D3 – a propagação de *a gente* ocorre dos grandes centros para os menores;

Ressalta-se ainda que o processo de gramaticalização de *a gente* é decorrente de vários estágios de mudança concomitantes. No caso específico da pessoalização de *a*

*gente*, o resultado da análise das peças de teatro de autores gaúchos (1896 – 1995) sugere que o processo intensificou-se a partir da década de 1960, motivado talvez por significativas transformações sociais ocorridas em nosso país. No que diz respeito às cidades de Jaguarão e Pelotas, observou-se a existência de uma mesma gramática atuando nessas comunidades, devido ao número grande de traços lingüísticos compartilhados. As diferenças ocorreram em função de peculiaridades sociais próprias à estrutura histórico-social de cada comunidade.

Mesmo que os percentuais em relação ao uso de *a gente* indiquem uma mudança muito semelhante em várias localidades brasileiras, ao olhar-se para cada comunidade em separado, percebe-se determinadas diferenças, principalmente de ordem social, que merecem ser explicadas. No caso das comunidades de Jaguarão e Pelotas esse fato pode ser percebido, uma vez que a direção de um mesmo processo pode ser “de baixo para cima”, no caso da comunidade jaguareense, ou “de cima para baixo”, no caso da comunidade pelotense. Em uma, a forma inovadora pode ter mais prestígio social; em outra, não. Portanto, percebe-se que o processo de gramaticalização de *a gente* decorre da atuação de várias regras variáveis atuando ao mesmo tempo, como também do dinamismo das forças sociais próprias à organização social da língua.



## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABAURRE GNERRE, M. B. Processos fonológicos segmentais como índices de padrões prosódicos diversos nos estilos formal e causal do português do Brasil. *Cadernos de Estudos Lingüísticos*, Campinas, n. 2, p. 23-44, 1981.
- AIRES, K. M. L.; SOUZA, G. L. de.; ZILLES, A. M. S. A distribuição de *nós* e *a gente* em quatro comunidades sul-rio-grandenses. Comunicação apresentada no XIV Salão de Iniciação Científica, *Livro de Resumos*, v. único, Porto Alegre, UFRGS, p. 920, dez. 2002.
- ALMEIDA, N. M. de. *Gramática metódica da língua portuguesa*. 31. ed. São Paulo: Saraiva, 1982.
- AMARAL, A. *O dialeto caipira*. São Paulo: Anhembi, 1955.
- AMARAL, L. I. C. *Varbwin: Varbrul através do windows*. Pelotas, UFPel, 2001. (Programa de computador)
- \_\_\_\_\_. A importância de variáveis estilístico-discursivas para as análises de fenômenos lingüísticos variáveis. In: VANDRESEN, P. (org.) *Variação e mudança no português falado na região sul*. Pelotas: Educat, p. 15-46, 2002.
- \_\_\_\_\_. *A concordância verbal de segunda pessoa no singular em Pelotas e suas implicações lingüísticas e sociais*. Porto Alegre, Tese (Doutorado em Letras), Instituto de Letras, UFRGS, 2003.
- BACK, E. A evolução do sistema das consoantes do português. *Letras*, Porto Alegre, n. 8, p. 13-46, 1970.
- BAKHTIN, M. *Marxismo e filosofia da linguagem*. São Paulo: Hucitec, 1999.
- BECHARA, E. *Moderna gramática portuguesa*. 27. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1982.
- BENVENISTE, É. *Problemas de lingüística geral I*. Campinas: Pontes, 1988.
- \_\_\_\_\_. *Problemas de lingüística geral II*. Campinas: Pontes, 1989.
- BISOL, L. O clítico e seu *status* prosódico. *Revista de Estudos Lingüísticos*. Belo Horizonte, v. 9, n.1, p. 5-30, jan./jun 2000.
- \_\_\_\_\_. Os constituintes prosódicos. In: BISOL, L. *Introdução a estudos de fonologia do português brasileiro*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 3. ed. P. 229-241, 2001
- BORBA, L. do R. Alguns aspectos sobre o uso de “nós” e “a gente” em Curitiba. *Fragmenta*, Curitiba, UFPR/CPGL, n. 10, p. 65-76, 1993.

- BOURDIEU, P. *Language and symbolic power*. Cambridge: Harvard University Press, 1991.
- BUENO, F. da S. *A formação histórica da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1955.
- BYBEE, J.; PAGLIUCA, W.; PERKING, R. *The evolution of Grammar: tense, aspect, and modality in the languages of the world*. Chicago: University of Chicago Press, 1994.
- CÂMARA JR., J. M. *Problemas de lingüística descritiva*. Petrópolis: Vozes, 1978.
- \_\_\_\_\_. *História e estrutura da língua portuguesa*. 2. ed. Rio de Janeiro: Padrão, 1979.
- CAMÕES, L. de. *Os lusíadas*. (Edição escolar de Antenor Nascentes). Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, p. 22, 1930.
- CASTILHO, A. T. de. A gramaticalização. *Estudos Lingüísticos e Literários*, Salvador, n. 19, p. 25-63, , mar. 1997.
- CESAR, G. *Primeiros cronistas do Rio Grande do Sul: 1605-1801*. Porto Alegre: Editora da Universidade, UFRGS, 3. ed. 1998.
- CHAMBERS, J. K. *Sociolinguistic theory: Linguistic variation and its social significance*. Cambridge: Blackwell, 1995.
- CROFT, W. *Typology and universals*. Cambridge: Cambridge University Press, p. 230-244, 1990.
- CUNHA, C. F. da. *Gramática da língua portuguesa*. 2. ed. ver. Rio de Janeiro: MEC/FENAME, 1975.
- CUNHA, C.; CINTRA, L. *Nova gramática do português contemporâneo*. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.
- DIAS, A. E. da S. *Syntaxe histórica portuguesa*. 3. ed. Lisboa: Livraria Clássica Editora, 1953.
- DUARTE, M. E. L. *A perda do princípio 'Evite Pronome' do português brasileiro*. Campinas: Tese (Doutorado em Letras), UNICAMP, 1995.
- \_\_\_\_\_. Do pronome nulo ao pronome pleno: a trajetória do sujeito no português do Brasil. In: ROBERTS, I.; KATO, M. (org.) *Português brasileiro: uma viagem diacrônica*. 2. ed. Campinas: Editora da UNICAMP, 1996.
- ECKERT, P. The whole woman: sex and gender differences in variation. In: COUPLAND, N.; JOWORSKI, A. (Eds.). *Sociolinguistics: a resder and coursebook*. New York: Martin's Press, p. 212-228, 1997.

- \_\_\_\_\_. Gender and sociolinguistic variation. In: Coates, Jennifer (Ed.). *Language and gender: a reader*. Malden: Blackwell Publishers Ltd. p. 64-75, 1998.
- FARACO, C. A. O tratamento “você” em português: uma abordagem histórica. *Fragmenta*, Curitiba, n. 13, p. 51-82, 1996.
- FARACO, C. E.; MOURA, F. M. *Gramática*. 18. ed. São Paulo: Ática, 1999.
- FERNANDES, E.; GORSKY, E. A concordância verbal com o sujeito ‘nos / a gente’: um mecanismo do discurso em mudança. *Atas...* Salvador, UFBa, p. 183-191, 1986.
- FERREIRA, C.; CARDOSO, S. *A dialetologia no Brasil*. São Paulo: Contexto, 1994.
- FISCHER, L. A. Uma edição nova e inovadora. [Notas e introdução]. In: *Contos gauchescos*. Lopes Neto, Simões. Porto Alegre: Artes e Ofício, p. 5-30, 1998.
- FLORES, M. *História do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Nova Dimensão, 1997.
- FLORES, V. do N.; SILVA, S. Aspecto verbal: uma perspectiva enunciativa do uso da categoria no Português do Brasil. *Letras de Hoje*. Porto Alegre, v. 35, n. 3, p. 35-67, set. 2000.
- FUNDAÇÃO DE ECONOMIA E ESTATÍSTICA DO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL. (FEE) – Dados de 2000.
- GORSKI, E. M. *et al.* Variação nas categorias verbais de tempo e modo na fala de Florianópolis. In: VANDRESEN, P. (org.) *Variação e mudança no português falado na região sul*. Pelotas: Educat, p. 217-268, 2002.
- GRILLO, S. da C. Vocabulário da ‘Vida de Frei Pedro’. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro / MEC, 1996.
- GUY, G. R. *Linguistic variation in Brazilian Portuguese: aspects of the phonology, syntax, and language history*. University of Pennsylvania, Doctoral Dissertation, 1981.
- \_\_\_\_\_. Language and social class. *Linguistics: The Cambridge survey*, v. 4, p. 37-63, 1987.
- \_\_\_\_\_. The sociolinguistic types of language change. *Diachronica*. V. II: 1, p. 47-66, 1990.
- \_\_\_\_\_. Varbrul: análise avançada. *Cadernos de Tradução*. Porto Alegre: UFRGS, n. 1, p. 27-49, jan. 1998.

- \_\_\_\_\_. A identidade lingüística da comunidade de fala: paralelismo interdialetoal nos padrões de variação lingüística. *Organon*, Porto Alegre, v. 14, n. 28/29, p. 17-32, 2000.
- \_\_\_\_\_. Variationist approaches to phonological change. In: Janda, R. D.; JOSEPH, B. D. (orgs.) *Handbook of historical linguistics*. London: Blackwell, p. 1-26, 2001a.
- \_\_\_\_\_. Variação e mudança lingüística: dimensões sociais. *XII Encontro Regional do Projeto Varsul*, Curso livre, Porto Alegre, UFRGS, maio/jun. 2001.
- GUY, G. R. *et al.* An intonational change in progress in Australian English. *Language in society*, 15 (1), p. 23-52, 1986.
- HAERI, N. "Why do women do this?" *Sex and gender differences in Speech*. In: GUY, G. *et al.*, p. 101-114, 1996.
- HAUY, A. B. *História da língua portuguesa: I. Séculos XII, XIII e XIV*. São Paulo: Ática, 1989 (Série Fundamentos).
- HEEMANN, C. O teatro de Simões Lopes neto. In. *O teatro de Simões Lopes Neto*. V.1, Porto Alegre: IEL, 1990.
- HEINE, B. Grammaticalization. In. JOSEPH, B.; JANDA, R. D. (eds.) *The Handbook of Historical Linguistics*. Oxford: Blackwell, p. 575-601, 2003.
- HEINE, B.; REH, M. *Grammatical categories in African Languages*. Hamburg: Helmut Buske, 1984.
- HEINE, B. *et al.* *Grammaticalization: A Conceptual Framework*. Chicago: University of Chicago Press, 1991.
- HESSEL, L.. *O teatro no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 1999.
- HOPPER, P. J. General properties of foregrounding. In: GIVÓN, T. (ed.) *Syntax and semantics*. V. 12: Discourse and syntax, New York: Academic Press, 1979.
- \_\_\_\_\_. On some principles of grammaticalization. In: TRAUOGOTT, E.; HEINE, B. (eds.) *Approaches to Grammaticalization*. Amsterdam: J. Benjamins. v. 1, p. 17-35, 1991.
- HOPPER, P.; TRAUOGOTT, E. C. *Grammaticalization*. Cambridge: Cambridge University Press, 1993.
- HUBER, J. *Gramática do português antigo*. Coimbra: Fundação Calouste Gulbenkian, 1986.
- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. (IBGE) – Censo Demográfico 1970/2000.

- KOCH, I. G. V. *Argumentação e linguagem*. São Paulo: Cortez, 2. ed. 1987.
- KROCH, A. S. Toward a theory of social dialect variation. *Language in society*, n. 7, p. 17-36, 1978.
- KURYŁOWICZ, J. L'évolution des catégories grammaticales. In: *Problèmes du langage*. Collection Diogène. Paris: Gallimard, p. 54-71, 1966.
- LABOV, W. *The social stratification of English in New York City*. Washington D.C.: Center for Applied Linguistics. 1966 [1972].
- \_\_\_\_\_. *Sociolinguistic patterns*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1972.
- \_\_\_\_\_. On the use of the present to explain the past. Estratto de: *Linguistics at the crossroads*. Liviana Editrice: Jupiter Press, p. 825-851, 1975.
- \_\_\_\_\_. The intersection of sex and social class in the course of linguistic change. *Language variation and change*, p. 205-254, 1990.
- \_\_\_\_\_. *Principles of linguistic change: Internal Factors*. Oxford: Blackwell, 1994.
- \_\_\_\_\_. *Principles of linguistic change: Social Factors*. Oxford: Blackwell, 2001.
- LAHUD, M. *A propósito da noção de dêixis*. São Paulo: Ática, 1979.
- LEHMANN, C. Grammaticalization: synchronic variation and diachronic change. *Lingua e Stile*, n. 20, p. 303-318, 1982/1985.
- LEMLE, M.; NARO, A. *Competências básicas do português*. Rio de Janeiro: Mobral, 1977.
- LIRA, S. de A. O sujeito pronominal no português falado e escrito. *Ilha do Desterro*, Florianópolis, n. 20, p. 31-43, 1988.
- LOPES, C. R. dos S. *Nós e a gente no português falado culto do Brasil*. Rio de Janeiro, Dissertação (Mestrado em Letras), Faculdade de Letras, UFRJ, 1993.
- \_\_\_\_\_. *A inserção de "a gente" no quadro pronominal do português: percurso histórico*. Rio de Janeiro, Tese (Doutorado em Letras), Faculdade de Letras, UFRJ, 1999.
- LOREGIAM, L. *Concordância verbal com o pronome tu na fala do sul do Brasil*. Florianópolis: Dissertação (Mestrado em Letras), UFSC, 1996.
- MAMBRINI, E. *Teatro e variação: a colocação pronominal em duas versões de 'A Viúva Pitorra', de Simões Lopes Neto*. Porto Alegre, Dissertação (Mestrado em Letras), UFRGS, 2004.

- MASSINI-CAGLIARI, G.; CAGLIARI, L. C. Fonética. In: MUSSALIM, F.; BENTES, A. C. *Introdução à lingüística: domínios e fronteiras*. São Paulo: Cortez, p. 105-146, 2001.
- MATTOS E SILVA, R. V. *Estruturas trecentistas: elementos para uma gramática do português arcaico*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1989.
- MEILLET, A. L'évolution des formes grammaticales. [1912] *Scientia* 12 (26) (Milan). (Reprinted: *Linguistique historique et linguistique générale*. Paris: C. Klincksieck, p. 130-148, 1965[1912].
- MENON, O P. da S. *Analyse sociolinguistique de l'indetermination du sujet dans le portugais parle au Bresil, a partir des donnees du NURC/SP*. Paris, Tese (Doutorado em Lingüística) – Département de Recherches Linguistiques. Universidade de Paris VII, 1994.
- \_\_\_\_\_. *A gente: um processo de gramaticalização*. *Estudos lingüísticos*, Taubaté: Unitau, XXV, Anais de seminários do GEL, p. 622-628, 1996.
- MONTEIRO, J. L. *Pronomes pessoais: subsídios para uma gramática do português do Brasil*. Fortaleza: Edições UFC, 1994.
- NARO, A. J. The social and structural dimensions of a syntactic change. *Language*, v. 57, n. 1, p. 63-98, mar. 1981.
- NARO, A. J.; SCHERRE, M. M. P. Variação e mudança lingüística: fluxos e contrafluxos na comunidade de fala. *Caderno de Estudos Lingüísticos*, Campinas, n. 20, p. 9-16, jan/jun. 1991.
- NARO, A. *et al.* Change without change. *Language Variation and Change*. Cambridge, Cambridge University Press, n. 11, p. 197-211, 1999.
- NASCENTES, A. *O linguajar carioca*. 2. ed. Rio de Janeiro: Organização Simões, 1953.
- NEVES, M. H. de M. *Gramática de usos do português*. São Paulo: Editora UNESP, 2000.
- NUNES, J. J. *Compêndio de gramática histórica portuguesa: fonética e morfologia*. 4. ed. Lisboa: Livraria Clássica Editora, 1956.
- \_\_\_\_\_. *Crestomatia arcaica: excertos da literatura portuguesa desde o que mais antigo se conhece até ao século XVI*. 7. ed. Lisboa: Livraria Clássica Editora, 1967.
- OMENA, N. P. de. A referência variável da primeira pessoa do discurso no plural. In: NARO, A. J. *et al.* *Relatório final de pesquisa: projeto subsídios do projeto censo à educação*. Rio de Janeiro: UFRJ, v. 2, p. 286-319, 1986.

- \_\_\_\_\_. As influências sociais na variação entre *nós* e *a gente* na função de sujeito. In: OLIVEIRA E SILVA, G. M.; SCHERRE, M. M. P. *Padrões sociolingüísticos: análise de fenômenos variáveis do português falado na cidade do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro: Departamento de Lingüística e Filologia, UFRJ, p. 309-323, 1996.
- \_\_\_\_\_. A referência à primeira pessoa do plural: variação ou mudança? In: PAIVA, M. da C. de; DUARTE, M. E. L. (orgs.) *Mudança lingüística em tempo real*. Rio de Janeiro: Contra Capa, p. 63-80, 2003.
- OMENA, N. P. de; BRAGA, M. L. *A gente* está se gramaticalizando? In. *Variação e Discurso*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996.
- PERINI, M. A. *Gramática descritiva do português*. São Paulo: Ática, 4. ed. 2001.
- POPLACK, S. The notion of the plural in Puert Rico Spanish: competing constraints on /s/ deletion. In: LABOV, W. (ed.) *Locating language in time and space*. Philadelphia: University of Pennsylvania, p. 55-67, 1980.
- RAMOS, J. M. O uso das formas *você*, *ocê* e *cê* no dialeto mineiro. In: HORA, D. da. *Diversidade lingüística no Brasil*. João Pessoa: Idéia, p. 43-60, 1997.
- REIGHARD, J. Contraintessur le changement syntaxique. *Cahier de Linguistique*. Quebec, n. 8, 1978.
- ROBERTS, J. *Going younger to do difference: the role of children in language change*. p. 121-136, 1999.
- ROORYCK, J. On two types of underspecification: towards a feature theory shared by syntax and phonology. *Probus*, n. 6, p. 207-233, 1994.
- SAID ALI, M. *Gramática histórica da língua portuguesa*. 3. ed. São Paulo: Edição Melhoramentos, 1964.
- SCHERRE, M. M. P. *Reanálise da concordância nominal em português*. Rio de Janeiro, Tese (Doutorado em Letras), UFRJ, 1988.
- \_\_\_\_\_. A concordância de número nos predicativos e nos participios passivos. *Organon*, v. 5, n. 18, p. 52-70, 1991.
- \_\_\_\_\_. Paralelismo formal e cognição. *ABRALIN*. Boletim..., São Paulo, v. 13, USP, p. 43-53, 1992.
- \_\_\_\_\_. Phrase-level parallelism effect on noun phrase number agreement. *Language Variation and Change*. Cambridge, n.13, p.91-107, 2001.
- SCHERRE, M. M. P.; NARO, A. J. Duas dimensões do paralelismo verbal no português popular do Brasil. *Delta*. São Paulo, v. 9, n. 1, p. 1-4, 1993.

- SCHMITZ, J. R. The linguistic flexibility of “a gente” in Portuguese. *Hispania* [Notes on usage], p. 639-644, set. 1973.
- SEARA, I. C. A variação do sujeito ‘nós’ e ‘a gente’ na fala florianopolitana. *Organon*, v. 14, n. 28/29, p. 179-194, 2000.
- SILVA, M. C. F. *A posição sujeito no português brasileiro: frases finitas e infinitas*. Campinas: Editora da UNICAMP, 1996.
- TARALLO, F. *A pesquisa sociolingüística*. São Paulo, Ática, 1986.
- \_\_\_\_\_. Sobre a alegada origem crioula do português brasileiro: mudanças sintáticas aleatórias. In: ROBERTS, I.; KATO, M. (org.) *Português brasileiro: uma viagem diacrônica*. 2. ed. Campinas: Editora da UNICAMP, 1996.
- TEYSSIER, P. *História da língua portuguesa*. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- TRAUGOTT, E. C.; HEINE, B. Introduction. In: TRAUGOTT, E. C.; HEINE, B. (eds.), *Approaches to grammaticalization*. Amsterdam: J. Benjamins, V. 1, p. 1-14, 1991.
- VASCONCELOS, C. M. de. *Lições de filologia portuguesa: segundo as preleções feitas aos cursos de 1911/12 e de 1912/13*. Lisboa: Edição da Revista de Portugal – Série A – Língua Portuguesa, 1946.
- VASCONCELLOS, J. L. de. *O livro do Esopo: fabulário português medieval, publicado conforme manuscrito do século XIV*. Lisboa: Imprensa Nacional, 1906.
- \_\_\_\_\_. *Lições de filologia portuguesa*. 3. ed. Rio de Janeiro: Livros de Portugal, 1959.
- VILLAS-BÔAS, P. L. *Dicionário bibliográfico gaúcho*. Porto Alegre: Editora e Distribuidora Gaúcha Ltda, 1991.
- VITRAL, L. A forma *cê* e a noção de gramaticalização. *Revista Estudos Lingüísticos*, Belo Horizonte, n. 4, v. 1, p. 115-124, jan./jun. 1996.
- WEINREICH, U; LABOV, W.; HERZOG, M. Empirical foundations for a theory of language change. In: LEHMANN, W; MALKIEL, Y. (eds.) *Directions for historical linguistics*. Austin: University of Texas Press, p. 95-188, 1968.
- WILLIAMS, E. *Do latim ao português*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1994.
- ZILLES, A. M. S. Variação o uso de “nós” e “a gente” na fala de Porto Alegre. In: *IV CelSul*, Curitiba, 2000. [Apresentação]



- \_\_\_\_\_. Grammaticalization of *a gente* in Brazilian Portuguese. In: JOHNSON, D. E.; SANCHES, T. (eds.). *University of Pennsylvania Working Papers in Linguistics (Papers from NWAV 30)*, v. 8, n. 3, p. 297-310, 2002.
- \_\_\_\_\_. The linguistic and social embedding of 'a gente' in Brazilian Portuguese. *NYU Linguistics Colloquium*, sept. 20<sup>th</sup>, 2002a.
- \_\_\_\_\_. Real, apparent, or both? Three types of evidence for a grammaticalization change in progress in Brazilian Portuguese. Philadelphia: *VWAV 32*, University of Pennsylvania, oct. 2003.
- ZILLES, A. M. S.; FARACO, C. A. Considerações sobre o discurso reportado em *corpus* de língua oral. In: VANDRESEN, P. (org.) *Variação e mudança no português falado na região sul*. Pelotas: Educat, p. 5-14, 2002.

## Anexo 1

### Temáticas das obras dramatúrgicas de autores gaúchos utilizadas na análise da subseção 3.3.

- 1 ***A viúva Pitorra*** (Simões Lopes Neto, 1896) – comédia com um sabor do pitoresco humano, através de situações inusitadas de engano e surpresa envolvendo a vida de uma suposta viúva da classe média, herdeira de uma fabriqueta falida de meias. O reencontro de esposos, após longa e tumultuada separação, quando ambos se julgavam perdidos um do outro pela suposta morte do marido desaparecido durante uma revolução, é o tema central desenvolvido por Simões Lopes. O efeito cômico da narrativa está na farsa do desaparecimento do esposo, pequeno comerciante falido, e nas coincidências que o destino pode armar para certas pessoas. O caráter folhetinesco da peça faz com que as identidades que estavam desconhecidas sejam reveladas no final;
- 2 ***A ciumenta velha*** (Joaquim Alves Torres, 1905) – comédia de costumes onde os resquícios de sentimentalismo romântico se misturam com a observação realista de situações e personagens. O autor traça um quadro de dominação e conflito entre homem (médico bem sucedido) e mulher (dona de casa) no casamento. Ciúme e fidelidade são as forças em jogo. A sogra dominadora, o marido farrista, a filha enamorada, o criado pernóstico, o jardineiro pitoresco refletem um cotidiano verossímil na ótica da distorção cômica;
- 3 ***Nossa terra*** (Abadie Faria-Rosa, 1917) – verdadeira comédia brasileira, tendo como local os arrabaldes do bairro Menino Deus, em Porto Alegre. O cotidiano de uma família tradicional de Porto Alegre é trabalhado pelo autor, através de diferentes situações envolvendo o casal, os filhos, a guerra, o amor, etc. Os personagens e seus conflitos são trabalhados de forma cômica ao longo de toda a peça;
- 4 ***Adão, Eva e outros membros da família*** (Álvaro Moreyra, 1927) – comédia que retrata a situação humana através de personagens emblemáticos como o mendigo-poeta, o ladrão-intelectual, a falsa-rica, o ator de teatro e tantos outros membros que compõem uma sociedade. O autor mostra, através de diálogos curtos, situações jocosas e conflitantes, advindas do encontro de personalidades aparentemente tão diferentes, mas que na verdade são muito parecidas;
- 5 ***Iaiá boneca*** (Ernani Fornari, 1938) – comédia de costumes, em quatro atos, que fala da vida cotidiana de uma família da classe alta, a partir de personagens como uma moça de quinze anos, sua prima, a irmã mais velha e solteirona, o menino de recados, a empregada, o compadre, o padre, o filho do compadre, entre outros. O autor cria, a partir desses personagens, uma trama que reflete as diferentes situações familiares próprias a esse contexto;
- 6 ***Seis anos de rádio: história anedótica de Pery & Estellita*** – sketches e crônicas (Pery Borges, 1942) – dez esquetes rápidos de caráter cômico, nos quais o autor explora

diferentes situações do cotidiano: o roubo de um colar de pérolas, envolvendo uma madame e um malandro; os planos de dois jovens pobres e sonhadores, que trabalham em uma fábrica; o namorado pobre que pretende iludir a namorada e sogra rica; o desempregado que faz tudo para não trabalhar; a reflexão de dois idosos sobre a vida e suas lembranças; o marido que não consegue explicar para a mulher onde passou a noite; a situação de racionamento por que passam pai e filha, sem ter o que comer; os sonhos de amor de dois jovens. Todas essas situações são narradas com muita comicidade, característica básica desse tipo de peça teatral;

- 7 ***Quando elas querem*** (Paulo Hecker Filho, 1958) – comédia em dois atos, envolvendo um empresário e suas duas filhas solteiras, as quais dividem a atenção de três pretendentes, uma governanta e uma livre-atiradora. A peça explora as contradições humanas, a partir de uma concepção satírica da vida. As relações sociais são, por vezes, definidas pelo caráter machista ou feminista envolvendo os grupos. A vida burguesa e os vários conflitos de identidades são uma constante nesta peça;
- 8 ***A ponte*** (Valdir Ruzicki, 1962) – peça em oito cenas, que mostra a vida de uma família que passou a viver sob uma ponte. As questões sociais são apresentadas pelo autor, levando em conta a situação humana representada pelo pai, a mãe e a filha adolescente, bem como as relações sociais entre essa família e outros membros da sociedade, como um repórter, um vereador, um fotógrafo e um filho abandonado. O autor trabalha com os conflitos humanos e sociais levando em conta as diferentes representações e interesses dos personagens, com base nos contextos em que vivem;
- 9 ***Pode ser que seja só o leiteiro lá fora*** (Caio Fernando Abreu, 1974) – primeira investida do autor na dramaturgia. Peça em que oito jovens, entre 20 e 30 anos, de classe média, vivem situações inusitadas na sala de uma casa abandonada, atulhada de objetos fora de uso. Nesta situação, comédia e humor negro misturam-se num painel inusitado de tipos humanos que representam bem os anos 70;
- 10 ***Bye, bye sweet home!, A barra do tribunal, Casinha pequenina, Tudo no divã*** (Ivo Bender, 1983) – peças curtas, com situações cômicas, tendo como base recursos como o exagero, a desproporção, a oposição aos padrões lógicos. As narrativas, associadas a personagens de classe média, trabalham com a farsa, a partir do caráter cotidiano e cômico encontrado nas peças. Os personagens são variados, incluindo estudantes, dona de casa, psiquiatra, juiz de direito, etc. É sobre um fundo de realismo absurdo, que o humor expresso nas obras atinge seus melhores momentos, uma vez que a ausência de um enredo mais elaborado é compensada pela irresistível comicidade dos diálogos;
- 11 ***A coisa certa*** (Júlio Conte, 1995) – comédia de costumes que simboliza as incertezas do homem contemporâneo, que vive entre dois mundos: o passado e o presente. A narrativa acompanha as idas e vindas afetivas dos personagens de classe média (professor universitário, estudante de comunicação, dona de casa), tudo com muito bom humor.

## Anexo 2

**NURC** - O Projeto de Estudo da Norma Lingüística Urbana Culta no Brasil (Projeto NURC) teve seu início em 1969 e desenvolveu-se em cinco cidades-capitais: Salvador (SSA), Recife (RE), Rio de Janeiro (RJ), São Paulo (SP) e Porto Alegre (POA). O Projeto NURC objetivou a descrição da linguagem oral de falantes com nível de escolaridade superior, levando em conta as seguintes especificações sociais: três faixas etárias (25 a 35 anos / 36 a 55 anos / 56 anos ou mais), serem nascidos ou terem residido desde os cinco anos nas cidades constantes do corpus, possuírem curso universitário completo e serem filhos de falantes nativos da língua portuguesa. O corpus é formado por 1870 inquéritos: 241 elocuições formais (EF), 1143 diálogos entre informante e documentador (DID) e 486 diálogos entre dois informantes (D2).

**CENSO** - O *Projeto Censo - Censo da Variação Lingüística no Estado do Rio de Janeiro* – foi aprovado pela FINEP em nov. de 1980, sendo composto de 48 entrevistas de adultos. Teve como *habitat* o município do Rio de Janeiro e trabalhou com as seguintes variáveis sociais: três zonas urbanas: zona norte (ocupação mais antiga e tradicional), zona sul (centro de irradiação de inovações) e zona suburbana (onde se concentra importante parcela do parque industrial da cidade); sexo: masculino e feminino; três faixas etárias: 15-25 / 26-49 / 50 ou mais; três níveis de instrução: 1ª a 4ª série do 1º grau (primário) / 5ª a 8ª série do 1º grau (ginásio) / 2º grau. O *Projeto Estruturas – Estruturas da Fala e Aquisição da Língua Padrão* – aprovado pelo INEP em 1981, buscou ampliar o *Corpus Censo* com a gravação da fala de 16 falantes não-adultos, na faixa etária de 7 a 14 anos. Em fins de 1982, surge o projeto intitulado *Subsídios Sociolingüísticos do Projeto “Censo” à Educação*, mais tarde denominado “Programa de Estudos sobre o Uso da Língua (PEUL).

**VARISUL** - O VARISUL é constituído de amostras de fala – gravadas, transcritas e armazenadas eletronicamente – de habitantes de 12 cidades, de três Estados (Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Paraná), 4 cidades em cada Estado, num total de 96 entrevistas por estado, o que soma 288 entrevistas. Os informantes estão distribuídos por sexo, idade (25 a 50 anos e mais de 50 anos), nível de instrução (até 5, até 8/9 e até 11/12 anos de escolaridade) e variedades lingüísticas (capitais e grupos étnicos ou sociolingüísticos culturalmente representativos de cada um dos Estados). Compõem o VARISUL as seguintes Universidades: Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) e Universidade Federal do Paraná (UFPR).

### Anexo 3

#### Distribuição dos 24 informantes do BDS Pampa / Jaguarão por gênero, faixa etária e classe social

Faixa etária	Gênero	Classe social		
		Baixa	Média-baixa	Média-alta
16-20	Feminino		7 13	
16-20	Masculino		1 19	
21-25	Feminino	8		20
21-25	Masculino	2		14
26-37	Feminino	9	21	
26-37	Masculino	3		15
38-49	Feminino		10	22
38-49	Masculino		4 16	
50-64	Feminino	11		23
50-64	Masculino	5		17
+ de 65	Feminino		12	24
+ de 65	Masculino	6	18	

## Anexo 4

### Distribuição dos 36 informantes do VarX / Pelotas por gênero, faixa etária e classe social

Faixa etária	Gênero	Classe social		
		Baixa	Média-baixa	Média-alta
16-20	Feminino	2	7	15
16-20	Masculino	1	8	13
21-25	Feminino	18	22	30
21-25	Masculino	16	23	28
26-37	Feminino	32	37	44
26-37	Masculino	31	38	43
38-49	Feminino	47	53	60
38-49	Masculino	46	52	58
50-64	Feminino	62	67	74
50-64	Masculino	61	71	70
+ de 65	Feminino	78	82	90
+ de 65	Masculino	86	83	85

## Anexo 5

**BDS Pampa**

Universidade Federal de pelotas

Universidade Católica de Pelotas

Data \_\_\_/\_\_\_/\_\_\_

Cidade **Jaguarão**

Local da coleta (rua, bairro)

### QUESTIONÁRIO PRÉVIO

Nome: \_\_\_\_\_

Sexo:	Ano de nascimento:	Bairro em que mora:
Profissão:	Ocupação:	
Estás satisfeito com o teu trabalho: sim <input type="checkbox"/> não <input type="checkbox"/>	Por quê?	
Gostaria de exercer outra profissão? sim <input type="checkbox"/> não <input type="checkbox"/>	Qual?	
Que profissão não gostarias de exercer?		
Participa de Associação de Classe (líder):	Qual?	Função:
Escolaridade?	Quanto tempo esteve na escola?	_____ anos
Escolaridade dos pais?	Escolaridade dos filhos?	
Gostas de ler? <input type="checkbox"/> Sim <input type="checkbox"/> Não	O que lê? (frequência)	
Gostas de morar aqui em Jaguarão? <input type="checkbox"/> Sim <input type="checkbox"/> Não	Há quanto tempo moras nesse bairro?	
Gostas do bairro onde moras? <input type="checkbox"/> Sim <input type="checkbox"/> Não	As pessoas aqui são legais? <input type="checkbox"/> Sim <input type="checkbox"/> Não	
Teus amigos moram neste bairro? sim <input type="checkbox"/> não <input type="checkbox"/>	Em que outra cidade gostarias de morar?	
Conheces alguém aqui deste bairro que sabe contar histórias? sim <input type="checkbox"/> não <input type="checkbox"/>		
Podes me dar o nome ou endereço (ou telefone) dessa pessoa?		
End.:		
Na tua opinião, como é a maioria dos uruguaios? <input type="checkbox"/> avaliação positiva (+) <input type="checkbox"/> avaliação negativa (-)		
Principal característica dos uruguaios? (qualidade ou defeito)		
Como eles são no trabalho? <input type="checkbox"/> (+) <input type="checkbox"/> (-) Como eles são nas festas? <input type="checkbox"/> (+) <input type="checkbox"/> (-)		
Pensaste em algum uruguaio(a) em especial? <input type="checkbox"/> (sim <input type="checkbox"/> não <input type="checkbox"/> (se sim, sexo e idade):		
Tens parentes uruguaios? (grau) <input type="checkbox"/> sim <input type="checkbox"/> não Tu compreendes a fala deles? <input type="checkbox"/> sim <input type="checkbox"/> não		
Tu também falas? <input type="checkbox"/> sim <input type="checkbox"/> não Desde _____ Eles falam o que mesmo (como é o nome)?		
Fazes compras aqui em Jaguarão? <input type="checkbox"/> Sim <input type="checkbox"/> Não	Se não: em que cidade compras?	
Onde compras alimentos? _____	Em que loja compras roupas? _____	
As roupas são caras nessa loja? <input type="checkbox"/> Sim <input type="checkbox"/> Não	Onde fica essa loja, é aqui no bairro? <input type="checkbox"/> Sim <input type="checkbox"/> Não	
A casa em que moras é: <input type="checkbox"/> própria <input type="checkbox"/> alugada	Tens TV colorida? <input type="checkbox"/> sim <input type="checkbox"/> não	
Tem automóvel (modelo, ano)?	Tens geladeira? <input type="checkbox"/> sim <input type="checkbox"/> não	
Tens telefone? (fixo, celular) <input type="checkbox"/> Sim <input type="checkbox"/> Não	Tens rádio? <input type="checkbox"/> sim <input type="checkbox"/> não Tens empregada? <input type="checkbox"/> sim <input type="checkbox"/> não	
Qual é a renda da família?	Jaguarão está melhor ou pior do que antes?	
Atividade social ou de lazer preferida:	Locais que frequenta (clube, boate...)	
Que tipo de música gosta de ouvir com mais frequência?	<input type="checkbox"/> pagode <input type="checkbox"/> rock <input type="checkbox"/> clássica <input type="checkbox"/> gauchesca	
Qual cantor (ou músico) que mais preferes?		

Entrevistador: \_\_\_\_\_

Instituição: \_\_\_\_\_

Falante do dialeto  Popular  Culto

Fala  bastante  pouco

Obs.:

## Anexo 6

### VarX – Banco de Dados por Classe Social - Pelotas/RS

IMPORTANTE: Antes de preencher o questionário, saber: (1) se é nascido no bairro (2) se morou até 18 anos no bairro (3) se os pais nasceram na cidade; (4) idade; (5) escolaridade

Local da coleta (rua, bairro)

### QUESTIONÁRIO PRÉVIO

1. Nome: \_\_\_\_\_ 2. Idade: \_\_\_\_\_ 3. Sexo:  M  F

4. Profissão: \_\_\_\_\_ 5. Ocupação: \_\_\_\_\_

6. Tu tá satisfeito com o teu trabalho? (se *não*: Por quê?)

7. Tu gostaria de exercer outra profissão? Qual?

8. Tu participa de associação de classe (líder)? Qual? Função:

9. Escolaridade? 10. Quanto tempo tu teve na escola?

11. Escolaridade dos pais? 12. Escolaridade dos filhos?

13. Tu gostas de ler?  Sim  Não 14. O que lê? (frequência)

15. Tu gosta de morar aqui (nesta cidade)?  Sim  Não 16. Moras há muito tempo nesse bairro? \_\_\_\_\_ anos

17. Tu gostas deste bairro?  Sim  Não 18. As pessoas aqui são legais?  Sim  Não

19. Em que cidade tu gostaria de morar?

20. Tu conhece alguém aqui deste bairro que sabe contar histórias? (nome, endereço ou telefone)

21. Tu admiras alguma pessoa por ela ser comunicativa ou ter influência sobre os outros?  
(nome, endereço ou telefone)

22. Na tua opinião, como é a maioria dos pelotenses?  avaliação positiva (+)  avaliação negativa (-)

23. Principal característica dos pelotenses? (qualidade ou defeito)

24. Na tua opinião como são os portoalegrenses?  (+)  (-)

25. Como é a fala dos pelotenses em relação à dos portoalegrenses?  (+)  (-)

26. Fazes compras aqui (nesta cidade)?  Sim  Não (se *não*: em que cidade compras?)

27. Onde compras alimentos? 28. Em que loja compras roupas?

29. As roupas são caras nessa loja?  Sim  Não 30. Onde fica essa loja, é aqui no bairro?  Sim  Não

31. Tem automóvel na família? (ano) 32. Tens telefone? (fixo, celular)  Sim  Não

33. Tens empregada mensalista (casa)?  Sim  Não 34. Qual é a renda da família? (aproximada)

35. Atividade social ou de lazer preferida: 36. Locais que frequenta (clube, boate...)

Entrevistador: \_\_\_\_\_ Informante de dialeto:  Popular  Culto

Para os padrões do bairro, a moradia é:  Excelente  Boa  Igual  Ruim  Péssima

Para os padrões da cidade, a loja de roupas é:  Alto padrão  Normal  Baixo padrão

Obs.:



## Anexo 7

### Escalera numérica para o estabelecimento da variável *classe social* para Jaguarão

	Escolaridade					Renda			Local moradia			Profissão				Valor total
	a	p	g	m	u	b	m	a	a	p	c	m	t	i1	i2	
Valores	0	1	2	3	5	1	3	5	1	2	4	1	2	4	5	
Inf. 1																
Inf. 2																
...																

Valores
até 7 = classe baixa; de 8 até 14 = classe média-baixa; 15 ou mais = classe média-alta

Escolaridade	Renda	Local Moradia	Profissão
a=analfabeto	b=até 2 sal. min.	a=arrabalde	m>manual
p=primário	M=de 2 a 5 sal. min.	p=periferia	t=técnica
g=ginásio	a=acima 10 sal. min.	c=centro	i1=peq. empresário
m=médio			i2=prof. liberal
u=universitário			

## Anexo 8

Grupos de fatores utilizados por Fernandes & Gorski (1986), Omena (1986) e Naro *et al.* (1999) para testar saliência fônica na concordância verbal com sujeitos *nós / a gente*

<b>Grupo</b>	<b>Fernandes &amp; Gorski (1986)</b>	<b>Omena (1986)</b>	<b>Naro <i>et al.</i> (1999)</b>
1	fala / falamos trouxe / trouxemos	falava / falávamos	falava / falávamos
2	está / estamos tem / temos	fala / falamos	fala / falamos trouxe / trouxemos
3	comeu / comemos partiu / partimos vai / vamos	faz / fazemos está / estamos	está / estamos tem / temos
4	falou / falamos veio / viemos é / somos	cantou / cantamos	comeu / comemos partiu / partimos vai / vamos foi / fomos
5	.....	veio / viemos é / somos	falou / falamos é / somos
6	.....	cantar / cantarmos	.....
7	.....	cantando	.....

**Anexo 9**

TABELA – O uso de a gente em Jaguarão e Pelotas: variáveis paralelismo formal, tonicidade, saliência fônica, tipo de referência semântica do sujeito e posição do sujeito na frase (aplicação, ocorrências, percentual e peso relativo)

Variável/Fatores	Jaguarão/Pelotas			
	Aplicação	Ocorrências	Percentual	Peso Relativo
<b>Paralelismo Formal</b>				
B- primeira referência	558 /	669	83	0,52
N- a gente c/ = referente oração anterior	1062 /	1129	94	0,79
O- a gente c/ ≠ referente oração anterior	227 /	275	83	0,51
P- nós c/ = referente oração anterior	45 /	457	10	0,03
Q- nós c/ ≠ referente oração anterior	16 /	80	20	0,06
R- Ø c/ = ref. oração anterior (v.3ª p.s.)	122 /	124	98	0,93
S,U- Ø c/ ≠ referente oração anterior	23 /	33	70	0,31
T,U- Ø com v. 1ª p.p. oração anterior	36 /	56	64	0,36
<b>TOTAL</b>	2089 /	2823	74	
<b>Tonicidade</b>				
<b>Fatores</b>				
M- monossílabo tônico	619 /	658	94	0,84
O- oxítone	484 /	516	94	0,78
P- paroxítono	986 /	1586	62	0,26
<b>TOTAL</b>	2089 /	2760	76	
<b>Saliência Fônica</b>				
<b>Fatores</b>				
1- mesma forma para P3 e P4 (falando)	21 /	33	64	0,52
2- infinitivo com acréscimo da desinência –mos	61 /	70	87	0,73
3- acréscimo desinência –mos c/ conservação sílaba tônica (falava/falávamos)	741 /	977	76	0,54
4- deslocamento do acento tônico e acréscimo da desinência –mos (fala/falamos, trouxe/trouxemos, disse/dissemos)	517 /	623	83	0,76
5- monossílabos tônicos ou oxítonos no singular que passam a paroxítonas (tem/temos, está/estamos)	202 /	279	72	0,27
6- reduções de ditongos finais em vogais com acréscimo da desinência –mos (comeu/comemos, partiu/partimos, vai/vamos, foi/fomos)	518 /	767	68	0,32
7- diferenças fonológicas acentuadas entre P3 e P4 (falou/falamos, veio/viemos, é/somos)	29 /	72	39	0,20
<b>TOTAL</b>	2089 /	2823	74	
<b>Referência Semântica do Sujeito</b>				
<b>Fatores</b>				
1,2- referência específica ao próprio falante (=eu) e referência específica inclusiva (eu + pessoa)	22 /	28	79	0,56
3- referência específica exclusiva ( eu + não-pessoa)	1390 /	1959	71	0,43
4- referência genérica	677 /	836	81	0,66
<b>TOTAL</b>	2089 /	2823	74	
<b>Posição do Sujeito na Frase</b>				
<b>Fatores</b>				
A- sujeito adjacente à esquerda do verbo	1686 /	2320	73	0,47
C- sujeito à esquerda c/ clítico intercalado	174 /	196	89	0,74
J,N-sujeito à esquerda com advérbio intercalado	184 /	245	75	0,53
D-sujeito à esquerda distante do verbo	45 /	62	73	0,63
<b>TOTAL</b>	2089 /	2823	74	